

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS –GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**DA *FELICIDADE* À *ALEGRIA*: OS USOS E AS
APROPRIAÇÕES DO TELEJORNAL JORNAL
NACIONAL POR FAMÍLIAS DE CLASSE
POPULAR**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Tissiana Nogueira Pereira Cechella

**Santa Maria, RS, Brasil
2015**

**DA *FELICIDADE* À *ALEGRIA*: OS USOS E AS
APROPRIAÇÕES DO TELEJORNAL JORNAL NACIONAL
POR FAMÍLIAS DE CLASSE POPULAR**

Tissiana Nogueira Pereira Cechella

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Comunicação**.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Veneza Mayora Ronsini

**Santa Maria, RS, Brasil
2015**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação**

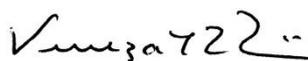
**A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação de
Mestrado**

**DA FELICIDADE À ALEGRIA: OS USOS E AS APROPRIAÇÕES DO
TELEJORNAL JORNAL NACIONAL POR FAMÍLIAS DE CLASSE
POPULAR**

Elaborada por
Tissiana Nogueira Pereira Cechella

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação

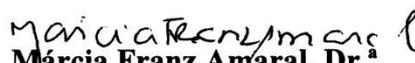
COMISSÃO EXAMINADORA:



Veneza Mayora Ronsini, Dr^a.
(Presidente/ Orientadora)



Roseli Aparecida Figaro Paulino, Dr^a.
(USP)



Márcia Franz Amaral, Dr^a.
(UFSM)

Santa Maria, 07 de abril de 2015.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por ser minha inspiração maior como mulher, mãe, amiga e pesquisadora. Por todo incentivo, amor e apoio incondicional sempre.

Ao GZ, que é muito mais que um padrasto, é um amigo, um conselheiro, uma inspiração como pesquisador e também um incentivador desde o princípio dessa caminhada.

Ao meu marido pelo amor, apoio e compreensão. E, principalmente pelas inúmeras noites ausentes durante a pesquisa de campo e pelas infinitas madrugadas em que minha única companhia era a dissertação. Obrigado Zé por compartilhar comigo não só a dissertação, mas a vida.

A toda a minha família pelo suporte e pelas palavras tranquilizadoras e de incentivo em todos os momentos.

Aos meus informantes que permitiram que eu fizesse parte da vida deles e que fosse uma estranha familiar ao longo de todos os meses de pesquisa. Vocês me ensinaram tanto sobre a vida o que com certeza não aprenderei em livro algum.

À professora Veneza, pela orientação e por me apresentar com tanto entusiasmo o universo da pesquisa de recepção pelo qual hoje sou mais uma apaixonada.

Aos “lindos da pesquisa” Sandra, Gláise, Filipe, Laura e Fernanda que muito mais que colegas se tornaram amigos indispensáveis não só nessa caminhada, mas na vida!

À Sandra, pela paciência e leitura zelosa no momento angustiante de revisão desta dissertação.

A todos os colegas do Grupo de Pesquisa Usos Sociais da Mídia da UFSM pela parceria e pelas inúmeras reflexões compartilhadas.

Aos funcionários e professores do Programa de Pós- Graduação de Comunicação da UFSM pela paciência, gentileza e pelos ensinamentos fundamentais ao longo desse processo de produção de conhecimento.

A CAPES por possibilitar que eu me dedicasse exclusivamente à pesquisa e à dissertação.

Às professoras Márcia Franz Amaral e Roseli Figaro pelas contribuições no relatório de qualificação e por aceitarem, de forma dedicada, participar da comissão examinadora desse trabalho.

“Toda vez que me sinto desanimado por causa da política, penso na décima primeira tese de Marx sobre Feuerbach – os filósofos apenas interpretam o mundo, a questão é mudá-lo - e então acabo me convencendo de que podemos nos consolar revertendo-a – se não podemos efetivamente mudar o mundo, o mínimo que devemos fazer é entendê-lo”.

Raphael Samuel, 1987

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Universidade Federal de Santa Maria

DA FELICIDADE À ALEGRIA: OS USOS E AS APROPRIAÇÕES DO TELEJORNAL JORNAL NACIONAL POR FAMÍLIAS DE CLASSE POPULAR

AUTORA: TISSIANA NOGUEIRA PEREIRA CEHELLA

ORIENTADORA: VENEZA MAYORA RONSINI

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 07 de abril de 2015.

Esta dissertação é um estudo de recepção de telejornalismo realizado com três famílias de classe popular residentes na região Oeste de Santa Maria, Rio Grande do Sul. O objetivo principal é compreender os usos e as apropriações que essas famílias fazem do Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão com base nas mediações comunicativas da cultura: sociabilidade e ritualidade. Para isso, a pesquisa é fundamentada nos Estudos Culturais latino-americanos, principalmente na Teoria das Mediações de Martín-Barbero (1987) e no conceito de classe social de Pierre Bourdieu (2006). A metodologia utilizada é a etnografia crítica da recepção (RONSINI, 2010). Os resultados demonstram que os usos e as apropriações do telejornal pelas famílias são essencialmente determinados pela classe social à qual pertencem, bem como pelos seus capitais cultural, econômico e social. Além disso, estes usos e apropriações são perpassados por questões relacionadas à geração, pois o telejornal tem fundamental importância para os adultos, que assistem e se apropriam das mensagens do telejornal diariamente, diferentemente dos jovens, que o assistem com menor frequência e se interessam por poucas reportagens. Os usos e apropriações também estão relacionados ao gênero, já que a assistência e o uso do telejornal, inúmeras vezes, é diferente para os homens e as mulheres investigados, além da configuração espacial e temporal do espaço doméstico, que é mobilizado por inteiro durante a exibição do programa televisivo. As mediações sociabilidade e ritualidade são fundamentais para a compreensão dos usos e apropriações do telejornal, pois incidem significativamente na configuração destes. As três famílias investigadas elaboram suas representações de classe popular a partir da sua experiência e seu cotidiano, mas também a partir do Jornal Nacional, mesmo que afirmem não se sentirem totalmente representados pelo programa de notícias. O capital cultural das três famílias é elaborado, majoritariamente, a partir da mídia, principalmente com base na televisão (telejornais e telenovelas).

Palavras-chave: Classe Popular. Telejornal. Mediações. Recepção. Usos e Apropriações.

ABSTRACT

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Universidade Federal de Santa Maria

FROM *FELICITY* TO *JOY*: THE USES AND APPROPRIATIONS OF JORNAL NACIONAL NEWS BY POPULAR CLASS FAMILIES

AUTHOR: TISSIANA NOGUEIRA PEREIRA CEHELLA

ADVISER: VENEZA MAYORA RONSINI

Date and Local of Defense: Santa Maria, April, 07, 2015.

This is a study of news reception carried out with three popular class families, which live in the *Renascença* Village, located at the West region of *Santa Maria*, in *Rio Grande do Sul*. The purpose of this research is to reflect about the uses and appropriations that these families do about the *Jornal Nacional* of *Rede Globo de Televisão* based on the communicative mediations of culture: sociability and rituality. For this, the theoretical axis of the research is Latin American Cultural Studies, mainly the Mediations Theory of Martín-Barbero (1987) and the social class concept of Pierre Bourdieu (2006). The methodology of this study is a critical ethnography of reception, which was proposed by Ronsini (2010, p. 2). The results show that the uses and appropriations of news by the families are essentially determined by the social class which they belong as well as by their cultural, economic and social capitals. Furthermore, it is permeated by questions related with generation, because the news is important for the adults, which watch and appropriating of the messages daily, unlike the young that watch the news with low frequency and are interested in few reports of the news. The uses and appropriations also are related to gender, because, many times, is different for the men and women, beyond the domestic space and temporal configuration, which is mobilized in full during the television program exhibition. The mediations sociability and rituality are fundamental for the comprehension of the uses and appropriations of news because focus significantly on their configuration. The three investigated families elaborate their popular class representations based on their experience and their everyday, but also based on news, although they affirm that are not totally represented by the television program. The cultural capital of the three families is elaborated, primarily, by the media, mostly based on television (news and soap opera).

Key-words: Popular Class; News; Mediations; Reception; Uses and Appropriation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa das mediações comunicativas da cultura.	46
Figura 2 - Diagrama da Família 1.....	75
Figura 3 - Diagrama da Família 2.....	76
Figura 4 - Diagrama da Família 3.....	77
Figura 5 - Mapa de localização da Vila Renascença.	87
Figura 6 - Imagem de satélite da Vila Renascença.....	87
Figura 7 - Foto da rua de acesso à Vila Renascença.	88
Figura 8 - Foto da rua Alegria, Vila Renascença.	88
Figura 9 - Foto da rua Felicidade, Vila Renascença.....	89
Figura 10 - Foto da esquina entre as ruas Alegria e Esperança, Vila Renascença.	89
Figura 11 - Foto da casa da Família 1.	93
Figura 12 - Foto da parte interna da casa da Família 1.....	93
Figura 13 - Foto da casa da Família 2	94
Figura 14 - Foto da parte interna da casa da Família 2.....	95
Figura 15 - Foto da casa da Família 3.	97
Figura 16 - Foto da parte interna da casa da Família 3.....	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Assuntos mais comentados pelos informantes da Família 1.....	81
Quadro 2 - Assuntos mais comentados pelos informantes da Família 2.....	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
1 A RECEPÇÃO E AS MEDIAÇÕES: UM EIXO NORTEADOR	28
1.1 A pesquisa de recepção latino – americana.....	28
1.1.1 A recepção de telejornalismo	32
1.2 A teoria das mediações no processo de recepção do telejornalismo	42
2 A CATEGORIA CLASSE SOCIAL COMO MEDIAÇÃO-CHAVE	48
2.1 A importância do conceito	48
2.2 A classe social a partir de Pierre Bourdieu	52
2.2.1 As representações das classes populares	56
3 A RECEPÇÃO DO TELEJORNALISMO COMO OBJETO DE PESQUISA	62
3.1 A notícia como forma cultural e instituição social	62
3.1.1 O telejornalismo brasileiro	64
3.1.2 Acerca do popular no telejornal	66
4 O PERCURSO METODOLÓGICO	70
4.1 A etnografia da audiência	70
4.2 O perfil dos informantes	74
4.3. Os apontamentos do diário de campo.....	77
4.4 A pesquisa exploratória: uma aproximação com o campo	78
5 A ANÁLISE DOS USOS E DAS APROPRIAÇÕES DO JN	86
5.1. A Vila Renascença	86
5.1.1 A casa das famílias das ruas Alegria e Felicidade.....	92
5.1.2 As alterações nas estruturas físicas e familiares das casas e dos informantes ao longo da pesquisa	99
5.2 A mediação sociabilidade: a família, o trabalho e o bairro na vida dos informantes	101
5.2.1 As relações familiares das classes populares.....	101
5.2.2 O trabalho na vida dos informantes.....	111
5.2.3 O bairro como parte conformadora da identidade do trabalhador de classe popular	121
5.3 A mediação ritualidade: modos de “ver” o telejornal.....	135
5.4 Os modos de “ler” o telejornal pelos receptores das classes populares.....	145
5.4.1 Os assuntos do JN de maior interesse dos receptores das classes populares.....	145
5.4.2 O Jornal Nacional segundo os receptores das classes populares.....	164
CONSIDERAÇÕES FINAIS	170
REFERÊNCIAS	180
ANEXOS	190

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se propõe a estudar a recepção do telejornal partindo-se da premissa de que a relação estabelecida entre a mídia, a sociedade e a cultura não acontece de maneira análoga entre telespectadores de diferentes classes sociais. Isso porque, consideramos a classe social à qual os atores pertencem importante para a constituição de suas representações e esta relevante para a maneira como usam e se apropriam principalmente da mídia.

A escolha por pesquisar a classe popular deve-se pelo interesse por questões a ela relacionadas, despertadas, principalmente, devido à trajetória profissional da pesquisadora, em que o contato com a realidade das classes populares, através da atividade de repórter de telejornal, causava inúmeras inquietações. Especialmente, no que diz respeito ao cotidiano dessas pessoas, ao modo como são representadas e abordadas pelo telejornalismo, além da sua construção de mundo e de si a partir da sua relação com a mídia.

O estudo está fundamentado na perspectiva dos Estudos Culturais, ou seja, considera a correlação entre a cultura e a sociedade contemporânea, sendo a cultura entendida como “significados e práticas que move e constitui a vida social” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 26). Reconhecemos ainda a relação recíproca entre a cultura e a comunicação, aqui entendida como um processo complexo e intermitente que envolve a produção, a mensagem e a recepção e o consumo. Nesta perspectiva, pesquisar a comunicação a partir da cultura exige uma aproximação antropológica, “pois o cotidiano tem valor histórico para compreender a sociedade” (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 66).

Compreendemos que não podemos deixar de considerar o processo comunicativo como um todo, já que “a recepção não é algo aberto e perfeitamente transparente, que acontece na outra ponta da cadeia de comunicação” (HALL, 2006, p. 334). Ainda que esse processo comunicativo seja composto pela produção, circulação, distribuição/consumo, recepção e reprodução¹, optamos por realizar um recorte, pois a proposta aqui é investigar a recepção de telejornal. Acreditamos que, em estudos empíricos, não é possível trabalhar com circuitos inteiros do processo comunicativo, uma vez que “para analisar a recepção (nas condições materiais com que produzimos conhecimento), precisamos recortá-la, pois, do

¹ Autores como Martín-Barbero e Canclini acreditam que não aconteça apenas a reprodução por parte dos receptores, existindo também a possibilidade de transformação, de produção de um sentido novo. Assim, de uma produção simbólica pelo receptor, tendo em vista que ele é ativo.

contrário, teríamos uma pesquisa sobre as potencialidades da relação entre produção/produto e recepção/consumo” (RONSINI, 2011, p. 80-81).

Esta pesquisa tem como eixo teórico principal os estudos culturais latino- americanos, a partir da Teoria das Mediações de Jesús Martín-Barbero, utilizando, assim, as seguintes mediações: a ritualidade, ou seja, aquela que se refere “aos usos sociais dos meios e aos diferentes trajetos de leitura” (RONSINI, 2011, p. 88) e a sociabilidade, que são as “relações cotidianas nas quais se baseiam as diversas formas de interação dos sujeitos e a constituição de suas identidades” (Ibdem, p. 87) Estudar a recepção sob essa perspectiva implica saber como a complexidade da vida cotidiana interfere na relação dos sujeitos com os meios. O processo receptivo não acontece apenas no momento em que eles estão assistindo à televisão, mas antes e depois, por isso, é preciso entender o processo por inteiro. Toda a cultura, a posição na sociedade e os contextos sociais, sendo um deles a classe, são intrínsecos aos receptores no momento da assistência do telejornal. Assim, a classe social é a mediação-chave neste trabalho, permeando todas as outras mediações. Em conformidade com Ronsini (2007, p. 71), “a classe como quadro de referência segundo o qual o indivíduo representa o mundo e a si mesmo [...]”.

A intenção é investigar os usos e apropriações do telejornal por agentes pertencentes à classe popular. Ronsini (2007, p. 22) ² considera que “a posição ocupada por uma classe no espaço social é definida pela posição que ocupa nos diferentes campos – econômico, social e cultural”. O termo classe é “adequado para definir a segmentação socioeconômica e cultural da sociedade brasileira, que se caracteriza pela extrema concentração da riqueza e pela desigualdade na distribuição de renda” (RONSINI, 2007, p.23).

Entre os anos de 2000 a 2013, foram defendidas 23 teses e dissertações sobre recepção de telejornalismo nos 45 Programas de Pós-Graduação em Comunicação do Brasil. Esse número foi obtido através do acesso aos resumos disponibilizados pelos programas de pós-graduação no site do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFRGS³, no Banco de Teses e Dissertações da Capes e no site da Biblioteca Digital Brasileira. Foram encontrados dois trabalhos no ano de 2002, uma pesquisa em 2004, dois trabalhos no ano de 2005 e três em 2006. No ano de 2007, foram encontrados dois trabalhos; no ano de 2008,

² Conceito de classe social a partir de Bourdieu (1987).

³ Disponível em: http://www.ufrgs.br/infotec/teses00-02/titulos_A.html; http://www.ufrgs.br/infotec/teses-03-04/assuntos_R.html; <http://www.ufrgs.br/infotec/teses%2005-06/univer.html>; http://www.ufrgs.br/infotec/teses07-08/assuntos_T.html; <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses> e <http://bdtd.ibict.br/>.

quatro trabalhos, e no ano de 2009, três trabalhos. No ano de 2010, foi encontrado um trabalho, em 2011, foram detectadas três pesquisas. Em 2012 e 2013, foi encontrado apenas um trabalho por ano sobre recepção de telejornal.

A maioria desses trabalhos buscou apreender a produção de sentido dos receptores em relação ao conteúdo dos telejornais estudados e entender como os telespectadores interpretam as mensagens veiculadas no telejornal, porém alguns estudos não se limitaram apenas à recepção, mas também investigaram a produção dos programas objetos de estudo e a sua relação com os receptores. Outras pesquisas ainda levaram em conta critérios de noticiabilidade, a narrativa, a linguagem jornalística e o enquadramento noticioso para desenvolverem o estudo.

O Jornal Nacional foi objeto em oito estudos, e, em outros três, o JN foi objeto juntamente com outros telejornais. Notamos ainda que inúmeras pesquisas escolheram como objeto os telejornais locais de cidades do interior de diferentes estados brasileiros, sendo estes oito no universo dos vinte e um trabalhos. As amostras, ou seja, os receptores investigados eram, na maioria dos trabalhos, específicos, como jovens, imigrantes, grupos étnicos, presos, moradores de localidades rurais, representantes de comunidades, estudantes universitários, evangélicos, surdos, fãs, ou ainda integrantes de movimentos sociais e sindicatos. Apenas dois trabalhos não limitaram tanto a amostra, porém também não deixaram muito claro como definiram os receptores estudados.

Quanto às metodologias utilizadas, são pouco variadas, pois seis trabalhos utilizaram grupo focal ou grupo de discussão. Em outras teses e dissertações, as metodologias não ficaram bem claras e os autores acabaram utilizando técnicas de coleta nomeadas como metodologia do trabalho, e por isso muitos deles relatam que fizeram entrevistas e questionários. Dois trabalhos combinam a recepção com a análise de conteúdo. Apenas um trabalho realizou etnografia, outro fez uma observação ou netnografia em uma rede social.

Assim, podemos perceber que ainda existem poucas teses e dissertações no Brasil que investiguem a recepção de telejornalismo, por isso ressaltamos a importância de serem realizadas pesquisas com esse enfoque.

Levando em consideração o conceito de classe, o que se busca estudar nesta dissertação são os usos e as apropriações do telejornal por uma determinada classe, a popular. Entendemos que a dominação simbólica é consentida e constantemente reproduzida em favor daqueles que dominam, ou seja, as classes mais altas, com a colaboração daqueles que são dominados, as classes mais baixas ou populares. Consideramos assim, que existe uma luta

simbólica em torno de valores de cada cultura de classe, já que estas se relacionam entre si. Falar em classe popular no Brasil significa abordar questões relacionadas ao modo de vida, ao cotidiano, às experiências vividas por aqueles menos favorecidos em decorrência da desigualdade na distribuição de renda causada pela atual fase do capitalismo avançado. Estamos falando da maioria da população do nosso país, pois, segundo Quadros (2008, p. 2), a classe popular compõe 85,6% da população brasileira, já que, dos indivíduos que declaram rendimentos, 28,2% são da “baixa classe média”, 37,3 %, da “massa trabalhadora” e 20,1% da população é formada por “miseráveis”. Esta classificação foi feita a partir da posição do membro mais bem situado da família.

A relevância de estudarmos essa audiência, composta pela classe popular, deve-se ao fato de que, muitas vezes, o telejornal é a mais importante fonte de informação desta parcela da população, mesmo que hoje em dia se saiba que existem inúmeras formas de acesso à informação, como na internet, por exemplo, ou até mesmo através de telefones celulares. Maia (2009) afirma que, para as camadas populares, a televisão e o telejornal são extremamente importantes, e, “quanto mais pobre e com mais baixa alfabetização, maior o peso da televisão no cotidiano dos indivíduos [...]” (TRAVANCAS apud MAIA, 2009, p. 43). O telejornal é importante para essa parcela da população porque “há uma proporção muito importante de pessoas que não leem nenhum jornal; que estão devotadas de corpo e alma à televisão como fonte única de informações” (BOURDIEU, 1997, p. 23).

A televisão é o veículo de comunicação mais utilizado pelos brasileiros. Conforme o IBGE⁴, em 2011, 96,9% da população brasileira possuía aparelhos de televisão em casa, superando o número de geladeiras por domicílio, que é de 95,8%. Para Martín-Barbero e Rey (2004), a televisão ocupa um lugar importante “nas dinâmicas da cultura cotidiana das maiorias, na transformação das sensibilidades, nos modos de construir imaginários e identidades” (MARTÍN-BARBERO; REY, 2004, p. 26). De acordo com a primeira “Pesquisa Brasileira de Mídia – Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira”⁵, divulgada em fevereiro deste ano e encomendada pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República, 97% da população brasileira assiste à televisão e 76% ainda a utilizam como principal veículo de comunicação, independente de gênero, idade, renda, nível educacional ou

⁴ Disponível em IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1766.

⁵ Pesquisa Brasileira de Mídia – **Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Fevereiro de 2014. <http://de.slideshare.net/BlogDoPlanalto/pesquisa-brasileira-de-mdia-2014>

localização geográfica. A pesquisa foi realizada em 848 municípios de todos os estados brasileiros. A mesma pesquisa revelou que os telejornais são considerados, em maior proporção, como a programação televisiva mais relevante, com percentual de 80%. E o telejornal mais citado é o Jornal Nacional da Rede Globo, veiculado de segundas aos sábados, com percentual de 45%, sendo que o segundo citado atingiu um percentual de 16%.

Esta importância do telejornal para os brasileiros também é ressaltada por Vizeu (2008, p. 12) quando afirma que “o telejornalismo representa um lugar de referência para os brasileiros muito semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião [...]”. Essa relevância é dada pelo fato de que, através do telejornal, as pessoas se sentem informadas do que está acontecendo não só na sua cidade, mas no seu estado, seu país e também no mundo. O autor afirma que o telejornal é relevante para a construção social da realidade e causa uma sensação de segurança, em função do sentimento que as pessoas têm de estarem informadas do que acontece no mundo.

A notícia apresenta a informação como uma forma de conhecimento, mas é também uma forma cultural e uma instituição social. É uma forma cultural porque é um gênero discursivo que apresenta uma realidade social em uma perspectiva própria e, ao fazer essa apresentação, permite que os receptores tenham formas específicas de percepção e usos sociais de seus conteúdos. É também uma instituição social porque deve cumprir com certas funções sociais e políticas. Os receptores dessas notícias são sujeitos sociais que decodificam as mensagens veiculadas pelo telejornal para a produção de sentido. A partir dessa produção de sentido, os telespectadores constroem suas representações, ou seja, práticas de significações e sistemas simbólicos que produzem significados e as posicionam como sujeitos na sociedade em que vivem. Assim, definem os usos e as apropriações que fazem do telejornal.

É o enraizamento do Jornal Nacional na sociedade brasileira que faz com que este seja chamado “de instituição jornalística central no Brasil de hoje” (BUCCI in TRAVANCAS, 2007, p.11). O momento de assistência do telejornal já faz parte da rotina de inúmeros telespectadores e famílias brasileiras, já que, desde a sua criação, em 1969, o Jornal Nacional vem exercendo a função de rito temporal doméstico porque “para grande parte dos brasileiros, marca o momento do jantar, da família reunida, momento de se inteirar sobre os fatos do dia” (HAGEN, 2009, p. 61).

Estudar o processo de recepção das famílias de classe popular no que diz respeito aos seus usos e suas apropriações do telejornal é analisar como o processo acontece levando em

consideração as experiências dos sujeitos, o seu modo de vida nesse processo de interação entre a mídia, a sociedade e a cultura.

A partir do que foi exposto, o problema de pesquisa busca responder à seguinte questão: quais representações acerca da classe popular as famílias constroem a partir do Jornal Nacional? Assim, temos como objetivo geral compreender os usos e as apropriações do Jornal Nacional com base nas mediações comunicativas da cultura: sociabilidade e ritualidade.

A problemática desta pesquisa exige cumprir os objetivos específicos a seguir: 1) entender de que forma as famílias de classe popular assistem ao telejornal Jornal Nacional, a partir da mediação ritualidade; 2) estudar os usos e as apropriações do telejornal através da mediação sociabilidade (através das subcategorias família, trabalho e bairro); 3) descrever quais são os assuntos de maior interesse para homens e mulheres de classe popular e como refletem a respeito deles; 4) compreender como as famílias interpretam as representações das classes populares construídas pelo Jornal Nacional e como constroem as suas próprias representações a partir do telejornal.

Para o plano metodológico desta proposta de dissertação, elegemos a pesquisa empírica de caráter qualitativo. Isso porque, acreditamos que o contato direto com os receptores no momento da assistência do telejornal e a observação destes no seu contexto de vida seja a forma mais adequada de apreender os usos e as apropriações que fazem do nosso objeto de estudo. Assim, realizamos uma etnografia crítica da recepção que consiste em considerar o contexto no qual os agentes se apropriam dos meios de comunicação com o fim de “compreender a reprodução social e não apenas a capacidade criativa das audiências em resistir à dominação” (RONSINI, 2010, p.2). A amostra dessa etnografia é composta de três famílias de classe popular, (seguindo os critérios de Quadros e Antunes, 2001), residentes da Vila Renascença, na região Oeste de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Os informantes possuem idades, estado civil e profissões variadas.

Realizamos uma pesquisa exploratória com duas famílias informantes que compõem a amostra qualitativa deste trabalho, efetuada em maio e junho de 2013, na Vila Renascença, na Região Oeste de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Esta exploratória teve o objetivo de obtermos algumas pistas sobre as possíveis categorias de análise que poderiam auxiliar na investigação dos usos e das apropriações do telejornal por tais famílias. Algumas edições do Jornal Nacional, aleatórias e escolhidas de acordo com a disponibilidade dos informantes, foram assistidas na casa dessas famílias. Durante a pesquisa, surgiram inquietações relacionadas às questões sobre a família, o trabalho e o bairro, todas essas permeadas pelas

questões de classe social. Estas foram levantadas não só pelo telejornal, mas também pelos integrantes das famílias fora do contexto no programa televisivo. A partir da análise prévia dessa pesquisa exploratória, foram estabelecidas as categorias estudadas na dissertação. Ou seja, os usos e as apropriações do telejornal são investigados a partir das mediações ritualidade e sociabilidade (esta através de subcategorias como família, trabalho e bairro). A mediação classe social permeia todas as demais.

Para atingir os objetivos propostos, este estudo tem a seguinte estrutura: no primeiro capítulo, discutimos os estudos de recepção latino-americanos que consideram a experiência do receptor quando investiga sua relação com a mídia. Levamos em conta também o entendimento de que o pesquisador não é apenas um observador neutro, ele “é um sujeito político e moral” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 59). Tratamos ainda de problematizar o estudo da recepção de telejornalismo, tendo em vista o que já relatamos, que ainda existem poucos trabalhos que investem nesse objeto de pesquisa, tensionando o que já foi estudado. Além disso, neste primeiro capítulo, apresentamos a Teoria das Mediações de Martín-Barbero (1987), principal eixo teórico deste trabalho. Essa perspectiva pressupõe que os atores utilizam a complexidade de sua vida cotidiana como espaço de produção de sentido quando se relacionam com os meios, ou seja, considera a experiência como essencial, pois estabelece um vínculo entre a sociedade, a mídia e a cultura.

No segundo capítulo, discutimos a categoria central deste trabalho: a classe social. Nele, primeiramente, expomos a importância dessa categoria para um estudo de recepção, já que, em nosso entendimento, é a classe social que vai conformar a visão de mundo, os estilos de vida, os gostos e o *habitus* dos atores sociais (BOURDIEU, 2007). É justamente a perspectiva de classe a partir de Pierre Bourdieu que será debatida nessa parte do capítulo, que problematiza as questões de classe social para além dos aspectos econômicos, mas também relacionando a estes a incorporação dos fatores culturais e sociais. Ainda iremos dedicar-nos às questões de representações de classes populares.

O terceiro capítulo aborda o telejornalismo, suas características conceituais, sua importância e as implicações deste na sociedade. Abordamos também a notícia como gênero e como instituição social e forma cultural (JENSEN, 1995, p. 75 - 90). A partir disso, falamos sobre o telejornalismo no Brasil e sobre o Jornal Nacional, nosso objeto de estudo.

No quarto capítulo, expomos o percurso metodológico deste trabalho, norteador para elaboração do estudo. Primeiramente, é apresentado o método escolhido para o trabalho, a etnografia da audiência, são também refletidas as questões relacionadas à etnografia, como prática vinda da Antropologia. É relatada a pesquisa exploratória que permitiu a construção das categorias teóricas e empíricas de análise

deste trabalho, bem como a primeira inserção e aproximação com o campo. Explicitamos ainda o perfil dos informantes que compõem a amostra.

O quinto e último capítulo é o da análise dos usos e das apropriações do Jornal Nacional pelas famílias estudadas. É mostrada então a pesquisa de campo, com as análises e tensionamentos das categorias teóricas e empíricas, buscando apreender os usos e as apropriações do telejornal pelas famílias de classe popular estudadas. Para isso, analisamos as mediações propostas por Martín-Barbero (1987) tais como: ritualidade e sociabilidade (através das subcategorias família, trabalho e bairro). Por fim, nas considerações finais, respondemos ao nosso problema de pesquisa: quais representações acerca da classe popular que as famílias constroem a partir do Jornal Nacional?

1 A RECEPÇÃO E AS MEDIAÇÕES: UM EIXO NORTEADOR

1.1 A pesquisa de recepção latino – americana

Na América Latina, os estudos culturais tiveram, desde o seu início, ênfase e preocupação com a ação social e, desde então, produzem “uma teoria engajada nas diferenças culturais” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 39). Tal vertente surge junto com um momento “de redemocratização da sociedade e de *Observação* intensa da ação dos movimentos sociais da época” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 50, grifo da autora). O principal interesse de tais estudos é ver e investigar os cruzamentos entre as estruturas sociais e as formas e práticas culturais, por isso, a análise dos meios de comunicação é feita problematizando o poder e a hegemonia e sua relação com a cultura e os processos políticos. Apesar de não podermos afirmar que a corrente latino-americana surge da inglesa (final dos anos 1950), existem pontos de convergência, mas também de diferença, porque a latino-americana possui um maior engajamento político desde o início. Diferentemente dos estudos britânicos, nos latino-americanos, “as profundas alterações que vêm ocorrendo na vida social dirigem o olhar dos intelectuais que individualmente têm elaborado análises *críticas* sobre a vida social e cultural contemporânea”. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 50).

Porém, os pontos de convergência das duas vertentes existem e são bem acentuados, por isso nos permitem chamar tal linha de pensamento de Estudos Culturais Latino-Americanos. Isso porque as formas culturais também são analisadas e estudadas dentro de um contexto histórico e político, no caso da América Latina, num determinado estágio do capitalismo, investigando a inserção das indústrias culturais na vida cotidiana. O que acontece na Inglaterra, no final dos anos 50, a América Latina passa a vivenciar acentuadamente nos anos 70. Tanto a vertente britânica quanto a latino-americana utilizam o conceito gramsciano de hegemonia, levando em conta as relações de poder quando se estuda a cultura, sempre buscando fazer uma reflexão política e econômica quando esta cultura é pensada em relação à comunicação. Ambos os estudos reconhecem o importante papel da cultura e das representações nas relações sociais, mas os latino-americanos “representam ‘um acréscimo’ em relação à prática britânica, [...] exatamente por perceberem alterações nas relações entre Estados nacionais, mercados e meios de comunicação” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 56).

No entanto, apesar das singularidades dos estudos da América Latina e estas afinidades entre o corpo teórico-metodológico de análise cultural desenvolvido aqui e na Inglaterra, alguns intelectuais latino-americanos como Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini tinham certa resistência em se definirem como pesquisadores dos Estudos Culturais Latino-Americanos e foi apenas nos anos 1990 que, ainda de forma tímida, estes e outros poucos “pesquisadores latino-americanos começam a identificar-se – ou ser identificados por investigadores estrangeiros que tomam a América Latina como objeto de estudo – com esta perspectiva” (ESCOSTEGUY, 2010, p.46).

Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini são apontados como figuras-chave na constituição da perspectiva dos estudos culturais na América Latina (ESCOSTEGUY, 2010, p. 47), pois os dois autores fazem parte de uma reflexão crítica que começou a se desenvolver no continente, principalmente na década de 1980, onde o eixo central era “as novas configurações da cultura popular a partir da emergência das indústrias culturais” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 19), e, em relação a isso, eram de Martín-Barbero e Canclini as contribuições mais importantes e originais que abordavam essa problemática e revelavam “a existência de empréstimos e negociações entre a cultura considerada ‘legítima’ e aquelas formas culturais cotidianas tidas como ‘insignificantes’, dentro do âmbito latino-americano” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 19). Mas outros nomes eram importantes para essa perspectiva, como os de Carlos Monsiváis, Jorge González, Guillermo Gómez Orozco, Rossana Reguillo (México); Guillermo Sunkel, José Joaquín Bruner (Chile); Renato Ortiz (Brasil); Beatriz Sarlo, Aníbal Ford (Argentina); Rosa Maria Alfaro (Peru).

De acordo com Escosteguy (2001), entre a década de 1970 e início de 1980, as análises dos pesquisadores latino-americanos tratavam sobre a influência da política econômica internacional no desenvolvimento cultural dependente, as políticas dos meios de comunicação e a democratização destes e a comunicação popular e alternativa como base da democratização da comunicação. Porém o contexto histórico, político, social e econômico na América Latina nessa época influenciou as mudanças para que surgisse uma nova tendência de investigação: o papel dos meios de comunicação de massa na transformação das culturas nacionais. Era um momento de efervescência do meio social latino-americano com a expansão dos movimentos sociais de luta contra discriminação e repressão (movimentos feministas, negro, de defesa a moradia, associações comunitárias, etc.) e pela apropriação de bens de serviço, trazendo à tona questões antes consideradas privadas, despertando, assim,

outras dimensões da cultura. É por isso que era preciso atentar aos “usos que os diversos grupos sociais fazem dos meios e dos produtos massivos” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 46).

Portanto, nos anos 1980, com a redemocratização da América Latina, a pesquisa em comunicação demonstra algumas mudanças.

O debate sobre a modernidade, o horizonte marxista vigente na época e a questão da globalização obrigaram a repensar a trama teórica vigente. Os deslocamentos com os quais se buscará refazer conceitual e metodologicamente o campo da comunicação virão do âmbito dos movimentos sociais e das novas dinâmicas culturais, abrindo, dessa forma, a investigação para as transformações da experiência social (MARTÍN-BARBERO, 1992, p. 29 in ESCOSTEGUY, 2010, p. 47).

Nesse contexto, os estudos culturais latino-americanos “questionam a produção de hierarquias sociais e políticas a partir de oposições entre tradição e inovação, entre a grande arte e as culturas populares, ou, então, entre níveis de cultura” (ESCOSTEGUY, 2010, p.47) trazendo à luz, então, determinações de raça, gênero e classe- que antes eram negadas ou até mesmo não reveladas em detrimento das identidades regionais e nacionais, que eram apresentadas como universais. Houve, então, “uma crise do âmbito da Nação, da identidade e de paradigmas, em especial aqueles fundamentados em ‘grandes narrativas’, que emerge uma nova valorização do cultural” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 53) e assim a cultura foi deslocada para a esfera dos processos constitutivos e transformadores do social.

É justamente dentro dessa temática de culturas populares que, em meados dos anos de 1980, vão começar a se desenvolver as abordagens da recepção que são investigadas até os dias atuais. E junto com essas abordagens começou a ser investigado também o consumo cultural, “seja ele observado tanto através de uma visão mais abrangente de cultura quanto àquela relacionada com os processos de constituição e hibridação das identidades” (ESCOSTEGUY, 2010, p.58). Estas tendências também se configuraram como preferenciais no final da referida década. Os pesquisadores começaram então a considerar o sujeito-receptor e houve uma “certa obsessão com as ‘leituras negociadas’, ocasionando no limite a celebração da resistência do receptor, antes visto como mero ente passivo” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 52). As análises foram concentradas, no final dos anos de 1980 e início dos 1990, para os relatos dos receptores e principalmente para a etnografia, usada como estratégia metodológica nos estudos.

Surge também a noção de que, além de a audiência ser ativa, o pesquisador não é apenas um observador neutro, ele é “um sujeito político e moral” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 53).

Assim como nos Estudos Culturais Britânicos, na América Latina, o olhar das feministas também foi importante para o desenvolvimento das pesquisas, possibilitando, dessa maneira, as relações da família como um local onde também acontecem as apropriações e os usos dos bens culturais, e, surgiram os estudos sobre a telenovela, por exemplo, e de outros gêneros considerados também mais femininos. Desta forma, começaram a ser investigadas “as conexões entre a vida privada e pública” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 55), inserindo de vez, as questões de gênero como pauta dos Estudos Culturais Latino-Americanos, o que propiciou novos questionamentos em torno de questões referentes à identidade, introduzindo novas variáveis na sua constituição.

Percebemos ainda, também no final dos anos 1990, a abordagem de investigações sobre a constituição de identidades e representações “na qual o poder é entendido quase que exclusivamente como uma função de manipulação simbólica” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 62), porém os grupos sociais diferentes e suas identidades começam a ser enxergados “como resultado do consumo simbólico, esmaecendo-se os laços com os processos produtivos” (Idem). Entendemos que estudar a classe social é realizar esta conexão entre a cultura, as identidades e o âmbito do consumo e da produção de bens materiais e simbólicos.

Na atualidade, podemos dizer que os estudos seguem esta mesma perspectiva do final dos anos 1990, onde a problemática é “a questão da relação, em formações sociais específicas, entre práticas culturais e outras práticas, isto é, a relação entre o cultural e o econômico, o político e as instâncias ideológicas [...]” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 63). Outras questões que devem ser citadas são as propostas analíticas de autores, já citados neste trabalho e muito importantes para o desenvolvimento das pesquisas latino-americanas até os dias de hoje, como García Canclini e Martín-Barbero, apontando como o sincretismo, a hibridação e a mestiçagem clarificam os “processos de apropriação, adaptação e vocalização culturais na mediação entre prática cultural, cultura popular, meios de comunicação democráticos e política” (GOLDING; FERGUSON, 1997, p. xvii in ESCOSTEGUY, 2010, p. 57).

No Brasil, os estudos de recepção também seguem essa concepção do final da década passada em que há a preocupação com as diferenças culturais, com as relações de poder e com o cotejamento entre o cultural, o econômico e o político. Os estudos de recepção brasileiros revelam a diversidade da complexa realidade do país, sendo este estudado por meio de uma prática cotidiana (a recepção dos meios de comunicação) e também através de uma complexa rede de processos que envolvem os mais diversos meios, a cultura nacional, as culturas regionais, os mais diversos telespectadores (mulheres, idosos, homens, crianças, jovens,

educadores, etc.) além das esferas urbanas e rurais (JACKS et al. 2014, p. 275). Apesar de mais da metade das pesquisas da última década terem como meio mais estudado a televisão (JACKS et al. 2014, p. 31), as pesquisas atuais ainda atentam para as questões relacionadas à internet, como a convergência midiática, por exemplo. Conforme Jacks et al. (2014, p. 57, 276-277), é a diversidade dos enfoques dos estudos brasileiros que aponta o vigor desses estudos, pois as pesquisas brasileiras têm muito a contribuir com a pesquisa latino-americana, sendo importantes neste cenário. A relevância se dá tanto em termos quantitativos quanto no esforço da qualificação das pesquisas realizadas, principalmente no que diz respeito à experimentação das metodologias e novos enfoques teóricos para enfrentar a complexa relação dos receptores com os meios de comunicação ainda mais com a chegada da convergência.

Assim sendo, esta dissertação adota como perspectiva teórica os Estudos Culturais Latino-Americanos porque estes sempre, desde seu princípio, consideram os modos populares de recepção sem deslegitimá-los. Acreditamos que estudar o processo de recepção das famílias de classe popular no que diz respeito aos seus usos e suas apropriações do telejornal é também atentar para a construção da sua percepção e representação de classe a partir deste programa televisivo, levando em conta as experiências dos sujeitos, o seu modo de vida nesse processo de interação entre a mídia, a sociedade e a cultura através da programação televisiva considerada a mais relevante para mais da metade dos brasileiros, o telejornal.

1.1.1 A recepção de telejornalismo

As pesquisas de recepção em comunicação no Brasil são relativamente recentes e segundo Jacks et al. (2011, p. 71), começaram a crescer lentamente a partir dos anos 1980. As pioneiras foram *Leitura social da novela das oito* (LEAL, [1983] 1986), uma etnografia de audiência que compara a recepção de telenovela entre as classes popular e alta e *Muito Além do Jardim Botânico* (SILVA, [1984] 1985), que investiga, através de pesquisa-ação, a recepção do Jornal Nacional entre trabalhadores do Rio Grande do Norte e São Paulo. De acordo com Escosteguy (2003, p. 70), ambas as pesquisas fundam uma nova tendência nos estudos de comunicação, já que articulam os sujeitos-receptores com o âmbito mais amplo da cultura.

O livro *Muito Além do Jardim Botânico* (SILVA, [1984] 1985) foi publicado a partir da tese de doutorado do autor, apresentada na ECA/USP em março de 1984 e, segundo o

próprio autor (1985), quase não possui modificações do texto original. Mesmo tendo como eixo teórico principal a “indústria cultural” da Escola de Frankfurt, proposto por Adorno e Horkheimer, Silva (1985), o livro já incorpora a nova tendência das pesquisas brasileiras, onde o receptor é considerado ativo, sendo sua cultura importante para conformar os modos de interpretação das mensagens do telejornal.

O autor se propõe a pensar a recepção em uma época em que os estudos estavam em crescimento na América Latina e tinham como principal influência o pensamento de Gramsci. Autores como Mattelart, Hoggart e Thiollent, que rompiam com os pressupostos teóricos dos efeitos e atentavam o olhar para as classes populares como audiência ativa e capaz de utilizar sua experiência para decodificar as leituras sobre a mídia de acordo com suas experiências, foram essenciais para Silva (1985). Assim, a mensagem transmitida pela “indústria cultural” só obtém significação quando é consumida e reelaborada pelo público e essa reelaboração depende e é influenciada pela classe social a que pertence esse público.

O objetivo principal de *Muito além do Jardim Botânico* é auxiliar as “classes trabalhadoras a consumirem mais criticamente o conteúdo de programas noticiosos transmitidos pela televisão” (SILVA, 1985, p. 50). Os outros objetivos são:

Tentar desvendar os sistemas de referências com base nos quais as mensagens dos noticiários de televisão adquirem significado para determinadas comunidades de trabalhadores e tentar perceber que variáveis podem influir para que eles enxerguem com maior senso crítico tais noticiários (SILVA, 1985, p. 52).

Silva (1985) trabalha com cinco hipóteses: a primeira delas é de que o grau de interferência de outras fontes é uma variável importante para formação da representação realidade de uma pessoa; a segunda é a de que o grau de conhecimento do telespectador em relação a cada assunto veiculado na televisão é também importante, já que, assim, a representação televisiva é colocada sob maior análise pelo telespectador; a terceira é de que aquelas pessoas que já conheceram uma emissora de televisão, que já tiveram explicação de como funciona o processo de produção e edição dos conteúdos televisivos tendem a ter um questionamento mais crítico do que os que não tiveram essas oportunidades. O autor ainda cita um fator que pode ser relacionado a essas três hipóteses, que é “o nível da instituição de organização social a que o indivíduo está filiado” (SILVA, 1985, p. 60), já que, para ele, o telespectador que não é associado a nenhuma instituição, nenhum sindicato, associação ou movimento social é menos crítico do que aquele que é filiado.

A metodologia utilizada pelo autor foi a pesquisa-ação, caracterizada pela não neutralidade do pesquisador no momento de descrição e análise. Esta escolha do autor pode ser explicada pelo contexto das pesquisas em comunicação da época, que, por influência dos estudos latino-americanos, tinham cunho social e político, tendo o pesquisador papel importante nessa politização dos estudos. Por isso, por intermédio da pesquisa-ação, os entrevistados desempenham papel ativo, participam da discussão sobre a solução dos problemas apresentados pelo pesquisador e são instigados a desenvolver uma consciência crítica em relação aos conteúdos dos meios, e ao mesmo tempo, fazem o investigador prosseguir na mesma direção. Existe, assim, a interferência do pesquisador e o “universo pesquisado não se comportará, ao final do trabalho, da mesma forma que se comportava ao seu início” (SILVA, 1985, p. 70).

A pesquisa foi realizada de março 1979 a dezembro de 1983 e dividida em duas etapas, a primeira delas aconteceu em Natal, no Rio Grande do Norte e a segunda no Guarujá, em São Paulo. Essa divisão aconteceu devido-se à mudança de universidade em que o autor lecionava. Apesar de serem feitas referências às telenovelas e aos anúncios publicitários, o estudo focou no Jornal Nacional. As investigações aconteceram em dois períodos de seis meses. O primeiro deles de agosto de 1980 a fevereiro de 1981, - no bairro Lagoa Seca, em Natal, RN; o segundo foi de setembro de 1981 a março de 1982, no bairro Paicará, no Guarujá, SP.

O autor realizou entrevistas com um grupo de cerca de vinte pessoas, sendo que esse número tinha ainda uma variação de outras dez pessoas que eram menos assíduas aos encontros. Este número, com sua variação, repetiu-se nas duas localidades. Além dos encontros com os entrevistados, o autor ainda se encontrou com militantes sindicais e partidários, com o intuito de testar umas das hipóteses já citadas sobre a criticidade maior dessas pessoas. Porém esses encontros não eram sistemáticos como as reuniões com as pessoas das duas comunidades. Alguns encontros Silva (1985) gravava em áudio, também eram feitas anotações sobre as observações do pesquisador, outras vezes não anotava durante os encontros e sim em casa. Logo depois que se encerravam as sessões. Além do pesquisador, alguns alunos dos cursos de Comunicação realizavam observações para “controlar” o viés pessoal do pesquisador.

Quanto ao monitoramento do conteúdo da programação, o autor o fez de formas diferentes ou com anotações durante a exibição do telejornal, das telenovelas e dos anúncios, ou através de anotações durante a reprodução dos conteúdos em fitas de videocassetes.

Alguns entrevistados assistiram com o investigador a alguns programas em vídeo, mas isso não aconteceu com todos, porque, segundo o autor, havia dificuldades operacionais para que isso ocorresse. Tudo o que era visto pelo pesquisador era discutido com os entrevistados quando se encerrava a semana em que a programação era veiculada. Os temas eram propostos pelo autor e então discutidos pelos trabalhadores.

O pesquisador também realizou entrevistas em profundidade com os repórteres, editores, pauteiros e produtores do Jornal Nacional em São Paulo e no Rio de Janeiro para que pudesse compreender as condições de produção do telejornal e as contradições políticas que compõem o produto final que vai ao ar. Os responsáveis pelo departamento comercial da Rede Globo de Televisão também foram entrevistados em profundidade para apreender a dinâmica do processo gerencial e publicitário da emissora.

As conclusões da pesquisa são de que qualquer trabalhador, mesmo que não tenha consciência da sua classe, pode ser crítico diante da programação jornalística, porém essa criticidade só é possível se esse trabalhador possui “mínimos elementos que completem sua representação do real” (SILVA, 1985, p. 135). Ainda com relação ao senso crítico, o autor acrescenta que, no início da pesquisa, os entrevistados restringiam seu senso crítico a discordâncias sobre o conteúdo das notícias veiculadas no Jornal Nacional, mas, no final do estudo, esses mesmos trabalhadores começaram “a perceber as operações ideológicas que estavam por trás daqueles conteúdos” (SILVA, 1985, p. 137).

Silva (1985) afirma que todas as hipóteses do trabalho foram confirmadas, mesmo que aponte que, para algumas delas, seja preciso que se façam novos estudos. Quanto à primeira, foi possível concluir que o grau de interferência de outras fontes, além da televisão, na formação da representação da realidade permite que uma pessoa seja mais crítica com relação ao telejornal. A segunda hipótese também foi confirmada, já que, quanto mais o telespectador conhece o assunto mostrado no Jornal Nacional, menos ele se “deixa iludir por mensagens televisivas que contêm mentiras ou meias verdades em relação àqueles assuntos” (SILVA, 1985, p. 139). A terceira hipótese indicava que, quanto mais as pessoas conhecessem ou tivessem acesso à rotina produtiva dos meios de comunicação, mais críticas elas seriam. Porém o pesquisador relata que poucos entrevistados tinham este acesso, mas eram esses poucos que proferiam críticas mais aprofundadas sobre a televisão. Já a quarta hipótese não pôde ser nem confirmada e nem negada pelo investigador. Isso porque ele afirma que não obteve elementos suficientes para analisá-la. Esta se referia à participação de militantes e filiados a movimentos sociais e sindicais. Silva (1985) acreditava que esses trabalhadores

seriam mais críticos em relação ao telejornal, porém faltaram entrevistados com esse engajamento político, poucos tinham alguma ligação com partidos políticos, movimentos sociais ou sindicatos.

O autor relata outras conclusões com relação à criticidade dos telespectadores e à capacidade de persuasão do telejornal:

O *JN* reforça pontos de vista de pessoas que concordam com ele. Mas é difícil encontrar quem concorde integralmente com ele. O *JN* não tem um poder de persuasão tão grande a ponto de fazer com que pessoas que já percebem alguns dos seus truques ideológicos mudem suas opiniões por causa daquilo que ouvem e vêem no televisor. Assistir o *Jornal Nacional*, informar-se por seu intermédio, por vezes concordar com ele, gostar de determinadas notícias, nada disso significa que necessariamente a pessoa se deixou convencer por ele, sucumbiu a seus poderes persuasivos, deixou-se corromper, traiu a classe ou alienou-se. (SILVA, 1985, p. 141).

O pesquisador deixa claro que os entrevistados “não eram alienados nem massa ignara” (SILVA, 1985, p. 141), isso porque assistiam e discutiam sobre o que estavam vendo na televisão. Além disso, levavam para essas discussões a reelaboração dos conceitos apresentados pela TV embasada nas suas experiências pessoais, “confrontando-os com que outras instituições lhes diziam a respeito dos mesmos assuntos, refletindo, trabalhando” (Idem), o que, segundo o autor, foi possibilitado pela pesquisa-ação. Não utilizaremos a metodologia da pesquisa-ação nesta dissertação, mas acreditamos que, assim como concluiu o autor, nossos receptores também não são “alienados”, mas são ativos e que, ainda, baseado na perspectiva teórica dos Estudos Culturais, reelaboram o que é apresentado pelo telejornal com base nas suas experiências pessoais, na sua sociabilidade e em seus capitais culturais, econômicos e sociais.

Já na década de 1990, houve uma emergência da pesquisa em comunicação no país, mas, segundo Jacks et al. (2011, p. 73-74), dentre as 1769 teses e dissertações defendidas nos 11 Programas de Pós-Graduação em Comunicação então existentes até 2001, apenas 45 trataram da recepção dos meios de comunicação, sendo que 32 sob uma abordagem sociocultural, o que “abarca uma visão ampla e complexa do processo de recepção dos produtos midiáticos onde são consideradas múltiplas relações sociais e culturais”. (ESCOSTEGUY apud JACKS, 2011, p.75). Destes, 17 trabalhos adotaram o modelo latino-americano e 13 utilizaram Martín-Barbero como autor principal. Jacks et al. (2011, p. 75) ainda afirma que a recepção televisiva foi analisada em 16 pesquisas tendo como gênero mais estudado a telenovela, abordado em 7 pesquisas. Cinco pesquisas tratam da relação do

processo de recepção com a identidade cultural, e, quanto ao público estudado, a maioria é composta por adolescentes, e 3 trabalhos são sobre o público infantil. Já o público feminino foi estudado quando a análise era a recepção de telenovela, e ainda aparece em outros 2 trabalhos, sobre a recepção de reportagens educativas por indígenas e o sentido social da leitura de romances populares seriados.

Foram feitos, de acordo com Jacks et al. (2011, p. 76), 2 trabalhos sobre televisão a cabo, um sobre os hábitos em consequência de uma maior oferta de canais pagos e outro sobre identidade cultural. Segundo a autora, a maioria dessas pesquisas conclui que as mediações são importantes na relação com os meios, ou seja, o lugar onde os receptores vivem suas práticas cotidianas, características socioeconômicas, sexuais, etárias, o trabalho, a família, etc. Há ainda, conforme, Jacks et al. (2011, p. 79), outra conclusão que está presente na maioria dos trabalhos é a observação de que a influência dos meios sobre as pessoas e ou as culturas é relativa e está relacionada com a estética do consumo e com o processo de “hibridização” das culturas.

Entre 2000 e 2009, foram defendidas 5644 pesquisas nos 39 Programas de Pós-Graduação em Comunicação existentes, das quais 165 são estudos empíricos de recepção, e, destes, 49 trabalhos têm abordagem teórico-metodológica identificada como sociocultural e 62 como sociodiscursiva, que “pertence ao âmbito da sociocultural [...] com a diferença de que não observa as práticas culturais, captando só os discursos dos receptores sobre seus processos e práticas de recepção” (JACKS et al. , 2011, p. 81).

Na abordagem sociocultural, a televisão continua sendo o meio mais estudado para Jacks et al. (2011), com 32 trabalhos, e a autora ainda relata que “nos enfoques temáticos relativos à TV ainda se sobressai o estudo de identidades (étnica, regional, comunitária, rural, racial, familiar e de gênero)” (JACKS et al., 2011, p. 82). A telenovela continua sendo o gênero mais explorado desde a década de 1990, com 10 pesquisas, sendo 9 trabalhos no âmbito informativo e apenas 1 sobre telejornal. Nos estudos sobre TV, Jacks et al. (2011, p. 84) demonstram que o público mais estudado são o adulto, com 5 trabalhos sobre os adultos de maneira exclusiva, 4 problematizam os adultos, e os jovens e 3 aliam a amostra aos idosos. Depois estão os estudos sobre família, em número de 4, e sobre adolescentes e jovens, totalizando respectivamente 4 e 3 pesquisas. Na sequência, a autora afirma que existem 3 trabalhos sobre as comunidades, 2 sobre grupos étnicos e 2 sobre as mulheres, além de 1 trabalho sem especificação de público.

Na abordagem sociodiscursiva, Jacks et al. (2011, p. 86) apontam que existem 62 trabalhos, sendo a televisão o principal objeto em 36 pesquisas. Nesse processo de recepção televisiva, a autora afirma que os estudos sobre o gênero telejornalístico são 10 e sobre telenovela são 7.

Sobre as temáticas destas abordagens sociodiscursivas, há 13 estudos sobre identidade (feminina, juvenil, homossexual, geracional, regional, nacional, religiosa, profissional), seguida de 8 trabalhos sobre a produção de sentido por parte dos receptores, sobre consumo juvenil (2), cidadania (2), estudo de audiência de determinado programa ou emissora (2) e imaginário infantil (2). Quanto aos públicos pesquisados, Jacks et al. (2011) ressaltam que são os jovens, juntamente com os adultos, em 8 trabalhos, apenas jovens (6), mulheres (5) e adultos (5) além de crianças e públicos heterogêneos com 2 cada e ainda outros públicos com 1 pesquisa cada, sendo estas com públicos não identificados, grupos étnicos, adultos e idosos, famílias, jovens e especialistas, sem terra, comunidade, idosos e fiéis.

Devido ao fato do levantamento de Jacks et al. (2011, 2014) ter sido realizado até o ano de 2009, vimos a necessidade de buscar outros trabalhos de recepção realizados de 2009 a 2012. A pesquisa foi realizada no Banco de Teses e Dissertações da Capes, na Biblioteca Digital e no portal Domínio Público do Ministério da Educação com busca restrita às teses e dissertações defendidas na área de Comunicação que estudaram a recepção do telejornalismo. De acordo com essa apuração, foram constatados mais seis trabalhos sobre recepção do telejornalismo, sendo um de 2010, três de 2011, um de 2012 e um de 2013.

O trabalho de 2010 versa sobre recepção e também produção, trata-se de um estudo comparativo sobre as relações entre a comunicação, a recepção e o consumo em telejornal, telenovela e publicidade na grade de programação do “prime time” brasileiro e português. A intenção do trabalho era traçar um perfil dos receptores/consumidores para investigar “as apropriações e as atribuições de sentido às categorias da programação midiática pré-estabelecidas” (MACEDO, 2010, p. 17). O eixo teórico eram os Estudos Culturais e o consumo (material e simbólico), e a metodologia utilizada não foi especificada para análise das gravações dos programas televisivos estudados, mas foi realizada uma análise de conteúdo. Já para analisar a recepção foi utilizado grupo focal e entrevistas, e a autora se refere à entrevista como metodologia e não como técnica de coleta. O público estudado eram homens e mulheres de “variadas classes sociais”, sendo estes dezenove estudantes de pós-graduação em duas universidades (uma particular e outra estadual) e oito “sujeitos pertencentes aos níveis C e D de acordo com o Critério Brasil” (MACEDO, 2010, p. 18).

Porém a pesquisadora não especifica o que é esse Critério Brasil e fez o estudo de recepção apenas no Brasil, em São Paulo. Como resultado, no que diz respeito à recepção, o trabalho aponta que há uma diferença nas apropriações dos conteúdos midiáticos entre os receptores de classes mais altas em comparação com os de classe mais baixa no Brasil. A autora apenas parte do princípio de que, em Portugal, isso também acontece e não estuda a recepção nesse país. Conforme o trabalho, os receptores de “classe mais alta são mais otimistas em relação aos conteúdos e os de classes baixas são pessimistas e conservadores” (MACEDO, 2010, p. 194), mas não explicita em relação a quê. Além disso, o estudo conclui que os receptores de classes mais altas acreditam que podem interpretar e se apropriar dos conteúdos independente de sua condição socioeconômica. Já os de classes mais baixas entendem que os conteúdos negativos podem influenciá-los e acreditam na função de educação dos conteúdos midiáticos.

Dos três trabalhos de 2011, um tratava da recepção de programas sobre o tempo e da “mistura de informação e entretenimento, entre utilidade e lazer nos quadros de previsão do tempo do Jornal Nacional (Rede Globo – canal aberto) e do Rural Notícias (Canal Rural – canal fechado)” (PROBA, 2011, p. 9), mas também analisou a produção dos quadros de previsão em ambos telejornais. O eixo teórico versa sobre o consumo de lazer e o telejornalismo como educação. O trabalho também utiliza uma técnica de coleta como metodologia, a entrevista aberta. O público investigado era formado por quarenta homens e mulheres das áreas rural e urbana. As conclusões da pesquisa são de que o relaxamento e o divertimento encontrados nos mapas e tabelas de temperatura, assim como as apresentadoras, não “interferem na credibilidade da informação transmitida, não bloqueiam a capacidade de entendimento do espectador, nem sequer o reduzem à condição de hipnotizado, apático, acrítico” (PROBA, 2011, p. 103). Em ambos os telejornais, a previsão do tempo “é um momento de descanso da rotina desgastante e das notícias desagradáveis do próprio noticiário, prazer em apreciar as apresentadoras, divertimento na distração com os cenários virtuais e satisfação em receber mensagem geralmente de utilidade [...]” (PROBA, 2011, p. 104). Para aqueles que vivem na cidade, a previsão não é utilizada para o trabalho, diferentemente da função que possui para os receptores da área rural. Todas as pessoas pesquisadas relatam que falam do tempo em suas conversas cotidianas.

O segundo trabalho de 2011, investigou de que modo o telejornalismo participa nos processos de construção das identidades evangélicas e como esta representação é percebida por grupos de batistas e metodistas a partir do Jornal Nacional e do Jornal da Record. Este estudo também combinou estudo de recepção com o de produção. O referencial teórico são os

Estudos Culturais e o Interacionismo Simbólico, e as metodologias utilizadas foram a análise de discurso francesa e o modo de endereçamento para analisar os telejornais. No que diz respeito à recepção, foi utilizado o método de grupo focal, e o público investigado era composto por evangélicos, divididos em dois grupos, totalizando vinte pessoas. A conclusão é de que a televisão ocupa bastante tempo na vida deste público, sendo a família o ambiente preferido para assistir à TV, e o telejornal é o gênero preferido entre os entrevistados. Para os receptores, a cobertura da Globo, quando se identificam com esta, cria uma elevação da autoestima. Ainda conforme a pesquisa, “não lhes pareceu possível estabelecer uma relação de identidade ou de alteridade, mas a aproximação e o distanciamento são pontuais, de acordo com o lugar de fala do telejornal” (TORRES, 2011, p. 201).

O terceiro trabalho compreende a relação entre telejornalismo, convergência midiática e interatividade e também foi uma investigação da recepção e da produção. O eixo teórico está embasado nos Estudos Culturais, e a metodologia é o modo de endereçamento. O público investigado é de telespectadores internautas (sem o número da amostra especificado) e os objetos analisados são os programas Fantástico e Urbano da Multishow. A autora considera o Fantástico como telejornal porque este “mistura jornalismo e entretenimento” (MOTA, 2011, p. 67). A conclusão é de que a interatividade aparece nos programas analisados, mas com limites demarcados. Porém, no Urbano, o público pode interferir de maneira mais significativa na programação, já no Fantástico há um aparato tecnológico mais desenvolvido que possibilita essa participação do receptor, mas este é convidado a opinar apenas sobre “banalidades”. Assim, “a interatividade pode assumir diferentes aspectos, conforme o ambiente em que o produto circula” (MOTA, 2011, p. 98), mas a autora não explicita quais são esses aspectos e apenas diz que isso acontece porque, de acordo com ela, “o Fantástico oferece ao público possibilidades de participação, o Urbano propõe – e viabiliza – colaboração – ainda que filtrada pelos realizadores do programa” (Idem).

A pesquisa de 2012 estudou “o modo de vida dos encarcerados, a partir da recepção de telejornais com temática policial, percebendo como esses programas se relacionam com suas audiências” (SILVA, 2012, p. 22). O referencial teórico da pesquisa é ancorado nos Estudos Culturais e na psicologia para conceituar a violência. A metodologia utilizada no trabalho foi o modo de endereçamento, e, no âmbito da recepção, o autor também utiliza as técnicas de coleta entrevista e questionário como metodologia. Os receptores pesquisados eram doze homens presos da Penitenciária Lemos Brito em Salvador. A conclusão é de que a indignação demonstrada pelo apresentador do programa diante das ocorrências de violência é parecida

com a raiva evidenciada pelos presos quando assistem às reportagens do telejornal. Eles afirmam que a construção do programa privilegia “o lado da polícia” e, por isso, não se sentem representados neste telejornal e o assistem “devido ao teor das matérias veiculadas”, pois estas tratam sobre o mundo do crime. Assim, “é como se o programa funcionasse como recurso de estudo para aqueles que, além de se informarem sobre o crime, têm a pretensão de se formarem mais profundamente nele” (SILVA, 2012, p. 255). A televisão, na prisão, é umas das principais formas de entretenimento e de informação e “as apropriações feitas do telejornal sinalizaram para uma discordância quanto ao modo como são construídas as reportagens, à forma como são interpelados a cada notícia [...]” (SILVA, 2012, 258-259).

O estudo de 2013 investigou como seis jovens rurais ligados a movimentos sociais interpretam as representações midiáticas relativas às ruralidades no Jornal Nacional e como esta interpretação incide nas identidades desses jovens. A pesquisa está fundamentada na Teoria das Mediações de Martín-Barbero e no modelo de Codificação/Decodificação de Hall. A metodologia utilizada foi uma combinação de etnografia e história de vida. O trabalho concluiu que as representações do meio rural são variadas bem como o modo que os jovens vivenciam esse espaço. Além disso, as mediações família e movimento social, permeadas pela classe social e a história de vida, são essenciais para se entender as leituras das representações midiáticas. A assistência do Jornal Nacional é o momento de reunião das famílias, e os jovens concordam que “o Jornal Nacional é um bom meio de informação” (SCHNORR, 2013, p. 212), porém discordam sobre como as classes populares estão representadas no JN, principalmente quando o enfoque é na miserabilidade. Além disso, o meio urbano significa, para os que vivem na cidade, um lugar de estudo, melhoria de vida, emprego e “boas oportunidades”. Para os jovens estudados, “o Jornal Nacional não tem importância em seu cotidiano [...] Os jovens, no entanto, não têm muitos outros acessos a informações que não sejam o JN” (SCHNORR, 2013, p. 212-213).

Apesar do crescimento dos estudos de recepção que investigam telejornalismo nos anos 2000 e “possivelmente o próprio surgimento da pesquisa de recepção em jornalismo” (JOHN, 2014, p. 162), ainda se percebe um pequeno número de trabalhos. Os públicos estudados são, ou muito específicos, como no caso de presidiários (SILVA, 2012), jovens rurais (SCHNORR, 2013), moradores de localidades rurais (PROBA, 2011), evangélicos (TORRES, 2011) ou muito variados (MOTA, 2011; MACEDO, 2010). Podemos apontar a escassez de estudos de recepção de telejornal que analisem e problematizem a recepção mediada pelas questões de classe social, como pretendido nesta dissertação. Apenas o

trabalho de Schnorr (2013) trata da questão de classe, e o de Macedo (2010) se propõe a comparar a recepção em diferentes classes sociais, mas sem problematizar a questão.

Para Jacks et al. (2011, 2014), os estudos de jornalismo com foco no receptor ainda não superaram os estudos com enfoque no entretenimento, principalmente a telenovela. Os estudos de recepção de jornalismo são escassos “para compreender exatamente como se dá a apropriação, a reelaboração e a inserção do conteúdo jornalístico na vida dos brasileiros e se, efetivamente, atua como importante espaço de mediação, inclusive de sua vida social” (JACKS et al., 2014, p. 59). Por isso é importante que essa lacuna seja preenchida com um número maior de pesquisas com esse foco. A incorporação das reflexões de Martín-Barbero, apesar de não serem centradas no jornalismo, pode contribuir na compreensão da relação dos receptores com os conteúdos jornalísticos, principalmente, através da sua proposição de “usos sociais dos meios” (JOHN, 2014, p. 161).

1.2 A teoria das mediações no processo de recepção do telejornalismo

Jesús Martín-Barbero tem papel fundamental tanto na constituição quanto na atualidade dos Estudos Culturais na América Latina, no que diz respeito à perspectiva da recepção. Para o autor, o estudo de recepção “quer resgatar a vida, a iniciativa, a criatividade dos sujeitos, quer resgatar a complexidade da vida cotidiana como espaço de produção de sentido, o caráter lúdico e libidinal na relação com os meios” (MARTÍN- BARBERO, 2002, p. 54). Portanto, o processo de recepção deve ser estudado a partir da problematização do contexto social e cultural em que está inserido, e a cultura não pode ser pensada separada das suas relações com a sociedade. Para Martín-Barbero, a recepção não é apenas o momento em que se está assistindo a televisão, mas um processo que ocorre antes e depois dessa ação, por isso, deve ser analisada dentro de um espaço mediado. Cada sujeito lê e interpreta as mensagens dos meios de comunicação de acordo com sua vivência na sociedade e “os diferentes modos de ler as mensagens estão muito ligados às tradições, preocupações e expectativas da vida prática de cada um” (LOPES, 1997. p. 166).

O autor latino-americano propôs uma investigação que “toma como ponto de partida a cultura, as mediações e os sujeitos a partir da pluralidade das práticas de comunicação e matrizes culturais que conformam os movimentos sociais” (COGO, 2011, p.2). É por isso que “a comunicação se tornou questão de mediações mais do que de meios, questão de cultura e, portanto, não só de conhecimentos, senão de re-conhecimento” (MARTÍN-BARBERO, 2009,

p. 28). Essa afirmação de Martín- Barbero “sintetiza uma das principais premissas em torno da qual se articulam diferentes contribuições de autores latino-americanos que, [...] se empenham em pensar a comunicação no marco do processo das culturas” (COGO, 2011, p. 3).

As mediações estão inseridas nas práticas sociais cotidianas dos sujeitos e são os lugares que estão entre a produção e a recepção:

Las mediaciones son ese lugar desde donde es posible compree: lo que se produce en la televisión no responde unicamente a requerimientos del sistema industrial y a estrategias comerciales sino también a exigencias que vienen de la trama cultural y los modos de ver (MARTÍN-BARBERO, 1992. p.20).

Desta forma, estudar a comunicação sob a perspectiva das mediações significa entender que, entre a produção e a recepção, existe um espaço em que a cultura cotidiana se concretiza. Martín-Barbero (1987) sugere três lugares de mediação que interferem e alteram a maneira como os receptores recebem os conteúdos midiáticos, sobretudo a televisão: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural.

A cotidianidade é o espaço em que as pessoas mostram verdadeiramente como são, onde se confrontam através das relações sociais e da interação com as instituições. A cotidianidade familiar é uma das mais importantes mediações, já que a família ainda é a unidade básica de audiência e representa um lugar de conflitos e tensões que, reproduzindo as relações de poder da sociedade, faz com que os indivíduos manifestem seus anseios e inquietações. A temporalidade social contrapõe o tempo do cotidiano (tempo repetitivo) ao tempo produtivo (tempo valorizado pelo capital, que se pode medir). Martín-Barbero (1987) afirma que a televisão também é organizada pelo tempo da repetição e do fragmento, incorporando-se assim ao cotidiano dos receptores. A competência cultural se refere a toda vivência cultural que o indivíduo adquire ao longo da vida, não apenas através da educação formal, mas por meio das experiências adquiridas em seu cotidiano.

Porém, em *De los medios a las practicas* (1990), Martín-Barbero sugere que esses três lugares de mediação sejam transformados em três dimensões: sociabilidade, ritualidade e tecnicidade, sendo que esta última “aponta para os modos como a tecnologia vai moldar a cultura e as práticas sociais” (RONSINI, 2011, p. 88). No entanto, de acordo com Ronsini (2011), o autor não relaciona os termos cotidianidade familiar, temporalidade social e competência cultural com essas novas dimensões propostas.

A sociabilidade refere-se “à interação social permeada pelas constantes negociações do indivíduo com o poder e com as instituições” (RONSINI, 2011, p. 84). É o espaço onde se estabelecem as relações sociais bem como as subjetividades compostas por estas relações e que interferem o contato dos atores com o mundo social e, também, com a mídia.

Assim, tal mediação é um lugar “de ancoragem da *práxis comunicativa* e resulta dos modos e usos coletivos de comunicação, isto é, de interpelação/constituição dos atores sociais e de suas relações (hegemonia/contra hegemonia) com o poder” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 17). A sociabilidade contribui para a constituição das identidades e das formas de interação dos sujeitos (RONSINI; SILVA; WOTTRICH, 2009) e seus “referentes individuais, de gênero, etnia e geração que são estruturados a partir de uma posição de classe” (RONSINI, 2011, p. 91). Ainda, conforme Ronsini (2011) a sociabilidade faz a conexão da tradição cultural com a maneira com que os receptores se ajustam e se relacionam com a cultura de massa.

É o contexto social e histórico que faz com que os sujeitos definam suas posições, atitudes e comportamentos no âmbito da recepção midiática. Isto é explicado através da sociologia de reprodução de Bourdieu:

[...] as relações sociais são pensadas a partir da noção de ‘campo’ bourdiana, e o papel do analista da recepção é compreender os vínculos entre a estrutura de poder que regula o processo singular de dar sentido aos formatos industriais (discursos, gêneros, programas e/ou grades de programação) e suas matrizes culturais (RONSINI, 2011, p. 92).

A outra mediação proposta por Martín-Barbero utilizada neste trabalho é a ritualidade, que “se refere aos diferentes usos sociais dos meios e aos diferentes trajetos de leitura” (RONSINI, 2010, p. 9) feitos pelos receptores, ou seja, são os modos de ver e ler os textos dos produtos midiáticos. As múltiplas trajetórias de leitura estão, conforme Martín-Barbero (2009, p. 19).

[...] ligadas às condições sociais do gosto, marcadas por níveis e qualidade de educação, por posses e saberes constituídos na memória étnica, de classe, ou de gênero, e por hábitos familiares de convivência com a cultura letrada, oral ou audiovisual, que carregam a experiência do ver sobre a do ler ou vice-versa.

E os modos de ler e de ver, que constituem “gramáticas de ação” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 19), regulam o modo como a cotidianidade dos sujeitos interage com o tempo e o espaço dos meios de comunicação. A ritualidade “remete-nos ao nexos simbólico

que sustenta toda a comunicação: à sua ancoragem na memória, aos seus ritmos e formas, seus cenários de interação e repetição” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 19). Esta mediação.

[...] permite pensar a modelagem dos ritmos que imprimimos ao viver cotidiano. Essa ritualidade, a que nós todos nos submetemos e ajudamos a criar, está vinculada ao triunfo da apresentação sobre a significação de modo que a simbolização do espaço (o lugar), a importância imediata dele em nossas vidas, é atravessada pela fantasia da apresentação e, assim a ritualidade instituída pela técnica dificulta a interlocução ao nos oferecer a trama agendada para discussão e suas resoluções prévias (RONSINI, 2011, p. 91).

De modo empírico, a ritualidade é observada no momento do encontro do receptor com a mídia, ou, neste caso, no momento da assistência do telejornal que se configura em um ritual em que os telespectadores, através de seus valores incorporados, colocam constantemente em jogo a significação de bens simbólicos e materiais. Logo, da mesma forma que a sociabilidade, a ritualidade também contribui “para definir as identidades do receptor, definições (móveis e transitórias) de si mesmo e de pertencimento coletivo” (RONSINI, 2011, p. 91).

Martín-Barbero passa então a refletir sobre as mediações comunicativas da cultura:

A presença dos meios na vida social, não em termos puramente ideológicos, mas como uma capacidade de ver além dos costumes, ajudando o país a se movimentar. Isso me leva a dar mais um passo, junto com a aparição massiva, em meados de 1990, do computador e do que veio rapidamente com ele. Inverto meu primeiro mapa e proponho as “mediações comunicativas da cultura”, que são: a “tecnicidade”; a “institucionalidade” crescente dos meios como instituições sociais e não apenas aparatos, instituições de peso econômico, político, cultural; a “socialidade” – como o laço social está se transformando para os jovens, como as relações entre pais e filhos, e entre casais, estão mudando [...]. E, finalmente, as novas “ritualidades” que acontecem em relação aos novos formatos industriais possibilitados pela tecnicidade (MARTÍN-BARBERO, 2009b, p. 151-152).

O autor organizou essas mediações em dois eixos: um diacrônico, relacionando as Matrizes Culturais e os Formatos Industriais, e um sincrônico, que relaciona as Lógicas de Produção com as Competências de Recepção e Consumo (Figura 1).



Figura 1 - Mapa das mediações comunicativas da cultura.

Fonte: MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 16.

Entre as Competências de Recepção e Consumo e os Formatos Industriais está a ritualidade; a tecnicidade medeia os Formatos Industriais e as Lógicas de Produção, já entre as Lógicas de Produção e as Matrizes Culturais está a institucionalidade. Essa mediação “modela todas as relações porque se define como o estatuto social da técnica” (RONSINI, 2011, p. 86), pois é o cenário que relaciona de forma mais próxima à produção e a recepção porque “vista a partir da institucionalidade, a comunicação se converte em questão de meios, isto é, de produção de discursos públicos cuja hegemonia se encontra hoje paradoxalmente do lado dos interesses privados” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 18).

Quando aborda as mediações e as Competências de Recepção e Consumo, Martín-Barbero (2009) discute os usos da mídia situados no campo da cultura. Para o autor, a “lógica dos usos” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 302) não pode ser esgotada apenas da diferença social entre as classes, porém esta diferença articula as outras diferenças, pois:

Os *habitus de classe* atravessam os usos da televisão, os modos de ver, e se manifestam- observáveis etnograficamente- na organização do tempo e do espaço cotidianos: de que espaços as pessoas veem televisão, privados ou públicos, a casa, o bar da esquina, o clube de bairro? E que lugar ocupa a televisão na casa, central ou marginal? Preside a sala onde se leva a via ‘social’, ou se refugia no quarto de dormir, ou se esconde no armário, de onde a retiram apenas para ver algo muito especial? (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 302).

Para a análise dos usos é preciso também atentar para o tempo em que o aparelho de televisão permanece ligado, se este permanece ligado o dia inteiro ou apenas no horário em que é veiculada uma programação televisiva específica. Além do que “[...] uma gama de usos que não tem a ver unicamente com a quantidade de tempo dedicado, mas com o tipo de tempo, com o significado social deste tempo” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 303). É importante ainda investigar as demandas das diferentes classes sociais à televisão, pois

“enquanto uma classe normalmente só pede informação à televisão, porque vai buscar em outra parte o entretenimento e a cultura – no esporte, no teatro, no livro e no concerto -, outras classes pedem tudo isso só a televisão” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 303).

Mas o autor latino-americano ressalta que os usos não são apenas observados através da classe social, mas também permeados pela competência cultural dos grupos:

[...] pela via da educação formal, com suas distintas modalidades, mas sobretudo pela via dos usos que configuram etnias, culturas regionais, ‘dialetos’ locais e distintas mestiçagens urbanas em relação àqueles. Competência que vive da memória – *narrativas* gestual, auditiva – e também dos *imaginários* atuais que alimentam o sujeito social feminino ou juvenil. O acesso a esses modos de usos passa inevitavelmente por um *ver com as pessoas* que permita explicitar e confrontar as diversas modalidades e as competências ativadas por aquelas, e pelas *narrativas* – histórias de vida- que deles nos contam e dão conta deles (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 303).

O mediador das lógicas de produção e das lógicas de usos é o gênero, aqui entendido como “uma estratégia de comunicação, ligada profundamente aos vários universos culturais” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 65). Os gêneros são também estratégias de interação devido aos “modos que são reconhecíveis e organizam a competência comunicativa, os emissores e os destinatários” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 304), assim os telespectadores conhecem todas as formas possíveis de interpretar, comparar e classificar os textos televisivos. Na televisão, “cada gênero se define tanto por sua arquitetura interna quanto por seu lugar na programação: na grade de horários e na trama do palimpsesto” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 304).

Portanto, estudar a recepção sob a perspectiva dos estudos culturais latino-americanos, e mais especificamente das mediações, implica saber como os sujeitos utilizam a complexidade da vida cotidiana como espaço de produção de sentido na sua relação com os meios. No próximo capítulo, refletimos acerca da classe social por entendermos que esta incide sobre os usos e os modos de apropriação que os receptores fazem do telejornal.

2 A CATEGORIA CLASSE SOCIAL COMO MEDIAÇÃO-CHAVE

2.1 A importância do conceito

Os estudos de recepção, desde seu princípio, tiveram ênfase política e preocupação com a ação social, principalmente engajamento em teorias atentas às diferenças culturais (ESCOSTEGUY, 2001, p. 39). Mas na atualidade, estas inquietações políticas parecem “estar se dissolvendo nos estudos atuais de Comunicação” (FIGARO; GROHMANN, 2013, p. 2) e um dos exemplos disso é o “esquecimento da classe social” (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002) nas pesquisas filiadas aos Estudos Culturais. Este esquecimento aconteceu pela equiparação da classe social com outras categorias como gênero, geração, etnia e nação como categorias de “relevância fundamental para a compreensão da sociedade contemporânea” (FONSECA, 2006, p. 13), não considerando que é a classe social que articula as demais categorias.

Mesmo com o abandono das pesquisas que utilizam a categoria classe social, é possível afirmar que “a classe pode ter sido abolida retoricamente em muitos textos, mas uma quantidade impressionante de evidência empírica confirma que ela permanece como uma força essencial para modelar a maneira como vivemos hoje” (MURDOCK, 2009, p. 31). Um dos emblemáticos estudos sobre a relevância da classe social nas pesquisas sobre a mídia é a obra *The Nationwide Audience* de autoria de David Morley (1980), um estudo de recepção canônico que explora as relações entre a posição de classe e os modos de interpretação de um programa informativo exibido na televisão inglesa, entre os anos de 1975 a 1979. E, mesmo que com algumas lacunas (KIM, 2004; RONSINI, 2011b) e após uma releitura de Kim (2004), ele tenta demonstrar que a classe social é importante para conformar as diferentes leituras da mídia feitas pelas audiências apesar de admitir que a classe não é a única determinante para conformar essas leituras.

Assim, entendemos que um estudo de recepção deve considerar a classe social à qual os atores pertencem como relevante para a interpretação que fazem das mensagens midiáticas, pois a categoria classe social permite que esses compreendam o mundo social do qual fazem parte, uma vez que a classe é considerada “[...] como uma parte intrínseca do seu ‘ser social’ – e, diria eu, como uma parte decisiva do seu ‘ser social’” (MILIBAND, 1999, p. 497). Por isto que “a análise de classes, adequadamente entendida, constitui efetivamente um construto teórico de valor incomparável” (MILIBAND, 1999, p. 472). A categoria classe social,

utilizada em pesquisas empíricas, é fundamental para desvelar a realidade, e “é a recusa em reconhecer que a classe permanece sendo um importante princípio estrutural de cada aspecto de vida no capitalismo recente, incluindo comunicações, que bloqueia uma visão abrangente das condições contemporâneas” (MURDOCK, 2009, p. 32).

Ademais, é inconcebível não considerar a classe social em um país como o Brasil, onde ainda existe uma distância abissal entre ricos e pobres, visto que, no país, encontra-se “[...] uma das maiores concentrações de renda no mundo” (LEÃO REGO; PINZANI, 2013, p. 148). Essa realidade gera uma situação de pobreza crônica, uma vez que há grande concentração de riqueza com uma minoria composta pela classe alta e suas frações, e a classe popular, com todas as suas frações de classe, compõe a maioria da população do país, totalizando um percentual de 85,6% (QUADROS 2008, p. 2). Para Skeggs (2004), não refletir sobre a classe social significa uma forma objetiva de desconhecer a desigualdade social. Embora a classe social não explique todos os aspectos que estabelecem a desigualdade social, tal categoria é fundamental para a compreensão da disparidade social existente, porque

Ainda que as diversas dimensões da desigualdade social não possam ser reduzidas à desigualdade de classe, a premissa subjacente à análise marxista é a de que as relações de classe jogam um papel decisivo na moldagem das outras formas de desigualdade (SANTOS, 2002, p. 44).

A classe social é essencial para a definição da organização social dos atores e para a estruturação das relações sociais, sendo esta uma das duas grandes doutrinas existentes no âmago do pensamento de Marx (EAGLETON, 2012, p.17) o qual seguimos nesta dissertação. Esta é responsável também pela estruturação de outras categorias que constituem os sujeitos, como o gênero e a etnia, pois “[...] o ‘ser social’ é na verdade um conjunto múltiplo e complexo de elementos, uma espécie de DNA social. No entanto é a classe que influi mais profundamente sobre todos os outros elementos” (MILIBAND, 1999, p. 498, grifo do autor). Deste modo, a classe social é estruturante, mas junto a ela ainda estão questões como o gênero e a etnia, por exemplo, que também contribuem para a constituição das relações sociais e para o posicionamento dos atores na sociedade.

A organização social também é permeada pela luta de classes sociais, e conforme Marx e Engels (1976), a história da sociedade sempre foi perpassada pela história da luta de classes sociais. Para Eagleton (2012, p. 20-21), isso não quer dizer que tudo o que acontece ou aconteceu em todas as sociedades seja uma questão de luta de classes, mas, sim, que esta é o mais imprescindível para a história da humanidade, sendo esta a base necessária para todas as

outras questões, dando forma a diversos acontecimentos, instituições e vertentes de pensamento. Marx utiliza o termo “história” para definir “o curso significativo de acontecimentos, não como sinônimo para o todo da existência humana até hoje” (EAGLETON, 2012, p. 20).

Para a tradição marxista, o termo classe “trata-se de um conceito relacional, pois as classes são sempre definidas no âmbito das relações sociais, em particular nas relações das classes entre si” (SANTOS, 2002, p. 41). A origem dessa luta é o processo de exploração baseado nas relações de produção pelos detentores dos meios de produção e da propriedade e aqueles que oferecem a força de trabalho, a mão de obra. É por isso que “classe é um conceito intrinsecamente político, já que requer relações de dominação” (SANTOS, 2002, p.42).

É a classe dominante que visa, constantemente, manter e legitimar sua posição social, historicamente foi assim e hoje ainda há esse interesse, principalmente na atual fase de neoliberalismo⁶ em que vivem os países ocidentais. De acordo com Miliband (1999, p. 484),

“[...] a classe dominante procura naturalmente, acima de qualquer outra coisa, defender, manter e fortalecer a ordem social, e o faz (com maior convicção e sinceridade) em nome do interesse nacional, da liberdade, da democracia ou do que quer que seja. Essa classe dominante é o que se pode adequadamente (e de fato literalmente) chamar de a principal classe conservadora da sociedade, o que obviamente não significa que outras classes não podem ser conservadoras ou não podem incluir muitas pessoas devotadas à causa conservadora”.

Porém essa dominação só acontece porque existe a hegemonia, ou seja, o “consenso em benefício das classes dominantes e aceito como legítimo pelas classes inferiores que possibilita que, não na lei, mas na vida nossa de cada dia, algumas pessoas e classes estejam acima da lei e outras pessoas e classes sociais inteiras, abaixo dela” (SOUZA, 2011, p. 408). O esforço para manutenção da hegemonia acontece por diversos campos sociais, como confirma Miliband (1999, p. 485):

Um amplo espectro de pessoas e instituições desempenha um papel nesse processo: os jornais e outras publicações, o rádio, a televisão, o cinema e o teatro, igrejas, partidos, associações e *lobbies*, escolas, intelectuais e outros ‘administradores da

⁶ Conforme o dicionário online Aurélio (<http://www.dicionariodoaurelio.com>) o neoliberalismo é uma forma moderna do liberalismo que permite uma intervenção limitada do Estado. Para Rego e Pinzani (2013, p. 226), a premissa neoliberal é baseada no fato de que cada pessoa é responsável pela sua posição socioeconômica, desconsiderando que a maioria dos pertencentes à elite ou às classes mais ricas já nasceu em famílias abastadas.

aprovação' e, não menos importante, o Estado – em suma, tudo o que no sistema social dá uma contribuição, grande ou pequena, para o fortalecimento da ordem social e contenção ou derrota das forças 'contra hegemônicas' que um sistema de dominação e exploração necessariamente engendra.

A hegemonia, para ser preservada, depende de um processo constante de distinção entre as classes sociais em função do aumento do poder aquisitivo e do acesso à informação das classes populares. Com isso, as classes dominantes precisam, continuamente, através de formas práticas e simbólicas, legitimar seu lugar no espaço social e demarcar sua diferença, especialmente pelo seu gosto, seu estilo de vida (BOURDIEU, 2007). Apesar de entendermos que, para uma análise de classe social, devam ser levados em consideração não apenas os fatores econômicos mas também os culturais, sabemos que o estilo de vida pode ser primordialmente condicionado pelo econômico. Então, é pertinente a proposição de Santos (2002) para a investigação das questões de classe social por meio de uma análise da posição de classe, sendo esta percebida pela ocupação profissional dos atores. Afinal, “a classe dominante e a classe trabalhadora representam respectivamente o vértice e a base da pirâmide característicos da estrutura social das sociedades capitalistas avançadas” (MILIBAND, 1999, p. 482).

Acreditamos ainda que o aumento do poder de compra das classes populares faz com que, equivocadamente, sejam ocultadas as enormes distâncias entre as classes sociais no Brasil (SOUZA, 2012). Apesar das classes sociais não serem homogêneas (MILIBAND, 1999, p. 479) e estáticas, a mobilidade que existe entre as frações de classe são mais horizontais do que de fato verticais, havendo, raramente, uma mudança de uma classe para outra.

[...] as pessoas localizadas em diferentes pontos da pirâmide não são totalmente imóveis: há um certo movimento, muito limitado, para cima, e um certo movimento para baixo, e os diferentes níveis da pirâmide não são separados por linhas divisórias rígidas. Mas nem a mobilidade social nem as fronteiras indistintas mudam o fato de que a pirâmide é uma dura, sólida realidade e de que as diferenças entre a classe situada nos níveis superiores da pirâmide e as classes situadas nos níveis inferiores são de fato muito grandes em termos de riqueza, renda, poder, responsabilidade, estilo e qualidade de vida e tudo o mais que compõe a textura da existência (MILIBAND, 1999, p. 483).

Desta forma, a classe social deve ser observada em um estudo de recepção midiática, pois

[...] os estudos de recepção podem contribuir, ao considerarem as classes sociais como categoria de análise, tendo-as na dimensão de sua complexidade, lugar social de produção de sentido, de pontos de vista. Nunca se distanciando da compreensão de que as classes se definem por oposição e que redundam em relações de poder. A classe dominante, assim o é porque suas ideias dominam. Fato que não invalida a

existência de outras ideias, muitas vezes, ainda não organizadas como ideias contra hegemônicas. (FIGARO; GROHMANN, 2013, p. 15).

No entanto, acrescentamos que, no nosso entendimento, há que atualizar o uso da categoria classe social, especialmente quanto a suas bases ortodoxas, já que existem outras categorias que também são responsáveis pela constituição social dos sujeitos, sendo essas categorias culturais que podem ser afetadas pelos aspectos econômicos que incidem nas práticas de representações dos atores, como a etnia, o gênero, a geração, o grau de instrução escolar, etc. E, por isso, utilizamos também a teoria de classe social formulada por Pierre Bourdieu, uma vez que busca compreender a classe social para além dos aspectos econômicos, a partir da articulação de diversos capitais. Desta forma, para o sociólogo, estes capitais também são responsáveis pela composição de uma cultura de classe, e, portanto, essencial para a formação social dos atores.

2.2 A classe social a partir de Pierre Bourdieu

Investigar a classe social sob a luz de Pierre Bourdieu⁷ significa compreendê-la para além dos aspectos econômicos e considerar também as práticas culturais, os aspectos simbólicos e materiais na constituição e na identificação social dos atores. Uma das obras mais emblemáticas do autor que busca entender as relações entre as classes sociais é *A Distinção*, publicada pela primeira vez em 1979 e considerada pela Associação Internacional de Sociologia “um dos dez trabalhos mais importantes de sociologia produzidos no século XX” (LOYOLA, 2002, p. 89). No livro, Bourdieu elabora uma teoria geral das classes sociais através de uma detalhada descrição dedicada às práticas, ao “consumo cultural e aos gostos” (LOYOLA, 2002, p. 89), sendo estes últimos manifestados através das práticas de consumo, assim, produtos de condicionamentos associados a uma classe ou fração de classe.

A classe social é importante para a compreensão do mundo em que se vive e é caracterizada por

[...] conjuntos de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, têm, com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posição semelhantes (BOURDIEU, 2010, p. 136).

⁷ Nascido na França em 1930, filósofo de formação, tornou-se um sociólogo de importância mundial, sendo o segundo intelectual francês mais citado no mundo. Fazia uma ciência geral das práticas sociais e na compreensão do mundo social a partir de três principais conceitos elaborados por ele: campo, capital e *habitus*. Sua extensa obra inclui 72 livros e 234 ensaios (LOYOLA, 2002, DUARTE-PLON, 2012).

Seguindo Bourdieu, acredita-se que a classe social é relevante para a maneira como os receptores usam e interpretam a mídia, já que “a posição ocupada por uma classe no espaço social é definida pela posição que ocupa nos diferentes campos – econômico, social e cultural” (RONSINI, 2007, p. 22). Para Bourdieu (2007, 2010), o campo é o espaço social estruturado e multidimensional e as diferentes posições ocupadas pelos agentes ou por um grupo, ou seja, as diferentes classes sociais são definidas de acordo com o volume e a composição de um ou mais capitais incorporados ou adquiridos ao longo da trajetória social desses agentes. O espaço social é a representação multidimensional, abstrata e relacional da estrutura da sociedade de acordo com o volume e a estrutura de capital. Por isso, Bourdieu (2010, p. 134) afirma que

Os agentes e grupos de agentes são assim definidos pelas suas posições relativas neste espaço. Cada um deles será acantonado numa posição ou numa classe precisa de posições vizinhas, quer dizer, numa região determinada do espaço [...].

Os capitais definidos por Bourdieu são os seguintes: o capital econômico, caracterizado como conjunto de recursos patrimoniais como renda, terras, bens imobiliários, etc.; o capital cultural, que é a soma de qualificações intelectuais que um ator possui, seja esse advindo da família ou da escola e, “diferentemente de Bourdieu, que não leva em conta a mídia como capital cultural, pensamos que os meios de comunicação devem ser tomados como instâncias que complementam a educação formal escolar e a educação familiar” (RONSINI, 2012, p. 32); o capital social, ou seja, os contatos, as relações socialmente úteis feitas ao longo da trajetória social e profissional dos atores e o capital simbólico, aquele ligado à honra, ao reconhecimento e ao prestígio, legitimando todos os outros capitais citados. Ainda para Bourdieu (2007), a classe social

[...] não é definida por uma propriedade (mesmo que se tratasse da mais determinante, tal como o volume e a estrutura do capital), nem por uma soma de *propriedades* (sexo, idade, origem social ou étnica – por exemplo, parcela de branco e de negros, de indígenas e de imigrantes, etc.-, remunerações, nível de instrução, etc.), tampouco por uma cadeia de propriedades, todas elas ordenadas a partir de uma propriedade fundamental – a posição das relações de produção-, em uma relação de causa e efeito, de condicionante a condicionado, mas pela estrutura das relações entre todas as propriedades pertinentes que confere seu valor próprio a cada uma delas e aos efeitos que ela exerce sobre as práticas (BOURDIEU, 2007, p. 101).

Desta forma, a classe social perpassa e articula todas as demais categorias e, assim, determina as práticas e o gosto – que, conforme Bourdieu (2007), é um marcador de classe, um classificador que distingue -, responsável pelo posicionamento e identificação social dos

atores. Portanto, o volume e a estrutura de todos os capitais “conferem sua forma e seu valor específicos às determinações que os outros fatores – idade, sexo, residência, etc. - impõem às práticas” (BOURDIEU, 2007, p. 102), sendo, então, a maneira de como esses capitais estão compostos e a quantidade deles, importantes para instituir essas determinações.

Tais práticas associadas à articulação da classe com as demais categorias citadas são sempre resultado de um *habitus*. Esse é um sistema de disposições duráveis e transponíveis, inconsciente, que pode gerar práticas em esferas alheias àquelas de origem, que são adquiridas pelo indivíduo ao longo do seu processo de socialização, que elabora e organiza as práticas e as representações de indivíduos e grupos (BOURDIEU, 2007, p. 162-164). O *habitus* é transponível porque não é fixo e nem irredutível, pode ser reformulado e revertido, por isso é “produto da história, é um sistema de disposições aberto, permanentemente afrontado a experiências novas e permanentemente afetado por elas. É durável, mas não imutável” (BOURDIEU in LOYOLA, 2002, p. 83). Desta forma, o *habitus* é o princípio básico e organizador social que predispõe o desenvolvimento dos gostos e dos estilos de vida dos atores, tornando -os assim pertencentes a uma classe social. É ainda um sistema de classificação, estruturante, internalizado pelos agentes, um “sistema das disposições socialmente construídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (BOURDIEU, 2005, p. 191).

Adotando Bourdieu e Taylor, Souza (2012, p. 167) identifica a existência do que chama de “*habitus* primário”, que se caracteriza por ser

[...] esquemas avaliativos e disposições de comportamento objetivamente internalizados e ‘incorporados’, no sentido bourdieusiano do termo, que permite compartilhamento de uma noção de ‘dignidade’, efetivamente compartilhada por classes que lograram homogeneizar a economia emocional de todos os seus membros numa medida significativa, que me parece ser o fundamento profundo do reconhecimento social infra e ultra jurídico, o qual, por sua vez, permite a eficácia social da regra jurídica da igualdade e, portanto, da noção moderna de cidadania (SOUZA, 2012, p. 167).

O “*habitus* primário”, para Souza (2012, p. 168), tem função de diferenciar analiticamente do “*habitus* precário” e do “*habitus* secundário”. O “*habitus* precário” é definido como aquele que está abaixo do primário, o conjunto de disposições que não são suficientes para que uma pessoa seja um indivíduo ou um grupo social, sendo este considerado improdutivo e inútil para a sociedade e por isso não tem o reconhecimento social e político. Já o “*habitus* secundário”, para Souza (2012, p. 168), é aquele localizado acima do

limite do “*habitus* primário” e está relacionado com o reconhecimento e o respeito social que implica na generalização deste para amplas camadas da população de uma determinada sociedade.

O conjunto de práticas geradas pelo *habitus* é o estilo de vida, ou seja, o comportamento, as preferências, as ações e os usos materiais através do consumo que os atores de determinada classe social fazem, por isso esse dá indícios sobre o *habitus* de classe. Grande parte do estilo de vida acaba sendo balizado pelo capital econômico de acordo com a posição social ocupada pelos atores, porém, uma mesma fração de classe pode ter inúmeros estilos de vida, mesmo assim esse possui certa uniformidade.

O *habitus* gera a distinção de classe social, pois é a diferença entre o *habitus* de classe, entre os estilos de vida e gostos que estão na base desta distinção entre as classes e que podem ser observados a partir das práticas culturais, simbólicas e materiais dos sujeitos. É através da distinção entre as classes sociais que Bourdieu (2007) explica a violência simbólica, sendo esta não perceptível enquanto tal, inclusive nem pelas próprias vítimas envolvidas na luta de classes que está por trás do princípio da reprodução social.

As lutas, cujo pretexto consiste em tudo o que, no mundo social, se refere à crença, ao crédito e ao descrédito, à percepção e à apreciação, ao conhecimento e ao reconhecimento – nome, reputação, prestígio, honra, glória e autoridade –, em tudo o que torna o poder simbólico em poder reconhecido, dizem respeito forçosamente aos detentores ‘distintos’ e aos pretendentes ‘pretensiosos’ (BOURDIEU, 2007, p. 235).

Por conseguinte, a luta se desenvolve pelo controle de capital simbólico, formado pelo conjunto de signos e símbolos que permitem situar os agentes no espaço social, permitindo que as classes dominantes possam impor arbitrariamente os critérios de classificação ou de desclassificação social que legitimam a dominação social.

Os conceitos de *habitus* e de campo estão estreitamente relacionados para a compreensão da complexidade que envolve as questões de classe social, pois “os conceitos de *habitus* e campo são relacionais, no sentido de que só podem funcionar um em relação ao outro” (LOYOLA, 2002, p. 68). E, desta forma, “o espaço social construído segundo a equação *habitus* + *capital* + *campo* = *prática* permite ao sociólogo interpretar e mapear as *estratégias de distinção*” (LOYOLA, 2002, p. 69, grifos da autora).

Então, o conceito de classe social é complexo, pois não pode ser tomado como objetivo, estático, não é apenas relacionado às questões econômicas, não é só o capital econômico o definidor de uma classe social e sim o conjunto dos capitais e valores simbólicos que são incorporados às culturas de classe e que posicionam socialmente os sujeitos, assim

diferenciando-os. Já o conceito de “*habitus* precário” de Souza (2012) irá auxiliar na definição da posição dos sujeitos investigados nesta dissertação quanto à sua classe social e sua relação de como esta é representada no telejornal.

2.2.1 As representações das classes populares

Compreendemos que as representações midiáticas muitas vezes permitem aos sujeitos elaborarem, interpretarem e até se apropriarem das inúmeras representações apresentadas pela mídia. Assim, “as representações que circulam na mídia são construídas a partir de um processo dinâmico em que a mídia influencia e é influenciada pela sociedade” (SILVA, 2011, p. 47). Quando pensamos em representação, estamos também tratando de diferença, alteridade e poder, assim também de estereotipização do outro. Ou seja, o poder que a representação, segundo Hall (1997), tem de marcar, atribuir e classificar o outro. Os estereótipos “contêm julgamento e pressupostos tácitos ou explícitos a respeito de seu comportamento, sua visão de mundo ou história” (FREIRE FILHO, 2004, p. 47).

Conceituar representação é algo complexo, pois esta está intimamente relacionada com a subjetividade dos indivíduos, com a produção de sentido que eles dão não só as coisas, mas também às experiências. A representação é algo intangível, “são sentidos que damos às coisas, posições muito fortes que compartilhamos no coletivo e que nos afetam reciprocamente” (ESCOSTEGUY, 2006, p. 74). As representações ainda podem ser entendidas como o “sinônimo de signos, imagens, formas ou conteúdos de pensamento”, a “atividade representacional dos indivíduos”, ou ainda como o “conjunto de ideias desenvolvidas por uma sociedade” (FRANÇA, 2004, p. 14).

Podemos dizer que o conceito de representação tem uma forte ligação com as identidades dos sujeitos, como conclui Silva (2011, p. 47), quando afirma que “as representações estão intimamente ligadas ao processo de constituição de identidades”, é através das representações que a identidade adquire sentido, além disso, a identidade está relacionada às atividades sociais em que os indivíduos estão envolvidos.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? (WOODWARD, 2007, p. 17).

Portanto, as representações podem ser entendidas como um conjunto de sistemas que permitem a constituição, o posicionamento dos sujeitos em relação às coisas e os outros sujeitos, as convicções desses sujeitos para que possam viver em sociedade. E é por isso que o conceito de representação social desenvolvido por Moscovici (2003) se torna indispensável na reflexão sobre representação. Quando Moscovici (2003) pondera sobre as representações sociais, está preocupado com o dinamismo do processo que envolve estas representações sociais, com a pluralidade destas porque “as representações sociais assumem um caráter móvel, plástico e circulante. Ao mesmo tempo em que elas surgem, podem desaparecer” (MORIGI, 2004, p. 4). As representações sociais estão relacionadas com a comunicação, sendo esta um componente fundamental na construção destas, pois “são [...] fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto realidade quanto senso comum” (MOSCOVICI, 2003, p. 49).

Então, as representações sociais podem ser relacionadas aos sentidos que são elaborados e compartilhados socialmente com o objetivo de construir uma realidade comum em que os indivíduos possam se comunicar. É por isso que as representações podem ser chamadas de fenômenos sociais e se deve considerar, sempre, os contextos onde estas são criadas, reproduzidas e compartilhadas. Moscovici (2003) pontua que os sujeitos são produtores constantes de suas representações e que estas vão modelar comportamentos. Morigi (2004, p. 11) valida essa noção, quando complementa que “as representações sociais estão assentadas em valores e princípios morais nos quais a sociedade, os grupos e os indivíduos se guiam para construir e reconstruírem os sentidos de suas ações”. É importante ressaltar que, para os sujeitos viverem em sociedade, eles precisam compartilhar “quadros de sentido, compreensões e ideias que organizam e dão coerência à vida social” (FRANÇA, 2004, p. 16).

As representações estão intimamente ligadas a seus contextos históricos e sociais por um movimento de reflexividade – elas são produzidas no bojo de processos sociais, espelhando diferenças e movimentos da sociedade; por outro lado, enquanto sentidos construídos e cristalizados, elas dinamizam e condicionam determinadas práticas sociais. Na sua natureza de produção humana e social, têm uma dimensão interna e externa aos indivíduos, que percebem e são afetados pelas imagens (passam por processos de percepção e afecção) – e, desses processos, as devolvem ao mundo na forma de representações (FRANÇA, 2004, p. 19).

Por isso, refletir sobre a representação social significa refletir sobre os modos de pensamento e sobre toda uma lógica de uma sociedade em um determinado momento. Minayo

(1995, p. 108) considera que as representações sociais “se manifestam em palavras, sentimentos e condutas e se institucionalizam, portanto, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais”. Ainda segundo a autora, as representações sociais podem ser tão abrangentes que podem revelar a visão de mundo de toda uma época, de uma sociedade como um todo e que muitas destas representações podem ser, inclusive, inconscientes.

As Representações Sociais não são necessariamente conscientes. Podem até ser elaboradas por ideólogos e filósofos de uma época, mas perpassam o conjunto da sociedade ou de determinado grupo social, como algo anterior e habitual, que se reproduz a partir das estruturas e das próprias categorias de pensamento do coletivo ou dos grupos (MINAYO, 1995, p. 109).

Com isso, conclui-se que representar pode ser um esforço ininterrupto de atribuição de sentido a tudo que cerca os indivíduos, ou seja, as coisas, os outros indivíduos, enfim, a vida em sociedade como um todo. E os meios de comunicação têm grande importância nessa produção de sentidos que circula pela sociedade, têm um papel fundamental para as representações sociais e não são mais apenas transmissores de mensagens e conteúdos, pois “além de veicularem informações aos cidadãos eles, no processo da comunicabilidade da cultura e seus valores, são responsáveis pela produção dos sentidos que circulam na sociedade” (MORIGI, 2004, p. 3).

Nos dias de hoje, não podemos deixar de levar em consideração que, muitas vezes, os sujeitos elaboram, interpretam e até se apropriam das inúmeras representações apresentadas pela mídia.

É impossível escapar à presença, à representação da mídia. Passamos a depender da mídia, tanto impressa como eletrônica, para fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança, para ver algum sentido nas continuidades da experiência e também, de quando em quando, para as intensidades da experiência (SILVERSTONE, 1999, p. 12).

Portanto, apesar de sabermos, com a evolução dos estudos em comunicação, que os sujeitos não são passivos em relação às mensagens da mídia, é possível afirmar que esta ainda colabora para a constituição das representações. De acordo com Silva (2011, p.47), “as representações que circulam na mídia são construídas a partir de um processo dinâmico em que a mídia influencia e é influenciada pela sociedade”. Kellner (2001, p. 9) ressalta que “a cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de ‘nós’ e ‘eles’”. O mesmo autor (2001, p. 52) utiliza a expressão “cultura da mídia” para designar “tanto a natureza quanto a

forma das produções da indústria cultural (ou seja, a cultura) e seu modo de produção e distribuição (ou seja, tecnologias e indústrias da mídia)”.

Então, estas representações midiáticas são importantes para a produção de sentido dos indivíduos da sociedade globalizada em que vivemos, pois, a mídia já faz parte do cotidiano, tanto dos indivíduos quanto dos grupos. Conforme Silverstone (2011, p. 20), é “uma presença constante em nossa vida diária, enquanto ligamos e desligamos, indo de um espaço, de uma conexão midiática, para outro. Do rádio para o jornal, para a Internet”. É a mídia que norteia as realidades cotidianas das pessoas e por isso que ela é tão fundamental na constituição das representações.

É no mundo mundano que a mídia opera de maneira mais significativa. Ela filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e a manutenção do senso comum (SILVERSTONE, 2011, p. 20).

A mídia apresenta uma série de representações que acabam possibilitando aos indivíduos processos de identificação, estando essa relacionada tanto com a constituição como com a transformação da identidade das pessoas, e é por essa razão que as identidades estão intimamente ligadas às representações. Kellner (2001, p. 10) afirma que a cultura da mídia “molda a vida diária, influenciando o modo como as pessoas pensam e se comportam, como se veem e veem os outros e como constroem sua própria identidade”. Portanto, a presença cada vez mais avassaladora da mídia estabelece a relação entre comunicação e identidade, identidade esta que não é mais estável, coesa e fixa e sim instável, fragmentada e mutável.

Numa cultura pós-moderna da imagem, as imagens, as cenas, as reportagens e os textos culturais da mídia oferecem uma enorme quantidade de posições de sujeito que, por sua vez, ajudam a estruturar a identidade individual. Essas imagens projetam modelos sociais e sexuais, formas apropriadas e inapropriadas de comportamento, estilo e moda, além de comportarem engodos sutis que levam à identificação com certas identidades e a sua imitação, enquanto se evitam outras. Em vez de desaparecer na sociedade pós-moderna, a identidade está simplesmente sujeita a novas determinações e a novas forças, ao serem oferecidas novas possibilidades, novos estilos, novos modelos e novas formas (KELLNER, 2001, p. 330).

No entanto é importante ressaltar que os sujeitos não são passivos em relação à mídia, uma vez que as práticas cotidianas, as trajetórias pessoais dos sujeitos juntamente com a maneira como se apropriam, constroem sentidos a partir da mídia, são essenciais na construção dessa identidade. Para Simões (2010, p. 5), “é a experiência que funda as representações, ao mesmo tempo em que estas podem proporcionar novas experiências aos

indivíduos”. Kellner (2001, p. 11), no entanto, deixa claro que os sujeitos podem resistir às mensagens e significados expostos na mídia e considerados dominantes, criando assim suas próprias leituras, interpretações e apropriações de acordo com sua cultura. Ressalta ainda que “a própria mídia dá recursos que os indivíduos podem acatar ou rejeitar na formação de sua identidade em oposição aos modelos dominantes”. Por dominante utilizamos a concepção de Gramsci de hegemonia, onde a dominação simbólica nas sociedades é consentida e constantemente reproduzida em favor daqueles que dominam, ou seja, as classes mais altas, com a colaboração daqueles que são dominados, ou seja, as classes mais baixas ou populares.

Entre todas as formas de cultura da mídia, destaca-se a televisão como uma das mais importantes até hoje na constituição das representações e das identidades. Para Kellner (2001, p. 304), ela “desempenha papel fundamental na reestruturação da identidade contemporânea e na conformação de pensamentos e comportamentos. [...] assume algumas das funções tradicionalmente atribuídas ao mito e ao ritual”. A televisão é então um veículo essencial para se analisar as representações midiáticas, a produção de sentido dos indivíduos a partir da mídia, as significações e ressignificações que fazem dessas representações com base em suas experiências e também naquelas apresentadas pela mídia. Morigi (2004, p. 9) assegura que “o ‘real’, socialmente produzido pela mídia, é produto de uma série de interações e movimentos de sentidos”.

O conceito de representação está diretamente ligado ao de estereótipo. Para Hall (1997, p. 429), os estereótipos reduzem as pessoas a diversas características simples, essenciais e que são representadas como fixas por parte da natureza. Para Freire Filho (2004, p. 47), os estereótipos operam como uma imposição de um sentido de organização ao mundo social, assim estes

[...] ambicionam impedir qualquer flexibilidade de pensamento na apreensão, avaliação ou comunicação de uma realidade ou alteridade, em prol da manutenção e da reprodução das relações de poder, desigualdade e exploração; da justificação e da racionalização de comportamentos hostis [...].

Ainda sobre a correlação entre os estereótipos e as relações de poder, Hall (1997, p. 430) afirma que a estereotipização tende a acontecer onde “*existen grandes desigualdades de poder. El poder es usualmente dirigido contra el grupo subordinado o excluído*”. Classifica-se, assim, as pessoas conforme uma norma e constrói-se o excluído como “outro”, colaborando, assim, com o que Gramsci chamou de luta pela hegemonia. E esta luta é caracterizada pela constante intenção das classes dominantes de moldar “toda a sociedade de acordo com sua visão de mundo, seu sistema de valores e sensibilidade, de modo que sua

ascendência comande, arregimente um consentimento amplo e pareça natural, inevitável e desejável para todos” (FREIRE FILHO, 2004, p. 48). Segundo Hall (1997, p. 430), a estereotipização demarca e mantém a ordem social e simbólica, estabelecendo “*una frontera simbólica entre lo ‘normal’ y lo ‘desviante’, lo ‘normal’ y lo ‘patológico’, lo ‘aceptable’ y lo ‘inaceptable’, lo que ‘pertenece’ y lo que no ‘pertenece’ o lo que es ‘Otro’, entre ‘internos’ y ‘externos’, nosotros y ellos*”. Portanto, a estereotipização exige sempre uma relação binária, de alteridade, de diferença, sendo estas constantemente demarcadas em relação ao outro.

Se os processos de estereotipização têm profunda correlação com as relações de poder, pode-se afirmar que também, inúmeras vezes, estão relacionados com as questões que envolvem a classe social, e, principalmente, a classe popular, pois “*todos los procesos de exclusión social llevan a la estigmatización de los grupos más vulnerables*” (CANTERO, 2011, p. 57). Essa exclusão social está associada, no Brasil, à perversa desigualdade social existente:

A desigual distribuição de renda e riqueza, nos níveis existentes no Brasil, corresponde à abertura de um verdadeiro abismo econômico, social e político entre as classes: por um lado, uma minoria rica usufruindo de altos padrões de consumo e de instrumentos de reprodução das relações sociais existentes (como acesso à educação superior), indiferente à sorte dos seus concidadãos; por outro, a esmagadora maioria dos brasileiros condenados a uma vida de carências, sofrimento e sacrifício (LEÃO REGO; PINZANI, 2013, p. 155).

Assim, os conceitos de representação e estereótipo são fundamentais para compreensão da maneira pela qual os receptores de classe popular interpretam, produzem sentido, usam e se apropriam do telejornal, especialmente no que diz respeito às representações das classes populares no programa. A estereotipização da classe popular e sua correlação com as relações de poder será refletida ao analisarmos como os receptores percebem essas questões ao assistirem ao telejornal. A maneira como eles elaboram suas representações de classe a partir do programa televisivo e de suas experiências também será investigada, confrontando a teoria e o empírico.

3 A RECEPÇÃO DO TELEJORNALISMO COMO OBJETO DE PESQUISA

3.1 A notícia como forma cultural e instituição social

Não negligenciamos o fato de que a notícia é, *a priori*, uma construção regulada por rotinas produtivas que perpassam os valores-notícia, ou seja, os critérios como interesse público, atualidade, veracidade, etc., que são determinantes para que um fato se torne uma notícia. Para além desses critérios de noticiabilidade que definem o que é ou não uma notícia, a elaboração desta, antes de ser veiculada, é também fruto de uma escolha realizada por sujeitos, os jornalistas, que partilham de uma cultura específica e que possuem um “*habitus* jornalístico” que “cria modos de falar e de conceder a palavra, de ordenar as falas e de escolher *o que e quem* deve ter visibilidade” (AMARAL, 2008, p. 124, grifos da autora). Os jornalistas “são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade” (TRAQUINA, 2005, p.26), por isso que estes profissionais têm credibilidade e legitimação, indispensáveis para a prática do jornalismo.

A notícia, ou seja, “os acontecimentos chegam a nós através da mídia e são construídos através de sua realidade discursiva. Em nossa sociedade, é a mídia quem gera a realidade social” (ALSINA, 2009, p.46). A construção dessa realidade social, atravessada tanto pelos valores-notícia quanto pela cultura profissional do jornalista, acontece mediada por uma lógica empresarial, já que a notícia é um produto da indústria da informação (ALSINA, 2009, p.43) e está subordinada às intervenções políticas e econômicas tanto internas quando externas à produção da notícia, uma vez que, independentemente do contexto da notícia, “qualquer texto é sempre uma comunicação socialmente situada” (GOMES, 2005, p.222).

Porém, essas questões que envolvem as lógicas produtivas do fazer jornalístico não serão aprofundadas neste trabalho, que tem como recorte a recepção jornalística e não a produção. A notícia, sob a perspectiva dos Estudos Culturais, é uma forma cultural e também uma instituição social, já que o jornalismo ocupa na sociedade “uma determinada posição na sociedade devido ao seu poder simbólico” (ESCOSTEGUY, 2012, p. 35).

Para se estudar a recepção de telejornalismo a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, é preciso levar em conta um dos raros estudos sobre este tema, o *Making Sense of the News*, de Klaus Bruhn Jensen. Para Gomes (2005), que fez uma crítica do livro, o conceito-chave para o estudo de recepção de telejornalismo é o de produção de sentido. Os

receptores são produtores de sentido, mas também identificam as origens sociais deste sentido tanto nas instituições sociais quanto nas formas culturais assumidas pelo telejornalismo.

Produção de sentido é um processo continuado que guia e torna coerente nossas atividades na realidade social. Em termos menos abstratos, produção de sentido é uma parte inextricável da vida cotidiana, não apenas na área da mídia e da cultura; impregna a atividade política, o local de trabalho e a casa, e serve para definir o que é apropriado em cada uma dessas áreas (JENSEN apud GOMES, 2005, p. 218).

Por isso que, em um estudo de recepção de telejornalismo, é importante que se considere a produção de sentido sempre permeada pela vida cotidiana dos receptores, ou seja, para além do momento em que estão assistindo ao telejornal. Quando Jensen utiliza esse conceito de produção de sentido, está considerando “a notícia como uma construção” (JENSEN apud GOMES, 2005, p. 220) e a sua interpretação não deve ser deslocada do seu uso. Por ser o telejornalismo considerado uma construção social, ele “se configura a partir da conjunção entre determinadas possibilidades tecnológicas e determinadas condições históricas, sociais, econômicas e culturais, o que impõe afirmar seu caráter de processo histórico e cultural” (GOMES, 2008, p. 101).

A informação midiática, para Jensen (1986), é produção e produto de um sistema de sentidos culturais, os quais tomam a forma de um código cultural e são configurados em várias instituições sociais. Segundo o autor, a notícia é uma instituição social porque implica a expectativa, social e histórica, de que o jornalismo deve cumprir algumas funções sociais e políticas.

Além de ser instituição social, a notícia é também a forma cultural do jornalismo por ser um gênero discursivo, conforme ressalta Gomes (2005, p.222):

A notícia é discurso e, como tal, um conjunto de convenções que ajuda a configurar o jornalismo como uma instituição socialmente reconhecida no interior da qual fazem sentido as noções de imparcialidade e objetividade e as distinções entre fato e ficção, informação e entretenimento.

Segundo Gomes (2005, p. 223), a notícia é regulada por uma lógica política e econômica e tende a colocar o receptor em uma determinada posição conforme as suas expectativas em relação ao fazer jornalístico. Essas expectativas existem porque “a notícia tende a ter uma composição regular e característica, como qualquer consumidor de notícia já sabe”, ou seja, é o conjunto de convenções que ajuda a configurar o jornalismo como uma instituição socialmente reconhecida. Desta forma, o receptor tem certo conhecimento ou

familiaridade com as características do discurso jornalístico (posição, assunto adequado e modo de composição formal da notícia) e também certa aceitação da configuração assumida pelo jornalismo numa dada formação social e cultural.

A notícia ainda deve ser considerada como um relato da realidade social, mas, ao mesmo tempo, como um recurso que os sujeitos acionam numa variedade de situações sociais (GOMES, 2005, p. 228), visto que

As interpretações da notícia televisiva variam não apenas em relação a certos códigos de compreensão que estão disponíveis para a audiência; elas também variam de acordo com as possíveis aplicações da notícia no contexto imediato de uso e no contexto social e político mais amplo (JENSEN apud GOMES, 2005, p. 228).

Portanto, “a interpretação da notícia não deve ser descolada do uso da notícia” (GOMES, 2005, p. 228) e o sentido atual, concreto, exatamente como é interpretado pelo receptor, deve ser levado em conta na análise da recepção do telejornal, por que este é uma programação de extrema importância para o dia- a dia da maioria dos brasileiros.

3.1.1 O telejornalismo brasileiro

O telejornal não tem poder onipotente perante os receptores mesmo que a televisão seja essencial na sociedade brasileira em função da preferência do brasileiro por esse meio de comunicação, comprovada através de uma pesquisa já mencionada neste texto, apesar das novas tecnologias proporcionadas pela internet e suas plataformas. O telejornal é apontado como principal fonte de informação, e junto com as telenovelas, se mantém como líder de audiência no país, pois no Brasil, “[...] os telejornais se constituem atualmente como (um) a nova praça pública, onde significativa parcela da população brasileira celebra se não o único, ao menos o mais importante encontro cotidiano com informações de caráter jornalístico” (COUTINHO, 2008, p. 14).

Esta importância do telejornalismo para os brasileiros se dá porque ele ocupa um lugar de referência, é o organizador da realidade e articulador dos fatos (VIZEU; CORREIA, 2008, p. 17-21). Mesmo que os telejornais produzam uma “espécie de reprodução da realidade” (VIZEU; CORREIA, 2008, p. 14) e não a realidade em si, é através dessa imagem da realidade mostrada no telejornal que o Brasil se enxerga, pois, para Bucci (2004), a imagem que o Brasil teria de si mesmo estaria imbricada na televisão, uma vez que a televisão consegue dar unidade, ainda que no plano imaginário, a um país com realidades distintas:

A TV como lugar nada mais é que o novo espaço público, ou uma esfera pública expandida. [...] se tirássemos a TV de dentro do Brasil, o Brasil desapareceria. A televisão se tornou, a partir da década de 1960, o suporte do discurso, ou dos discursos que identificam o Brasil para o Brasil. Pode-se mesmo dizer que a TV ajuda a dar o formato da nossa democracia (BUCCI, 2004, p.31-32).

Mesmo assim, há que se ressaltar que o receptor é ativo, e por isso, essa representação da realidade pode ser contestada por ele, já que “qualquer trabalhador [...] é capaz de ser crítico diante da programação jornalística da televisão, desde que disponha de mínimos elementos que completem sua representação do real” (SILVA, 1985, p. 135).

Por contribuir para a construção da realidade social, o telejornal é também uma forma de conhecimento, pois não há notícia sem conhecimento (VIZEU; CORREIA, 2008; MEDITSCH, 2005; LIMA, 2001), envolve o saber dos jornalistas na elaboração das notícias e aquele proporcionado à audiência, já que a informa sobre os mais variados assuntos. Deste modo, o telejornal se torna referência para os receptores, uma vez que não raramente ouvem-se as expressões “passou na TV”, “vi no jornal”, “deu no noticiário”, etc., legitimando, assim, o programa como referencial, lugar de conhecimento, de reconhecimento e até de pertencimento dos telespectadores.

Com relação à forma como o telejornal organiza o mundo, podemos dizer que ele se torna um lugar de “segurança ontológica para as pessoas” (VIZEU; CORREIA, 2008, p. 20-22), porque gera uma sensação de familiaridade, ou seja, torna comum e real o que por vezes poderia ser incomum e irreal. O telejornal é, portanto, importante para os brasileiros porque atua “como mediador, produtor e/ou circulador de sentidos e interfere nas questões identitárias, pois esses programas promovem uma experiência coletiva e cotidiana de nação” (TORRES, 2011, p. 55).

As telenovelas também funcionam como mediadoras e produtoras de sentido para os receptores brasileiros, e os telejornais no país encaixaram-se justamente entre elas, o que lhes garante a audiência. Coutinho (2003) afirma que as telenovelas brasileiras colocam conteúdos informativos e elementos do cotidiano em suas histórias, assim como o telejornalismo está sujeito a um processo melodramático, pois tem como característica a espetacularização das notícias com base na emoção (BUCCI, 2000, p.27). Desta maneira, o Jornal Nacional, telejornal de maior audiência do Brasil desde sua criação, foi estrategicamente posicionado entre duas telenovelas, sendo uma delas a que tem também maior audiência por estar no considerado horário nobre (a novela das oito) da televisão brasileira. O telejornal foi colocado em tal horário para “que desse à dona-de-casa o tempo certo para colocar o jantar na mesa e

ao chefe da família a chance de inteirar-se, mesmo que superficialmente, dos principais assuntos do dia” (SILVA, 1985, p. 35).

O Jornal Nacional está no ar, de modo ininterrupto, pela Rede Globo de Televisão, há 43 anos, desde o dia 1º de setembro de 1969, é o programa mais antigo em exibição da televisão brasileira e líder de audiência absoluto desde a sua criação. Ele “representa o conjunto mais bem acabado de marcas que caracterizam um telejornal no Brasil” (GOMES, 2012, p. 40) e por isso é copiado por outras emissoras de televisão brasileira e serve como referência de telejornal para os telespectadores e também para profissionais do campo jornalístico. Ainda é considerado “importante na história política, econômica e social do país” (GOMES, 2012, p. 40). A importância do JN para a sociedade brasileira já está consolidada, sendo este considerado, inclusive, o telejornal que mostra, todos os dias, o que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo.

Haja vista a exaustiva quantidade de trabalhos que se dedicaram exclusivamente à recuperação dos aspectos históricos do Jornal Nacional (SA, 1992; ARRUDA, 1995; KOSMINSKY, 2003; ZAHAR, 2004; GOLEMBIEWSKI, 2007; MOREIRA, 2007; CARVALHO, 2008; SALLES, 2008; MENDES, 2009; FERNANDES, 2009; GADRET, 2011; CADEMARTORI, 2012; FRANCO, 2013; CHAGAS, 2013; SANTOS, 2014; etc.), acreditamos que não se faz necessário nos aprofundarmos sobre estas questões nesta pesquisa.

É importante destacar que o JN e os telejornais brasileiros, em geral, são de fundamental relevância para sociedade também porque a maioria da população do país é composta pela classe popular e esta tem uma limitação de acesso a variadas fontes de informação, por isso é o telejornal que cumpre com a função de principal veículo de informativo para essas pessoas. Além disso, “a importância da TV se tornaria ainda maior pelos altos índices de analfabetismo e subdesenvolvimento, sendo sua influência maior em situações de pobreza, econômica e cultural” (COUTINHO, 2008, p. 19), então, muitas das representações de mundo destes receptores acabam sendo perpassadas pela interpretação das mensagens veiculadas no telejornal.

3.1.2 Acerca do popular no telejornal

Canclini (1983, p. 205-207; 1987, p. 6) define o popular como o que é excluído, aqueles que não têm patrimônio ou então que não conseguem que este seja reconhecido e conservado e que deve ser visto mais como algo construído, sendo uma construção ideológica,

do que como algo pré-existente. Além disso, o popular não se concentra apenas nos objetos, devendo ser apontado também como uma posição e uma prática, pois “o sentido e o valor populares vão sendo conquistados nas relações sociais. É o uso e não a origem, a posição e a capacidade de suscitar práticas ou representações populares, que confere essa identidade” (CANCLINI, 1983, p. 135). O autor afirma que, na esfera da produção, o popular se manifesta através das oficinas artesanais, das músicas regionais, dos entretenimentos urbanos e de produtos da comunicação massiva (telenovelas, telejornais, programas de entretenimento). Já na esfera do consumo, estaria localizado no final do processo, como destinatário, espectador submetido a “reproduzir o ciclo do capitalismo e a ideologia dos dominantes” (CANCLINI, 1998, p. 205).

Para Martín- Barbero (2009, p. 113), o valor do popular está caracterizado na sua representatividade sociocultural e

[...] em sua capacidade de materializar e de expressar o modo de viver e pensar das classes subalternas, as formas como sobrevivem e as estratégias através das quais filtram, reorganizam o que vem da cultura hegemônica, e o integram e fundem com o que vem de sua memória histórica.

Refletindo sobre essa esfera da produção e do consumo e sobre a representação do popular, percebemos que, apesar da inúmera variedade de programas, sendo estes cada vez mais direcionados a públicos específicos, e da diversidade de assuntos abordados, as classes sociais ainda são mostradas, muitas vezes, de maneiras estereotipadas. Pois, de acordo com França (2006, p. 19), apesar da diversidade apresentada na televisão, os diferentes temas, os discursos e os sujeitos não são mostrados de maneira igual, porque a linguagem televisiva é demarcada pelo lugar institucional em que ela está localizada, estando esse dentro de uma determinada estrutura social a qual reproduz e reflete as relações de classe, de poder presentes na sociedade.

Olhando juntos para a televisão, confrontando imagens e representações, as diferentes classes estão hoje, mais que antes, expostas às suas diferenças. O resultado disto extrapola políticas de programação televisuais, mas diz respeito ao próprio quadro da convivência e estruturação da vida social (FRANÇA, 2006, p. 24).

Esta marcação de classe social é descrita por Leão Rego e Pinzani (2013, p. 32) que afirmam que, na mídia, assim como no cotidiano, as classes populares são estereotipadas, excluídas e humilhadas:

A humilhação é dupla: por um lado, o indivíduo é silenciado, por outro, vê imposta uma descrição que não corresponde à visão que possui de si mesmo e que representa um desrespeito à sua. Isso pode ser constatado cotidianamente no Brasil pela maneira na qual os pobres são descritos pelos membros da classe média e pela própria mídia (por exemplo, quando o indivíduo pobre é chamado de ‘marginal’, de ‘preguiçoso’, de ‘vagabundo’ ou é acusado de ser culpado pela sua situação, sem poder em momento nenhum oferecer sua visão da pobreza).

Maia (2009) e Schnorr (2013) demonstram que os jovens de classe popular (amostra de suas pesquisas) consideram que o Jornal Nacional os mostra de maneira estigmatizada, pois consideram que o telejornal dá maior enfoque às questões de miserabilidade relacionada à pobreza, priorizando, assim, “o aspecto ruim de ter menos dinheiro” (SCHNORR, 2013, p. 212). Mesmo analisando a recepção de ficção televisiva, Ronsini (2004, p. 167-168) também descreve que os receptores identificam a noção do popular como negativa:

[...] como aquele caracterizado pela falta de, pela carência, reivindicam uma imagem melhorada de si na ficção televisiva. Esta atitude, para nós, expressa as demandas dos excluídos do mundo do consumo e, portanto, o anseio por igualdade social [...]. Os contrastes entre o mundo dos ricos e dos pobres nas telenovelas/telejornais e a comparação entre o universo da ficção e realidade gera uma amargura contida, que é resolvida individualmente na busca de melhores condições de vida e nas representações das pessoas humildes como detentoras de certos atributos que faltam aos mais favorecidos no plano econômico.

Tal imagem negativa da pobreza na televisão é chamada de “violência endêmica” por Leão Rego e Pinzani (2013), que afirmam que a mídia

[...] com forte influência nas classes médias, a reduz ao problema das questões de tráfico de droga, de guerra entre gangues e de microcriminalidade, deixando de lado a violência cotidiana e secular praticada na sociedade e suas instituições sobre os excluídos, os pobres, os negros, as mulheres, as crianças, assim como a realidade da superexploração do trabalho, dos baixos salários e assim por diante (p. 157).

Portanto, investigar como os receptores percebem o popular mostrado no telejornal, se, de fato, enxergam que a classe popular aparece de maneira negativa, é de extrema relevância para a pesquisa, pois o produto midiático Jornal Nacional poderá se confirmar essencial para a construção das representações dessa classe social.

4 O PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 A etnografia da audiência

Esta dissertação possui caráter qualitativo, em que a pesquisa empírica é indispensável para que se possam apreender os usos e as apropriações que os receptores fazem do telejornal. A intenção é investigar a relação dos informantes, agentes pertencentes à classe popular, com a mídia, levando em consideração o cotidiano dessas pessoas e como a mídia se insere neste.

É nesse sentido que traçamos o plano metodológico deste estudo, em que realizamos uma etnografia crítica da recepção proposta por Ronsini (2010, p. 2) e caracterizada como segue:

a) o conhecimento construído a partir da descrição do contexto espacial e temporal que determina a apropriação dos meios de comunicação, isto é, a apreensão do sentido possível que os atores sociais dão às práticas sociais e culturais produzidas na relação com os meios de comunicação tecnológicos; b) a etnografia é crítica porque visa revelar e compreender a reprodução social e não apenas a capacidade criativa das audiências em resistir à dominação.

As rotinas, as práticas culturais e os rituais de grupos sociais particulares (Jacks; Caparelli et. al. 2006, p. 167) são o ponto de partida para a etnografia da recepção de modo que possamos descrever e interpretar as relações entre mídia e receptores. As rotinas dos atores estudados, os rituais domésticos precisam ser apreendidos pelo pesquisador, e, principalmente, os sentidos que esses rituais têm para, nesse caso, a audiência, também devem ser percebidos. O importante é que o pesquisador saiba captar não apenas o conteúdo das mensagens que são vistas pelos receptores, mas também os esquemas que permeiam a leitura dessas mensagens, e como a rotina das pessoas se integra ao que está sendo mostrado pela mídia, nesse caso, pelo telejornal.

A etnografia é “*una concepción y práctica de conocimiento que busca comprender los fenómenos sociales desde la perspectiva de sus miembros (entendidos como ‘actores’, ‘agentes’, o ‘sujetos sociales’)*” (GUBER, 2001, p. 12). O contexto onde estão inseridos os agentes é essencial, e por isso, a etnografia se caracteriza pela presença do pesquisador no local da investigação como observador (OROZCO; GONZÁLEZ, 2011, p. 150).

O método etnográfico é um legado da Antropologia, e, nesta percepção, existe uma diferença entre ver e olhar, sendo esta da ordem “da visão mediada, distanciada, diferenciada, reavaliada, instrumentalizada [...] e, em todos os casos, retrabalhada pela escrita” (LAPLANTINE, 2004, p. 17). Tal percepção é muito mais da ordem do olhar do que da visão,

isto porque esse olhar não é um simples olhar, mas a capacidade de olhar bem, com atenção, o que presume uma aprendizagem, já que é preciso que saibamos reconhecer o que estamos olhando. Esse engajamento do observador em seu campo deve acontecer porque “não existe etnografia sem confiança mútua e sem intercâmbio” (LAPLANTINE, 2004, p. 24). Ou seja, devemos estar em campo dispostos a partilhar a realidade que estamos estudando, emergir neste campo, nos relacionarmos com os nossos interlocutores, fazendo parte dessa experiência como um todo, procurando sempre uma situação de interação.

Porém, a descrição etnográfica não consiste apenas em ver, mas em fazer ver, ou seja, em escrever o que vemos. E para escrever o que se vê no campo, é preciso ainda que a etnografia feita esteja também de acordo com a percepção de que o importante é a intersubjetividade e a descrição feita deve ser densa. Para o autor, através desta descrição,

O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados- é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas uma às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico, escrever seu diário. Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não como os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1989, p. 7).

Ainda devemos observar a nós mesmos e não apenas as reações dos outros em relação a nós, mas as nossas “próprias reações as reações dos outros” (LAPLANTINE, 2004, p. 27), e se isso for alcançado, pode contribuir muito com o nosso trabalho. A reflexividade acontece porque o investigador não só informa a realidade, mas também a constitui, pois “*describir una situación es, pues, construirla y definirla*” (GUBER, 2001, p. 45). A autora acrescenta que essa reflexividade marca a relação íntima entre a compreensão e a expressão do entendimento dessa compreensão, ela é uma propriedade de toda descrição da realidade. Portanto, para a autora, o investigador acaba se convertendo em instrumento de investigação e de produção de conhecimento da realidade que está estudando. Para que o investigador possa descrever e depois interpretar a vida social que estuda, incorporando a perspectiva dos membros dessa vida social, ou seja, de seus informantes, deve se submeter a um exercício contínuo de análise e até de vigilância perante as três reflexividades que estão sempre presentes no trabalho de campo, como pontua Guber (2001, p. 49):

- 1) *reflexividad del investigador em tanto que membro de uma sociedade o cultura;*
- 2) *la reflexividad del investigador em tanto que investigador, con su perspectiva teórica, sus interlocutores académicos, sus hábitos disciplinarios y su epistemocentrismo;*
- 3) *las reflexividades de la población en estudio.*

Assim, o etnógrafo deve atentar para o fato de que, além de estar observando, ele também está sendo observado pelo grupo o qual está estudando e ainda considerar que a sua presença poderá, de alguma maneira, alterar a rotina ou o desenvolvimento de algum ritual. Porém, “não há uma regra, nem um código rígido de comportamento. Depende da sensibilidade do pesquisador” (TRAVANCAS, 2006, p. 7-8). No entanto, Lull (1980, p. 199) afirma que é possível que, depois de um tempo relativamente curto, a “presença do investigador no habitat de seus informantes [...] não necessariamente perturba com severidade o comportamento natural da unidade familiar”.

A principal ferramenta de coleta de dados da etnografia é o diário de campo, que é utilizado também como ferramenta de coleta desta pesquisa. O diário é o local onde o pesquisador anota tudo que lhe parece pertinente com relação à sua vivência no campo. Orozco e González (2011) ressaltam que o diário é o local onde “*el investigador consigna minuciosamente cada detalle observado, para de este modo poder dar cuenta de los detalles importantes y los cambios de significados que va percibiendo, sin perder el hilo de los hechos*” (OROZCO; GONZÁLEZ, 2011, p. 151).

Em uma pesquisa empírica conduzida por Jacks e Capparelli et al. (2006), os apontamentos no diário de campo serviram para descrever as rotinas e rituais cotidianos, para “registrar impressões sobre as pessoas estudadas, documentar assuntos discutidos e refletir sobre as preocupações e incertezas, como também anotar sobre reações e opiniões sobre o que ocorria” (JACKS; CAPPARELLI et al, 2006, p. 50). Portanto o diário de campo serve não apenas para o pesquisador anotar suas impressões sobre o campo como também para registrar as opiniões, tanto do pesquisador quanto dos informantes, sobre os assuntos discutidos durante a observação etnográfica.

A entrevista também foi utilizada e, de acordo com Orozco e González (2011), é a técnica mais usual na investigação qualitativa e consiste em realizar uma série de perguntas aos entrevistados. Optamos por realizar uma combinação de entrevista semiaberta com fechada, que, conforme Duarte (2009), são descritas respectivamente:

a) semiaberta: tem um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse da pesquisa, conjuga a flexibilidade da questão não estruturada com um roteiro de controle, que exige poucas questões, mas amplas para serem discutidas em profundidade;

b) fechada: perguntas iguais para todos os entrevistados de modo que seja possível estabelecer uniformidades e comparação entre as respostas. “Pode ser empregado como item complementar de uma entrevista semi-estruturada” (Ibidem, p. 67).

A escolha de utilizar as entrevistas juntamente com a etnografia se deu ainda porque, conforme Flick (2009), as entrevistas integradas à etnografia fornecem informações adicionais que podem ser pertinentes à pesquisa. Por isso, decidimos por aplicar um instrumento de entrevista com os informantes sobre aspectos e percepções destes sobre o telejornal *Jornal Nacional*. A escolha desse instrumento contempla as questões propostas como objetivo do trabalho e aquelas que foram surgindo na decorrência da pesquisa de campo.

A amostra dessa etnografia é composta por três famílias de classe popular, seguindo os critérios de Quadros e Antunes (2001), residentes da Vila Renascença, na região Oeste de Santa Maria. Os informantes possuem idades, estado civil e profissões variadas. Quanto à composição da amostra, a pesquisadora já conhecia um informante de uma das famílias e este a apresentou às outras duas famílias vizinhas componentes da amostra.

As formas de expressão verbal usadas pelos informantes foram mantidas e por isso estarão transcritas ao longo do texto em seu estado literal. Estas aparecerão entre aspas e em itálico quando forem menores que três linhas ou apenas em itálico quando forem superiores a três linhas.

Foram assistidas com as famílias cerca de 50 edições do *Jornal Nacional*, de maio a junho de 2013 (tempo em que foi realizada a pesquisa exploratória) e de outubro de 2013 a janeiro de 2014. A escolha dos dias da assistência aconteceu de acordo com a disponibilidade dos informantes. Mas ocorriam, em sua maioria, duas vezes na semana, em sistema de rodízio, em cada casa (na primeira semana, o telejornal era assistido com a família número 1, na segunda semana, com a número 2, na terceira semana, com a número 3 e, assim, sucessivamente), sendo assim, em cada semana eram feitas duas visitas à mesma família. As edições assistidas com as famílias não foram analisadas através de nenhum método que examine o material textual, como a análise de conteúdo, por exemplo, devido ao montante de edições assistidas ao longo da pesquisa. Por isso, optamos por fazer uma observação das edições com uma etnografia dos temas e das notícias tratadas pelo telejornal nos dias da assistência com as famílias.

Para falar do que foi ao ar no telejornal, utilizaremos, ao longo do texto, os vocábulos notícias, reportagens e matérias como sinônimos sem a preocupação de maior precisão e especificação sobre a característica e classificação dessas construções jornalísticas, pois o nosso objetivo não é analisar o texto, a produção destas, mas o conteúdo principal e sua recepção pelas famílias informantes.

Ao longo do texto, os termos Jornal Nacional e a sigla JN serão utilizados como sinônimos.

Além das assistências do telejornal com as famílias, outras visitas, fora do horário do JN e até o mês de março de 2014, foram feitas nas casas das três famílias para que fosse possível realizar as entrevistas e também para complementar a observação da experiência e do cotidiano dos informantes. Essa prática, de ida a campo em outros momentos que não aqueles com regularidade, justifica-se porque a etnografia não exige uma sistematicidade se comparada com outros métodos de pesquisa.

4.2 O perfil dos informantes⁸

Apresentamos, nas próximas páginas, os diagramas com o esquema de parentesco entre os membros das três famílias componentes da amostra (Figuras 2, 3 e 4). Nos diagramas estão os nomes, as profissões, as idades e as escolaridades dos informantes. Os quadros que não contêm todas essas informações referem-se a crianças ou então a informantes secundários.

⁸ Todos os nomes dos informantes são fictícios para preservar suas identidades.

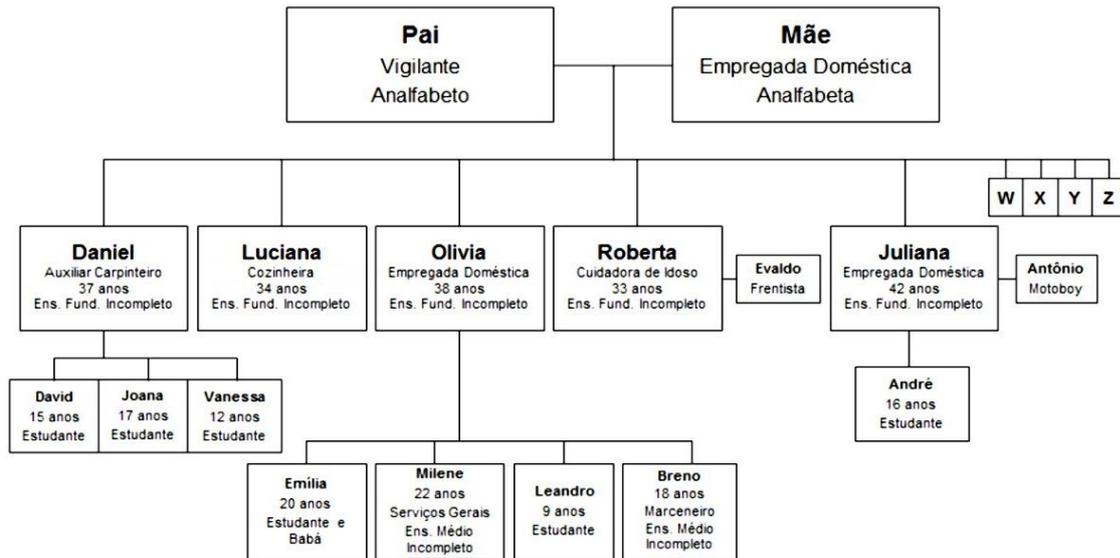


Figura 2 - Diagrama da Família 1.

O pai dos irmãos mora na Vila Renascença, mas em outra rua, ele e a mãe se separaram há muitos anos, ele era alcohólatra e agredia a mãe quando eram casados. A mãe faleceu em 2011 de uma doença no cérebro. A família se autodeclara da raça/etnia negra. Olivia (38) e Juliana (42) costumam assistir ao Jornal Nacional na casa dos irmãos Daniel (37), Luciana (34) e Roberta (33), porém moram em duas casas separadas que foram construídas no mesmo terreno da casa “principal”. Esta casa se tornou local de reunião da família, provavelmente, porque era lá que a mãe dos irmãos morava até o seu falecimento. Emilia (20), filha de Olivia (38), dorme na casa dos tios, a casa “principal”. Os irmãos da jovem, Miriam e Breno, não moram na Vila, mas Miriam foi encontrada na casa da mãe inúmeras vezes, e Breno (18) não foi encontrado nenhuma vez no local. Emilia (20), Miriam (22), Breno (18) e Leandro (9) são filhos de Olivia (38), frutos de quatro relacionamentos. Dos três filhos de Daniel (37), apenas David (15) mora com a mãe na mesma Vila do pai. As outras duas filhas moram com a mãe na Vila Urlândia, próxima à Renascença. Daniel (37), Olivia (38), Juliana (42), Roberta (33) e Luciana (34) têm mais quatro irmãos: uma irmã, que mora em Santa Cruz do Sul, outra, que mora na Vila Urlândia, um irmão, que mora na Vila Maringá, e uma outra irmã, que também mora na Renascença. Quanto à religião, a família é espírita, e Luciana (34) e Juliana (42) frequentam o Centro Espírita com assiduidade.

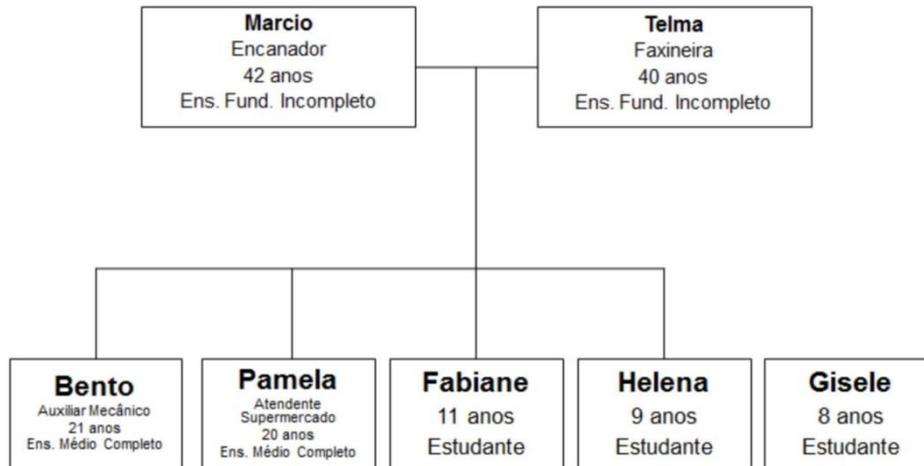


Figura 3 - Diagrama da Família 2.

Os membros da Família 2 se autodeclararam brancos. A filha Pamela (20) é casada, sem filhos, e mora na Cohab de Camobi com o marido. Pamela (20) vai à casa dos pais apenas nos finais de semana, já que trabalha até as 21 horas no bairro em que mora. Gisele (8) é chamada pelo casal de “filha postiça”, porque está passando apenas uma temporada na casa da família. Ela é filha de um sobrinho de Telma (40) que é usuário de drogas, e, segundo o casal, “a menina estava desnutrida, anêmica e triste”. Por isso, Telma (40) e Marcio (42) resolveram “adotar” Gisele (8). A mãe da menina deixou a filha com o pai porque mora em uma casa de prostituição de mulheres. Quanto à religião, a família se intitula católica não praticante, mas Marcio (42) conta que a família já tentou frequentar igrejas evangélicas fora da vila, mas que não gostou da conduta dessas igrejas quando pediram dinheiro à família. Segundo ele, o pastor pediu, no mínimo, R\$ 100,00 para os fiéis, o que, para ele, era muito dinheiro: “[...] alguns deram e eu não, imagina, eu sou pobre, 100 reais faz diferença na minha casa, ora se iria dar para igreja”. Apesar de não frequentarem nenhuma igreja, algumas vezes, as filhas do casal frequentam as reuniões do Centro Espírita da Vila.

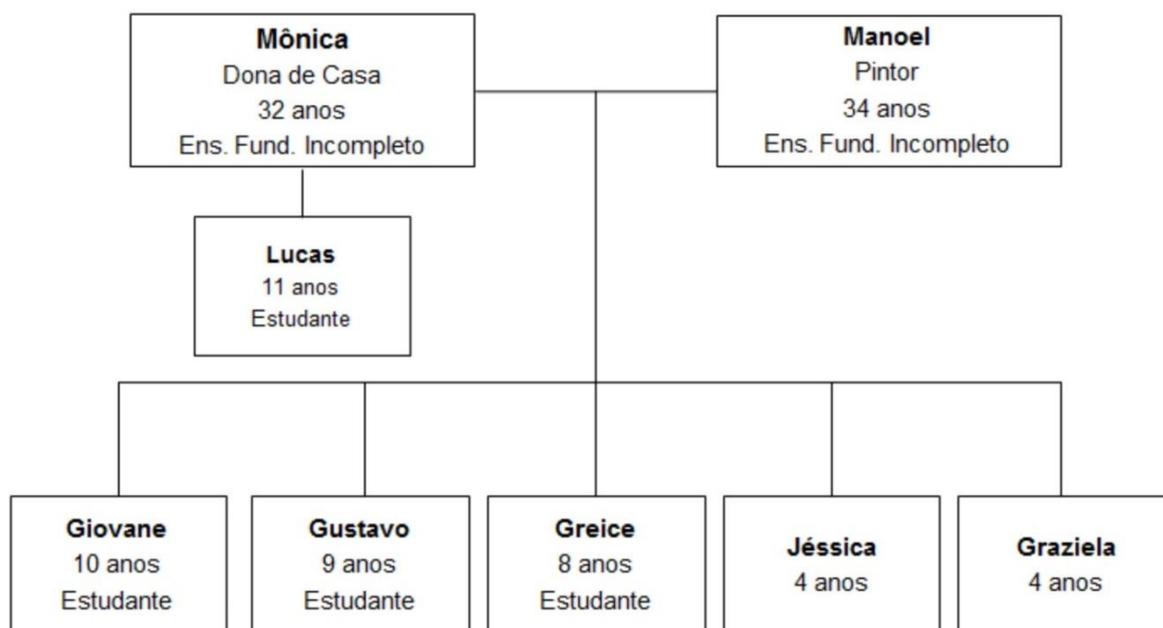


Figura 4 - Diagrama da Família 3.

A mãe da Família 3 se autodeclara branca, e o pai, pardo. A mãe declara que um dos filhos é branco e os outros declara que são pardos. Como já mostrado no diagrama da família, Mônica (32) tem seis filhos que ainda são crianças, e o marido passa a semana trabalhando fora da cidade, portanto a observação etnográfica, em sua maioria, foi realizada apenas com Mônica (32) e os filhos, além, é claro, dos dias em que o marido Manoel (34) estava em casa ou aqueles dias em que estavam também a mãe ou irmãos da informante. O filho mais velho de Mônica (32) é de um primeiro relacionamento, todos os outros são do mesmo casamento com o marido atual. Este primogênito mora com a avó, mãe da informante, e o que me chamou a atenção é que o menino só se dirige à mãe pelo nome e não a chama de mãe como fazem os outros irmãos. A família é católica, mas algumas vezes Mônica (32) frequenta as reuniões do Centro Espírita.

4.3. Os apontamentos do diário de campo

Acredito que seja pertinente ressaltar que, para que eu pudesse observar e apreender a experiência e o cotidiano das três famílias e, assim, os usos e as apropriações do telejornal, foi necessário que eu fosse aceita por elas. Não se trata de uma aceitação preliminar que tive desde o momento em que todos se dispuseram a abrir as portas de suas casas para que eu pudesse realizar a pesquisa, mas, sim, do momento em que de fato, começaram a agir da

maneira mais natural possível com a presença da pesquisadora durante todas aquelas noites. Seria, é claro, ingenuidade pensar que a minha estada não iria alterar de alguma forma o comportamento dos informantes. Porém, ao longo dos dias e das visitas, fui percebendo que estávamos cada vez mais próximos, cumprindo então com um dos propósitos da etnografia, referido por Laplantine (2004), que é o de confiança mútua e de intercâmbio.

Reitero que sempre fui muito bem acolhida pelos meus informantes, mas o que quero ressaltar aqui são os momentos em que me senti de fato, aceita por eles. Na Família 1, destaco duas situações: a primeira ocorreu no início das visitas, ainda na pesquisa exploratória, quando comecei a compartilhar do ritual dos informantes, de tomar com eles o chimarrão, assistindo ao JN. A segunda situação que confirmou a minha aceitação ocorreu quando eles começaram a me convidar para as festas da família, em outros dias que não aqueles em que assistíamos ao telejornal, como no caso do aniversário de Leandro (9) e do Chá de Bebê de Luciana (34). Além do fato de que, quando a televisão da casa ficava na cozinha, uns sentavam nos bancos e outros nas cadeiras de praia, mas quase sempre deixavam a melhor cadeira, a de praia com almofada, para eu sentar.

Na Família 2, notei que fui aceita de fato, no momento em que o filho do casal, Bento (21), começou a conversar com os pais normalmente, mesmo com a minha presença e até sentar-se no sofá com a família. Antes, o rapaz evitava a minha presença, retirando-se da sala quando eu chegava, ia logo para seu quarto e fechava a porta, ou então, se estava jantando, fazia isso escondido na cozinha. Quase não falava nem comigo e nem com os pais, apenas o necessário e com a cabeça baixa. Mas, ao longo das visitas, começou a sentir-se mais à vontade com a minha presença na casa. Isso aconteceu do meio para o fim da pesquisa de campo.

Com a Família 3, percebi que fui aceita quando Mônica (34) começou e me contar das intimidades com o marido, principalmente sobre os problemas do casal, o ciúme do marido e as brigas entre eles.

4.4 A pesquisa exploratória: uma aproximação com o campo

Para nos aproximarmos das famílias que foram selecionadas para compor a amostra, realizamos uma pesquisa exploratória onde pudemos observar famílias de classe popular no momento de assistência do Jornal Nacional. O estudo foi realizado em maio e junho de 2013, com a Família 1 e com a Família 2, residentes na Rua da Alegria, na Vila Renascença, na

região Oeste de Santa Maria. A escolha por essas duas famílias aconteceu porque as conheci antes da Família 3, que foi incorporada ao estudo em um segundo momento, apenas na pesquisa de campo. Na pesquisa exploratória, foram assistidas dezesseis edições do Jornal Nacional, aleatórias e escolhidas de acordo com a disponibilidade dos informantes. Assistimos na casa delas, dentro do contexto em que as famílias estão acostumadas em seu cotidiano. Na casa da Família 1, foram assistidas nove edições do Jornal Nacional enquanto, na casa da Família 2, foram assistidas sete edições.

Com base na análise prévia desta pesquisa exploratória, foram estabelecidas as categorias teóricas que serão estudadas nesta pesquisa e já citadas anteriormente. Ou seja, os usos e as apropriações do telejornal serão investigados a partir das mediações ritualidade e sociabilidade (através de subcategorias como família, trabalho e bairro). Além, é claro, da mediação de classe que permeia a produção de sentido dos telespectadores acerca das representações de classe veiculadas pelo Jornal Nacional.

A partir da assistência do telejornal com as famílias, descrevo quais assuntos das notícias chamam mais a atenção dos informantes em função de serem as mais comentadas por eles. Além disso, ressalto outros temas que não foram levantados pelo JN, mas que serviram de pauta para as conversas dos informantes nos dias de pesquisa exploratória.

Início pela assistência com a Família 1. Nos nove dias observados na casa, ou seja, nove edições do telejornal, apareceram diversos temas, tanto aqueles comentados pela família de acordo com as notícias apresentadas pelo Jornal Nacional quanto outros falados por eles sem que tenham sido colocados ou propostos nas notícias. Durante esses dias, foram exibidas cento e cinquenta e quatro notícias, sendo que alguns assuntos suscitaram comentários dos informantes com maior recorrência. Segue o Quadro 1 com os assuntos mais comentados pela família.

Já na casa da Família 2, foram assistidas sete edições do JN e percebi que alguns temas, assim como na casa da Família 1, apareceram com maior recorrência. E alguns são a maioria, mesmo que com diferentes números, nas duas casas. Durante esses dias, foram exibidas cento e quatorze notícias. Segue o Quadro 2 com os assuntos mais comentados pelos integrantes da família.

Classe apareceu também mais uma vez nesse dia 23/05, após o JN, na casa da Família 1 enquanto comentavam da minha primeira ida à casa dos vizinhos da Família 2. Assim como o que aconteceu com a questão raça, que apareceu uma vez na casa da Família 1 enquanto conversava com um conhecido. Isso também se repetiu no mesmo dia, na Família 1, quanto

apareceu uma questão sobre as relações de gênero, no momento em que falavam da mãe da sobrinha de Marcio (42) e Telma (40) que mora com eles. Além disso, uma questão de classe apareceu mais uma vez no dia 24/05, mas após o JN, na saída da casa da Família 2 e foi falada por Olivia (38), da Família 1.

Outros apontamentos gerais foram observados e devem ser levados em consideração com relação ao contexto de vida das famílias informantes. As duas famílias, tanto a 1 quanto a 2, não concordam com a homossexualidade e com o aborto. Outra questão sobre as relações de gênero, bem acentuada nas duas famílias, é que os homens não desempenham funções domésticas. Na casa da Família 1, Daniel (37) e o cunhado não fazem nada. Dois exemplos disso são que uma das irmãs de Daniel (37) prepara todas as noites uma marmita para o irmão levar ao trabalho, ela deixa tudo pronto e arrumado, ele apenas pega e a leva. O outro exemplo é que, um dia, a outra irmã, Luciana (34), contou que estava chovendo, ela correndo para recolher roupa e o irmão estava falando ao telefone com uma moça: *“Sabe que ontem eu ali recolhendo a roupa por causa da chuva e ele nem para me ajudar... o bonito... ficou aqui se derretendo, cantando umas músicas melosas...”* Na casa da Família 2, acontece o mesmo, pois, enquanto o marido está sentado assistindo à televisão, a esposa fica fazendo comida, servindo a todos e depois limpando e arrumando tudo. Além disso, em quase todas as visitas foi ela quem serviu o marido e entregou o prato, o café, a bebida, enfim, ela que entregava as coisas, literalmente, nas mãos do marido Marcio (42). Um dia ele até falou do marido de uma vizinha que não fazia nada em casa, e isto aconteceu com um ar de reprovação, porém, ele também não realiza as tarefas domésticas.

Temas	07/05		08/05		09/05		14/05		16/05		18/05		20/05		21/05		29/05		T
	Telej.	Espont.																	
Gênero	3		1	2	2	3	3	1	2		3	1	2		1	2	1	3	27
Violência	7		3		2		1		1		3		2		1		1	1	23
Classe	1	2	2	2					1		3		3		1		1	1	17
Religião	2	2	1			1			1					4			1		12
Saúde			1	1	2		2				1		1		1			2	11
Raça		2						1		1	1				1			3	9
Esporte				1	1		2		1		3		1						9
Drogas	1				1		1				1		1		3				8
Trabalho	1	1				2					2							1	7
Acidente									1		1		2						4
Cat. Natural					1										2				3
Educação							1		1						1				3
Política										2									2
Diversão																		1	1
Morte															1				1

Quadro 1 - Assuntos mais comentados pelos informantes da Família 1.

O número de comentários foi contabilizado de acordo com o número de vezes destes no momento de assistência do telejornal (telej.) e, espontaneamente (espont.), durante as visitas da pesquisadora às famílias.

Temas	23/05		24/05		28/05		03/06		04/06		05/06		06/06		T
	Telej.	Espont.													
Classe		2	3	1	1	2	1	1	8	1	4	1			31
Violência	1		2	2	4		7		5		5		5		31
Gênero	1	1		2	1	1	1	1	3		2		2	1	16
Política	4					1	2	2	2		2		3		14
Esporte	2						2	3	3		2				10
Saúde				1	4	1						1			7
Drogas	2		1	2	1										6
Trabalho					1		1		2		1		1		6
Religião		2		1							2				5
Educação	2									1			1	1	5
Raça	1										1		1		4
Acidente	1												1		2
Morte											1		1		2
Cat. Natural							1								1
Cultura											1				1
Natureza													1		1

Quadro 2 - Assuntos mais comentados pelos informantes da Família 2.

O número de comentários foi contabilizado de acordo com o número de vezes destes no momento de assistência do telejornal (telej.) e, espontaneamente (espont.), durante as visitas da pesquisadora às famílias.

Sobre os hábitos domésticos, nas duas famílias os integrantes não costumam sentar juntos para fazerem as refeições. Cada um ou um pequeno grupo come juntos e os outros em diferentes horários ou até mesmo na mesma hora, mas em locais da casa diferentes. Alguns sentam à mesa, outros se alimentam no sofá ou no quarto. Eles também não servem os alimentos em pratos de servir, pegam as comidas direto das panelas que ficam ou no fogão ou direto em cima da mesa. Não foi observado uso de bebidas alcólicas nas duas famílias. Nelas, os integrantes bebem pouco e, na casa da Família 1, mais no final de semana ou véspera de feriados e, na casa da Família 2, foi percebido apenas Marcio (42) tomando uma taça de vinho durante o Jornal Nacional.

Outro ponto percebido em ambas as famílias é que todos os integrantes prezam muito seus trabalhos, sendo esses conformadores para a vida dos informantes. Muitos deles, como Daniel (37), Marcio (42), Telma (40), Roberta (33) e Olivia (38), trabalham cada turno em um lugar. Daniel (37) trabalha durante o dia como auxiliar de carpinteiro, e à tardinha e finais de semana, como serviços gerais; Olivia (38) trabalha de doméstica em uma casa e, em determinados dias, sai mais cedo e faz faxinas durante a tarde. Ela é beneficiária do Programa Bolsa Família. Roberta (33) cuida de um idoso à noite e durante algumas tardes também faz faxina. Marcio (42) é encanador e Telma (40), faxineira, mas, nos finais de semana e vésperas de feriado, fazem algodão doce para vender no centro da cidade e complementar a renda da família. O filho Bento (21) também ajuda os pais na venda do doce.

Na Família 2, os filhos tratam os pais formalmente, chamando-os de “senhor” e “senhora”, o que evidencia a noção de respeito aos mais velhos. Na Família 1, acontece o mesmo, não só com relação aos pais, mas também aos tios. Na Família 2, o pai chama atenção dos filhos seguidamente, principalmente quando estes estão falando mais alto que os pais ou então escutando música perto da tevê.

Com base no encontrado na pesquisa de campo exploratória com as duas famílias, é possível constatar que certas questões foram mais exploradas e comentadas pelos informantes. Este fato nos levou a estabelecer as categorias que são analisadas para estudar e problematizar a recepção do telejornal no que diz respeito aos usos e às apropriações que as famílias de classe popular estudadas fazem do programa.

De acordo com a observação exploratória, os elementos analisados são a classe como categoria e mediação chave, já que os informantes pertencem à classe popular e comentam bastante sobre as questões que envolvem a classe da qual fazem parte. Isso acontece não apenas quando assistem a alguma notícia do JN, mas também quando estão conversando

sobre assuntos do seu dia a dia. A classe social será estudada aliada à raça, já que, para a Família 1, esta aparece inúmeras vezes e de forma contundente. Dentro da mediação sociabilidade, elencamos a subcategoria trabalho, visto que os informantes das duas famílias comentaram questões relacionadas a este tema e também porque entendo que o trabalho é de extrema relevância para ambas as famílias. Ele conforma todo o cotidiano dos pesquisados, todos trabalham durante todo o dia e alguns fazem jornada dupla, têm “bicos” para complementar a renda familiar. As questões sobre as relações de gênero são investigadas dentro da subcategoria família da mediação sociabilidade.

As temáticas relacionadas à violência, muito comentadas pelas famílias, são estudadas também em uma subcategoria da sociabilidade, que é o bairro. Isso porque ficou claro que as relações entre os vizinhos e o contexto do bairro são importantes como parte do cotidiano e da rotina dos informantes. Ainda segundo os próprios informantes, alguns vizinhos são “traficantes”, outros “usuários de drogas”, ainda contam que, na Vila, também moram “ladrões” e “assaltantes”. No Diário de Santa Maria dos dias 16 e 17 de novembro de 2013, em uma reportagem sobre a violência na cidade, foram elencados pelos moradores, prestadores de serviço e Brigada Militar, os dez locais considerados “mais críticos” e “perigosos” da cidade. A Vila Renascença apareceu em 6º lugar com alguns pontos, não foram especificados quais, como perigosos. Contudo, as duas famílias afirmam que a Vila é um lugar tranquilo de se viver. Durante os dias visitados, não presenciei nenhum fato que confrontasse essa tranquilidade dita pelos informantes.

Portanto, foram estabelecidas as categorias que são estudadas nesta pesquisa: os usos e as apropriações do telejornal a partir das mediações ritualidade, sociabilidade (através de subcategorias como família, trabalho e bairro). Além da mediação de classe social, que deve permear todas as categorias escolhidas ao longo da produção de sentido dos telespectadores a partir do telejornal. Essas categorias foram eleitas por serem as mais comentadas pelos informantes durante a pesquisa exploratória e também porque o recorte teórico destas mediações se confirmou em campo.

5 A ANÁLISE DOS USOS E DAS APROPRIAÇÕES DO JN

5.1. A Vila Renascença

A Vila Renascença está situada na Região Oeste de Santa Maria e conforme a Prefeitura Municipal é considerada pequena, já que faz parte do bairro Renascença e este tem uma proporção maior de lotes ainda não construídos. De acordo com o órgão público, a Vila possui 1.791 habitantes e existe desde 1982 quando foi ocupada de forma irregular pelos moradores. Em 1985, a Prefeitura demarcou e delimitou estes terrenos ocupados, mas o local ainda não foi regularizado, o que, segundo o engenheiro civil do Instituto de Planejamento de Santa Maria, deve acontecer nos próximos anos por causa da demanda de regularização de outros bairros maiores da cidade. Em 2005, através do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento do Governo Federal), foi implantada a rede de esgoto, foram asfaltadas as ruas e realizadas melhorias de drenagem pluvial.

Agora faço aqui uma descrição da Vila⁹ baseada na técnica de observação participante, feita durante a pesquisa realizada de maio de 2013 a março de 2014. Localizada próximo ao bairro Patronato e à canalização do Arroio Cadena, tem acesso principal pela Rua Irmã Dulce, esquina com a BR- 392. As cinco ruas são asfaltadas, mas uma é sem saída, e são nomeadas por Rua da Felicidade, Rua da Alegria, Rua da Amizade e Rua da Esperança. Esses nomes remetem a possíveis anseios, mesmo que inconscientes, dos moradores. Estes nomes foram sugeridos pela comunidade em conjunto com o bispo da cidade pouco depois da demarcação dos limites da Vila. Entre as casas que, em sua maioria, são pequenas e medianas, de um só andar e alternam-se entre madeira e alvenaria, existem inúmeros acessos às áreas ainda não construídas, de terrenos baldios tomados por vegetação (Figuras 5 - 10).

⁹ Segundo o Novo Dicionário Folha/Aurélio (1995, p. 671), vila é uma “povoação de categoria superior à de aldeia ou arraial e inferior à cidade”. Porém, apesar do Renascença ser um bairro de Santa Maria, seus moradores sempre se referem ao local pela denominação de Vila. Neste texto, serão utilizados tanto os vocábulos bairro quanto vila.

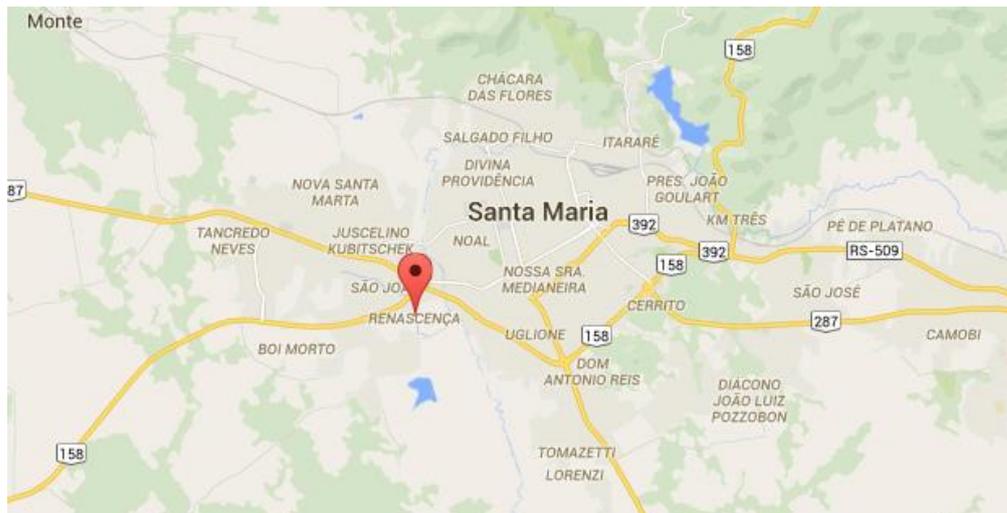


Figura 5 - Mapa de localização da Vila Renasença.

Fonte: <https://www.google.com.br/maps/place/Renascen%C3%A7a,+Santa+Maria+-+RS/@29.7064816,53.8415201,12z/data=!4m2!3m1!1s0x9503cce96d6e46df:0x408e17da309e928c>.

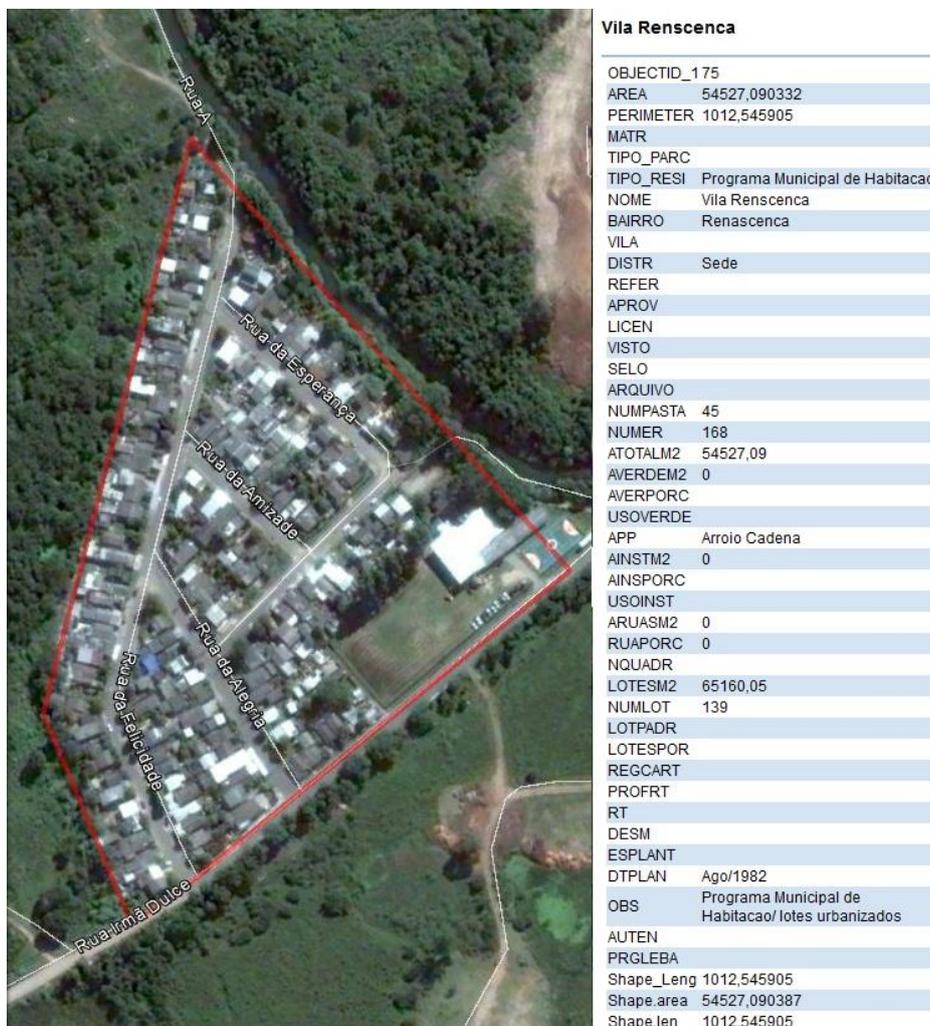


Figura 6 - Imagem de satélite da Vila Renasença.

Fonte: Instituto de Planejamento de Santa Maria/Prefeitura Municipal de Santa Maria.



Figura 7 - Foto da rua de acesso à Vila Renascença.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Figura 8 - Foto da rua Alegria, Vila Renascença.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Figura 9 - Foto da rua Felicidade, Vila Renascença.

Fonte: Arquivo Pessoal.



Figura 10 - Foto da esquina entre as ruas Alegria e Esperança, Vila Renascença.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Quanto à presença de instituições, a única escola está localizada logo na entrada da Renascença, é de Ensino Fundamental, filantrópica, mantida pela Sociedade Vicente Pallotti e tem o nome de Escola de Ensino Fundamental Vicente Pallotti. Os alunos da Vila recebem bolsa para estudar na escola, desde que não reprovem de ano, além disso, o local oferece um projeto social no turno oposto ao das aulas. A maioria dos jovens que cursam o Ensino Médio

frequenta a Escola Estadual Humberto de Alencar Castelo Branco, no Boi Morto, bairro vizinho à Renascença.

A Vila não tem nenhuma igreja, apenas um Centro Espírita de pequeno porte, que é frequentado por inúmeros moradores. Espíritas de outros centros costumam realizar palestras no Centro da Renascença. Não só os adultos, mas também as crianças frequentam as reuniões, que acontecem nas terças-feiras. Aos finais de semana os integrantes do Centro (tanto moradores quanto pessoas de fora da vila) servem sopa para as crianças da vila.

A Renascença tem uma associação de moradores, mas ela não tem uma sede. As reuniões, que são poucas e não são regulares, acontecem ou na casa do presidente ou na casa dos vizinhos. Elas acontecem apenas quando há uma demanda específica. Não são todos os moradores que participam dos encontros da associação, porém, quando existe algum abaixo-assinado, como, por exemplo, quando os moradores pediram o asfaltamento das duas ruas principais da Vila, a maioria participa com suas assinaturas.

A única mercearia da Vila também fica na entrada, próxima à escola “dos pallottinos”. O bar está mais adiante, fica mais ao meio do bairro e nunca está vazio. São poucos e em horários escassos os ônibus que passam nas ruas da localidade, a maioria deles chega até uma parte da BR, ou então, muitas vezes, as pessoas precisam descer no ponto localizado no bairro vizinho, o Patronato.

Com relação ao tempo de residência no bairro, segundo os próprios informantes, eles e a maioria das famílias vizinhas fazem parte da segunda geração de moradores do local. As casas da Vila são geralmente próprias, são poucos os que pagam aluguel para morar na Renascença. Porém, segundo os próprios moradores, os terrenos até hoje não foram regularizados pela prefeitura, são todos “invasão” de uma área que pertencia ao bairro Patronato. Todos os habitantes são de classe popular, conforme a classificação de Quadros e Antunes (2001). A maioria das profissões exige trabalho braçal, tanto dos homens quanto das mulheres, sendo esses pedreiros, serventes de pedreiro, auxiliares da construção civil, encanadores, eletricitas, porteiros, garçons, operadores de máquinas, mecânicos, pintores, marceneiros, carpinteiros, motoboys, funcionários do setor de limpeza pública, empregadas domésticas, faxineiros, auxiliares de limpeza e serviços gerais, babás, cuidadoras de idosos, cozinheiros, balconistas e caixas, etc.

Os homens e as mulheres da Vila que trabalham, costumam sair cedo e voltar no final da tarde ou início da noite. No verão, antes de anoitecer, muitas mulheres costumam sentar em frente às casas enquanto os filhos brincam na rua, jogando bola e brincando de “pega-

pega”. Enquanto isso, os jovens andam de um lado para o outro de braços dados, ou então se reúnem todos em volta de um único *notebook*. A principal atração do aparelho é a rede social *Facebook* e as músicas, normalmente *funk* e *rap*, que são escutadas em volume alto no meio da rua. Algumas mulheres não deixam as crianças brincarem nas ruas por acharem “perigoso”, mesmo que não haja muito movimento de carros e motos nas ruas. Como a Vila é pequena, todos se conhecem e costumam tratarem-se mutuamente por “vizinha” e “vizinho”. O hábito de pedir algo, como algum mantimento, ou dinheiro emprestado é comum entre muitos moradores, expressando assim a solidariedade da classe trabalhadora. Um aspecto negativo das relações sociais é a “fofoca”, os comentários sobre “a vida do vizinho”, sejam esses comentários brandos ou sobre a intimidade dos vizinhos: “*O filho do fulano...aquele bem putinho?*”

Ainda quanto ao lazer, nos finais de semana, os moradores, principalmente os jovens, costumam realizar pequenas reuniões, festas em garagens das casas da Vila. Eles mesmos colocam as músicas (especialmente sertanejo universitário, *funk* e *rap*) e se organizam para compra de bebidas. É mais comum que os maduros frequentem os “bailes” que acontecem nos bairros vizinhos, porém preferem frequentar as festas da Vila, porque, segundo relato deles, todos se conhecem e é mais difícil de “dar problema” (brigas).

Quanto a estas brigas, a relação dos moradores da Renascença com os moradores de outros bairros e Vilas vizinhas alternam-se entre cordialidade, no caso da Vila Urlândia, e descortesia, no caso da Vila Lídia. Isso porque, em diferentes momentos, os informantes da Renascença se referem à vizinhança como “o pessoal lá de cima”, o “em cima”, fazendo referência ao lado oposto ao da faixa, da BR -392, que dá acesso à Vila. Outras vezes fazem menção ao “pessoal da Urlândia” (moradores da Vila Urlândia) ou aos “lidianos”, (moradores da Vila Lídia), principalmente quando estão se referindo aos níveis de violência local.

Quando acontecem brigas entre os moradores da Renascença, muitos se envolvem, e, quando estas são no meio da rua, uns tentam apaziguar ou mesmo entram no confronto e outros ficam apenas olhando das janelas ou das portas de suas casas. Os motivos são variados, e a mais séria que presenciei foi de um tio, usuário de crack, que furtou o notebook da sobrinha. O pai da moça (cunhado do usuário) chegou do trabalho e, quando soube do ocorrido, foi “tirar satisfação”, ocasionando uma briga violenta que envolveu inúmeros moradores e que só terminou após a intervenção dos vizinhos com paus arrancados das árvores. As brigas protagonizadas por usuários de crack também costumam acontecer dentro do espaço doméstico. No geral, a convivência entre os moradores da Vila é tranquila e existe

um sentimento de cooperação, principalmente entre aqueles que têm maior proximidade em função do parentesco ou da amizade.

Algumas mulheres costumam andar de noite pela Vila de pijama ou chambre, principalmente quando vão rapidamente “na casa da vizinha”. Assim como Leal (1986) já ressaltou, “as mulheres sempre parecem mais velhas do que realmente são (e isto é muito mais evidente nas mulheres que nos homens), são obesas, os rostos precocemente enrugados [...]” (LEAL, 1986, p. 32). Elas falam alto, gesticulam e algumas vezes usam palavrões, não se intimidam em gritar com os vizinhos quando necessário: “*Ah bagaceiro, tomara que caia logo!*” (Olivia, 38, gritando com um vizinho que passou correndo de motocicleta pela rua).

5.1.1 A casa das famílias das ruas Alegria e Felicidade

Faço agora uma descrição da casa das famílias informantes apresentadas nos diagramas, tentando mostrar o que observei acerca da assistência do telejornal Jornal Nacional.

A primeira casa é a da Família 1 (Figuras 11 e 12). A entrada é pelos fundos, e, do portão, sigo por um corredor no pátio que logo dá acesso à porta da cozinha da casa, que está, na maioria das vezes, aberta. A cozinha foi observada direta e detalhadamente porque foi o cômodo da casa a que mais tive acesso, além de ser o mais utilizado pelos informantes. Não tive acesso aos três quartos dos integrantes da família. O aparelho de televisão, pequeno e antigo que a maioria assiste, juntos, fica na cozinha, ao lado de uma grande geladeira de inox. Em cima dessa geladeira, há um vaso de flores com espada de São Jorge e pimenta. No balcão onde fica a TV, que é antigo, ficam objetos variados, tais como outras inúmeras coisas, como um relógio, fotos de parentes e vizinhos, papéis e contas. Ainda nessa cozinha, há, outra geladeira pequena, uma mesa com quatro bancos, e ainda um fogão, uma pia com armário e outro armário do outro lado. Além disso, cadeiras de praia ficam fechadas e escoradas para, se for preciso, serem usadas.

O banheiro fica nesse local também. Há uma sala, pequena, na frente da casa, mas nesta sala dorme Daniel (37), em um sofá-cama. Só tive acesso ao local porque, em um dia que estava chovendo, eles me levaram até a porta por esta sala para que não me molhasse se fosse pelo lado de fora. Todo o chão da casa, fora o banheiro, é composto por piso lajota da cor bege. No quarto do casal (Roberta, 33 e Evaldo), há outro aparelho de tevê, mas esta informação obtive através de uma conversa informal com os membros da família.



Figura 11 - Foto da casa da Família 1.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Figura 12 - Foto da parte interna da casa da Família 1.
Fonte: Arquivo Pessoal.

A Família 2 mora na mesma rua da Família 1 (Figuras 13 e 14), a Rua Alegria, apenas poucas residências à frente, e a porta da casa, assim como na Família 1, costuma estar aberta. A entrada dá para uma sala, pequena, que, juntamente com a cozinha, foram os cômodos da casa a que tive mais acesso. Na sala ficam duas motos (na garagem em frente a esta porta há

um carro, antigo, um Gol), uma mesa redonda de jantar com o aparelho de televisão em cima (a televisão é mediana, de tubo, mas com a tela plana, diferente da Família 1, que é dos modelos antigos, arredondada). Ao lado existem várias plantas. Na sala ainda há dois sofás bem antigos e uma mesa de centro com um arranjo de flores artificiais (rosas). As paredes da casa são de tijolo, sem revestimento, e com os fios pendurados e aparecendo. Em uma delas há um quadro do casal vestidos de noivos e, em outra, um cartaz dos filhos, com fotos, dando parabéns pelo dia das mães. O chão é de cimento. Nessa parte da frente da casa, há dois quartos, não tive acesso a esses cômodos, mas da sala, pude verificar um deles sem cama, mas com um roupeiro, e o outro é o quarto de Bento (21), onde está outro aparelho de tevê que, conforme os membros da família, antes ficava no quarto dos pais.

Em frente a esta sala fica a cozinha, de tamanho mediano, onde há um fogão a gás, outro a lenha, um armário pequeno, duas mesas pequenas e separadas, uma geladeira e um freezer (horizontal). Na parede há um quadro, na verdade um cartaz de Maria com uma oração. Ao lado dela fica o banheiro da casa. Esta parte da frente da casa é um “puxadinho”, a outra parte é separada desta por um pequeno pátio, coberto apenas no teto, onde ficam os outros quartos, mas não tive acesso a esses cômodos e tampouco a informação de quantos quartos são.



Figura 13 - Foto da casa da Família 2
Fonte: Arquivo Pessoal.



Figura 14 - Foto da parte interna da casa da Família 2.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Descrevo aqui a casa da Família 3 (Figuras 15 e 16). Localizada na Rua Felicidade, paralela à Alegria, das Famílias 1 e 2, diferentemente das outras famílias, a casa desta fica nos fundos de uma casa maior, a residência da mãe de Mônica (32), que é de material na frente, mas a parte dos fundos é de madeira. A casa da mãe da informante tem um portão pequeno na frente, que fica fechado, porém, a porta da frente, como nas Famílias 1 e 2, fica aberta. Essa prática, das portas abertas na Vila também foi observada por Leal (1986, p. 40):

O espaço de tênue demarcação entre a casa e a rua, varanda, mesmo na sua versão descoberta, sendo apenas o tablado mínimo em frente à porta, é o espaço liminar do doméstico, é o lugar de mediação e contágio onde o sistema de objetos expostos é também um sistema de significados. O espaço de liminaridade é ritualisticamente preservado enquanto tal. A privacidade se dilui nas portas abertas ampliando-se o doméstico. O vizinho, as crianças do vizinho, o parente e o parente do vizinho ou um eventual transeunte, todos eles participam em alguma medida do espaço da casa.

Magnani (1984,1996) e Da Matta (1979) também estudaram esta sutil delimitação entre a casa e a rua para as classes populares. Este espaço compartilhado entre os vizinhos foi denominado de “pedaço” (Magnani, 1984, 1996) o qual se caracteriza por ser “[...] aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (Magnani, 1984, p.138 e 1996, p.32).

Voltemos à casa de Mônica (32). Assim que passamos pelo pequeno portão de entrada da casa da mãe da informante, há duas opções para chegar à residência: ou passar por dentro da casa da mãe ou passar por um corredor apertado, e ambos os caminhos levam a um pátio que tem muitas coisas, como um tanque e muitos objetos inutilizados, uma espécie de entulhos. Então, nesse pátio, à direita está a casa do irmão de Mônica (32) e à esquerda, a da informante, que normalmente também está com a porta aberta.

A casa de Mônica (32) é toda de madeira, a única porta é na cozinha, que é conjugada à sala. Este foi o único cômodo a que tive acesso durante a pesquisa. Nele tem uma geladeira pequena, um fogão, a pia com pequenos armários embaixo e aéreos, uma mesa de madeira pequena e antiga. Esta mesa é encostada em uma parede em que estão coladas algumas fotos, a maioria das crianças e também trabalhos da escola, como desenhos feitos pelos filhos. Ao lado da pia fica uma máquina de lavar roupas, e, acima dela, duas prateleiras onde são guardados alguns vidros de produtos e logo a porta do banheiro. Ao lado da porta do banheiro, existe outra porta que leva a um pátio, com teto coberto, mas com grama e fechado, é como se fosse uma extensão da casa, mas com grama e janelas sem vidro. Centímetros ao lado de tal porta há um sofá, coberto com um lençol, para, provavelmente, esconder os rasgados, mesmo assim, é notório que o móvel é bastante antigo e já foi muito usado, conforme pude perceber ao sentar. Na frente dele, um tapete bordô com alguns desenhos, antigo e já quase sem cor, desbotado pelo uso. Ao lado desse sofá há uma cama de casal e um roupeiro grande, que ocupa toda a parede. Ele tem muitos desenhos das crianças e adesivos colados. Este roupeiro foi retirado da sala alguns meses depois. Em frente ao sofá fica uma estante, antiga, de madeira, com a pintura verde envelhecida, e, em cima dela, fica a televisão, antiga, de tubo, mas de tamanho mediano. Ao lado da televisão há um som, de tamanho mediano, e os fios que fazem a ligação desses aparelhos estão aparentes e interligados. Embaixo de tal estante estão sapatos de crianças e os de Mônica (32). Essa mesma parede em que estão o roupeiro e a estante da televisão é também a de um dos quartos da casa, que parece ter dois quartos, ligados, sem porta de divisão. Nunca tive acesso ao quarto do casal, mas pude escutar que há mais um aparelho de televisão, além disso, nas inúmeras vezes em que Manoel (34) estava na residência, era nesse quarto que ele assistia à televisão com os filhos. Porém, não pude verificar o tamanho e nem as características desses quartos. O chão da casa é de cimento.



Figura 15 - Foto da casa da Família 3.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Figura 16 - Foto da parte interna da casa da Família 3.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Neste momento, escrevo aqui alguns apontamentos gerais sobre a Família 3, da mesma forma que fiz com as Famílias 1 e 2 na pesquisa exploratória, visto que a Família 3 não fez parte da pesquisa exploratória. Esses dados serão mais aprofundados, analisados e interpretados em outro momento do texto. Todos esses apontamentos sobre a família são fruto

da apreensão obtida, na maioria das vezes, pelo convívio apenas com a informante e as crianças. Poucas foram as oportunidades em que o marido Manoel (34) estava em casa com a família.

A Família 3, assim como a Família 1 e a Família 2, também é conservadora. Mônica (32) se diz preconceituosa com relação à homossexualidade e ao aborto. Por exemplo, afirmou que a homossexualidade, tanto feminina quanto masculina, *“É falta de vergonha na cara isso sim! Eu tenho um primo que é e eu nem olho na cara dele, nem dou oi.”*

E, apesar de Mônica (32) passar a maioria dos dias da semana sozinha com as crianças, desempenhando todas as tarefas domésticas, quando o marido está em casa, ele as divide com Mônica (32), pois prepara a comida e cuida dos filhos. Manoel (34) não “deixa” Mônica (32) trabalhar e prefere que a esposa passe o dia em casa. Segundo ela própria, só pode sair para levar e buscar as crianças no colégio e para ir à casa da Família 1. Isso porque as duas famílias são “parentes”, o pai da Família 1 é irmão do pai do marido de Mônica (32). Mesmo na residência dos parentes, Mônica (32) não permanece por muito tempo e, sempre que a moça sai de casa, “deve” ligar ao marido para avisar que chegou. Quando ela fica um dia sem ligar, ele liga, cobrando a esposa. Mônica (32) reclama bastante dessa falta de liberdade, mas segue todas “as ordens” do marido: *“Ele não gosta que eu fique na rua, Deus o livre eu ficar na rua, conversando com os vizinhos! Ele não deixa”*. Mônica (32) tem os cabelos compridos até o final das costas e, mesmo tendo vontade de cortá-los, não o faz também por uma vontade do marido.

No que diz respeito às refeições, nunca presenciei nenhuma com a família, mas percebi que, em alguns dias, Mônica (32) e as crianças normalmente jantavam antes da minha chegada, eram raros os dias em que a janta acontecia após minha saída. Por inúmeras vezes, mesmo após o jantar, ou então antes dele, as crianças abriam a geladeira e pediam para comer banana ou até mesmo mexiam nas comidas que estavam nas panelas em cima do fogão, desobedecendo à ordem da mãe, já que não têm permissão para pegar os alimentos sem que Mônica (32) autorize. Quanto às bebidas alcólicas, Mônica (32) diz que gosta muito de cerveja, mas bebe pouco em função da gastrite e da hérnia no estômago, que causam dores. Ela conta que o marido bebia mais há alguns anos, mas que isso era motivo de muitas brigas entre o casal. Ela revela que inúmeras vezes ele “quebrava tudo em casa”. Por isso, agora o marido só bebe quando sai. Ele costuma ir aos bailes na Vila e nas redondezas enquanto ela fica em casa com as crianças, porém, chega quase sempre quando amanhece o dia e, segundo ela, “não incomoda”. Mônica (32) conta que o marido “melhorou” porque ela ameaçou se

separar dele, *“Ele viu que tinha gente dando em cima de mim, daí ele se assustou e melhorou!”*.

Diferente das mulheres das outras duas famílias, Mônica (32) não trabalha mais fora. Quando trabalhava, era empregada doméstica antes de casar e sempre manifesta muita vontade de voltar a trabalhar. O trabalho do marido é fundamental para o sustento da família. Ele trabalha em diversas cidades do estado como pintor, mas faz outros “bicos” de “faz tudo” quando solicitado. Mônica (32) é beneficiária do Programa Bolsa Família.

A Família 3 também tem uma certa rigidez com a educação dos filhos, mas é uma rigidez diferente. Por ter seis filhos e passar a maior parte do tempo sozinha, Mônica (32) precisa controlar as crianças, quando estão em casa. Em alguns dias, chega a ficar com uma vara na mão enquanto está sentada assistindo ao Jornal Nacional. Se alguma criança chega perto falando alto e atrapalhando a conversa dos “adultos”, apanha. Isso acontece nos dias em que os filhos estão, segundo ela, “impossíveis”. Assim como na Família 2, Mônica (32) não tolera “intromissão” das crianças enquanto está falando e, quando isso acontece, a informante grita mais que os filhos. Dirige-se a eles, quando acha que atrapalham, utilizando termos como “vaza daqui”, “nega desgraçada”, “vagabundo”, “peste”. Conforme já revelou Leal (1986), “as mulheres são verbalmente muito agressivas com as crianças [...] as crianças escutam também com uma mesma expressão de indiferença, com a qual parece que também enfrentarão a vida” (LEAL, 1986, p. 32). A informante, muitas vezes, “ameaça” os filhos com a chegada do pai, dizendo que vai contar a ele que não se comportaram. Quando Manoel (32) está em casa, ele toma conta das crianças, porém, nos dias em que eu estava com a família, não presenciei ele dando o mesmo tratamento às crianças que a mãe dá. Ele impõe limites, mas sem os gritos e sem expressões grosseiras como as empregadas pela mãe.

5.1.2 As alterações nas estruturas físicas e familiares das casas e dos informantes ao longo da pesquisa

Algumas alterações, tanto nas casas quanto nas estruturas da família, foram percebidas ao longo da pesquisa, principalmente durante o intervalo entre a pesquisa exploratória e a pesquisa de campo.

As primeiras alterações foram percebidas na Família 1. Com relação à descrição da casa, na época da pesquisa de campo, a televisão principal passou a estar localizada na sala, em que Daniel (37) dormia, e ele passou a dormir no mesmo quarto que a irmã Roberta (33), que se separou do marido Evaldo. O aparelho de TV foi colocado em cima de uma pequena

estante, um *hack* de televisão, encostada em uma parede. Naquele momento, a família adquiriu um pequeno *home theater* e um aparelho de DVD (eles costumam comprar os discos de vendedores ambulantes). A parte debaixo dessa estante é de armário, mas, na parte aberta, há um quadro antigo com uma foto de rosto da mãe e de todos os filhos ainda crianças. Parece um quadro feito por fotógrafo. Em frente, fica um sofá de três lugares e, ao lado deste, um sofá menor, de dois lugares. Parece-me que o sofá maior era o mesmo que vi na única oportunidade que passei por essa sala, já que era o quarto de Daniel (37). Os dois sofás estão cobertos por capas azuis, eles não parecem muito usados, e a capa aqui, diferente da casa de Mônica (32), aparenta ter o intuito de proteger os móveis. Com isso, a entrada da residência deixou de ser pelos fundos e passou a ser pela porta da frente, que fica justamente nessa sala.

Outra diferença na Família 1 é que Luciana (34) está grávida e me contou a “novidade” logo nos primeiros dias do meu retorno à família. O pai é um rapaz que mora em frente à casa da família, Lucas, que tem a mesma idade dela e, assim como o cunhado, trabalha em construções. Luciana (34) não namorava Lucas, mas há cinco anos se relacionava com ele. Lucas foi o primeiro relacionamento estável de Luciana (34) após a morte do noivo, assassinado por envolvimento com atividades ilícitas como roubos e assaltos. Ele era presidiário e, em uma das saídas autorizadas da prisão, foi morto a tiros. Nessa época, a moça não estava mais com o noivo, porque não concordava em ir visitá-lo na casa prisional, não achava “certo” ficar frequentando aquele local. Mesmo assim, Luciana (34) ainda amava o noivo e ficou muito abalada com a morte, e por isso, segundo ela, não conseguia “assumir” nada sério com ninguém. Foi a gravidez, inesperada, que a fez “assumir” o relacionamento com Lucas. Outra mudança na vida de Luciana (34) é que ela não trabalha mais na padaria, pediu demissão porque, conforme ela, *“Tava mais para sacrifício [...] do que panifício! Tá louco exploravam a gente demais e tudo o que os outros fizeram para ajeitar, para sair do vermelho, esses em 2 meses pioram e bagunçaram tudo!”*. Agora ela recebe seguro - desemprego.

A filha de Olívia, Miriam, passou a morar na mesma casa que a mãe depois que conseguiu um emprego mais perto da Vila, em um frigorífico e por isso resolveu se mudar. Porém, quase não a vejo porque dormia cedo já que começava trabalhar às 5 horas da manhã.

Já na casa da Família 2, percebo que a filha mais velha do casal, Pamela (20), também está separada do marido e voltou a morar na casa dos pais com a família. A “filha postiça” Gisele (8) não está mais com os tios. Segundo Marcio (42), o pai de Gisele (8), que é sobrinho de Telma (40) foi buscar a menina, já que ela estava “mais gorda” e “sem anemia”, pois,

quando chegou à casa da família, estava “desnutrida” e “anêmica”. Agora a nova esposa do pai da menina se comprometeu em cuidá-la, visto que o pai continua usando drogas. Marcio (42) e Telma (40) sentem falta, mas Gisele (8) e a madrasta fazem visitas frequentes à casa da família.

Houve melhorias na casa bem como a troca de bens de consumo. No final do mês de dezembro, a família trocou a televisão antiga por uma nova, de tela plana de 32 polegadas, que está em cima de um *hack*, também parecendo novo, colocado no lugar da mesa redonda de jantar que antes apoiava a TV velha. Ao lado do móvel novo, foi colocado o freezer horizontal que ficava na cozinha da casa. Esse está cheio de sorvetes que a família faz para vender na Vila, já que, com o calor, o sorvete na Vila vende mais que o algodão doce no centro da cidade. O chão começou a ser modificado. Marcio (42) começou, em dezembro, a colocar piso frio, branco, e o trabalho encerrou no final de janeiro, já que foi feito aos poucos. Não só a sala mas também os quartos da frente foram revestidos pelo piso novo. As paredes, que eram de tijolo e revelavam as instalações elétricas da casa, foram revestidas por cimento, e o cartaz com a homenagem dos filhos não está mais pendurado na parede nova. As duas motos saíram da sala e passaram a ser guardadas na garagem, em frente à casa.

Ressalto a localização e a quantidade de aparelhos de televisão nas três casas porque “o lugar que a televisão ocupa na casa de cada um tem a ver com o lugar que a televisão ocupa na vida de cada um” (LEAL, 1986, p. 84). Sendo assim, posso afirmar que, provavelmente, a televisão ocupa uma posição importante na vida das três famílias informantes, já que está localizada na parte principal das três casas, ou seja, na sala, a parte que fica à mostra para quem entra nessas casas. Além disso, dentro das particularidades de cada família, a TV fica no local onde percebo uma preocupação com a organização dos objetos próximos a ela e, até mesmo, com a decoração do local.

5.2 A mediação sociabilidade: a família, o trabalho e o bairro na vida dos informantes

5.2.1 As relações familiares das classes populares

A família é constituinte importante da sociabilidade dos informantes, já que o capital social dos mesmos é composto majoritariamente pelas relações familiares e do bairro. É a família o primeiro lugar “de construção de *habitus* e do gosto. Sendo assim, a dinâmica familiar é de importância fundamental para entender as diferentes apropriações/construções de sentido [...]” (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 46) acerca do telejornal, visto que

o cenário em que acontece a assistência deste é o espaço doméstico, onde as práticas cotidianas dos informantes acontecem. Os valores, a ética e a moral que conformam a visão de mundo social dos informantes são elaborados e transmitidos pela família. Sendo assim, a família funciona “como referência simbólica” e é o “elo afetivo mais forte dos pobres” (SARTI, 1996, 3 e 33).

Independentemente da forma em que é constituída, mononuclear; consanguínea ou não, monoparental; e etc., a família é entendida como “um espaço social (sistema de posições e relações de parentesco), um espaço cultural (história e dinâmica familiares) e como um *espaço de mediação* das mensagens [...]” (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 140) dos meios de comunicação.

a) Família 1

A Família 1 é composta primordialmente por consanguíneos colaterais, já que os principais informantes são todos irmãos. Porém, como já mostrado no diagrama (página 34), circulam na casa central não apenas os moradores dela (irmãos e sobrinhos), mas também os irmãos e seus filhos que moram no mesmo pátio em que foi construída a casa. Assim, há uma grande circulação de pessoas na casa, fazendo da família uma unidade extensa.

Apenas uma das irmãs, Juliana (42), é casada, esse é seu segundo casamento e o filho André (16) é fruto do primeiro relacionamento. Os outros quatro irmãos são solteiros. Daniel (37) já foi casado duas vezes e atualmente é solteiro, seu filho David (15) é fruto de um relacionamento e as filhas Joana (17) e Vanessa (12), de outro. Olivia (38) já teve quatro casamentos e também é solteira. Os filhos Milene (22), Emilia (20), Breno (18) e Leandro (9) também são frutos de quatro relacionamentos diferentes. Luciana (34) nunca foi casada, mas foi noiva de um homem que, segundo ela, foi assassinado há sete anos devido a um acerto de contas (ele era presidiário), hoje está grávida do primeiro filho e o pai é o único namorado que teve depois da morte do noivo. Já Roberta (33) se separou recentemente do marido e está solteira. As filhas de Olivia que são jovens (Milene, 22 e Emilia, 20), e diferentemente da maioria das moças da Vila, são solteiras e não têm filhos.

As irmãs costumam criticar a vida amorosa de Daniel (37), pois a consideram instável e se incomodam com a maneira com que o irmão lida com os relacionamentos, não os assumindo: “*Ele é daqueles que diz que ama, que quer casar ficar junto a vida inteira até conseguir o que quer (faz gesto com a mão em alusão a sexo) depois nem se lembra mais do que falou!*” (Olivia, 38). Opiniões nesse teor são frequentes entre as irmãs, mas normalmente

acontecem quando Daniel (37) não está no mesmo ambiente, ou então quando está ao telefone com as mulheres com quem costuma sair, as “peguetes”, como dizem as irmãs.

Apesar de comentarem sobre os relacionamentos instáveis do irmão e de terem pequenas discussões sobre isso (quando ele as escuta comentando), no geral os irmãos têm um bom relacionamento e o convívio na casa é harmonioso, mesmo com a grande circulação de pessoas, pois frequentam o local os irmãos que moram no mesmo terreno, os filhos de todos eles, os outros irmãos que moram na Vila, os outros sobrinhos que também vivem no bairro, os “parentes” e alguns amigos. Os irmãos, principalmente os que moram juntos, são unidos e existe cooperação entre eles.

Os informantes contam que sofreram muito com as brigas constantes que aconteciam entre os pais quando eles eram pequenos. Relatam que o pai bebia e agredia a mãe e que ela foi se separar do marido quando os irmãos já eram adultos. Por isso, repudiam qualquer tipo de violência doméstica.

Talvez todos esses anos em que presenciaram a submissão da mãe com relação ao pai e o comportamento autoritário dele tenham contribuído para fomentar a conduta também submissa das mulheres da família e, de certa forma, autoritária do homem. Ressalto que não estou me referindo, no caso dos irmãos, à agressão física, e sim às atitudes que evidenciam a autoridade masculina dentro do lar. Isto porque existe bem demarcada a autoridade masculina na família. Daniel (37) não desempenha nenhuma tarefa doméstica, são as irmãs que as fazem. Muitas vezes ele está em casa no momento em que as mulheres estão realizando alguma tarefa e, mesmo assim, ele não as “ajuda”. Por isso, ironicamente, o chamam de “doutor” porque é ele quem tem o papel de chefe da família, apesar de todos trabalharem, serem independentes financeiramente e ajudarem, de forma igual, nas despesas da casa. Apesar disso, é designado “[...] um chefe masculino. Isto significa que, mesmo nos casos em que a mulher assume o papel de provedora, a identificação do homem como autoridade moral, a que confere respeitabilidade à família, não necessariamente se altera” (SARTI, 1996, p. 46). Desta forma, o homem é o “chefe da família” e a mulher a “chefe da casa” (SARTI, 1996, 43).

Olivia (38) tem um menino de 9 anos, enquanto Juliana (42) tem um menino de 16 anos. São eles que decidem quando jantar, e, independentemente de as mães estarem ocupadas com outras tarefas, elas interrompem o que estão fazendo para atendê-los. Reproduzem, assim, o comportamento dos outros homens da família com relação às mulheres e as tarefas domésticas.

Afora esta questão, as crianças e jovens da Família 1 respeitam a autoridade dos mais velhos, existe uma hierarquia que é demonstrada em pequenos gestos, como, por exemplo, eles tratam os pais e os tios por “senhor” e “senhora” e pedem “a benção” sempre que chegam ou saem. Além disso, os mais novos têm horário determinado para estudar, brincar e tomar banho. Com os jovens não existe toda essa rigidez, mas eles precisam informar aonde irão e quais as companhias. Aqueles que desobedecem ficam “de castigo”, não podendo, por exemplo, sair com os amigos. Das crianças é cobrado que estudem e que participem dos “projetos” oferecidos pela escola no turno oposto ao das aulas, já com os jovens não existe a cobrança para aqueles que trabalham. Isto porque estes normalmente estudam à noite e muitas vezes chegam cansados do dia inteiro de trabalho e, muitas vezes, acabam faltando inúmeras aulas, perdendo o ano e abandonam a escola. No entanto, é comum ouvir frases deste tipo: “É... larga a escola, não estuda e depois vai ficar como eu sendo pedreiro e me matando de trabalhar” (Daniel, 37).

Então, apesar da baixa instrução escolar dos informantes (Ensino Fundamental incompleto), eles almejam que a próxima geração da família, ou seja, os filhos e sobrinhos estudem para “*terem melhores oportunidades na vida*”, e diferente deles, tenham um trabalho mais bem remunerado, que não exija força corporal. Porém, é compreensível que as crianças e principalmente os jovens da família não vejam a escola como uma oportunidade que lhes trará uma “vida melhor”, visto que, de acordo com Souza (2011, p. 413), se a criança e o jovem não percebem que a escola e o estudo não proporcionaram nenhuma mudança no comportamento dos pais, fica difícil que vislumbrem um futuro melhor devido à ida à escola. Além disso, a necessidade do trabalho desde cedo devido ao baixo capital econômico da família faz com que a escola seja sempre a segunda opção em detrimento da complementação da renda familiar, pois, dependendo do lugar que os agentes ocupam no espaço social “[...] podem mobilizar de forma diferente os recursos materiais e simbólicos que as instituições oferecem” (SOUZA, 2011, p. 294). Assim sendo, a Família 1 tem baixo capital cultural advindo da escola, por conseguinte é a mídia, especialmente a televisão (a telenovela e o telejornal), a principal fonte de formação desse capital.

Outro assunto que chama atenção na Família 1 é o fato de eles serem negros e demonstrarem, a todo momento, preconceito com relação a esta etnia, quando por exemplo me contam que frequentam um centro espírita: “*Mas é centro espírita branco sabe?*” (Juliana, 42), ou quando se referem a eles mesmos ou a outras pessoas por expressões como “macaco”, “macaca”, “negrona”, “negrão”, “negrinho”, “negrinha”, “negro sem vergonha”,

“mais preto que a minha cara”, “ele não tem nem vergonha nessa cara de pau preta dele!”. Ou então, quando Luciana (34) comentou com um tom de humor e de revolta uma notícia do telejornal sobre a incidência de câncer de próstata nos homens negros: “*Ah eu não sei por que os negros podem ter mais câncer mesmo, mas sabe né de certo que não tivemos já castigo suficiente lá na chibata que ainda temos que ter mais câncer!*”. Porém os informantes também manifestam orgulho de sua etnia, como por exemplo, quando falam da Nossa Senhora Aparecida: “*A nossa santa negrinha, santa brasileira*” (Luciana, 34).

Quanto à opinião da Família 1 sobre outras questões que dizem respeito a comportamento, relacionamento e família, os informantes são totalmente contra as mulheres fazerem aborto, por exemplo, para eles “é só Deus que tem esse direito”. São conservadores também com relação às mulheres que se prostituem. Certa vez, ao contarem sobre a mãe de Gisele (8), a sobrinha da Família 2, referiram-se a ela como uma mulher que “morava na casa das prima”, “da vida”. A Família 1 também é preconceituosa com os homossexuais, usando palavras como “putinho”, “bichinha”, “bicha louca” para se referir aos homens que têm essa opção sexual. Mas também não aprovam as mulheres que têm a mesma orientação sexual: “[...] *A Daniela Mercury! Antes eu gostava dela, agora fiquei com nojo, depois que ela disse que gostava de mulher. Ela tem filhos que vão na escola, imagina as outras crianças e outros jovens rindo deles e falando que a mãe deles é sapatona!*” (Roberta, 33).

b) Família 2

Diferentemente da Família 1, a Família 2 é mononuclear, conjugal, é formada por um pai, uma mãe, quatro filhos (todos da mesma união) e uma sobrinha (temporariamente). A filha mais velha do casal Pamela (20) se separou recentemente e não tem filhos. Bento (21) é solteiro e só teve uma namorada, ele também não tem filhos. Quanto aos futuros relacionamentos das filhas que ainda são crianças (Fabiane, 11 e Helena, 9), Marcio (42) é enfático e diz que estas só irão namorar quando forem mais velhas, e afirma que não tem porque “atropelar” as fases como algumas meninas fazem hoje em dia: “*Namorar essas duas aí, só se for o meu chinelo!*”. O pai reafirma isto toda vez em que surgem na família assuntos sobre relacionamentos amorosos.

Assim como a Família 1, a Família 2 também é unida e gosta dos finais de semana porque podem “ficar todos juntos”. Para eles a preservação da unidade familiar e da harmonia no espaço doméstico é de extrema importância, assim como a manutenção do casamento, desde que não aconteçam brigas. Telma (40) e Marcio (42) falam orgulhosos que não costumam brigar: “*Eu e Marcio nós não brigamos, nós sentemo e conversemo, não é*

Marcio?” (Telma, 40) e o marido complementa, concordando com a esposa: “*Mas é, imagina que prazer tu tem de chegar em casa do trabalho e discutir?*”.

Além da cooperação dentro do espaço doméstico, a família também se preocupa em auxiliar a família extensa, “os parentes”, e isso é evidenciado através da “adoção” temporária da família da filha do sobrinho de Telma (40), Gisele (8), quando a menina estava doente, precisando de cuidados especiais. A circulação de crianças é uma realidade considerada comum entre inúmeras famílias de classe popular, já que é “uma prática familiar, velha de muitas gerações, em que crianças transitam entre as casas de avós, madrinhas, vizinhas e ‘pais verdadeiros’” (FONSECA, 2006, p. 9). Mas não são apenas as crianças que circulam entre as casas dos familiares, se preciso, esse auxílio acontece também com adultos jovens, maduros e idosos “mesmo quando estes não podem contribuir para a renda familiar” (ZALUAR, 2000, p. 98). Um amigo de Bento (21) costuma ser recebido na casa da Família 2 para passar algumas temporadas quando “está de mal com a família”.

Da mesma forma que na Família 1, na 2 também existe, de maneira mais acentuada, a autoridade masculina. Marcio (42) é o “chefe da família” (SARTI, 1996, 43) e, apesar de a esposa e dos filhos mais velhos trabalharem e contribuírem para as despesas domésticas, é ele quem desempenha o papel de provedor do lar: “*Se eu recebo o dinheiro é para casa e a Telma quando recebe entrega todo o dinheiro para mim, porque é para casa também*” (Marcio, 42). Assim como na Família 1, os homens da Família 2 também não desempenham nenhuma tarefa doméstica, é Telma (40) quem realiza todas estas tarefas com o auxílio esporádico das filhas Pamela (20), quando está em casa, porque trabalha até as 23 horas, e das crianças que vão à venda para a mãe, arrumam a mesa, servem comida nos pratos e lavam a louça. Na Família 1, Daniel (37) é chamado ironicamente de “doutor” pelas irmãs, já na Família 2, Marcio (42) chama, também de forma irônica, Telma (40) de “minha secretária”. Outra forma explícita de autoridade masculina e submissão feminina é com relação a certas regras de comportamento, já que Marcio (42) “não gosta” que a família se envolva em “fofocas” e nem que “*ande na rua no meio dos outros*”. Todos “obedecem” e Telma (40) costuma reafirmar esta obediência da família ao marido.

Este papel de autoridade também é notado na rigidez com que os filhos da família são educados, sendo percebida uma maior cobrança do que na Família 1. Na Família 2, as crianças e os jovens respeitam os adultos da mesma forma e também pedem a “benção” e os chamam de “senhor” e “senhora”, porém, Marcio (42) cobra que os filhos peçam “licença” quando passam em frente à televisão e um adulto está assistindo, ou então quando, sem

alternativa, cruzam entre a conversa dos adultos. O pai e a mãe (principalmente o pai) não permitem que os filhos falem ou escutem música alto e que atrapalhem uma conversa quando não foram solicitados. As meninas são chamadas atenção quando, na percepção dos pais, estão com roupas curtas ou justas, tendo que trocá-las imediatamente. Quando estão brincando em frente à casa também têm horário para voltar e Marcio (42) assegura:” *Com criança tem que ter horário, ser rígido, dentro de casa na família tu pode cobrar... e olha vou te contar eu tenho orgulho dos meus filhos porque são umas joias, honestos, trabalhadores...*”. Assim como na Família 1, as crianças também são cobradas com relação ao estudo, mas diferentemente dos vizinhos, os jovens da Família 2, apesar de também trabalharem desde cedo, terminaram o Ensino Médio sem nunca terem reprovado de ano ou abandonado a escola por algum período.

Logo, o capital cultural da Família 2 advindo da escola, apesar de ser baixo, é maior que o da Família 1. O capital cultural proveniente da família é tão reduzido quanto o da Família 1. E assim como a primeira família, esta também tem a maior parte do capital cultural baseada na mídia, especialmente na televisão e no jornal impresso.

Os integrantes da Família 2 são brancos e não citam tanto a questão da etnia como a Família 1, eles não são tão preconceituosos quanto a primeira família. No entanto, em determinados momentos, utilizam as expressões “preto”, “pretinho”, “pretinha”, “só porque é preto”, “negrão”.

Com relação a outras questões de comportamento, relacionamento e família, os informantes, assim como os vizinhos da Família 1, são totalmente contra as mulheres fazerem aborto porque também acreditam que “só Deus tem esse poder de tirar uma vida”. A família, principalmente o pai e mãe, rejeita as meninas “namoradeiras”, “periguetes” que usem as roupas “apertadas e decotadas”: *“Que nem aquela namorada daquele amigo do Bento, sabe? Terminaram... mas tava na cara que aquela lá era periguete, oferecida... eu não me engano!”* (Marcio, 42).

A Família 2 declara não ser preconceituosa com a homossexualidade, mas é tanto quanto a Família 1. A diferença é que a Família 1, além de assumir o preconceito, utiliza palavras pejorativas para se referir aos homossexuais, já a Família 2 não utiliza tais palavras, entretanto comenta: *“Eu não tenho nada contra desde que não me atrapalhe, não dê em cima de mim!”* (Marcio, 42) ; *“Eu também não tenho nada contra, mas acho horrível isso aí! Pensa bem tu sair aí na frente e ver dois homens se beijando!”* (Telma, 40). A família acredita que a explicação para esta opção sexual “é influência de outras pessoas”.

c) Família 3

De modo igual à Família 2, a Família 3 é mononuclear, conjugal, formada por um pai, uma mãe e cinco filhos do casal (Giovane, 10, Gustavo, 9, Greice, 8, Jéssica e Graziela, 4) e um apenas da mãe, fruto de um relacionamento anterior (Lucas, 11). Apesar de ter seis filhos, Mônica (32) assegura que “nunca quis ter filhos”, mas acha que toda mulher já nasce com o desejo de ser mãe e não se arrepende de ter tido as crianças, mesmo que elas tenham tirado “sua liberdade”, e afirma que cuidar deles cansa, mas que faz “com gosto”. No entanto, a mulher, inúmeras vezes, é impaciente com as crianças.

Assim como na Família 2, na Família 3 também existe “a circulação de crianças” (FONSECA, 2006), pois o filho mais velho de Mônica (32), Lucas (11) é criado pela avó materna. Apesar da casa da mãe e de Mônica (32) serem no mesmo terreno, ele dorme e passa a maior parte do tempo na casa da avó, mesmo que também vá à casa de Mônica (32) brincar com os irmãos. Porém, é a avó que cuida do neto, que leva ao médico, cobra sobre os estudos e etc.. O menino, inclusive, a chama de mãe e se refere à Mônica (32) pelo seu nome, assim como descreve Sarti (1996, p. 59, grifos da autora): “A pertinência ao mesmo grupo de *sangue*, pela linhagem, e seu estatuto de poder sobre a filha levam a avó a ‘apropriar-se’ da criança, que a chama de *mãe*, enquanto a mãe biológica é chamada pelo nome próprio, sendo privada de seu lugar de mãe”. Mônica (32) nunca falou abertamente sobre a questão e nem explicou por que o primogênito é criado pela avó. Mas contou que nunca teve um “relacionamento sério” com o pai do menino, que a gravidez foi “um acidente” e que, quando o homem soube, “nunca mais apareceu”. Ainda que a mulher não tenha explicitado as razões pelas quais o menino mora com a avó, ressalto que, pelo comportamento ciumento e controlador de Manoel (34), é possível que ele não tenha permitido que a mulher criasse com ele um filho fruto de outro relacionamento, porque “o homem que aceita ser ‘pai de criação’ do filho de um outro se expõe ao ridículo” (FONSECA, 2006, p. 93).

A Família 3 não apresenta a união presente nas outras duas famílias. Além disso, existe pouca cooperação entre os irmãos de Mônica (32) e Manoel (34). A mulher relata que os familiares “não se ajudam muito” e que cada um pensa mais em si do que no conjunto familiar. E apesar de Mônica (32), a mãe e um dos irmãos morarem no mesmo terreno, eles discutem e muitas vezes ficam um tempo sem se falar devido a essas discussões. A mulher, inclusive, manifestou o desejo de ir morar em outro terreno, “num lugar só dela”, mas sabe que isso será difícil devido à situação econômica da família. As outras duas irmãs de Mônica (32) costumam visitá-los na Vila. A mulher ainda ressalta que a mãe não a “ajuda” com as

crianças e que nem ela e nem os irmãos “dão muita bola” para os problemas de saúde que tem (Mônica tem gastrite, mas vai ao posto de saúde constantemente porque afirma sentir dores no estômago e também na cabeça, mas nunca foi diagnosticado nada mais sério, além disso, a mulher consulta o psicólogo do Posto).

Diferentemente do casal da Família 1, o da Família 3 tem brigas e discussões. Mônica (32) conta que atualmente as agressões são apenas verbais, mas que “antigamente” ela e o marido também se agrediam fisicamente, o que, segundo ela, não acontece mais porque ela ameaçou se separar. A mulher diz que, em uma ocasião, depois de uma briga, enquanto o marido estava dormindo, ela pegou uma faca e pretendia matá-lo: *“Mas olha menina foi Deus mesmo que me fez parar e pensar... e não agir de sangue quente porque imagina fazer uma loucura dessas com o pai dos meus filho!”* (Mônica, 32). Conforme ela, as brigas e discussões são sempre pelas mesmas razões: ciúmes (mais dele do que dela), o comportamento controlador do marido e as saídas dele aos bailes e festas. Atualmente, Manoel (34) sai sozinho ou com os amigos e “parentes” e a esposa fica em casa com as crianças. Apesar de muitas vezes ficar chateada com essa atitude, a mulher afirma não brigar toda a vez que o marido sai, apenas quando “se passa”, ou seja, chega às 6 horas da manhã, bêbedo, e quando ela fica sabendo que ele dançou com as “periguetes” a noite toda. Mônica (32) afirma nunca ter ficado sabendo de infidelidade do marido, mas garante que, se souber, não perdoa. Além disso, fala que já *“mandou ele embora, mas ele não vai”*.

As brigas e discussões do casal se devem muito a Manoel (34) ter o comportamento controlador, pois é ele quem “decide tudo” em casa e Mônica (32) precisa dar satisfação de tudo que faz ao marido: *“Nem sair para rua eu posso, quando dá é uma vez por semana... e ele só deixa eu ir ali nas guria (“parentes” dele). E quando eu chego tenho que ligar! Sempre que saio tenho que ligar para dizer que cheguei!”* (Mônica, 32). O marido não “deixa” a esposa trabalhar, e segundo ela, isso acontece desde que casaram, há doze anos, já que antes Mônica (32) trabalhava de empregada doméstica: *“Querida tanto trabalhar, mas não posso nem tocar no assunto!”*. A mulher conta que o pai dela agia da mesma maneira com a mãe: *“Ela só começou a trabalhar depois que ele morreu”* (Mônica, 32). A mulher se submete a todas as determinações impostas pelo marido, até as ações pessoais mais simples, como cortar os cabelos, apesar de querer (tem o cabelo comprido que ultrapassa a cintura), porque ele não “deixa”. É marcante também, assim como nas Famílias 1 e 2, a submissão da mulher em relação ao homem, porém, nessa terceira família, isto acontece de maneira mais acentuada. Mesmo se submetendo às regras do marido, Mônica (32) reclama: *“Ele me sufoca, controla*

tudo... só eu mesmo para aguentar! E o pior que ele fala para eu não reclamar porque eu já conheci ele assim... que sempre foi assim!” e afirma, em inúmeras conversas, até mesmo quando não estávamos falando de relacionamentos, que o que mais queria na vida era “ser livre”, dizendo até que o seu sonho era ter “liberdade”.

Mônica (32) desempenha as tarefas domésticas, porém, diferentemente das outras duas famílias, o homem também “ajuda”. A mulher conta que, quando Manoel (34) está em casa, ele faz comida e cuida das crianças.

Contudo, na Família 3, também existe a autoridade masculina, sendo a mulher submissa e o homem o “chefe da família”, aquele que exerce o papel de provedor. Mas, nesse caso, ao contrário das outras famílias nas quais as mulheres também trabalham, o homem é também o provedor financeiro e não apenas o provedor no sentido simbólico, já que apenas ele trabalha para pagar as despesas da casa.

Na Família 3 também há rigidez com os filhos, porém esta é menor que nas outras famílias. Os filhos respeitam menos os adultos se comparados com as crianças e jovens das outras duas famílias, no entanto, obedecem mais ao pai do que à mãe e constantemente Mônica (32) os ameaça com a autoridade do pai: *“Para, que se não eu vou contar para o teu pai... espera ele chegar que tu vai ver!”*. As crianças, muitas vezes, estão agitadas e, nestes dias em que elas estão “passando dos limites”, a mulher também os ameaça com uma “vara”, além de chamar-lhes a atenção com palavrões como “nega desgraçada”, “vagabundo”, etc. Já o pai, pelo menos nos momentos em que estive na casa, demonstrou impor os limites às crianças de outra maneira, com mais tranquilidade e sem utilizar as mesmas palavras que a mãe. Mas é nítido que o pai fica muito menos tempo com as crianças do que a mãe, já que ele costuma viajar a trabalho. Porém os dois exigem que os filhos estudem e executem as tarefas da escola, bem como a presença nos “projetos” nos turnos opostos ao das aulas, mesmo que tanto o pai quanto a mãe não tenham concluído o Ensino Fundamental. Com relação às meninas, assim como na Família 2, há um cuidado com as roupas curtas, os pais chamam atenção das filhas quando julgam estarem vestidas inadequadamente: *“Mas é só o que me falta... Greice vai já tirar esse short e arrumar essa blusa... parece que tá pelada gurria! E vai tirar esse batom da boca!”* (Mônica, 32). A mulher ainda garante que os filhos só irão começar a namorar com 15 anos, principalmente as meninas, já que, para ela, as filhas devem se preservar mais por serem mulher: *“Eu não deixo mesmo... mas se descubro eu corro atrás delas com um pau!”* (Mônica, 32).

O capital cultural da Família 3 advindo da escola, assim como nas outras duas famílias, é baixo bem como o capital cultural proveniente da família. E igualmente as outras duas famílias, nesta também a maior parte do capital cultural é elaborada a partir da mídia, especialmente na televisão e no rádio AM.

A Família 3 também demonstra preconceito com relação à etnia, mesmo que Manoel (34) e Mônica (32) digam que o pai e os filhos são pardos. A mulher, algumas vezes, quando está braba, se refere aos filhos como “nego vagabundo” e “nega desgraçada”. Ou então comenta: “*Aquele preto... tinha que ser né!*” (Mônica, 32).

Assim como as outras duas famílias, a Família 3 também é contra o aborto: “*Que tivesse pensado antes de fazer né!*” (Mônica, 32).

Igualmente à Família 1 e à Família 2, a Família 3 também discrimina os homossexuais e se refere a essas pessoas como “veado”, “puto”, etc. Mônica (32) declara discordar da violência contra os homossexuais, no entanto não gosta de ter nenhuma relação com “esse tipo de pessoa”.

Portanto, apesar de algumas diferenças com relação à configuração das famílias informantes, como, por exemplo, a união familiar e a maneira como se relacionam, existem também inúmeras recorrências, mesmo que em diferentes graus. Estas são principalmente a questão da autoridade masculina, a hierarquia entre homem e mulher, adultos e crianças, marcando o conservadorismo das famílias. Assim, existe uma clara delimitação dos papéis femininos e masculinos nas famílias, pois, “Se ao pai cabe a função de provedor principal, à mãe cabem, além do trabalho doméstico, as importantes funções de gerência da casa e de responsável pela socialização das crianças” (ZALUAR, 2000, p. 97). O homem desempenha o papel central nas três famílias, independente de ser ou não o único provedor econômico da casa, “[...] reafirmando a autoridade masculina pelo papel central do homem como mediação com o mundo externo, e fragilizando socialmente a família onde não há um homem ‘provedor’, de teto, alimento e respeito” (SARTI, 1996, p. 37-38). Esta importância do homem como provedor da família já foi descrita também por Neves (1984), Duarte (1986), Zaluar (1985), Costa (1993) e Sarti (1985 e 1996).

5.2.2 O trabalho na vida dos informantes

É o trabalho que configura o dia a dia dos informantes, que é essencial para determinação do capital econômico, mas também tem valor simbólico e moral, já que “o valor

moral atribuído ao trabalho compensa as desigualdades socialmente dadas, na medida em que é construído dentro de outro referencial simbólico, diferente daquele que o ‘desqualifica’ socialmente” (SARTI, 1996, p. 67). Sendo assim, o trabalho é essencial para “afirmação pessoal e social” (SARTI, 1996, p. 68) dos informantes.

O trabalhador “é um ser que se faz no dia-a-dia, no trabalho que realiza, que prova e mostra que ele é capaz de construir. [...] é a partir de sua atividade concreta diária que a realidade se abre para ele” (FIGARO, 2002, p.41). Porém a identidade do trabalhador é comumente associada à de pobre (CALDEIRA, 1984, ZALUAR, 2000), mas, por outro lado, sua carga negativa é relativizada pelos valores morais, “[...] *aquela pessoa pobre de espírito*” (SARTI, 1996, p. 66, grifo da autora). Mesmo assim, inúmeras vezes os integrantes das famílias se autodenominam “pobres”, no entanto, também tentam demonstrar que são pobres economicamente, mas não de espírito. Isto através do valor positivo atribuído ao trabalho, à honestidade, à disposição, assim “ao lado da negatividade contida na noção de *ser pobre*, a noção de ser *trabalhador* dá ao pobre uma dimensão positiva, inscrita no significado moral atribuído ao trabalho, a partir de uma concepção da ordem do mundo social que requalifica as relações de trabalho sob o capital” (SARTI, 1996, p. 67, grifos da autora).

a) Família 1

Todos os integrantes da Família 1 trabalham desde que são jovens e todos eles abandonaram a escola antes de concluírem o Ensino Fundamental por causa do trabalho. Os jovens da família repetem a mesma prática dos adultos e também trabalham, porém nem todos deixaram a escola antes da conclusão do Ensino Médio, mas costumam interromper o ano e reprovar devido ao cansaço do trabalho durante o dia e das aulas no turno da noite. Todos os trabalhadores contribuem, de forma igual, para as despesas da casa, com exceção dos jovens que, além da obrigação com a família, podem exercer, com o dinheiro obtido pelo seu trabalho, sua individualidade, ou seja, consumir, mesmo que comedido, os produtos de desejo pessoal, como telefones celulares, vestuário e acessórios, etc.

Todos desempenham trabalho braçal, pesado, que necessita da força corporal dos informantes. Isso porque trabalham de empregada doméstica, babá, cuidadora de idosos, cozinheira de padaria, marceneiro, auxiliar carpinteiro e serviços gerais. Milene (22) diversas vezes chegou em casa reclamando de dores nos braços de carregar caixas em seu trabalho de serviços gerais em um frigorífico da cidade. Mesmo assim, a jovem considera “normal” e do “serviço que faz” e, apesar de reclamar, afirma não se importar, “*melhor isso do que não ter*

serviço” (Milene, 22). São raras as reclamações dos informantes com relação ao cansaço causado pelo trabalho diário.

Nenhum dos trabalhadores tem qualificação e por isso desempenham trabalhos braçais, pesados e que necessitam da força corporal. Esta qualificação é impossibilitada pelos capitais econômico e cultural dos informantes, mas o inverso também é verdadeiro, já que a impossibilidade de qualificação é também consequência dos capitais econômico e cultural da família. Daniel (37), por exemplo, aprendeu o serviço de carpintaria com os colegas mais qualificados nas próprias obras em que já trabalhou e por isso foi promovido a auxiliar de carpinteiro.

A Família 1 demonstra admiração por aqueles que têm uma profissão advinda de Ensino Superior, que necessitam de “muito estudo”. Consideram algo muito distante da sua realidade, como, por exemplo, as profissões dos advogados, engenheiros, médicos e jornalistas, os chamam, inclusive, de “ricos”.

Além de trabalharem fora durante todo o dia, as mulheres da Família 1 ainda fazem jornada dupla, ou tripla, quando chegam em casa, já que são elas que desempenham, sozinhas, as tarefas domésticas. Mesmo cansadas, elas estão sempre disponíveis para realizarem essas tarefas, e pelo que parece, as fazem com gosto, sem a remuneração obtida quando trabalham fora, uma vez que algumas delas exercem as mesmas funções durante o dia na casa “dos outros” como empregadas domésticas.

O tempo de não trabalho é valorizado pelos informantes, mesmo que este seja para não “fazer nada em casa” ou então, ao invés de descansar, os integrantes da família ocupam esse tempo com trabalho extra, os “bicos”. Daniel (37), depois de um dia de trabalho na obra, à tardinha, trabalha em uma casa de família como serviços gerais, “faz tudo”. Quando tem folga, nas sextas-feiras, do trabalho de cuidadora de idoso, Roberta (33) faz faxinas em outras casas. Olivia (38), duas vezes por semana, sai da casa em que trabalha como empregada doméstica, no meio da tarde, e também realiza faxinas em outros locais. Juliana (42) faz o mesmo que a irmã. Portanto, “o uso do tempo no trabalho e do tempo fora do trabalho são orientados pelo trabalho” (FIGARO, 2005, p. 141), ou seja, o trabalho configura o dia a dia da Família 1.

Olivia (38) é a única da família que é beneficiária do programa Bolsa Família. A mulher conta que utiliza o benefício para comprar o que o filho Leandro (9) precisa para a escola e para auxiliar nas despesas da casa.

Todos os integrantes da família costumam comentar sobre o dia de trabalho quando estão em casa, à noite, demarcando a importância que este tem na vida dos informantes. Olivia (38), assim como elogia a “patroa” quando lhe dá folga ou alguma remuneração extra, também fala mal quando esta não dá alguma folga solicitada ou quando lhe dá “serviço demais”. A mulher conta, com certo orgulho, que foi ela quem “criou” a filha mais velha da “patroa” e faz o mesmo com o filho mais novo: *“Sou praticamente eu que educo, ele fica comigo de manhã e vai para escola de tarde, mas está sempre grudado em mim, sou quem abre a agenda dela, vejo se tem temas, aniversários dos colegas, reuniões e daí ligo para ela e aviso”* (Olivia, 38). Daniel (37) também tem o hábito de contar à família sobre fatos que acontecem na obra, como, por exemplo, das festas que a empresa promove aos funcionários ou sobre algo do cotidiano, como quando faz frio e quase “congelam” ao trabalhar no alto dos prédios em construção. Agora que está de licença por conta de complicações com a gravidez, Luciana (34), ao escutar as histórias dos irmãos, diz estar “louca” para voltar ao trabalho.

O fato de ter um trabalho que lhes possibilitem arcar com as despesas da família, mesmo que haja uma limitação dos gastos, é de extrema relevância aos informantes. Assim, demarcam constantemente a diferença entre o trabalhador “honesto”, “de bem” e o “bandido”, “vagabundo” que, ao invés de “batalhar durante o dia”, utiliza de outros meios para sobreviver: *“Imagina eu lá trabalhando e ainda tendo que ficar de olho nos marginalzinho que entram lá na padaria para tirar vantagem... eu corria com eles isso sim!”* (Luciana, 34). Outro exemplo são as justificativas sobre o envolvimento de vizinhos mais “chegados” em brigas e agressões físicas na Vila: *“O João se envolveu na briga, mas ele não é marginal como o Rodrigo, ele é trabalhador”* (Daniel, 37).

Essa limitação dos gastos imposta ao trabalhador assalariado faz com que a maioria do que é consumido pela família seja pensada em função do todo doméstico, afinal para que a compra se concretize, depende dos esforços, do trabalho de mais de um integrante. Por isso, os informantes costumam conversar sobre o que irão comprar e as decisões são tomadas coletivamente. A exceção, conforme já foi dito, são os jovens, que possuem a permissão, mesmo que controlada, para comprar algum objeto de que precisem ou que desejem. Olivia (38) é a única que tem o hábito de fazer “contas” impulsivamente, e se “não se cuida”, todo o mês compra algo que nem sempre é necessário e por isso é repreendida pelos irmãos: *“Pior irmã é comprar e ter que devolver sem usar por não poder pagar. Onde já se viu, que feio isso!”* (Juliana, 42). Os irmãos preferem juntar o dinheiro para fazer as compras à vista a fazer “contas” que podem demorar mais tempo para pagar.

Os gastos com mantimentos e com a comida consumida pelos informantes também são controlados, já que são divididos entre todos. Apesar de não faltar comida na casa da família, muitas vezes, eles trazem para casa alimentos que ganharam de seus patrões. Luciana (34), quando trabalhava na padaria trazia para casa pães que sobravam e também os dividia com o pai que mora em outra casa na Vila. Olivia (38) fica “faceira” quando traz para casa peixe, já que não costumam comprar o alimento. Os irmãos fazem as compras da casa em variados supermercados, conforme a localização (perto do trabalho ou de casa) e as ofertas disponibilizadas.

b) Família 2

Na Família 2, todos também trabalham desde a adolescência, mas apenas os pais Marcio (42) e Telma (40) abandonaram a escola no Ensino Fundamental devido ao trabalho. E, diferentemente dos jovens da Família 1, os da Família 2 trabalham, mas concluíram o Ensino Médio. Marcio (42) conta com orgulho que Bento (21) começou a trabalhar “cedo” porque ia com ele ao seu serviço: *“E não é que eu explorava ele e fazia ele carregar peso, Deus o livre... mas era para ele desde pequeno saber que é importante trabalhar, já ir aprendendo”* (Marcio, 42). Assim como os vizinhos da Família 1, os informantes também contribuem de forma igual para as despesas da casa. Porém os jovens também têm certa liberdade para consumirem, mesmo que controladamente, com a renda advinda do seu trabalho.

Os integrantes da Família 2, assim como os da Família 1, também desempenham trabalho braçal, pesado, dependente da força corporal. Isso porque trabalham de encanador, faxineira, auxiliar mecânico e atendente de supermercado. Como a primeira família, esta também raramente reclama sobre os esforços feitos no trabalho, se dizem acostumados. Marcio (42) acha tarde o horário em que Pamela (20) chega em casa do trabalho (23 horas), mas se conforma, já que a filha não tem alternativa, pois trabalha no turno em que o supermercado é fechado.

Da mesma forma que os trabalhadores da Família 1, os da Família 2 também não possuem qualificação e, por isso, desempenham trabalhos braçais que exige a força corporal. Apenas Bento (21) possui um curso técnico, já que é auxiliar mecânico em uma concessionária de veículos. E sobre a falta de qualificação, faço aqui a mesma reflexão que a da Família 1, visto que tal qualificação é inviabilizada pelos capitais econômico e cultural dos informantes, sendo o inverso também verdadeiro, porque esta impossibilidade é também

consequência dos capitais econômico e cultural da família. Segundo Marcio (42), tudo o que sabe fazer de “serviço” aprendeu com a “vida”, “fazendo”.

Igualmente à Família 1, a Família 2 tem apreço pelas pessoas que desempenham uma profissão proveniente de Ensino Superior, da “universidade”, que precisaram “estudar bastante para fazerem o que fazem”. Inúmeras vezes eles me perguntavam sobre assuntos de conhecimento geral, principalmente quando Marcio (42) e Bento (21) estavam fazendo palavras cruzadas no jornal impresso: *“Tu que é jornalista e sabe das coisas... nos ajuda aqui”* (Marcio, 42). Assim como a primeira família, esta também admira engenheiros, advogados, médicos, dentistas, etc.

Telma (40), assim como as mulheres da Família 1, também tem jornada dupla ou tripla de trabalho. Isso porque ela trabalha como faxineira em uma casa de família e no escritório dos mesmos patrões e, quando chega em casa, também trabalha desempenhando, sozinha, todas as tarefas domésticas. Apesar de cansada do dia de trabalho, Telma (40) também realiza os serviços sem remuneração e com dedicação. O único auxílio que tem é das filhas crianças, que algumas vezes, quando solicitado pela mãe, vão à “venda” comprar algum mantimento.

A maior parte do tempo do não trabalho é dedicado à família e por isso é tão valorizado pelos informantes. Porém, da mesma maneira que na Família 1, a Família 2 também ocupa esse tempo de folga com outros trabalhos para incrementar a renda familiar. E, ao contrário da primeira família, em que cada integrante tem “um bico diferente”, a Família 2 inteira se envolve em um só trabalho extra de acordo com a estação do ano: no verão, eles confeccionam em casa sorvete para vender aos moradores da Vila, e no inverno, confeccionam em casa algodão doce para ser vendido em bairros vizinhos e no centro da cidade. O trabalho também configura o dia a dia dos informantes da Família 2.

Ao contrário da Família 1, a Família 2 nunca mencionou ser beneficiária do programa Bolsa Família do governo federal.

Do mesmo modo que na Família 1, os integrantes da Família 2 também costumam comentar em casa, à noite, sobre questões relacionadas ao trabalho, reafirmando a importância deste na vida da família. Bento (21) tem amigos que conheceu no trabalho, já Marcio (42) costuma contar fatos em que reclama do comportamento dos colegas, segundo ele, alguns *“gostam de ferrar com o cara”*, como por exemplo, durante o feriado do carnaval quando alguns colegas não quiseram trabalhar no sábado para ter folga no feriadão. Marcio (42) comenta também que muitos companheiros não *“fazem seu serviço direito e botam a culpa nos outros”*.

A Família 2, assim como a Família 1, delimita a diferença entre eles, os trabalhadores, “pessoas de bem” e os “criminosos”, “bandidos”. Para Marcio (42), as pessoas que trabalham “honestamente” não se envolvem em nenhum tipo de “confusão na rua” e nem com “coisa errada, como roubos e drogas”. O homem reafirma constantemente as qualidades dos filhos como trabalhadores e honestos, e isto pode ser explicado porque “[...] o trabalho dos filhos tem também o sentido de uma proteção contra os riscos e os descaminhos do mundo da rua, onde se sofre a *influência de gente ruim* e se anda em *má companhia*, suscitando os fantasmas da droga e da criminalidade” (Dauster, 1992, Madeira, 1993, e Telles, 1992 in SARTI, 1996, p. 80).

Tal como a Família 1, a restrição econômica da Família 2 faz com que o consumo familiar também seja discutido entre os integrantes, os projetos de consumo também são familiares e a prioridade nas compras é a família. Porém, também há a ressalva dos jovens que podem utilizar seu salário para bens de consumo individual. Mesmo assim, há um limite para estas escolhas. Bento (21), por exemplo, tinha uma motocicleta que comprou com o “seu dinheiro”, e, além de ser “apaixonado” pelo veículo, este o auxilia para o deslocamento ao trabalho, tendo um baixo custo com a gasolina. Mas, quando o jovem pretendia trocar a motocicleta antiga por uma mais nova, mesmo que fosse pagar pela troca, teve que conversar com o pai e pedir autorização para a compra.

Devido à escassez do capital econômico, as despesas da Família 2 com mantimentos e comida também são comedidas. Não falta comida na casa da família e, diferentemente da Família 1, eles não ganham alimentos dos patrões, mas há um controle do que se pode ou não comprar durante o mês: “*Quando dá para comer bife a gente come bife, e quando não dá a gente come sei lá... guisadinho*” (Marcio, 42). A família costuma comprar alguns mantimentos na “venda” da Vila, mas também compra nos supermercados da cidade, sempre buscando os preços mais baixos, já que também atentam para as “promoções”.

c) Família 3

A Família 3 é a que mais possui diferenças com relação às outras duas famílias no que diz respeito ao trabalho. Começando pelo fato de que apenas o homem trabalha para manter a família com seis crianças. Manoel (34) trabalha desde jovem e por isso não terminou o Ensino Fundamental, assim como a maioria dos informantes das outras duas famílias. Mônica (32) trabalhava como empregada doméstica antes de casar, mas há doze anos não trabalha mais fora por imposição do marido, que não “a deixa”: “*Eu ando louca para trabalhar, para sair de casa... queria poder comprar as minhas coisas e não posso, tenho que pedir para ele!*”

(Mônica, 32). Assim, o trabalho para ela não tem apenas o significado que remete ao poder de compra, mas também um significado simbólico, já que pode “[...] ter algum *dinheirinho* seu, parco que seja, afirmando em algum nível sua individualidade, [...] o trabalho pode lhe proporcionar a gratificação de *pelo menos*, sair de casa – uma atividade que a retira do confinamento doméstico” (SARTI, 1996, p. 77).

O trabalho de Manoel (34), assim como o dos outros informantes das outras duas famílias, também é braçal, pesado e exige força corporal, já que é pintor. O homem nunca reclamou sobre o “serviço” que faz, mas a esposa, em algumas ocasiões, demonstrou insatisfação com as viagens do marido para trabalhar, pois deste modo fica sozinha em casa, cuidando das crianças. Porém, nem Mônica (32) e nem Manoel (34) falam com detalhes sobre o trabalho do homem.

Da mesma forma que os trabalhadores das outras duas famílias, Manoel (34) não possui qualificação, e como consequência disso, optou por um trabalho que exija a força corporal. Identicamente às outras duas famílias, a desqualificação é resultado da limitação do capital econômico e cultural do informante e vice-versa, é um ciclo.

Assim como as outras duas famílias, a Família 3 também mostra admirar aqueles que estudaram para ter uma profissão bem remunerada, “os ricos”, sendo exemplo destes, os jornalistas, os trabalhadores de universidades, os engenheiros, os médicos, etc.

Mônica (32), da mesma maneira que as mulheres das outras duas famílias, desempenha, na maioria das vezes sozinha, as tarefas domésticas. E, como não trabalha fora e sim em casa, tem jornada tripla todos os dias. O marido “ajuda” quando está em casa, principalmente a cuidar dos filhos e a fazer comida. Mesmo assim, é a mulher que administra a casa e as crianças mesmo sem remuneração, o que muitas vezes causa indignação, já que se sente “presa” à casa, ao marido e às crianças.

Ao contrário das outras duas famílias, a Família 3 não costuma conversar sobre a rotina de trabalho em casa. Manoel (34) está raramente, assim ele não comenta de seu emprego com frequência e Mônica (32) não tem com quem falar sobre o trabalho de dona de casa. Mesmo assim, o trabalho doméstico de Mônica (32) conforma seu dia a dia, pois precisa organizar as tarefas de acordo, por exemplo, com o horário da escola dos filhos, além de a configuração familiar ser alterada pela ausência e presença do marido em casa.

A Família 3, assim como uma das informantes da Família 1, é beneficiária do programa do governo federal Bolsa Família. É devido a ele que Mônica (32) consegue comprar o material escolar dos seis filhos e afirma que há um tempo ocupava o dinheiro

também para fazer suas compras pessoais, mas que agora usa o dinheiro para os filhos e para comprar os mantimentos para casa quando necessário e as outras contas entrega ao marido: *“Agora quando preciso comprar algo ele que paga ,não pego mais o dinheiro do bolsa... afinal ele diz que prefere pagar as coisas para mim para eu não trabalhar!”* (Mônica, 32). A mulher costuma elogiar o programa social e, inclusive, uma das caturritas que a família tinha (morreu durante a minha estada na família) levava o nome de Dilma e foi escolhido pelas crianças.

Na Família 3, também é presente a diferenciação entre o trabalhador e o “bandido”. Apesar de Mônica (32) desejar ter a casa da vizinha da frente que é traficante, ela garante que *“prefere não ter as coisas do que viver do tráfico”*. Para a família, os “bandidos” conseguem comprar o que querem com mais facilidade, mas, em compensação, têm uma vida perigosa, que “não vale a pena”. Já o trabalhador precisa “batalhar muito” e muitas vezes nem consegue ter o que ele e a família gostariam, porém *“dorme com a consciência tranquila”*.

O diálogo sobre o consumo familiar na Família 3 é menos recorrente do que nas outras duas famílias. Isto porque Mônica (32) diz que gostaria de comprar alguns objetos para casa e que o marido apenas promete e não cumpre, devido à falta de dinheiro: *“Eu queria tanto o meu sofá, meu forno e meu piso aqui para casa, mas ele só diz que vai comprar e não compra, nunca dá!”* (Mônica, 32).

Por conta da carência econômica, sendo a Família 3 a mais carente das três famílias informantes, há um controle maior com as despesas com mantimentos e comida. Nas outras famílias, não existem exageros com relação à comida, mas existe uma maior variedade de alimentos, por exemplo, o que não é percebido na Família 3. Certa vez, quando estávamos no chá de bebê de Luciana (34), da Família 1, perguntei a Mônica (32) porque ela não havia comido quase nada na confraternização. A mulher me respondeu: *“Não tô comendo porque penso que meus filhos estão em casa e não podem comer essas coisas boas todas.”* No final da festa, a mulher levou para casa um prato com brigadeiro e pastel para as crianças. Assim como as outras duas famílias, esta também pesquisa os supermercados com preços mais baratos para realizar as compras. A Família 3 não costuma ir a supermercados grandes, e quando o faz, raramente, Mônica (32) fica encantada com a variedade dos produtos: *“Eu adoro aquele mundaréu de shampoo que tem lá no Big, fico louca!”*.

Assim sendo, o trabalho é essencial para as famílias informantes, mesmo para aquele integrante que não trabalha fora de casa, ele “é o instrumento que viabiliza a vida familiar” (SARTI, 1996, p. 73), tem valor econômico, moral e simbólico. É ele que determina a

condição econômica dos informantes, o seu capital econômico e também de certa forma, o capital cultural (pelo pouco acesso à escola e herança intelectual advinda da família).

É o trabalho que determina as limitações econômicas das três famílias, já que “a quantidade de rendimentos impõe limites, indo determinar não só o que pode ser comido ou vestido, mas também de que maneira a própria cidade pode ser apropriada; ou seja, é a renda que vai ditar, em boa medida, a maneira de viver” (CALDEIRA, 1984, p. 104). A prática de consumo, normalmente é feita através da mediação da família, sendo esta uma prática coletiva, onde há o diálogo entre os informantes sobre o que é necessário e o que desnecessário para o grupo familiar.

Através do trabalho, os informantes se diferenciam dos “outros” moradores da Vila, dos “mais pobres” que não têm trabalho ou que “*não gostam de trabalhar*”, os “bandidos”. Portanto, “a identidade do trabalhador constrói-se em parte por oposição a bandidos e vagabundos que não trabalham” (ZALUAR, 2000, p. 132). Então os informantes não fazem apenas a diferenciação entre o “pobre”, “trabalhador” e o “rico”, que muitas vezes “*não precisa trabalhar*”, pois há ainda a demarcação dos limites entre os pobres e aqueles mais pobres ainda, com isso os informantes abandonam a visão dicotômica da sociedade, onde existe apenas o pobre e o rico:

“[...] a categoria pobreza muda de posição para marcar limites entre os que se incluem ou se excluem no grupo dos pobres de tal modo que parecem contradizer-se. Na verdade, a mesma categoria é pensada para opô-las aos muito pobres, aos que passam fome, complicando sua visão da sociedade. Se o pobre é aquele que trabalha para comer, mas tem saúde ou tem força para trabalhar, então pobre mesmo é o que ‘não tem saúde’, ‘não tem comida dentro de casa’, tem que ‘pedir esmola’, não trabalha” (ZALUAR, 2000, p. 105)¹⁰.

Assim, a categoria pobreza é pensada pelos informantes através de sua associação ao trabalho e não trabalho, já que opõem o “trabalhador” àqueles que não têm as mesmas oportunidades que os informantes e desempenham funções menos remuneradas ou então não têm trabalho “fixo”, com carteira assinada e que mal têm recursos para “*colocar comida na mesa*” ou ainda os que são “vagabundos”, que optam por maneiras mais fáceis de ganhar dinheiro e “bandidos”, que se utilizam de atividades ilícitas como roubos, furtos ou tráfico de drogas para se sustentar. Então o trabalho, mesmo que cansativo e mal remunerado, “[...]”

¹⁰ Cardoso (1978) e Caldeira (1984) também fazem esta análise.

passa agora a ser considerado como uma característica positiva – para qualificar os pobres” (CALDEIRA, 1984, p.153).

Desta forma, os “pobres”, que, em um primeiro momento, pareciam ser todos iguais, homogêneos, em antagonismo aos “ricos”, possuem suas subclassificações, e deste modo, “o mundo social não é, para os entrevistados, feito apenas de oposições; ele é também um mundo de diferenças entre os iguais e sob este ponto de vista o ‘nós’ se dilui” (CALDEIRA, 1984, p. 160).

A noção do trabalho “honesto” vinculado com a de família unida, lar estruturado onde o homem é o provedor moral, o “chefe” também é essencial para caracterizar a diferença dos “pobres”, mas “trabalhadores” dos “mais pobres”, dado que

[...] é nas ruas e favelas onde estão o ambiente deteriorado, a sujeira, a família desagregada, o não-trabalho, a vagabundagem, enfim, todas aquelas características que descrevem ‘os mais pobres de tudo’. E serão essas mesmas características e esses mesmos personagens que estarão invariavelmente associados à violência e ao crime (CALDEIRA, 1983 e 1984; PAOLI, 1982; DA MATTA, 1982).

O trabalho nas três famílias ultrapassa a noção apenas de trabalho fora, porque, nestas famílias, o trabalho doméstico também é executado pelos integrantes, neste caso, pelas mulheres, que realizam jornadas que chegam a ser triplas e este trabalho doméstico extrapola as ações limitadas ao fogão, à pia, ao tanque e à tábua de passar, significando “[...] junto com a maternidade, o substrato da construção da identidade feminina, definindo um jeito de ser mulher sempre enredado em intermináveis lides domésticas, neste mundo social fortemente recortado pela diferenciação de gênero” (SARTI, 1996, p. 75). Além do trabalho das mulheres dentro e fora de casa, o trabalho dos filhos jovens faz-se necessário não só para que dividam as despesas da família mas também para que possam adquirir com maior liberdade os objetos de desejo, que lhes dá a noção de pertencimento proporcionado pelo consumo e, acima de tudo, lhes permite cumprir uma espécie de obrigação, um compromisso moral com a família.

5.2.3 O bairro como parte conformadora da identidade do trabalhador de classe popular

O bairro é fundamental para a sociabilidade das famílias, apesar de a maioria dos informantes trabalharem fora e passarem pouco tempo em casa. Além disso, o capital social dos informantes é baseado na convivência que acontece no local, pois a maioria das relações destes está restrita à família e ao bairro. É na Renascença que está a maior parte dos amigos e

“parentes” das três famílias informantes, bem como há a ligação, mesmo que muitas vezes ténue, com os vizinhos, na qual se estabelece o espírito de companheirismo, de ajuda mútua. Este senso de comunidade é marcante, natural e espontâneo entre os moradores:

Este sentido de comunidade é inconsciente; está muito longe da camaradagem cultivada pelos movimentos com propósitos de reforma social. Não deriva – pois é algo de elementar, algo de mais antigo- da convicção de que a união se torna necessária caso se pretendam melhorar as condições de vida, convicção essa que está na origem dos movimentos cooperativos. É, fruto do saber de experiência feito, que ensina que o indivíduo se encontra inevitavelmente integrado no grupo; o indivíduo sabe que está integrado num grupo, porque experimenta o calor humano e a sensação de segurança que lhe são facultados pelo próprio facto de pertencer ao grupo, porque o grupo se mantém sempre igual a si mesmo, e porque se vê frequentemente obrigado à recorrer à ajuda dos vizinhos; uma vez que não pode geralmente pagar os serviços de outrem (HOGGART, 1973, p. 99).

Conforme já dito anteriormente neste texto, a maioria do tempo livre dos informantes é vivida na Vila, os momentos de lazer ou ocorrem no local ou em bairros próximos. Os moradores saem pouco de casa e da Vila, em alguns finais de semana visitam os “parentes” que moram em outros bairros, mas convivem mesmo é com os vizinhos da Renascença. Enfim, “a vida faz-se muito dentro do bairro, e tudo está perto” (HOGGART, 1973, p. 74).

Todos os moradores se conhecem, mesmo que não tenham, muitas vezes, relações de proximidade e por isto estabelecem uma relação social, a de vizinhança. E as redes que se formam entre os vizinhos, parentes e familiares mais próximos é que compõem a sociabilidade da Vila, que faz com que haja de certa forma, uma identificação entre os moradores, é um “lugar de reconhecimento” (MAYOL, 1980). Por isso, essa relação social estabelecida, a vizinhança, que faz com que as pessoas sejam próximas, mesmo existindo o afastamento normal dos menos íntimos, permite que haja certas regras a serem cumpridas e normatizadas pela cordial convivência entre os moradores, há um entendimento sobre a necessidade de conviver de maneira harmônica. Aqueles que, na visão deles, não o fazem, são julgados pelo modo de se comportarem. Por exemplo, quando Mônica (Família 3) conta, com certa indignação, sobre a casa de uma vizinha, que foi reformada, levantando suspeita de envolvimento criminoso dos vizinhos: *“Eu fiquei apavorada, nunca tinha entrado ali dentro, fui lá esses dias e está tudo novo, lindo...Mas também né não foi com o suor dela nem dele, conseguiram por causa do tráfico...mas se é por isso eu prefiro ficar na minha do que fazer isso aí! Ser traficante!”*.

Outra situação semelhante ocorre, quando os informantes se queixam das brigas que acontecem entre os vizinhos, no espaço doméstico ou na rua, quando um vizinho corre de

carro ou de motocicleta, tornando a rua perigosa para as crianças ou quando um morador se envolve com a polícia, seja por questões relacionadas ao tráfico de drogas, roubo ou homicídio. Os informantes costumam contar sobre as atitudes dos vizinhos, comparando-as com suas próprias atitudes, afirmando assim o que é certo e o que errado de acordo com o seu padrão de moralidade, sendo esta considerada sob o ponto de vista antropológico:

[...] numa perspectiva que pode ser chamada de durkheimiana, no sentido de que nega qualquer “essência” boa ou má à ordenação moral que fazem os pobres do mundo social, mas busca compreender qual é a interpretação que os sujeitos envolvidos fazem de sua experiência de vida, expressa em suas normas e valores (SATRI, 1996, p. 3).

Assim, os transgressores das normas sociais do trabalho e da família que não se submetem à disciplina do trabalho duro para prover o lar ou então não consideram o projeto familiar como prioritário, são classificados como moralmente errados, e por isso, são julgados pelos informantes. Desta forma, “a reflexão sobre as determinações sociais que levam os pobres a se identificarem uns com os outros alterna-se com a necessidade de discriminar os caminhos escolhidos e diferenciá-los moralmente” (ZALUAR, 2000, p. 153). A classificação da atitude do vizinho que infringe a moralidade acontece para que os informantes não percam o reconhecimento como “pessoas de bem”, “honestas e direitas”, assim “reclamar do vizinho é parte da lógica intrínseca ao discurso local. Como seu espelho, a identificação positiva ou negativa com o vizinho serve de constante parâmetro para sua identidade de *homem de bem*” (SARTI, 1996, p. 93, grifo da autora).

A Vila não serve apenas como local de moradia, mas é também um espaço de reconhecimento e de diferenciação, de constante negociação, entre o íntimo e o não tão íntimo, o certo e o errado, combinando inúmeros significados que fazem parte da construção do cotidiano e das representações dos moradores. Portanto, os informantes “ao usarem e percorrerem a pé o bairro vão se apropriando desse espaço, privatizando-o. Ele se torna, assim, um espaço familiar, qualificado, embora não deixe de ser o exterior e público em relação à casa” (CALDEIRA, 1984, p. 120).

a) Família 1

A maioria das relações dos informantes está restrita à Renascença, já que no local mora grande parte dos amigos, familiares e “parentes”. Eles têm pouco contato com pessoas de outros bairros, a não ser que estas sejam familiares (dois irmãos que vivem em outros

bairros) ou amigos muito próximos conhecidos no trabalho ou pessoas que se mudaram da Renascença.

Os informantes da Família 1, principalmente as mulheres, costumam falar mal dos moradores de outros bairros, especialmente daqueles que vivem em bairros próximos, generalizando-os e comparando-os com eles próprios. Isso acontece mesmo que não tenham muito contato com estas pessoas. Luciana (34), por exemplo, ao contar sobre o furto de um carro enquanto os moradores da Renascença e arredor estavam “pegando” garrafas de bebidas de um caminhão que tombou na faixa, na entrada da Vila, afirmou, sem ter certeza, que quem furtara o tal carro fora um morador da Vila Lídia: “*Daqui da Vila não foi, só pode ser coisa de lidiano!*”. Emilia (20), certa vez, também ao relatar sobre uma briga de duas jovens em um baile *funk* na Vila que teve como consequência um tiro na moradora da Renascença referiu -se pejorativamente aos moradores do bairro vizinho: “*Teve a briga na festa, discutiram por causa de fofoca e de homem eu acho, mas adivinha né, a guria que deu o tiro não era daqui, só podia ser da Lídia*”. Comentários como esses eram frequentes, principalmente sobre os moradores da Vila Lídia, mas também sobre outros bairros vizinhos. A impressão é de que com tal atitude, os informantes negam a existência de violência em sua Vila, protegem o seu local de moradia, dando a entender que é o do outro o mais perigoso, o mais violento e onde não há a maioria de “pessoas de bem”.

A Família 1 costuma comentar com frequência sobre a violência na Vila, sobretudo sobre as brigas entre os vizinhos e os casais, os usuários de drogas e as mortes que eventualmente ocorrem no local ou nas proximidades envolvendo algum morador da Renascença. Esses relatos, na maioria das vezes acontecem com certa intimidade não só com os envolvidos, mas também com os fatos (mortes por delação, desavenças por tráfico ou roubo, brigas entre os vizinhos ou casais, etc.). A frase de Luciana (34) explicita bem que a convivência com estas questões faz parte do cotidiano da Vila: “*Desde que nos conhecemos por gente vivemos no meio disso tudo, da violência e drogas*”. Assim, os informantes consideram que têm uma boa relação com os usuários de drogas lícitas (álcool) e ilícitas, que, segundo eles, são muitos, e com os bandidos. Porém se sentem incomodados quando as repercussões geradas por essas situações os afeta de alguma maneira, como, por exemplo, quando um usuário de drogas que mora em frente à casa da família briga com outros moradores, gerando tensão naquela parte da rua e envolvendo outros vizinhos, muitas vezes os próprios informantes que tentam separar, ou que se preocupam com a consequência de toda confusão (pessoas machucadas, presença da polícia, etc.).

Os informantes contam ainda que na Renascença existem traficantes de drogas, mas que logo estes são descobertos ou pela polícia ou pelos outros moradores, já que a Vila é pequena e todos se conhecem. Esta situação é tratada com naturalidade pelos integrantes da família, mas não porque concordam com as atividades criminosas, e sim porque existe certa regra que está implícita entre os moradores, a de não “se meter” ou “dedurar” o vizinho. A vista grossa é feita para garantir a convivência harmoniosa entre a vizinhança. Mesmo assim, os informantes comentam que alguma “fofoca” sobre os bandidos sempre acontece e citam que eles mesmos já foram “vítima de falatório”. Isto aconteceu quando eles construíram a atual casa em que moram, que é de alvenaria, no lugar da antiga casa pequena e de madeira. Esta construção só foi possível com a ajuda de um dos patrões dos irmãos, que presenteou a família com todo o material de construção. A obra aconteceu através de um mutirão de amigos e familiares que nos finais de semana se dedicavam à nova construção, por isso, a Família 1 sempre oferecia um almoço ou um jantar como forma de recompensar a ajuda aos que estavam trabalhando na construção. Segundo os informantes, as confraternizações eram pequenas, mas tinham música, uma carne, ou muitas vezes pão com salsichão. E foi a construção de “uma vez só” da casa, aliada aos almoços e jantares, que geraram “fofoca” dos vizinhos:

Diziam que a gente tava traficando para poder construir a casa de material tudo de uma vez e ainda pagar churrascada para o pessoal! Até parece... era um pedaço de carne com pão para os que tavam trabalhando na parceria. E a casa se não fosse um anjo que apareceu na nossa vida, não teríamos conseguido!” (Luciana, 34).

Contudo, a Família 1 considera a Vila um lugar tranquilo de se viver, mesmo que, segundo eles, tenha alguma violência, não acham o bairro violento. Para a família, o exemplo de bairro violento em Santa Maria é a Santa Marta porque, conforme eles, é grande e existe disputa de “bocas de fumo”, diversos pontos de venda de drogas, pessoas que matam os desafetos em frente aos filhos, no meio da rua e “em plena luz do dia”, o que, de acordo com eles, não acontece na Renascença. Conforme já citado neste texto¹¹, os prestadores de serviços, órgãos de segurança pública e moradores da cidade consideram a Renascença um dos dez bairros mais perigosos de Santa Maria, contrastando com o declarado pela Família 1.

Grande parte da ajuda mútua que envolve os integrantes da família acontece entre os familiares, “parentes” e amigos, não sendo percebida entre os outros vizinhos da família, nem os que moram mais próximos e nem os mais distante. O capital social dos integrantes da

¹¹ Ver anexo.

família é mais restrito às relações de maior proximidade. Esta ajuda mútua percebida diz respeito à troca de algum mantimento, empréstimo de dinheiro e até cuidados com as crianças ou idosos dos mais próximos. A família costuma dar banho e comida ao filho de cinco anos de um sobrinho quando esse não pode fazê-lo.

Como a Vila é pequena e todos se conhecem, é comum que a família comente sobre “a vida do vizinho”, seja para fazer algum elogio ou para revelar algo que julgam incorreto na intimidade desse: “*Tem muitos gays legais, mas alguns aqui da vizinhança, como o Gustavo, que tu conheceu, sabe? É bem bichinha louca, o nosso pai esses dia reclamou que a Emilia se dá com ele!*” (Olivia, 38). Além disso, se julgarem necessário, os informantes discutem com os vizinhos em alto e bom tom. Certa vez, um vizinho dos fundos estava queimando lenhas e borrachas e por isso a fumaça e o mau cheiro invadiram o pátio da família. Então as mulheres começaram a insultar o vizinho, sem que este respondesse através da cerca. Luciana (34) chegou a dizer: “*Ordinário. Tá anunciando que vai fazer uma carne? Só para se aparecer garanto!*”, marcando, mais uma vez, a diferenciação entre o “eu” e o “outro”, mesmo que esse “outro” tenha identificação, em algum momento, com os informantes da Família 1.

O lazer dos integrantes da Família 1 acontece dentro da Vila, ou então em bairros próximos, embora muitas vezes se refiram com desdém ao “pessoal lá de cima”. Em alguns finais de semana, os jovens da família frequentam as pequenas reuniões, festas nas casas que possuem garagem. A trilha sonora principal é o sertanejo, o *funk* e o *rap*. São os próprios jovens que recolhem o dinheiro para compra de bebida, já que a festa é organizada por eles. Muito raramente frequentam as festas organizadas em outros bairros, porém os moradores das localidades vizinhas algumas vezes participam das festas na Renascença. Essa prática de ir a “bailes” em outros bairros para se divertir é mais comum aos integrantes maduros, já que, na Vila, são organizadas poucas festas para essa faixa etária. No entanto, os informantes afirmam que preferem frequentar as festas realizadas na Vila, porque lá todos se conhecem e assim “os problemas” (brigas) são evitados.

Outra forma de lazer entre os jovens da Família 1 é que, no verão, antes de anoitecer, costumam andar de um lado para o outro de braços dados (no caso das meninas), já os meninos também caminham pelas ruas escutando música, ou no telefone celular ou em caixas de som portáteis. Entre uma caminhada e outra, param para conversar ou para se reunir em frente de um único *notebook*. Quando este está com um dos integrantes da família, ou está com Emilia (20) ou foi emprestado por ela (que comprou um aparelho recentemente). As principais funções do computador portátil no meio da rua são as músicas (sertanejo, *rap* e

funk), que são escutadas em volume alto, e a rede social *Facebook*. Já as mulheres maduras da Família 1, também no verão, antes de anoitecer, sentam em frente às casas para conversar enquanto as crianças jogam bola ou brincam de “pega-pega”. As vizinhas que têm o mesmo costume algumas vezes acabam “chegando” para também “jogar conversa fora”.

Essas práticas acontecem também durante a semana e, por isso, raramente os homens participam desta forma de lazer, porque chegam em casa do trabalho com pouca disposição para conversa com vizinhos, familiares e parentes.

A Vila também faz parte do ambiente de lazer da Família 1 durante os finais de semana e, nesses dois dias da semana que se permitem sentar em frente da casa, escutar música alta (sertanejo, *rap* e *funk*), beber cerveja e, em algumas ocasiões especiais, como em aniversários, assar “uma carne”.

Além de todas essas formas de lazer já citadas, para os integrantes da Família 1, tanto os homens quanto as mulheres em todas as faixas etárias, ficar em casa descansando, olhando televisão ou escutando música também é uma forma de lazer. Isto pode ocorrer pelo fato de não terem muitas outras opções pela sua condição econômica. Mas também porque, como os jovens e maduros trabalham exaustivamente, o momento de ficar em casa, ou seja, o momento do não trabalho é visto como uma forma de lazer, de aproveitar o tempo livre para não fazer nada em casa.

A Família 1 não tem o costume de fazer as compras dos mantimentos para casa na “venda” que existe na Vila, essa prática ocorre excepcionalmente. A maioria das compras é feita em supermercados no centro da cidade, principalmente aqueles localizados próximos ao trabalho das mulheres, já que precisam carregar as compras no ônibus. Ou então, recorrem a um supermercado mais longe quando a promoção de algum produto vale a caminhada.

Os informantes frequentam o posto de saúde localizado no bairro Patronato, o pronto-atendimento do mesmo bairro ou então o Hospital Universitário, já que, na Renascença, não há nenhuma unidade de saúde.

b) Família 2

Assim como na Família 1, o capital social dos informantes é constituído na Vila, pois a maioria das relações também está restrita ao local. Lá mora a maioria dos amigos dos informantes, mas, diferente da Família 1, poucos “parentes” e familiares vivem no lugar. Mesmo assim, os informantes raramente saem da Vila para visitar estas pessoas nos finais de semana. São os amigos, familiares e “parentes” que normalmente visitam a família na Renascença. A exceção é Bento (21), que tem o capital social também baseado no trabalho e

em colegas antigos da escola. Assim como os amigos o visitam na Vila, ele também costuma ir até a casa destes.

Diferentemente da Família 1, a 2 não costuma falar de moradores de outros bairros, comentam apenas quando julgam ter acontecido algo de errado ou de sério, como morte ou assalto, ou quando ficam sabendo porque tem algum conhecido nesses locais ou porque apareceu na mídia, tanto na televisão quanto no jornal impresso. No caso do furto de um carro quando um caminhão de bebidas tombou na entrada da Vila, os informantes comentaram o ocorrido e salientaram que o ladrão não era da Renascença, mas não afirmaram que era “coisa de lidiano”. Tampouco usam esse tipo de referência quando falam dos moradores de outros bairros vizinhos.

Os integrantes da Família 2 falam menos da violência na Vila do que os da Família 1. Entretanto comentam sobre as brigas dos vizinhos causadas pelo uso de drogas ilícitas, do outro familiar de um amigo que mora no local e que é “ladrão”, porém com menos frequência que a Família 1. Mas os informantes não demonstram tanta intimidade nem com os envolvidos nos crimes e nem com os fatos em si. Demonstram tratar da questão com menos naturalidade, reprovando-a sempre. No entanto, não foram poucas as vezes em que Telma (40), ao falar de algum “bandido” da Vila fez referência ao fato de que este é filho de *“família boa, que foi apenas mal encaminhado”* e que apesar de tudo *“a vizinhança viu crescer”*.

Apesar desta reprovação quanto à violência presente no local, a Família 2 também segue a “regra” de convivência com os “bandidos” e garante que “não se metem” com os vizinhos: *“A gente não fica se metendo sabe? Se rouba ou se não rouba, se usa ou não usa droga!”* (Marcio, 42). Declaram ter uma boa relação com os usuários de drogas lícitas (álcool) e ilícitas e com os “bandidos”. E talvez por isso que a família, mesmo discordando, já escondeu “bandidos” em casa. Telma (40) contou que um dia estava sozinha em casa com as crianças e que um vizinho, fugindo da polícia, pulou o muro do seu pátio e lá escondeu a arma que portava e então se trancou no banheiro até os policiais saírem da Vila. Ela diz que permitiu o ato porque estava com medo por estar sozinha e para *“não se incomodar com os vizinhos”*. No entanto, a família não costuma intervir nas brigas dos vizinhos e só se envolve com os “bandidos” em casos como este que acabo de relatar, quando, segundo eles, não há alternativa.

Marcio (42) assegura que a família sofre preconceito por morar na Renascença e afirma que isso acontece no trabalho, na lotérica, quando precisa dar o endereço em que mora, enfim na rua em geral: *“O pessoal costuma falar bah lá matam gente!”*. Todavia, a Família 2,

assim como a Família 1, não acha a Renascença um lugar violento, acha “tranquilo” e garante que “não troca a Vila por outro lugar”. Marcio (42) e Telma (40) contam que há alguns anos o local era mais violento, e que lá aconteciam muitas “mortes”, diferentemente de agora, que *“acontece uma vez lá que outra”*.

Quanto à ajuda mútua no bairro, a Família 2 é mais solidária aos vizinhos do que a Família 1. Esta ajuda não acontece apenas com os amigos, “parentes” e familiares, mas também com os outros vizinhos. Exemplo deste auxílio com familiares foram os cuidados que tiveram com Gisele (8), a filha do sobrinho de Telma (40), que ficou alguns meses na casa da família porque estava “desnutrida” e precisando de cuidados especiais. O exemplo de ajuda aos vizinhos que não possuem nenhuma relação de parentesco é o fato de Telma (40) sair de casa, na hora de preparar o jantar da família, para ajudar a vizinha a acender o fogão a lenha, ou então “dar” comida quando algum vizinho precisa. Marcio (42) também costuma conversar com os vizinhos quando estes precisam de algum conselho, assim Telma (40) costuma dizer que a casa da família *“é o muro das lamúrias, um chora de um lado, vem outro e chora de outro...”*.

Tal como a Família 1, a Família 2 gosta que a Vila seja pequena e por isso todos se conhecem: *“A gente sempre sabe quando tem vizinho novo na Vila!”* (Marcio, 42). E, apesar de serem avessos às “fofocas” que dizem ter na localidade e de ajudarem os vizinhos, acabam comentando sobre os vizinhos, suas brigas, desavenças, intimidades, como comentado na outra família sobre as opções sexuais, e até realizam elogios, quando julgam necessário. Marcio (42) não gosta quando a esposa “fala” dos vizinhos e por isso os comentários de Telma (40) normalmente acontecem sem a presença do marido. Sempre que ela está contando algo sobre um vizinho, repete: *“O Marcio é todo certinho e não gosta da gente se metendo em fofoca... que eu fale da vida dos vizinhos! Por isso nem comenta nada com ele sobre as nossas fofocas!”* (Telma, 40). E, apesar de algumas vezes “falar da vida dos vizinhos”, a mulher não costuma estar envolvida nas “fofocas” que acontecem na Vila, assim como a família não se intromete nas brigas e discussões que por ventura aconteçam no bairro. A esposa e os filhos respeitam a determinação do marido de *“não se meterem em função na rua onde tá todo mundo”*.

As principais formas de lazer da Família 2 acontecem no bairro, porém não se restringem apenas a ele e arredores. Normalmente, nos finais de semana de folga, a família fica em casa descansando ou vai visitar familiares que moram em outros bairros. No verão, os pais montam uma piscina grande e de plástico no pátio da casa para a família se “refrescar”

nos dias quentes santa-marienses. Ou então, esporadicamente, toda a família vai passar o dia em algum balneário próximo.

Os pais não costumam sair para ir aos “bailes” como fazem os irmãos da Família 1. Bento (21) gosta de ficar em casa com os amigos, mas, quando sai, não frequenta apenas as festas que acontecem na Vila e nos bairros vizinhos, ele também vai às boates do centro da cidade. Mesmo assim, os pais falam, com orgulho, que o menino é “calmo” e “caseiro”. Pamela (20) não tem o hábito de sair nos finais de semana, pois recém se separou do marido e prefere ficar em casa.

A Família 2 não costuma sentar à frente da casa para conversar, o fazem raramente no verão, quando está muito quente para ficar dentro de casa no final da tarde. Quando o fazem, apenas conversam e não escutam música alta como a Família 1, porém não se incomodam com o hábito dos vizinhos (outras famílias da Vila que não fazem parte da amostra têm o mesmo hábito). Nos finais de semana, quando os informantes sentam em frente à casa, também não escutam música e nem consomem bebida alcoólica. Bento (21) é o que mais utiliza o espaço em frente à casa para conversar com os amigos quando chega do trabalho. Fabiane (11) tem o hábito de sentar na frente da casa à tardinha para mexer no celular e escutar música, já Helena (9) brinca com as vizinhas na rua até a hora da mãe chamar para o jantar.

Em alguns finais de semana, quando “dá”, a família faz um “churrasquinho”, mas Marcio (42) sempre enfatiza que não gosta que os filhos se “empolguem”, já que, segundo eles, a condição financeira impede que a prática seja repetida em todos os finais de semana.

Assim como na Família 1, o lazer da Família 2 está muito ligado a ficar em casa descansando dos dias trabalhados, “sem fazer nada” ou então assistindo à televisão. Isto é percebido entre todas as gerações dos integrantes da família e também pode ser explicado pela condição econômica, pelo trabalho cansativo dos informantes bem como pela importância dada à mídia, principalmente à televisão.

A Família 2 frequenta com maior assiduidade a mercearia da Vila. Lá são comprados os mantimentos que faltam para o jantar ou então algo que foi esquecido por Telma (40) e Marcio (42) durante as compras do supermercado. Quem costuma ir à venda é a mãe ou as filhas mais novas, Helena (9) e Fabiane (11). Quando a dona de casa está muito ocupada com os afazeres domésticos, ela pede que a filha mais nova vá até a “venda”. Mesmo assim, a família faz as compras da casa em supermercados do centro da cidade quando estes têm produtos em promoção e costumam expandir a procura por estas ofertas, já que a família tem

carro e, quando precisam, ou Marcio (42) vai sozinho ou leva a esposa aos locais para realizar as compras. Durante a semana, para ir ao trabalho, não utilizam o carro, ou deslocam-se de motocicleta (Marcio tem uma e o filho Bento, outra) ou de ônibus. Telma (40) também utiliza a bicicleta para ir trabalhar quando não pega carona do filho ou do marido.

Assim como a Família 1, a Família 2 também utiliza o posto de saúde localizado no bairro Patronato, o pronto-atendimento do mesmo bairro e o Hospital Universitário, se necessário.

c) Família 3

O capital social dos informantes da Família 3 é constituído de forma diferente para o homem (Manoel, 34) e para a mulher (Mônica, 32). O de Manoel (34) é baseado nas relações familiares, do bairro e também no convívio do trabalho. Já o capital social de Mônica (32) é restrito às relações familiares e às poucas relações do bairro, formadas principalmente por familiares e “parentes”. Os informantes também têm contato com os familiares que moram em outros bairros.

Diferentemente da Família 1, mas igual à Família 2, a Família 3 também não costuma se referir aos moradores de outros bairros através de apelidos (“lidianos”) e nem fala sobre estes com frequência. Mas igualmente comenta quando julga que algo de errado aconteceu nessas outras localidades, como, por exemplo, quando na época, aconteciam inúmeros homicídios na Santa Marta. Talvez Mônica (32) não comente muito de outros bairros porque quase não tem contato com os moradores, o que sabe de informação, ou é através da mídia, principalmente a televisão, ou porque alguém próximo a ela (familiar ou “parente”) contou.

Entretanto, a Família 3 fala sobre a violência que acontece na Vila. A mulher comenta sobre as brigas, sobre os vizinhos envolvidos com o crime e sobre os usuários de drogas lícitas (álcool) e ilícitas. Segundo Mônica (32), a maioria dos moradores da Vila usa alguma droga, mas afirma que alguns “são mais drogados”. Mesmo assim, garante que a família tem uma boa relação com esses vizinhos: *“Não é porque eles usam que eu também vou usar e também desde que não tão me fazendo mal... não tem problema!”* (Mônica, 32). Ela e o marido pensam que os usuários de drogas não incomodam a rotina da Vila e ainda afirmam que muitas das brigas que acontecem em consequência do uso de drogas “são em família”. Para eles, o fato destas serem “em família” não atrapalha os outros vizinhos, mesmo que muitas aconteçam no meio da rua: *“Tem lugar que eles, os drogados incomodam todo mundo, aqui não!”* (Manoel, 34). Além dos usuários, a família conta que existem traficantes na Vila e que toda a vizinhança sabe. Mônica (32) diz que em frente à casa deles mora uma família de

traficantes, e que estes agora que “mexem com o tráfico” têm tudo, melhoraram a casa, compraram tudo o que precisavam e que isso a faz refletir muito. Assegura que prefere não ter “as coisas” a ter de dinheiro advindo do tráfico, mas que sente certa “inveja” da vizinha que conseguiu arrumar a casa.

Apesar de reprovar, a Família 3 demonstra naturalidade ao conversar sobre a violência na Vila. Mônica (32) diz não se intrometer com os “bandidos”, mas fala com intimidade de alguns envolvidos com o crime. Um dia em que estava na casa da família, duas moças estavam escondidas em um terreno nos fundos do pátio da casa e, ao ser questionada sobre o ato, Mônica (32), assim como Telma (40), da Família 2, disse que prefere não “se meter” e não contar a ninguém onde estavam as fugitivas, mesmo que estas estivessem tão próximas à casa da família.

Exatamente como as outras duas famílias informantes, a Família 3 considera a Renascença um lugar tranquilo para viver, não acha o bairro violento, afirmando que “sempre tem um ou dois” que “aprontam”. Para Mônica (32) e Manoel (34), bairro violento na cidade, assim como afirma a Família 1, é a Santa Marta: *“Lá sim é violento... lá tão matando de dia, não respeitam ninguém, matam na frente das crianças”* (Manoel, 34). Apesar de acharem o bairro tranquilo, Mônica (32) só deixa os seis filhos brincarem na rua quando o pai está em casa porque acha “perigoso”.

A ajuda mútua entre os vizinhos é menos percebida na Família 3 se comparada com as outras duas famílias, pois, apesar dos informantes conhecerem todos os vizinhos e terem um relacionamento cordial com estes, são os que menos se envolvem com a vizinhança. Isto acontece porque o marido viaja a trabalho e está em casa, na Vila, poucos dias na semana e a esposa não se relaciona com a vizinhança de maneira mais íntima porque o marido “não deixa”. Mônica (32) só “pode” ir à casa dos “parentes” do marido, que acabaram se tornando as únicas amigas que a mulher possui na Vila ou então na casa dos irmãos e da mãe, que ficam no mesmo terreno da casa da família. Assim, a mulher não sai muito de casa e não tem o convívio com os vizinhos como as outras famílias. São os “parentes” e familiares que ajudam a Família 3 com mantimentos e dinheiro quando preciso, diferente das outras famílias, que acabam auxiliando os vizinhos quando estes precisam. A explicação pode ser devido ao fato da Família 3 ter mais filhos e menos condições econômicas que as outras, já que só o marido trabalha para prover o lar, uma vez que não permite que a esposa saia de casa para trabalhar.

Mesmo não tendo muito contato com os vizinhos, a Família 3 também comenta sobre eles quando considera necessário ou quando, assim como as outras duas famílias, julga que fizeram algo errado. Porém, a Família 3 é a que menos fala dos vizinhos, refletindo talvez o pouco contato que tem com estes. Mônica (32) algumas vezes comentou: *“Ah tu viu a Luciana passou mal hoje! Mas também né, grávida de risco né... velha!”* ou então sobre outra vizinha que considera “perigete”: *“Ham aquela lá é uma baita safada, só gosta de andar com homem casado, comprometido... sempre foi assim”*.

O lazer da Família 3 é mais limitado ao bairro do que o das outras famílias. Quando Manoel (34) está fora da cidade nos finais de semana a trabalho, a esposa não sai de casa, e o lazer fica restrito, quase como durante todos os dias da semana, à televisão. Já quando o marido está em casa, a família costuma se reunir em frente da casa com outros familiares para conversar, tomar cerveja e escutar música em volume alto (sertanejo, *rap* e *funk*). Mas Mônica (32) muitas vezes critica o volume das músicas e a escolha pelo *funk*, que ela considera “putaria”. A esposa só senta em frente à casa quando o marido está porque, quando ele está viajando, “não deixa” que ela “fique na rua”. As crianças também só brincam na rua quando o pai está em casa para cuidar, caso contrário, brincam no pátio ou dentro de casa.

O tempo de folga nos finais de semana é aproveitado de maneira diferente na Família 3. Isso porque, se Manoel (34) está em Santa Maria, ele costuma ir aos bailes em bairros próximos ou às festas que acontecem na Vila. Enquanto o marido está se divertindo até, conforme Mônica (32), às 6 horas da manhã, ela está em casa cuidando das crianças. A mulher diz ficar chateada com as idas constantes do marido aos bailes, no entanto, garante que não “se estressa mais” e muito raramente briga com ele por causa das saídas sem ela: *“Ah eu já briguei muito com ele... umas épocas eu me avançava nele, mas agora eu desisti, vi que nem adianta que ele sai e bebe igual!”*. Mônica (32) também afirma que nunca soube que o marido *“aprontou com mulher apesar dos bailes terem funk e putaria”* porque, geralmente, Manoel (34) vai aos locais acompanhado dos “parentes” dele e estes relatam para ela como foi o baile. Mesmo assim, Mônica (32) afirma que, quando era mais nova e não tinha tanto “estresse” com a saúde e com os filhos, acompanhava o marido nas festas.

Ainda com relação ao lazer, a Família 3 esporadicamente vai até à casa do pai de Manoel (34), uma pequena chácara no interior de São Sepé. No final do ano, a família chega a passar uma semana no local, mas Mônica (32) não gosta muito, porque, segundo ela, frequentemente falta luz na propriedade. No entanto, para Mônica (32), a vantagem é que as crianças aproveitam para *“brincar soltas, correr e gastar as pilhas”*.

A Família 3 faz algumas compras, as mais “urgentes,” na mercearia da Vila, mas normalmente vai até os supermercados mais próximos atraída, como no caso das outras duas famílias, pelas promoções. Mônica (32) costuma ir a esses supermercados quando o marido está em casa, ela se diz “encantada” com a diversidade de produtos, principalmente os de higiene pessoal.

Os informantes da Família 3, assim como os das outras famílias, também costumam utilizar o posto de saúde do bairro Patronato, o pronto-atendimento desse mesmo bairro e o Hospital Universitário de Santa Maria. Mônica (32) procura com bastante frequência o posto de saúde, e algumas vezes, consulta médicos particulares devido “*aos seus problemas de saúde*”.

Portanto o bairro faz parte da conformação do capital social das três famílias informantes, mesmo que esta aconteça de diferentes proporções para cada família e também para cada integrante. A maior parte da sociabilidade destas pessoas acontece no local, sendo este fundamental para compreensão do cotidiano e também da visão de mundo, pois “frente à provisoriedade e à rotatividade do mercado de trabalho, que, sobretudo em tempos de crise econômica, dificultam a formação de laços permanentes, é no bairro que as classes populares podem estabelecer solidariedades duradouras e personalizadas” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 277).

No que diz respeito à sociabilidade e o bairro, há diferenças entre as três famílias, por exemplo, quanto às formas de lazer e a relação dos informantes com pessoas de outros bairros. Todavia, existem recorrências, como o relacionamento com os vizinhos, mesmo que em nuances diferenciados em cada lar, e, principalmente, com as questões vinculadas à violência e suas representações. É unânime entre as três famílias que, apesar de inúmeras manifestações dos próprios informantes que indicam a vulnerabilidade e o caráter muitas vezes violento da Vila, há contradição, demonstrando ambiguidade quando afirmam que não acham o local violento. Ficou claro que as famílias toleram mal a transgressão, sendo esta mal vista e incompatível com a lisura da vida cotidiana do trabalhador, das “pessoas de bem”. Porém os informantes demonstram naturalidade e, de certa forma, intimidade com pessoas envolvidas nesse mundo intolerável do crime. Tais dubiedades instigam a reflexão de que, ou as famílias, mesmo que inconscientemente, tentam ocultar o inconveniente, o perigoso, o criminoso e o mau que existe no bairro como forma de proteção contra o preconceito que Marcio (42) explicitou sofrer quando há a generalização sobre a violência na Vila, ou então, as dubiedades acontecem porque os trabalhadores, “as pessoas de bem”, os “bandidos” e

usuários de drogas fazem todos parte da sociabilidade do lugar e a violência faz parte do cotidiano. Há ainda que se pensar sobre o significado da violência para pessoas que vivem em “condições determinantes adversas (ZALUAR, 2000, p. 152)” e que convivem com esta “*desde que se conhecem por gente*”, mesmo que de maneira velada, dentro do lar, nas relações familiares.

5.3 A mediação ritualidade: modos de “ver” o telejornal

a) Família 1

Na casa da Família 1, a televisão costuma estar ligada quando os primeiros integrantes começam a chegar do trabalho, no final da tarde. Ela está sintonizada na Rede Globo, e durante a telenovela das 19 horas, alguns já estão sentados em frente à TV e outros aproveitam para tomar banho, conversar com os vizinhos, falar ao telefone, ou até mesmo sentar para tomar chimarrão, mas sem dar atenção à televisão. Como o aparelho estava na cozinha, alguns integrantes da família aproveitavam para esquentar a janta, que normalmente já estava pronta. Roberta (33) deixa a comida pronta durante o dia, antes de sair para o trabalho, que começa perto das 18 horas. Mas não é sempre que jantam antes do Jornal Nacional. Na maioria das vezes, o jantar acontece depois do telejornal e em diferentes horários para cada integrante. Poucas vezes presenciei dois ou três deles jantando juntos e nunca todos os integrantes da família jantando juntos, sentados à mesma mesa. Até porque Olivia (38) e Juliana (42) têm suas casas, e seguidamente, deixam a casa dos irmãos durante o Jornal Nacional ou para fazer a janta ou para servir o jantar aos filhos. Logo que acabam essa tarefa, voltam para a casa principal, a casa dos irmãos, para continuarem assistindo juntos ao telejornal, por isso também, algumas vezes, as duas irmãs chegam à casa dos irmãos quando o telejornal já iniciou. Os filhos das duas irmãs, uma criança (Leandro, 9) e o outro jovem (André, 16) não costumam assistir ao Jornal Nacional. Leandro (9) tem o costume de ficar em casa ou de brincar nesse horário e por isso, são poucas às vezes em que assiste com a mãe e os tios o telejornal. Em inúmeros dias, Leandro (9) vai à casa dos tios na hora do JN apenas para avisar a mãe que está na hora do jantar e está com fome. André (16) não tem o hábito de assistir o telejornal com a mãe e os tios porque, conforme Juliana (44), ele é “mais reservado” e prefere ficar em casa, sozinho ou então ficar na rua, em frente à casa com os primos e amigos. Mesmo assim, a mãe, por diversas vezes, foi para casa servir o filho de 16 anos antes

que ele reclamasse ou pedisse o jantar. Nestas duas situações, é possível perceber a autoridade e até certa subordinação das mães em relação aos filhos homens.

Quando a televisão da casa estava localizada na cozinha, todos jantavam juntos, assistindo à telenovela. Mas, com a alteração do local da tevê, da cozinha para sala, mudou também um hábito cotidiano. São as mulheres que permanecem na sala, vendo telenovela, enquanto o homem janta na cozinha. Daniel (37) e as irmãs nunca levam o prato de comida para frente da televisão na sala, expressando assim, uma forte demarcação nas questões de gênero e também um *habitus* de classe relacionado ao trabalho do homem.

Isto porque Daniel (37), após o trabalho na construção civil, ainda trabalha de serviços gerais em uma casa (“faz tudo”). Sempre que chega em casa, vai direto tomar banho e jantar, antes mesmo do início do Jornal Nacional. Isso pode acontecer devido ao trabalho pesado, desgastante, que envolve diretamente a força corporal e faz com que ele chegue em casa com fome. Parece então que a explicação para essa prática é que o ritual de ver televisão está condicionado à mediação do trabalho. Ser da classe popular significa ter o tempo do cotidiano regido pelo trabalho e o não trabalho, ou seja, o horário de trabalho e o horário de folga, de descanso, onde normalmente está incluída a assistência à televisão. Porém, o modo de apropriação do JN não está condicionado apenas à mediação do trabalho, visto que as mulheres também estão cansadas depois do serviço de doméstica e, mesmo assim, dão preferência à televisão do que ao banho e ao jantar. São raras as vezes em que elas chegam do trabalho, tomam banho para depois sentarem em frente à tevê. Esta prática pode ser explicada pelo fato de que as mulheres ainda realizam as tarefas domésticas ao chegarem em casa, diferente dos homens que ao chegarem, encerram sua jornada de trabalho.

Quando Luciana (34) ainda trabalhava na padaria, em alguns dias chegava mais tarde em casa, quando o JN já tinha começado porque, primeiro, ia levar o pão que trazia do trabalho para o pai, que também mora na Vila, e só então ia para casa assistir ao telejornal com os irmãos. Depois que parou de trabalhar na padaria e que precisou ficar em casa de repouso devido à gravidez, Luciana (34) ficava em casa todos os dias, acompanhando, assim, a programação da Rede Globo durante todo o dia.

Quanto à assistência do JN, todos os dias, quando inicia, algum dos irmãos levanta do sofá e aumenta o volume da televisão. Se estiverem conversando, vão diminuindo a intensidade da conversa e começam a prestar atenção ao telejornal. Quando eles não abaixam o tom da voz, o que na maioria das vezes acontece entre as mulheres, o irmão Daniel (37) chama atenção das irmãs (Luciana, 34; Olivia, 38 e Juliana, 42) para que fiquem quietas:

“Psiu irmãs, vamos olhar isso aí que tá dando!”, o que ocorre frequentemente. Assim, é possível perceber que as mulheres prezam mais a telenovela e as conversas cotidianas do que o homem, que prefere o telejornal. As mulheres só ficam em silêncio durante o telejornal quando tem alguma notícia que lhes interessa, como as de violência, por exemplo. Há ainda a presença da autoridade masculina na casa, já que as mulheres não têm a mesma atitude do irmão, elas nunca falam para ele “ficar quieto”. Essa autoridade masculina também se comprova pelo fato, de que Daniel (37) não desempenha nenhuma tarefa doméstica em casa, são as irmãs que as fazem. A visão conservadora sobre o papel da mulher na casa não está presente apenas na realização das tarefas domésticas, mas também no momento de assistência e apropriação do telejornal pela família.

Quanto à organização do espaço doméstico enquanto a tevê estava na cozinha, no verão, o aparelho ficava ligado à tardinha, mas os informantes ficavam sentados no pátio conversando e acompanhavam a programação de forma distante. Logo que iniciava o JN, eles saíam do pátio e entravam para assistir ao telejornal. Já no inverno, eles permaneciam dentro de casa o tempo inteiro antes, durante e depois da assistência do JN. Quando o aparelho televisor foi deslocado para a sala, tanto no inverno quanto no verão, os informantes ficavam esperando o JN começar sentados nos dois sofás distribuídos no cômodo, com a diferença de que, no verão, eles colocavam um ventilador e deixavam as portas e janelas abertas. Assim, a organização e a disposição dos informantes no espaço doméstico são perpassadas pelo capital social, já que a roda de chimarrão e as conversas no pátio são práticas comuns entre os informantes. Mas tal disposição dos membros da família é também atravessada pelo capital econômico, pois a restrição de dinheiro faz com que não possam comprar aparelhos de ar condicionado para utilizarem no verão, então, sair de dentro de casa e ficar no pátio, mesmo que com “mosquitos”, é uma solução encontrada pela família para amenizar o calor enquanto não começam as programações televisivas que lhes interessam, como o telejornal e a telenovela.

O momento de assistência ao JN não é apenas a hora do dia em que a família fica, segundo eles mesmos, “por dentro de tudo o que está acontecendo”, mas também o momento em que todos sentam juntos e conversam sobre como foi o dia de trabalho, compartilham experiências, alegrias, preocupações, enfim, é o momento de reunir a família. A Família 1 assiste ao JN todos os dias de segunda a sexta-feira. Nos sábados, raramente a televisão está ligada porque eles aproveitam principalmente no verão, para sentarem na frente da casa para conversar e relaxar da semana de trabalho. Assim, escutam música alto (pagode ou sertanejo),

bebem uma cerveja e brindam o final de semana, momentos estes que reafirmam o caráter familiar e restrito ao bairro do capital social da família.

Mesmo que assistir ao JN seja uma prática diária entre a família, não é sempre que todos os integrantes assistem juntos ao telejornal. Em determinados dias, há uma intensa circulação dos informantes, parentes e vizinhos, pela casa, nesse horário. Além do fato já mencionado de que, algumas vezes, Juliana (42) e Olivia (38) chegam depois ou saem no meio do JN para atender os filhos. Daniel (37), por exemplo, em alguns dias, sai de casa na hora do telejornal. Ele vai visitar as filhas que não moram na Vila ou vai se encontrar com alguns amigos, ali mesmo na Vila, para resolver algum detalhe sobre o futebol. Ele faz parte da organização do time da Vila que disputa o campeonato de várzea da cidade. Ou então o homem vai encontrar alguma mulher, o que é motivo de reclamação das irmãs: *“Bah tá louco, o que cai na rede é peixe, é um horror, vai pegando sem filtrar muito!”* [...] *“A mulherada dá em cima e ele pega, não quer nem saber!”* (Luciana, 34 e Olivia, 38). No entanto o horário do JN é importante para os investigados e, apesar dessa circulação, assistir ao telejornal faz parte da rotina diária da família. Ademais, o capital cultural fraco advindo da escola devido ao baixo grau de instrução dos informantes (Ensino Fundamental incompleto) faz com que boa parte do capital cultural da família seja elaborada a partir da mídia, principalmente do telejornal e da telenovela.

Outra particularidade percebida na assistência é que Daniel (37) vê o telejornal sempre com o telefone celular no bolso, e diferentemente das irmãs, levanta e sai da frente da TV para atender às ligações. Mesmo assim, retorna para frente da televisão quando desliga. Essa atitude não acontece apenas no horário do JN, mas também em outros horários: *“Viu esse Daniel está impossível com essa mulherada, coisa séria, não sei mais o que fazer, sempre assim, sai para fora para falar! Sabe o que é tu acordar as 6 da manhã e ouvir ele falando bem baixinho te amo e não sei o que...baita mentira.”* (Luciana, 34).

Os informantes costumam comentar inúmeras reportagens do telejornal, e algumas vezes inclusive, fazem a relação delas com fatos típicos do cotidiano no bairro e em outros ambientes pelos quais circulam. Algumas reportagens não interessam aos informantes, fazendo com que eles levantem da frente da TV para fazer qualquer outra coisa dentro de casa e logo retornem para assistir o telejornal. Ou então, esses conteúdos - que não despertam interesse - dão lugar a qualquer outro assunto, seja ele do dia a dia ou não.

Tais notícias desinteressantes para os integrantes da família, normalmente são sobre economia (as que mostram muitos números e índices e não explicam na prática a real

interferência para os brasileiros), algumas sobre política (as que tratam de votações de temas mais complexos) e as internacionais em geral (essas só chamam atenção quando tratam de alguma tragédia em massa, catástrofe ambiental ou algo que considerem “bonito” que exista no exterior, como lugares e casas).

Portanto, o uso que a Família 1 faz do telejornal, é de certa forma, regular e também previsível, mesmo que a assistência aconteça de variadas maneiras algumas vezes, seja na presença de todos os integrantes da família ou apenas com alguns deles. O Jornal Nacional é importante para a família, porque é através dele que seus membros se informam sobre os principais assuntos do dia, mas algumas matérias chamam mais atenção tanto dos homens quanto das mulheres. Mesmo assim, em inúmeros dias, as mulheres preferiram conversar sobre o seu dia de trabalho a prestar atenção nas reportagens. Isto pode ser explicado, não só como um desinteresse destas mulheres pelas notícias, mas também por uma questão de capital cultural de gênero, em que as tarefas domésticas ou os assuntos do cotidiano, do dia de trabalho e até do lazer, são hierarquicamente mais relevantes. Diferentemente de Daniel (37), que, em todas as vezes que estava em casa, dispôs total atenção ao telejornal.

Há ainda uma questão que perpassa a geração: Emilia (20), a única jovem que mora na residência, assiste muito pouco ao telejornal, ou porque está na escola ou porque, quando está em casa, não permanece sentada em frente à tevê como os outros informantes, prestando atenção, assim, em poucas reportagens. Os outros jovens que são da família dos informantes, mas que não moram na casa, circulam pelo local no horário do telejornal, mas não assistem a ele com a mesma atenção que os mais velhos. O uso do telejornal depende, então, da geração, do gênero, da situação espacial e temporal dos moradores da residência. Tudo isso atravessado pela mediação de classe social.

b) Família 2

Assim como na casa da Família 1, na casa da Família 2, a televisão também costuma estar sempre ligada no final da tarde e também sintonizada na Rede Globo. O pai da família, Marcio (42), está sempre sentado em frente à TV antes mesmo do início do JN, enquanto ainda está no ar a telenovela das 19 horas. Algumas vezes está assistindo à telenovela e, em outras, está lendo o Diário de Santa Maria impresso, assinado durante a semana. Já a esposa Telma (40), na maioria das vezes, nesse horário, ou está na cozinha fazendo o jantar, ou está recolhendo as roupas, enfim ela está realizando tarefas domésticas. Ela sempre justificava para mim a sua ausência na sala: “*Não repara que eu estou nas panelas tá!*”.

Marcio (42) assiste ao telejornal todos os dias e, quando não o faz, é porque tem que realizar algum trabalho na casa. Foi ele quem colocou todo o piso novo, fez os rebocos nas paredes, enfim ele nunca contrata ninguém, faz tudo sozinho ou com a ajuda de amigos e vizinhos. Mesmo assim, ele deixa a televisão ligada e fica escutando as notícias. Assim como na Família 1, Marcio afirma que assiste ao Jornal Nacional para se manter informado: *“Eu gosto de assistir, para saber as coisas”*.

Marcio (42) gosta muito de palavras cruzadas, ele faz todos os dias o jogo que vem no Diário de Santa Maria. Normalmente o homem faz a brincadeira antes de começar o telejornal, mas, quando ainda não completou o jogo antes do JN, o faz enquanto estão no ar as reportagens que não lhe interessam. Os assuntos que não chamam atenção da família, assim como na Família 1, são os de economia e os internacionais. Diferentemente da Família 1, a Família 2, principalmente Marcio, interessa-se pelos assuntos sobre política. Marcio (42) possui capital cultural maior que os integrantes da Família 1, apesar de ter o mesmo grau de instrução que os vizinhos, mas talvez porque tenha acesso ao jornal impresso com maior frequência e o hábito de leitura, diferente da Família 1. Mesmo assim, grande parte deste capital cultural ainda é advindo da mídia.

Na Família 2, Marcio (42) é o único que assiste ao JN todos os dias, porque Telma (40), nesse horário, está envolvida com as tarefas domésticas e só vai para a frente da TV quando escuta que tem alguma notícia do seu interesse, como as reportagens sobre economia doméstica, de violência e a previsão do tempo. Logo que elas terminam, Telma (40) volta para cozinha. Muitas vezes é Marcio (42) quem chama a esposa para ela ir assistir a alguma notícia que ele acha interessante para ela, ou então o homem comenta o assunto da notícia em voz alta para que ela, da cozinha, possa escutar: *“Ó Telma, vem ver a previsão!”*. Durante o intervalo, é recorrente que o marido chame a atenção da esposa para as propagandas de promoção dos supermercados: *“Olha aí Telma a tua farinha!”*. Esse modo de ver o telejornal de Telma (40), que é diferente do modo de ver de Marcio (42), está relacionado às questões de gênero. Na Família 2, assim como na 1, também existe a visão conservadora sobre o papel da mulher, tanto no desempenho das tarefas domésticas quanto no que diz respeito aos usos e as apropriações do telejornal.

O filho do casal, Bento (21), normalmente está em casa no horário do JN. Quando não está, é porque está trabalhando até mais tarde ou porque está na casa de um amigo. Como relatei anteriormente, durante um bom tempo, o jovem sentia-se envergonhado com a minha presença e, quando eu estava na casa, ele falava muito pouco com os pais, logo ia para o seu

quarto e lá permanecia com a porta fechada. Essa vergonha era motivo de ironia dos pais: *“Gordo vem jantar aqui! Tu ficou com vergonha da moça!”* (Telma, 40, chamando atenção do rapaz um dia em que ele levantou da mesa quando estava jantando e eu fui na cozinha). Ao longo do tempo, Bento (21) foi se sentindo à vontade com a minha presença e passou então a assistir ao JN com o pai em alguns dias. Quando isso acontecia, o rapaz, na maioria das vezes, apenas fazia exclamações sobre as notícias ou então concordava com os comentários do pai. As reportagens que mais lhe chama atenção são as de esporte ou de violência. Ainda durante o JN, quando nem ele nem o pai se interessam pelos assuntos tratados, fazem juntos as palavras cruzadas do Diário. Bento (21) ajuda o pai e, em algumas vezes, eles também pediam auxílio para completar o jogo: *“Tu que deve saber inglês, como que é negócio em inglês?”* (Marcio, 42, pedindo-me ajuda com as palavras-cruzadas). O capital cultural de Bento (21) advindo da escola auxilia o pai a completar com êxito o passatempo.

As filhas do casal raramente estão na sala durante o JN. Normalmente elas estão no quarto dos pais, assistindo ou a telenovela “Carrossel” ou as “Chiquititas” (telenovela que substituiu Carrossel) do SBT. Se as meninas estão na sala antes de iniciar o JN e pedem para trocar de canal minutos antes do início, recebem, sempre, a recusa do pai: *“Nem pensar, nem de brincadeira!”*. Quando as meninas estão na sala durante o telejornal, estão sempre realizando outras atividades paralelas: mexem no celular (Fabiane, 11), escrevem as letras das músicas preferidas em cadernos, ou jogam carta. Quando elas estão agitadas e falando mais alto na sala ou perto dela, Marcio (42) chama-lhes a atenção para “ficarem quietas” porque está assistindo “as notícias”. O informante chama atenção das filhas para que assistam as reportagens que ele julga interessante, como por exemplo, as sobre saúde e obesidade. O pai se preocupa com a “gordura” das filhas. Durante o verão, elas costumam brincar na rua antes de anoitecer. Se as filhas estão em casa e passam pela frente da televisão enquanto está dando o JN, pedem “licença” independentemente de quantas vezes fossem. Da mesma forma que na Família 1, a mediação ritualidade perpassa a mediação sociabilidade e os usos e as apropriações do telejornal também dependem de geração.

Assim como na Família 1, na Família 2 o horário do jantar, em alguns dias, coincide com o telejornal e em outros, não. Quando coincide, Telma (40) leva o prato já servido para o marido comer em frente à televisão. Ela geralmente come separada dele, na cozinha. Assim como na Família 1, na Família 2 a janta não é servida em um lugar só para todos ao mesmo tempo. As filhas geralmente comem sentadas à mesa e Bento (21) varia, já o presenciei levando às vezes o prato para frente da casa. Talvez essa refeição, em momentos diferentes,

aconteça porque não há lugar suficiente na mesa para todos os integrantes da família sentarem juntos. Enquanto está interessado nas notícias, Marcio (42) não levanta do sofá nem para pegar um copo de água, ele pede para a esposa e ela o leva até as mãos do marido, que quase nem desvia os olhos da televisão. Em alguns dias de verão, Marcio (42) assiste ao JN tomando um copo de cerveja (apenas um copo durante todo o telejornal), já no inverno, o mesmo acontece, mas, com um copo de vinho. Em alguns dias de maior frio, um cobertor no sofá também acompanha o homem.

Normalmente, quando termina o JN, Telma (40) já está concluindo os afazeres na cozinha. É nesse momento que ela vai até a sala e senta no sofá para assistir então à telenovela das 20 horas. O marido levanta e vai deitar, raras vezes acompanha a esposa na assistência do folhetim. Antes de pegar no sono, já deitado, Marcio (42) gosta de assistir ao “Programa do Ratinho” no SBT. O homem conta que dorme assim que termina o telejornal porque acorda às 5 horas da manhã para ir trabalhar e, no final do telejornal, já está com sono e cansado também pelo tipo de trabalho que exerce, é encanador e também precisa utilizar a força corporal durante todo o dia. Da mesma maneira que na Família 1, o homem da Família 2 também usa e se apropria do programa de acordo com o tempo regido pelo trabalho e pelo não trabalho. Entretanto, tal como na Família 1, a mulher da Família 2, mesmo cansada do dia de dupla jornada de trabalho, como faxineira e como dona de casa, gosta de assistir à televisão, mas só o faz quando encerra sua jornada, após a janta, no horário da telenovela e não no momento do Jornal Nacional.

Assim, na Família 2, o uso do telejornal também está relacionado com o gênero, já que é o homem que assiste todos os dias ao JN e a mulher permanece na cozinha desempenhando as tarefas domésticas e normalmente assiste a alguma notícia quando o marido chama atenção para que ela vá assistir. O modo de ver o programa, assim como na Família 1, também perpassa a geração. Isto porque o filho jovem do casal, Bento (21), assiste raramente ao JN quando está em casa, e as duas filhas do casal, que são crianças, passam a maior parte do tempo da assistência brincando, conversando, mexendo no telefone celular ou com os vizinhos na frente da casa, principalmente no verão. A situação temporal e espacial dos integrantes da família no espaço doméstico e o tempo regido pelo trabalho e não trabalho, assim como as ocupações que exercem também são determinantes para os usos que fazem do telejornal. Marcio (42) assiste ao programa todos os dias porque neste horário está “de folga”, já que encerra sua jornada de trabalho assim que chega em casa. Telma (40), na maioria dos dias, não assiste porque está na sua segunda jornada de trabalho, realizando as tarefas

domésticas. Bento (21), por diversos dias, trabalha fora até mais tarde e chega em casa no horário em que o telejornal já começou, ou então prefere usar o tempo de não trabalho para conversar com os amigos e escutar música, portanto não assiste ao noticiário com regularidade. Pamela (20) nunca assiste ao JN porque esse é o horário em que está trabalhando.

c) Família 3

Na Família 3, diferentemente das demais, a informante assiste ao JN sozinha. O marido, na maioria dos dias da semana, está viajando a trabalho e, quando está em casa, encarrega-se de cuidar das crianças ou então aproveita para descansar em frente à casa na companhia dos amigos. São raros os dias em que a mãe ou a irmã frequentam a casa de Mônica (32) para conversar rapidamente e assistem, assim, a algumas notícias do telejornal. Durante o verão, Mônica (32) esporadicamente vai até a casa da Família 1 para assistir ao JN e um pedaço da telenovela das 20 horas, porque, são amigos e, segundo eles, parentes. Isso acontece pouco, porque como já relatei o marido não gosta que a esposa “fique na rua”.

A televisão é uma companhia frequente da dona de casa e por isso está na maior parte do dia ligada, sintonizada na Rede Globo. Portanto, no horário de início do Jornal Nacional, o aparelho já está ligado. Nessa hora, as crianças já estão em casa e, como Mônica (32) não permite que eles brinquem na rua, porque acha “perigoso”, com exceção dos dias em que o pai está em casa, elas ficam o tempo inteiro de veiculação do JN ao redor da mãe. São raras as vezes que estão no quarto sem fazer barulho. Eles são agitados, e como são seis, estão sempre circulando pela casa. Mônica (32) chama muito a atenção de todos e, como já exemplifiquei utiliza palavrões e até de ameaças com uma “vara” quando acha que os filhos estão “passando dos limites”. Ou seja, quando estão falando muito alto, correndo pela casa, mexendo na geladeira, brigando ou até “atrapalhando” na assistência do telejornal. Durante o verão, um dia eles estavam no pátio que divide as casas da família, da mãe e do irmão e começaram a mexer na água do tanque, jogaram-se uns aos outros, molhando não só o pátio, mas a casa, as roupas, enfim, é um exemplo das brincadeiras das crianças enquanto a mãe está assistindo ao JN. Mesmo assim, são poucas as vezes que Mônica (32) levanta para atender os filhos, a prática é falar ou brigar com as crianças, mesmo que alto, da frente da TV.

As crianças jantam cedo, antes do início do JN. Chegam do colégio, tomam banho, fazem os deveres, jantam e depois ficam pela casa brincando ou assistindo à TV com a mãe. Apesar de ter que cuidar sozinha dos filhos na maioria dos dias da semana, Mônica (32) não deixa de assistir ao telejornal e também o acha importante para estar informada: “*Ah não*

perco o jornal por nada, Deus o livre! Gosto de saber o que está acontecendo". O Jornal Nacional faz parte da rotina diária da informante, mesmo que assista a ele sozinha. Embora assista a diversos programas televisivos ao longo do dia, a mulher prefere o telejornal à telenovela.

É importante ressaltar que, como Mônica (32) vê o JN normalmente sozinha, não o comenta com ninguém enquanto está no ar. Porém os assuntos que lhe chamam atenção são comentados em outras ocasiões, algumas vezes com o marido ou ainda com os poucos vizinhos com quem conversa ou então com a mãe e os irmãos. Da mesma maneira que as Famílias 1 e 2, a Família 3 também não se interessa pelas notícias internacionais e de economia. As matérias de violência e saúde são as que mais chamam atenção. Mônica (32) se irrita quando o telefone celular toca durante o telejornal ou quando os filhos ficam fazendo perguntas durante a exibição: *"Para guria, deixa a gente assistir, sai daqui!"*.

Na Família 3, os usos e as apropriações do telejornal também perpassam as questões dos capitais cultural de gênero e social, pois Mônica (32) assiste ao programa normalmente sozinha porque o marido não a "deixa" sair de casa. Assim, os usos e as apropriações, como nas outras duas famílias, são regidos pelo trabalho, mas nesta família, pelo trabalho do marido que o impossibilita de estar na maioria dos dias da semana em casa devido às viagens para outras cidades. A mulher assiste ao noticiário apenas com a companhia dos filhos. Na família não há os usos e as apropriações perpassados pela geração porque as crianças ainda são pequenas (com idades de 11, 10, 9, 8 e 4 anos) e não se interessam pelo programa.

A partir do que foi exposto sobre a ritualidade das três famílias informantes, é possível observar que a mediação em questão configura-se de diferentes maneiras nas três casas e, mesmo assim, é possível apontar algumas recorrências, principalmente quanto à importância do Jornal Nacional para as famílias, os tipos de notícias que mais chamam e os que menos chamam atenção dos informantes e ainda a configuração do espaço doméstico durante o horário de exibição do telejornal. Os usos do telejornal perpassam questões relacionadas ao gênero, à geração e à situação espacial e temporal dos integrantes das famílias, todas atravessadas pela classe social. Exatamente como afirmou Leal (1986, p. 85) quando ressalta que, na classe popular, o momento da assistência da televisão é revestido de características ritualísticas que mobilizam o espaço doméstico na sua totalidade. A repetição desse ritual é a certificação da importância da ritualidade para os usos midiáticos, já que "os padrões de usos midiáticos são partes integradas às práticas sociais cotidianas. Elas representam a regularidade do dia a dia, ocorrendo repetidamente, seja em bases diárias ou semanais" (JACKS e

CAPPARELLI et al., 2006, p. 180). É possível afirmar que a maior parte do capital cultural dos informantes é advinda da mídia, especialmente da televisão, mais precisamente do telejornal e da telenovela. A única exceção é um integrante (Marcio, 42) que também utiliza o jornal impresso como fonte de formação de seu capital cultural.

5.4 Os modos de “ler” o telejornal pelos receptores das classes populares

5.4.1 Os assuntos do JN de maior interesse dos receptores das classes populares

a) Família 1

A Família 1 realiza inúmeros comentários acerca das notícias veiculadas no telejornal. Essas opiniões frequentes acontecem possivelmente porque, na maioria dos dias, no mínimo dois integrantes assistem juntos ao programa, possibilitando o debate sobre as reportagens apresentadas pelo telejornal.

É comum que os informantes, ao comentarem sobre as reportagens do Jornal Nacional, também façam a relação destas com algo do seu dia a dia, como por exemplo, quando foi ao ar uma notícia sobre a adulteração do leite no Rio Grande do Sul: *“Pior que esses leites, o Mumu mesmo, está sempre em promoção no supermercado Peruzzo. Mas acho que agora vão tudo tirar dos mercados né”* (Daniel, 37), ou então quando Olivia (38) , durante a matéria sobre uma quadrilha que roubou R\$ 90 milhões de caixas eletrônicos, conta sobre um fato que lhe aconteceu no trabalho , envolvendo dinheiro: *“Falando em dinheiro, nunca peguei tanto dinheiro na minha vida como hoje, R\$ 6 mil! [...] Um homem foi lá pagar o carro da minha patroa que ele comprou. Recebi porque ela não estava”*(Olivia, 38).

Os integrantes da Família 1 comentam sobre inúmeras notícias veiculadas no telejornal, porém aquelas mais debatidas são as relacionadas às questões de gênero, como quando foi ao ar uma reportagem sobre a lei sancionada pela presidente que estende os benefícios de salário maternidade para pais adotivos:

Os irmãos olham atentos e Olivia (38) fala: *“Salário maternidade, tem isso agora? Nem sabia!”* Os outros irmãos olham concentrados, tentando entender a notícia, e quando aparece um pai dando entrevista Daniel (37) dispara, em tom irônico: *“Ih, mas esse pai é mãe!”* Todos dão risada e ele complementa: *“Sim olha ali todas as ferramentas, daí sim né!”* Eu pergunto o porquê de ele achar isso e ele responde: *“Dá para ver ali olha que o cara é meio veado, pelo jeito que fala... hum todo jeito!”*.

Ou então, quando comentam a matéria sobre a causa da morte do menino Joaquim, de três anos, em Ribeirão Preto, e da acusação de que o padrasto seria o responsável pela morte: *“Ham onde já se viu né, essas mulher botam qualquer um dentro de casa e ainda por cima trocam a vida do filho por macho, que absurdo”* (Luciana, 34), as irmãs concordam.

Os informantes também opinam sobre as questões de gênero fora do contexto das notícias do telejornal, quando estão contando sobre algum fato do cotidiano: *“Pior tu nem sabe que lá na obra tem um colega que é casado com um cara. Ele não dá em cima da gente porque ele não é gay sabe... ele é o homem da relação, o outro homem que faz o papel da mulher”* (Daniel, 37).

Assim como as reportagens relacionadas ao gênero geram debates na família, aquelas relacionadas à classe social também. Porém os comentários em que abordam a classe social acontecem mais, de maneira espontânea do que a partir das reportagens do telejornal. Mesmo assim, os informantes relacionam tais matérias com as questões de classe social, como, por exemplo, quando apareceu a matéria sobre o batizado do filho do príncipe William e de Kate Middleton:

“Olha, olha o guri de vestido, que coisa estranha!” (Olivia, 38), Daniel (37) fala: *“Aí sim olha o piá de vestido, que gente mais estranha essa! Vai ver que é bonito usar vestido lá, coisa de rico, de príncipe, sei lá o que.”*. Os irmãos concordam e riem. Olivia (38) volta a falar: *“Tá bem que eles são chiques, ricos, mas que roupas feias, simples, tudo de conjuntinho para ir num batizado importante.”* Eu pergunto por que ela acha essas roupas feias, ela diz que acha que deveriam se arrumar melhor, botar umas roupas mais bonitas, não esses conjuntos de uma cor só e esses chapéus estranhos.

Outro exemplo em que os informantes realizam comentários acerca de classe social é a notícia sobre o servidor que trabalhava com um deputado estadual e foi preso com meia tonelada de cocaína no helicóptero. Ele foi exonerado do cargo em Minas Gerais. Daniel (37) fala: *“Bah quase nada de cocaína, tá louco! Claro que o deputado sabia, mas como sempre estoura no mais pobre da história”*. Ou então, quando assistiram indignados a matéria sobre uma investigação do Ministério Público de São Paulo sobre a compra de tênis de má qualidade para os alunos de escolas municipais. Todos os informantes olharam com atenção e fizeram inúmeros comentários, como o de Olivia (38): *“Ham, claro né, tinha que ser tênis mal feito para dar para os pobres, é sempre assim, as crianças não têm o que usar e quando ganham, ganham essas porcarias mesmo, tá louco!”*.

As notícias que relatam a violência e as drogas também chamam a atenção dos informantes da Família 1. Estas também são comentadas tanto no contexto do telejornal quanto fora dele, conforme mostrado em outros itens deste texto, em que há a presença

constante da demarcação da diferença entre o “trabalhador”, “pessoa de bem”, “honesta” em contraposição ao “bandido”, “vagabundo”, “sem vergonha”. Todos os informantes da Família 1 se interessam por essas reportagens durante a exibição do telejornal, diferente de outras em que, muitas vezes, estão realizando atividades paralelas. Uma das matérias que foram comentadas pelos integrantes da família é a que tratava de um estudo sobre as péssimas condições de centros que recebem menores infratores:

“Olha isso, como que alguém vai melhorar dentro disso, é só para saírem piores, é uma escola para o crime, isso sim!” (Luciana, 34). Daniel (37) fala que os lugares são verdadeiras mini prisões e Luciana (34) continua: *“O nome disso irmão é descaso, isso sim, depois eles ficam falando de ressocialização, ora como isso, se os piá ficam aí trancado nessa sujeira sem ter nenhuma tarefa para fazer, sem poder estudar, como vai sair melhor, saem pior mesmo!”* Daniel (37) concorda. Eu pergunto como Luciana (34) acha que tinham que ser esses centros, ela responde que um lugar limpo, com condições que os jovens pudessem estudar, ler, plantar e qualquer coisa de lazer, além disso, que tivesse computador. Apesar de afirmar que quanto mais “coisas” tivessem no local, mais perigoso seria na hora de uma rebelião, mas que mesmo assim deveriam “dar um jeito de ter tudo isso” para os jovens.

Outra matéria que causou comentários entre os irmãos foi sobre uma chacina de sete pessoas no Rio de Janeiro: *“Isso aí foi até os vizinhos que devem ter se juntado e mataram, ou mandaram matar esse pessoal, se eram drogados, deviam estar incomodando no bairro!”* (Olivia, 38), Luciana (34) contrapõe: *“Ah é como irmã, que nada, isso é a polícia ou a milícia!”* e Daniel (37) também comenta: *“É tá louco! Como os vizinhos iriam fazer isso, ou mandar uma pessoa matar sete, isso é gente que sabe...tá louco não é vizinho nada!”* e Olivia (38) acaba concordando com o irmão e afirma que até pode ser mesmo, já que acha que hoje em dia “a polícia é tão bandida quanto os bandidos”, então, todos os irmãos concordam.

Um exemplo de notícia que relatava o uso de drogas e que despertou o interesse dos irmãos foi durante uma série sobre o crack no Brasil que mostrava o uso da droga por índios do Amazonas: *“Que horror essa droga pega todo mundo mesmo! Deve ser por isso que apareceu aquela reportagem esses dias falando que eles mataram um e estavam roubando mercados”* (Luciana, 34). Os irmãos ainda fazem a relação desta reportagem com os índios que vivem aqui em Santa Maria, já que, conforme eles, os índios daqui consomem bebida alcoólica e também podem estar se tornando “viciados”: *“Eles ficam bebendo cachaça, agora com essa de droga... bei... estão mudando mesmo, agora até os índios são viciados, isso vai acabar com eles, já são poucos e se drogando, vão terminar os índios.”* (Juliana, 42).

As notícias relacionadas à saúde também chamam a atenção da Família 1, no entanto, estas são menos comentadas se comparadas com os assuntos recém- descritos. Esse tipo de matéria tem como principal função a educação, visto que os informantes afirmam gostar de

assistir para se inteirarem sobre a prevenção e o tratamento de doenças e além do que, para eles, tais matérias servem como “dicas”. As conversas sobre saúde têm a mesma proporção fora e dentro do contexto do telejornal. Ao assistir as reportagens, Daniel (37), por exemplo, fica com dúvidas sobre algumas questões mostradas no telejornal: “*O que é ureia?*” (Daniel, 37 perguntando sobre a notícia de que os leites adulterados no Rio Grande do Sul teriam ureia), ou então sobre a morte de um ex-jogador de futebol por Mal de Alzheimer: “*Qual é que é desse Alzheimer?*” (Daniel, 37), a maioria dessas questões era eu quem respondia para ele.

Outro exemplo das dúvidas geradas pelas notícias sobre saúde, e por isso causam o interesse dos informantes, foi a matéria de que os exames de próstata agora devem ser feitos a partir dos 50 anos de idade, e quando apareceu que os negros estão nos grupos de risco, Olivia (38), logo fala: “*Como assim os negros são desse grupo de risco aí?*” e Luciana (34) concorda: “*É não entendi essa também!*” e em seguida Olivia (38) complementa: “*É não entendi... porque eles sempre dizem que nós negros temos um monte de vantagem contra o câncer, que a gente tem menos, não falam isso?*”. Assim, os irmãos ficam discutindo sobre o tema proposto pelo telejornal e concluem que todos os homens devem realizar os exames, independente da etnia.

As mulheres também costumam comentar outros aspectos sobre as reportagens sobre saúde:

Olivia (38) afirma gostar de ver o que “dizem nos programas” sobre as “coisas boas para saúde” e gosta de ver “reportagens” e programas assim porque ensinam muito. E complementa: “*Bah se eu pudesse, se tivesse dinheiro eu iria ficar uns dias lá no Caridade e iria pedir para me fazerem uma geral, aquelas coisas...como é que fala?*” Luciana (34) apenas olha e ri e eu falo: “*Check up?*” ela responde: “*Isso mesmo, eu ia querer fazer para ver se está tudo bem, para me cuidar sabe, eu gosto, mas como não posso né, fazer o que, olho as dicas nos programas!*”.

A conversa acima demarca o interesse da informante pelas matérias de saúde, mas também reafirma uma questão de classe social, já que Olivia (38) justifica a assistência desse tipo de notícia pela falta de acesso a cuidados mais específicos com a saúde, como a realização regular de exames preventivos, como gostaria.

Os assuntos relacionados à religião também atraem os informantes, mesmo que estes comentem sobre religião também fora do contexto do telejornal. O exemplo disso é que a família costuma conversar sobre as idas ao Centro Espírita, que sempre reafirmam ser “o branco”. Certa vez, Olivia (38) comentou com a irmã Luciana (34) sobre a canonização de uma mulher brasileira. A matéria não tinha sido veiculada no dia em que estavam

conversando sobre o assunto, mas pude perceber que falaram sobre isso porque viram na televisão:

Olivia (38): *“Tu viu irmã aquela mulher brasileira que virou santa esses dias?”*, Luciana (34) diz que não sabe o que ela está falando. Olivia (38) me pergunta se eu sabia dessa história e eu digo que não. Ela então me conta que ela foi canonizada, mas não tem certeza se a palavra é essa mesmo. Luciana (34) fala: *“Ah sim ela era uma santinha negra, a Nhá Chica, bem negrinha, ela ajudava muita gente.”* Olivia (38) responde: *“Ela era solteira a vida toda e daí se dedicou para ajudar as pessoas”* e Luciana (34) complementa: *“É... ela construiu uma igreja bem humilde, em Minas Gerais, e convidava todo mundo para rezar com ela, ajudava muita gente. Agora demoliram a igreja e construíram uma catedral linda. A nossa santa negrinha, santa brasileira”*.

Quanto às notícias envolvendo religião, as que são sobre o novo Papa sempre chamam atenção da Família 1, como a que contava sobre a visita de Francisco ao Rio de Janeiro: *“Esse sim é papa, o outro eu tinha nojo, tinha uma cara de pedófilo!”* (Luciana, 34), Olivia (38) concorda com a irmã sobre a provação da escolha do novo Papa: *“Gostei desse também porque é do povo, cuida dos pobres, acho que vai ser bom, toda a vida dele foi cuidando dos pobres”*. Ainda com relação ao Papa Francisco, mas em outra matéria, em outra edição do Jornal Nacional, as irmãs comentam sobre a suspensão que deu a um bispo alemão que era conhecido por gastos extravagantes: *“Ah, mas o Papa é muito simples, como não mandou esse homem devolver esses dinheiro todo!”* (Juliana, 42), já Daniel (37) se impressiona com a quantidade de dinheiro envolvido nos gastos do bispo: *“Bah olha aí não sei quantos milhões...bah tá louco!”* e Olivia (38) diz ao terminar a reportagem: *“Viu ele mandou devolver viu, claro que ia fazer isso, ele é bom, dos pobre, leva uma vida simples, bem feito para esse tal bispo.”*

Outro exemplo é quando foi ao ar a matéria sobre a homenagem que Minas Gerais fez a Aleijadinho pelo bicentenário de sua morte. Luciana (34) ficou encantada com as imagens mostradas da obra do escultor, demonstrando, mais uma vez, que o capital cultural da família é elaborado a partir do que é veiculado na mídia. Mas diz que o que queria mesmo era ir à igreja de Aparecida “tocar na santinha”. Olivia (38) pergunta onde é a igreja, e Luciana (34) responde que está localizada em São Paulo e complementa: *“Meu sonho é ir lá ver e tocar na santa. Acho que nem pode tocar na santa, mas mesmo assim eu queria muito ir lá no santuário!”*.

Além desses assuntos já mencionados, a previsão do tempo também atrai a atenção da Família 1. Isto ocorre principalmente porque eles relacionam a previsão para o dia seguinte ao dia de trabalho, já que Daniel (37) trabalha em “obras” e afirma ser difícil de trabalhar com a chuva e com o frio quando os prédios ainda estão no início das construções. As mulheres gostam de ver porque dizem que fazer limpeza em dias de chuva não é bom porque “não

rende”, além do que gostam de saber o que vestir, já que ficam o dia inteiro fora de casa: *“Olhem aí...quero ver que roupa tenho que sair amanhã!”* (Luciana, 34). Tanto Daniel (37) quanto as irmãs contam que os dias frios e com chuva dificultam o deslocamento de ônibus: *“Hoje quando eu acordei eu falei Senhor, tenho mesmo que acordar? Aí levantei, mas tava frio para andar por aí!”* (Juliana, 42).

A previsão do tempo para o final de semana também é importante para a família, já que as mulheres aproveitam os horários de não trabalho fora para “colocarem em dia” as tarefas domésticas: *“Bah... final de semana com chuva é muito ruim! Não acredito que vai chover justo no final de semana que eu lavo roupa!”* (Roberta, 33).

Para além dessas questões práticas do dia a dia e suas relações com as tarefas domésticas e do trabalho, para a Família 1, saber como ficará o tempo também remete ao passado, os fazendo recordar dos problemas que enfrentavam quando chovia forte e a casa da família era mais vulnerável que a casa de hoje, feita de alvenaria:

Quando a gente era mais novo, um dia estávamos de tarde em casa, mas não era aqui, era lá embaixo, daí estávamos eu, a vó e meus outros 2 irmãos (que não moram com eles) quando choveu forte e o vento arrancou o teto da casa. Daí quando o pai chegou a gente estava apavorado, com muito medo, ele nem conseguia se mexer direito, o vento levava ele, foi horrível... Nunca me esqueço, daí tivemos que ficar em outra parte da casa que não tinha levantado, foi horrível! E isso acontecia várias vezes que chovia... por isso tenho medo até hoje e as irmãs ficam preocupadas quando chove, mesmo sabendo que hoje nossa casa é mais segura. (Luciana, 34).

Quanto às notícias que não chamam a atenção da Família 1, destacam-se aquelas sobre economia, a não ser que sejam mais voltadas para o dia a dia dos brasileiros, como quando aparece o preço dos produtos no supermercado, por exemplo. As internacionais também não são interessantes para os informantes, eles comentam apenas quando estas mostram algo relacionado à violência, religião ou catástrofes naturais, principalmente as com vítimas.

A maioria das reportagens de política também não desperta o interesse da família, salvo aquelas que exibem casos de corrupção no Brasil e, assim mesmo, os comentários que realizam são poucos, eles não costumam discutir sobre a questão, como no exemplo sobre as fraudes detectadas no Enem de 2013 e as mudanças na segurança para o próximo exame: *“Sim tem que ter toda segurança mesmo, porque meu Deus, tanta corrupção nesse país, até nessas coisas de estudo roubam, tá louco!”* (Luciana, 34), Daniel (37) concorda, mas não fala nada e Olivia (38) também concorda e apenas fala: *“Tá louco mesmo!”*. As questões relacionadas à política algumas vezes aparecem nas falas dos informantes quando estão

opinando sobre outras reportagens, como nesta sobre um incêndio no Memorial da América Latina, os irmãos não sabiam onde era o incêndio porque não reconheceram o Memorial, acharam que era em Brasília: *“Ah, mas não é em Brasília né, ainda bem... porque se fosse tinham que salvar a nossa Dilma, tirar ela de lá e deixar que todos os outros sem vergonha se queimassem!”* (Olivia, 38). Ou então, como no exemplo a seguir, da criação do vice- ministério da Suprema Felicidade na Venezuela, que é uma notícia internacional de política, mas que só chamou a atenção porque é, de certa forma, inusitada porque eles acharam engraçado o nome do vice- ministério:

Os três irmãos olham com atenção e dão risada pelo nome do ministério e logo Olivia (38) fala: *“Claro esse aí quer fazer coisa boa que nem o outro que morreu fazia, o povo gostava dele!”*, Luciana (34) discorda: *“Bom, irmã? Ele era ruim aquele homem, mandão demais ele deve estar no inferno, perambulando lá isso sim!”* Olivia (38) rebate: *“Será irmã? Eu achava que ele era bom!”* Daniel (37) não fala nada, apenas olha.

Portanto, na Família 1, as notícias que despertam maior interesse são aquelas que estão diretamente relacionadas ao cotidiano dos informantes, à classe social a qual pertencem, ao trabalho que desempenham e ainda ao nível de capital cultural e social dos integrantes da família. As reportagens que remetem às questões de gênero são comentadas devido às fortes demarcações de gênero presentes na família, demonstradas, principalmente, através da limitação dos papéis femininos e masculinos, da autoridade masculina, da submissão da mulher e do preconceito com a homossexualidade. O mesmo acontece com as matérias que dizem respeito à classe social, pois, se os informantes pertencem à classe popular, é natural que se identifiquem com tais reportagens e que façam relação de sua posição no espaço social com o que é mostrado no telejornal. A diferenciação com o “rico”, tanto dentro quanto fora do contexto do programa, é feita porque também é realizada em algumas situações do dia a dia dos integrantes da família.

O interesse pelas matérias sobre violência e drogas é explicado pela sociabilidade dos informantes e o bairro, onde a violência e o contato com usuários e “traficantes” de drogas fazem parte do cotidiano dos informantes, apesar de estes esconderem, por diversas vezes, a violência, manipulando assim a identidade dos moradores da Renascença e ressaltando o comportamento violento de outros bairros da cidade. As matérias sobre religião são marcantes porque a família é extremamente religiosa e o interesse por notícias sobre saúde deve- se ao fato de que o telejornal é um meio pelo qual os integrantes da família se informam sobre as doenças e prevenção, já que o programa é a principal fonte de informação dessas pessoas. Além do que a limitação econômica também restringe o acesso à saúde, que acontece apenas

pelo SUS (Sistema Único de Saúde), sendo esse, algumas vezes, moroso: *“Ah, mas se tu for esperar não te chamam nunca! Tu tem que ir lá e pedir para ti levar o encaminhamento, se não, se deixar para eles, é capaz de terem até colocado fora teu pedido.”* (Olivia,38 falando com Juliana, 42 sobre a demora para realização de um exame).

A previsão do tempo é importante porque serve como utilidade ao dia de trabalho fora e em casa, cumprindo com o seu papel de prestação de serviço aos telespectadores.

As notícias menos comentadas também podem ser explicadas pela sociabilidade e pela condição social e econômica dos informantes, pois são as mais distantes da realidade do cotidiano deles. Afinal, devido ao baixo capital cultural dos informantes, as reportagens mais complexas e aprofundadas sobre economia, política e assuntos internacionais não são bem entendidas por eles e talvez por isso não interessem. Estas só chamam a atenção quando são práticas, com exemplos que afetam diretamente o dia a dia, sendo mais próximas à realidade dos integrantes da família ou de compreensão mais fácil.

b) Família 2

As reportagens que mais interessam à Família 2 são, em sua maioria, sobre os mesmos assuntos que as da Família 1, com algumas diferenças, já que alguns assuntos são mais abordados pela segunda família e outros que não foram comentados na primeira estão presentes nas conversas desta segunda. As mais discutidas são as que envolvem a classe social, tanto dentro quanto fora do contexto do telejornal. Um exemplo de conversas sobre o assunto fora do contexto do programa é quando Marcio (42) contou sobre a decisão de deixar de ir às igrejas que, para ele, “exploram” as pessoas:

A gente ia numa evangélica, mas não aqui da vila, e daí uma vez o pastor ficou pedindo um salário mínimo, na época acho que era de R\$ 500,00, daí eu achei um absurdo. Onde já se viu pedir isso. Daí ninguém deu e ele pediu R\$ 100,00, daí alguns deram e eu não. Imagina, a gente é pobre, R\$ 100,00 faz diferença na nossa casa, ora se iria dar para igreja. (Marcio, 42).

Um dos exemplos de reportagens sobre classe social que repercutem na Família 2 é sobre a prisão de um auditor fiscal acusado de participar de um esquema de corrupção que pode ter desviado até R\$ 500 milhões da prefeitura de São Paulo. Marcio (42), indignado, afirma que o auditor preso é “muito cara de pau” quando diz que os bens encontrados na garagem da casa dele não são dele: *“Onde já se viu... nem tudo que está na nossa garagem é nosso! Ah é bem certinho mesmo, eu não tenho um carrão desses na minha garagem!”*

(Marcio, 42). Outro exemplo é a matéria que cem por cento dos endividados de São Paulo dizem ter condições de pagar o que devem:

Quando aparecem os entrevistados dizendo que têm condições de pagar as contas à vista, Marcio (42) ri e fala, ironicamente: *“Aham, pode pagar à vista sim, se pode porque não pagou antes! Onde já se viu, quer se aparecer só porque tá na televisão!”* Pergunto por que acha isso e ele logo responde: *“Ora porque, se tivesse dinheiro iria ter pago no prazo certo, agora vem se fazer na frente do repórter, daí sim, né! Eu só compro se posso pagar e mesmo assim não atraso nenhuma conta”* (Marcio, 42).

As notícias que mostram a violência e o uso de drogas, assim como na Família 1, também chamam a atenção da Família 2. E, apesar de os informantes falarem inúmeras vezes sobre o assunto fora do contexto do telejornal, também comentam dentro do contexto do programa. Por exemplo, quando foi ao ar a matéria sobre a condenação de Thor Batista pela morte de um ciclista que atropelou: *“Ham vai ter que prestar serviços comunitários, se fosse um pobre iria para cadeia, só porque ele é rico. E também pagar R\$ 1 milhão, para ele isso é troco, tá louco, se fosse um pobre ia ser bem diferente.”* (Marcio, 42). Este comentário pode se enquadrar tanto em uma opinião com relação à violência no trânsito quanto a uma questão de classe social, já que Marcio (42) afirma que só foi imposto esse tipo de pena porque o culpado é o filho do empresário Eike Batista, deixando clara a distinção de tratamento se o culpado fosse uma pessoa desconhecida e sem as mesmas condições financeiras. Outro exemplo de comentário em que o homem relaciona as questões de violência com a classe social é quando o telejornal divulga que outro jovem de 17 anos foi morto pela PM de São Paulo, porque, há poucos dias, um jovem também tinha sido morto pelos policiais paulistas:

Marcio (42) balança a cabeça negativamente e fala: *“Olha aí, outro, de novo!”* E me pergunta se eu tinha visto o caso do Amarildo: *“Esses aí é o mesmo caso esse do tal Amarildo, com o perdão da palavra, mas viu, é só porque são preto!”* Pergunto porque acha isso e ele diz que não é ele, que é a polícia que acha: *“Ham... se fosse branco talvez não morreriam tanto como morrem os negros toda hora porque qualquer ou até sem motivo”* (Marcio, 42).

Um exemplo de comentários sobre as drogas foi a chamada do Globo Repórter durante o Jornal Nacional que iria mostrar a experiência de países que mudaram as leis sobre as drogas: *“Aí sim né, que absurdo isso, é só o que faltava! É claro que não podem liberar nada aqui no Brasil né... onde já se viu... se proibindo está tudo assim, pura droga, drogado e traficante, imagina liberando, não mesmo, não concordo!”* (Marcio, 42).

A Família 2 também opina sobre as questões de gênero envolvidas nas notícias do telejornal. Como exemplo, cito a matéria sobre as fãs da seleção brasileira assistindo ao treino. Quando aparecem as mulheres gritando para os jogadores, Marcio (42) fala que elas “se atiram”: *“Essas guria querendo ficar grávida de jogador, ah se é minha filha, né Fabiane...isso não está certo, só para ganharem dinheiro”*. Ou então, quando o telejornal mostrou a reportagem de uma mulher que foi feita refém do ex-marido em Itapetininga (SP): *“Psiiii tu viu isso? Esse aí está desde não sei que horas com a mulher dentro de casa! O jornal ainda dá ibope para esse cara aí... tu tá louco!”* (Marcio, 42). Outro exemplo de notícia relacionada ao gênero que gerou comentário na família foi de uma adolescente que matou a mãe com a ajuda do namorado no Rio de Janeiro: *“Ham tá louco, tudo por causa de namorado, que coisa séria essas guria de hoje em dia, onde esse mundo vai parar!”* (Marcio, 42).

Diferente da Família 1, a Família 2, e principalmente Marcio (42), comenta com maior regularidade sobre as matérias de política mesmo que esses comentários também versem sobre a corrupção no Brasil ou sobre as falhas no sistema jurídico e político. Esses assuntos relacionados à política na maioria das vezes são comentados no contexto do Jornal Nacional. Por exemplo, quando foi veiculada uma matéria sobre o Prêmio Gestão Escolar 2013, e quando apareceu o valor que a escola vencedora recebeu R\$ 30 mil, Marcio (42) comenta: *“Que legal isso né, bom que esse dinheiro vai todo para escola, daí podem melhorar as coisas lá, bem legal, já que o governo não faz o que tem que fazer, legal esse tipo de prêmio!”*. Outro exemplo de reportagem sobre política que gerou opinião dos informantes foi a indicação de Luís Roberto Barroso a ministro do Superior Tribunal Federal:

Esses aí também, que gente mais ladra, esse mesmo diz que esses dias foi viajar não sei para onde de avião com a família, e a gente pagando, e diz que parou num baita hotel. Esses não prestam, que horror! Esse Gurgel aí (quando aparece a imagem do ministro Roberto Gurgel) também não presta, se aproveita nas nossas custas também! Na verdade nenhum deles presta, só o que escapa, pelo que se sabe ainda né, é o negrão aquele! (falando do Joaquim Barbosa). Mas também, desses políticos quase nenhum presta... diz que até os vereadores de Santa Maria vão passear as custas do nosso dinheiro, com diárias caras e que trabalhar pelo povo é o que menos fazem (Marcio, 42).

Quando o telejornal mostrou uma matéria sobre a primeira grande homenagem a Nelson Mandela, e apareceu que inúmeros chefes de Estado e governo, astros da música e do cinema estavam na solenidade, Bento (21) logo pergunta: *“Ué e cadê a Dilma se está cheio de gente*

importante?”, o pai ri e quando aparece a presidenta, logo fala: *“Ó tá ali a Dilma ó Bento e toda perdida, nem sabe para onde vai sentar!”* (Marcio, 42).

Algumas vezes, Marcio (42) também fala de política fora do contexto do telejornal, como, por exemplo, quando foi ao ar uma propaganda política (não eram as obrigatórias da eleição, mas os partidos já estavam veiculando algumas propagandas):

Esses aí são tudo iguais, mentem para o povo, tu não viu que a Marina Silva agora se aliou com aquele cara? Aquele que vai querer ser presidente... aquele novo, o Aécio, aquele vai querer ser presidente, não ganha da Dilma, mas vai querer ser! Ele continua me contando que o partido da Marina não deu certo e que por isso ela “se juntou com esse Aécio”: “De certo ela vai ser vice dele, mas não ganham da Dilma, não ganham mesmo, o povo gosta dela, ela dá bolsa disso, bolsa daquilo, o pessoal gosta! Eu não votei nela, votei naquele outro, o velho, o Serra porque fez muita coisa boa para saúde!”. Pergunto se ele não gosta da Dilma e ele diz: “Não é que eu não gosto...sabe que fora essas roubalheira de mensalão e não sei o que... eu acho que ela é bem boa, fez bastante coisa, é boa para o povo” (Marcio, 42).

A Família 2 também comenta as notícias relacionadas ao esporte. O primeiro exemplo é uma reportagem sobre esporte, mas o comentário é também sobre gênero, que trata da divulgação da FIFA dos finalistas do prêmio de melhores jogadores do mundo de 2013. Quando aparece uma jogadora indicada ao prêmio, Marcio (42) fala: *“Bah, mas parece um homem essa mulher, na verdade todas elas que jogam futebol parecem!”*. Os outros dois exemplos são de matérias esportivas, porém os comentários perpassam questões relacionadas à classe social. A primeira foi sobre a apresentação do jogador Neymar no time espanhol Barcelona, quando o repórter fala o valor do salário que o jovem irá receber Marcio (42) diz: *“Bah, se eu fosse ganhar todo esse dinheiro, também ficaria emocionado que nem ele, ham... daí sim né. Quanto dinheiro, isso é um absurdo nem sei quanto é tudo isso!”*. A outra reportagem que gerou opinião sobre classe social e esporte foi sobre a Copa do Mundo no Brasil e a seleção brasileira: *“É algo fora da realidade das pessoas, da maioria das pessoas, acho um horror isso, tanta coisa que o povo precisa e eles gastando com essa Copa e pagando um dinheirão para esses caras!”* (Marcio, 42).

As notícias sobre saúde também são comentadas na Família 2, porém com maior frequência que na Família 1. As opiniões sobre a saúde acontecem tanto no contexto do telejornal quanto fora dele. Além do que, Marcio (42) também costuma falar das reportagens sobre o assunto que estão no jornal impresso Diário de Santa Maria. O primeiro exemplo diz respeito aos comentários fora do contexto da mídia, já que Marcio (42) critica o serviço prestado pelo Sistema Único de Saúde enquanto conta sobre o filho de uma vizinha que “tentou se matar” e foi atendido no Hospital Universitário de Santa Maria. Marcio (42)

“acudiu” e levou o vizinho até o local. Esse comentário, além de ser sobre saúde, é também sobre classe social:

Fomos até lá naquele lugar horrível... tu já foi lá naquele psiquiátrico do HUSM? Aquilo é um pavor, uma tristeza, aquele monte de gente doente, tá louco! E daí não aconteceu nada, o médico conversou um pouco e mandou ele para casa com uns calmantes, imagina daqui uns dias ele tenta se matar de novo, daí vou eu lá tentar tirar o facão dele, tá louco esses médicos, garanto que se fosse um rico ia ter mais acompanhamento! (Marcio, 42).

Outro exemplo de comentário sobre saúde fora do contexto do telejornal, mas no contexto da mídia, é o seguinte: “*Ham... e isso aqui, tem algo errado, capaz que eles vão contratar serviço do SUS e não ter nenhuma vantagem duvido que não, porque sabe né, coisa para pobre nunca interessa...*” (Marcio,42, após ler uma reportagem no Diário de Santa Maria, no intervalo do Jornal Nacional, sobre a contratação do SUS no hospital São Francisco de Santa Maria para o tratamento contra o câncer). Nesse comentário, o homem também aborda a questão da classe social aliada à saúde.

Quanto aos comentários sobre saúde no contexto do JN, a maioria é sobre a prevenção de doenças, assim como na Família 1, como no caso da matéria sobre a decisão da Anvisa de manter a venda no Brasil de sibutramina (um remédio emagrecedor). Marcio (42) costuma prestar atenção nas notícias sobre obesidade: “*Bah tá louco, olha como isso daí emagrece, mas também faz mal, que adianta tomar isso depois que tão gordos desse jeito, pura barriga enorme. Daí assim só com aquela cirurgia do estômago*”. Certa vez, após uma matéria sobre obesidade no Brasil, Marcio (42) falou para esposa Telma (40), que na hora do telejornal, eu e ele estávamos conversando sobre a importância do cuidado com o que as filhas do casal comem, já que o homem se preocupa com a “gordura” das duas filhas mais novas (Fabiane, 11 e Helena, 9):

Telma (40) responde: “Ah eu sei, mas eu fico com pena, principalmente da pequena (Helena, 9), porque ela já acorda pedindo comida...abre o olho e pede um revirado (ovo mexido com o que tiver na geladeira) e eu acabo fazendo né!”. Marcio (42) logo fala que eu disse que é certo controlar agora que é criança: “Claro né, porque depois ela vai sofrer Telma, com essas diabetes e coisa... depois vai ter doença”. Telma (40) concorda, mas diz que é difícil e que não gosta de ver as filhas com fome, que não consegue “negar comida”.

Os informantes da Família 2 comentam sobre as notícias que envolvem religião, porém esses comentários não são comuns como os da Família 1. Um exemplo é a matéria sobre os preparativos para vinda do novo Papa ao Brasil. O comentário de Marcio (42) teve o mesmo teor dos comentários que a Família 1 fez sobre o Papa Francisco e a comparação deste com o antigo, Bento XVI:

Esse sim que é dos bons, vai ajudar bastante a gente, os pobres, esse é gente boa, passa uma coisa boa para gente. Eu não gostava do outro, aquele homem tinha um jeito estranho, parece que sempre botava panos quentes nas falcatriuas que aconteciam na igreja, cara estranho, não tinha cara de homem bom (Marcio, 42).

Conforme já mencionado, a Família 2 é contra o aborto e o casamento de homossexuais e, quando o telejornal veiculou uma reportagem sobre o assunto, Marcio (42) comentou, apenas na parte em que apareceu o pastor evangélico Silas Malafaia,: *“Ham esse Silas Malafaia aí é um baita safado, é desses que outro dia também estava te falando... que tira dinheiro dos coitados que vão na igreja dele, tá louco!”*. Este comentário, apesar de ser em uma matéria sobre questões de gênero, é também sobre religião e classe social.

Assim como para Família 1, para a Família 2, a previsão do tempo do Jornal Nacional também é importante e por isso comentada pelos integrantes. Da mesma forma que para a Família 1, para a Família 2, o tempo chuvoso ou seco determina a execução de algumas tarefas domésticas e de outras tarefas do trabalho fora: *“Eu gosto de ver a previsão para saber como vai ficar o tempo no outro dia. É bom até para o serviço... para limpar as janelas e coisa! Ainda mais que eu vou de bicicleta”*(Telma, 40). Ademais, o tempo também é determinante para esta família porque, no inverno, nos finais de semana, eles vendem algodão doce no centro da cidade e se chove além da produção, a venda dos doces fica prejudicada: *“Poxa vida, putz vai chover... justo porque a gente ia fazer algodão”* (Marcio, 42).

A Família 2 também não comenta com regularidade as notícias internacionais e sobre economia. As internacionais são comentadas, exatamente como no caso da Família 1, quando envolvem catástrofes naturais, acidentes, mortes, fatos inusitados ou questões sobre classe social. Um exemplo é a reportagem sobre o início do processo de redução do grupo Clarín na Argentina e, Marcio (42) apenas fala sobre o estado de saúde da presidenta Cristina Kirchner:

Essa aí olha, a Cristina, acho que já tá boa pelo jeito né? Mas também tu vê né... ela foi lá sentiu umas dores, foi para um hospital bom, fez tudo certinho como tinha que ser, se operou com os melhores médicos de certo, claro que ia melhorar né! Não é que nem nós, que não temos os melhores doutores nem os bons hospitais e muito menos dinheiro para pagar tanto tratamento, de certo do bom e do melhor! (Marcio, 42).

Assim como já percebido em outros exemplos de comentários de Marcio (42), mais uma vez ele abordou diversas questões na mesma conversa. Neste exemplo, que era relacionado a uma matéria internacional, ele atentou para a saúde da presidenta argentina,

criticou o sistema de saúde brasileiro e ainda falou sobre a limitação de acesso da classe popular a um sistema eficaz de saúde pública.

Outro exemplo, de um dos poucos comentários sobre uma notícia internacional, é em uma reportagem que envolve morte, já que tratava de quase cem corpos de imigrantes encontrados no deserto do Saara, no norte do Níger, que é uma das rotas mais usadas por imigrantes ilegais para chegar à Europa: *“Uma pena isso né, tanta gente morta, mulheres e crianças ainda, tá louco! Eles tentam passar para ter uma vida melhor e dá nisso, coitados!”* (Marcio, 42).

A Família 2 também só comenta as notícias sobre economia quando estas mostram algo de prático na vida da população brasileira, como a alta no preço de algum produto comumente comprado pelos informantes, do contrário essas reportagens não têm a atenção da família.

Assim como na Família 1, na 2, as matérias que chamam a atenção são também as associadas ao cotidiano da família. As que remetem às questões sobre classe social são as mais comentadas pelo fato dos informantes serem da classe popular e por isso têm um interesse sobre as questões que envolvem a posição social ocupada, tanto por eles quanto por outras pessoas que aparecem no telejornal. No caso da Família 2, os comentários e críticas envolvendo classe social parecem ser mais marcantes, já que perpassam quase a maioria dos assuntos, sejam eles relativos ao esporte, à saúde, à violência, etc.

O que é veiculado no telejornal sobre violência também chama a atenção da Família 2, igual à Família 1, porque a violência e o contato com usuários de drogas e “traficantes” faz parte da sociabilidade dos informantes no que diz respeito ao bairro. Mesmo que, em inúmeras vezes, os informantes acobertem essa violência, é natural que esses assuntos despertem o interesse quando abordados no Jornal Nacional. Da mesma maneira que as notícias que envolvem questões de gênero geram comentários na primeira família, nesta segunda isto também acontece, uma vez que o gênero é marcante para sociabilidade e as questões familiares dos informantes, já que existe uma forte delimitação dos papéis do homem e da mulher, a autoridade masculina e a submissão da mulher além dos preconceitos de gênero, tais como contra os homossexuais e questões relativas ao feminismo e liberdade da mulher, como o aborto. Isto explica os comentários sobre as reportagens envolvendo gênero.

Os comentários das notícias sobre política estão presentes na Família 2, diferente da Família 1, porque especialmente, Marcio (42) possui capital cultural maior do que dos integrantes da primeira família. Ele e os vizinhos têm o mesmo grau de instrução escolar, que

é baixo (Ensino Fundamental incompleto), mas Marcio (42) tem o hábito de leitura do jornal impresso, diferente da Família 1. Além disso, por gostar de estar informado sobre “o que estão fazendo com o dinheiro do povo”, se interessa em entender melhor a situação política do Brasil, principalmente no que diz respeito à corrupção. Mesmo assim, os comentários estão limitados ao Brasil, a Família 2 não comenta as reportagens a respeito da política internacional.

As notícias sobre esporte veiculadas no telejornal são comentadas pelos integrantes da Família 2 porque Marcio (42) e Bento (21) gostam, principalmente, de futebol. Para eles, assistir aos jogos na televisão e estar informados sobre o que acontece com os clubes é uma forma de lazer. As reportagens sobre esporte são inúmeras vezes comentadas juntamente com alguma opinião sobre classe social porque Marcio (42), devido ao seu capital cultural, mesmo que advindo principalmente da mídia, tem uma visão crítica sobre o esporte e o montante de dinheiro que está envolvido neste. Afinal, a situação econômica dos jogadores de futebol contrasta com a limitação econômica da classe trabalhadora, à qual a família de Marcio (42) pertence.

As reportagens sobre saúde chamam a atenção da família porque é através do telejornal e do jornal impresso que os integrantes ficam informados sobre a particularidade de algumas doenças e sua prevenção. Assim como na Família 1, na Família 2, a mídia é a principal fonte de informação dos integrantes, além do que a limitação econômica restringe o acesso a serviços que não sejam do SUS o que, segundo os informantes, pode comprometer os atendimentos, principalmente pela demora com que alguns casos são tratados devido à grande demanda pelo sistema. O interesse por essas notícias se dá ainda porque Marcio (42) se preocupa, particularmente, com a obesidade das filhas mais novas (Fabiane, 11 e Helena, 9), e o telejornal é um meio de reiterar às filhas e à esposa sobre a importância dos cuidados com a alimentação.

A previsão do tempo também é importante para a Família 2 porque desempenha a função utilitária para o dia de trabalho fora e em casa, e também porque a família realiza trabalho extra nos finais de semana não chuvosos. A previsão cumpre, assim, com o seu papel de prestação de serviço aos telespectadores.

As notícias menos comentadas pela Família 2, do mesmo modo que pela 1, se devem ao fato da sociabilidade e da condição social e econômica dos informantes, sendo essas mais alheias ao dia a dia da família. Estas reportagens tratam de assuntos relacionados a uma elite cultural econômica e por isso são desinteressantes aos trabalhadores de classe popular.

Ademais, o baixo capital cultural, principalmente o advindo da escola, limita o entendimento de assuntos mais complexos como os de economia e política internacional ou até mesmo as questões de política que não aquelas sobre corrupção.

Marcio (42) é o integrante da família que mais comenta as reportagens do Jornal Nacional, porque é o que mais o assiste, devido ao seu capital cultural mais desenvolvido que os outros integrantes da sua família. Não pela formação escolar, já que tem a mesma formação que a esposa Telma (40) e menor formação que seus filhos mais velhos, que concluíram o Ensino Médio (Pamela, 20 e Bento, 21) e, sim, pelo acesso frequente que tem ao jornal impresso e ao telejornal, desenvolvendo, mesmo que a partir da mídia, sua visão crítica sobre os assuntos mostrados no programa. O interesse pelas reportagens também perpassa a questão geracional, visto que os jovens não têm o mesmo interesse pelo telejornal. Também assistem a ele poucas vezes em detrimento do trabalho ou do lazer. O interesse pelo Jornal Nacional e a compreensão das notícias também perpassa a questão de gênero, já que Telma (40), na maioria das vezes está desempenhando tarefas domésticas e não acompanha o marido na assistência ao programa.

d) Família 3

Na Família 3, diferente das outras duas famílias, são poucos os comentários sobre as matérias do telejornal. Todas as observações são feitas por Mônica (32), já que Manoel (34) raramente está em casa devido ao seu trabalho e, quando está, pouco assiste o telejornal com a esposa. Os comentários da mulher são normalmente mais curtos que os dos informantes das outras duas famílias e são mais superficiais.

As reportagens mais comentadas são sobre violência, como, por exemplo, a que mostrava que uma criança de onze anos foi morta por uma bala perdida em frente de casa em Campo Grande (MS), logo depois de o Jornal Nacional ter veiculado uma outra matéria sobre a morte de uma outra criança de doze anos, também por bala perdida no Rio de Janeiro (RJ) : *“Mas isso é uma barbaridade, como tem criança morta, outra criança mataram!”* (Mônica, 32). Ou então quando foi ao ar uma notícia que a polícia identificou dois suspeitos de terem começado um tiroteio que matou uma criança em Novo Hamburgo (RS). Quando a apresentadora fala que um dos suspeitos foi liberado do presídio central há menos de uma semana para passar as festas de fim de ano com a família e que ainda não foi recapturado, Mônica (32) fala: *“Ham... mas também né foram liberar antes do presídio, isso que dá!”*. Outro exemplo de notícia sobre violência que chamou a atenção da mulher foi sobre a morte do russo criador da arma AK-47 (considerada a arma de fogo mais letal da história). Quando é

dito que o criador do fuzil havia declarado que era doloroso ver bandidos de todos os tipos com o fuzil dele, Mônica (32) acrescenta: *“Ah também né esse homem tava certo porque tem bandido mais armados que os policiais! E sem falar de alguns policiais que são mais bandido que os bandido”*. Os comentários sobre violência também acontecem fora do contexto do telejornal quando Mônica (32) conversa com “as parentes” sobre algo que aconteceu na Vila ou nos bairros vizinhos, como, por exemplo, quando afirmou saber quem era o responsável pela maioria dos homicídios que estavam acontecendo na Santa Marta: *“De fonte segura diz que foi o Pablo... diz que é ele que tá se vingando de uma galera né... tudo rixa deles de tráfico e tal. Também não sei como a polícia não pega ele!”* (Mônica,32).

Entre as notícias mais comentadas na Família 3 estão aquelas que mostram tragédias com vítimas, catástrofes naturais ou acidentes, como, a reportagem sobre o desabamento de um prédio em construção em Guarulhos (SP) em que os operários estariam soterrados: *“Viu ó, por isso que eu tenho medo de prédio, mil vezes uma casa do que um treco desses que pode cair!”* (Mônica, 32).

As matérias sobre classe social também despertam o interesse da informante apesar de Mônica (32) comentar sobre a questão também fora do contexto do telejornal, quando, por exemplo, reclamou sobre a lista de material escolar dos filhos:

Bah como eles pedem coisa, ainda bem que como é aqui “nos Pallotinos”, muita coisa eles dão, mas o resto a gente que tem que comprar, e é ruim né porque essas coisas são caras e a gente que é pobre fica difícil. Daí eu tenho que tirar no cartão da mãe (Mônica, 32). A mulher quis dizer que compra com o cartão de crédito da loja Grazziotin da mãe dela.

Dentre os exemplos de comentários sobre classe social, no contexto do telejornal, está o que ocorreu quando foi ao ar uma reportagem sobre o velório de Nelson Mandela. Mônica (32) achou grandiosas as homenagens feitas ao líder africano: *“Olha ali, rico é chique até em velório!”*. Outro exemplo é quando apareceu uma matéria sobre os atrasos nos aeroportos e Mônica (32) primeiro pergunta se cabem poucas ou muitas pessoas em um avião, e em seguida, quando mostram os preços de algumas passagens aéreas, fala: *“Ah é capaz que pagam tudo isso para andar dentro de um avião? Como é caro!”*.

Questões que envolvem saúde costumam gerar comentários na Família 3, porém em sua maioria fora do contexto do telejornal. As opiniões no contexto do programa acontecem apenas na forma de exclamações, já que Mônica (32) frequentemente afirma que a saúde no Brasil “é um caos” ainda mais para *“quem precisa e não tem dinheiro, é pobre”*. Fora do

contexto do JN, a mulher reclama constantemente da demora dos atendimentos, da “incompetência” de alguns profissionais, do “descaso com a doença dos outros” e do preço alto dos serviços que são particulares prestados fora do Sistema Único de Saúde.

Algumas vezes a informante comenta as reportagens sobre futebol, mas apenas para elogiar os jogadores que julga serem bonitos, como o Neymar e o Hulk da seleção brasileira. Certa vez ela falou que gostava do “estilo” de Neymar: “Ele é bonito e estiloso, olha as roupas que ele anda!” (Mônica, 32). Outro dia em que apareceu uma matéria com a imagem de Hulk, ela diz:

Ah e esse aí então, isso que é homem, cara de homem, brabão, sem falar do corpo! A irmã de Mônica (32) que estava na casa dela naquele dia fala que o jogador tem cara de sem-vergonha e Mônica (32) logo responde: “Ah... mas quem não gosta de um homem sem-vergonha? Eu gosto, nenhuma mulher gosta de homem santo, pode parar!” Elas dão risada.

O primeiro comentário sobre Neymar pode remeter também a uma questão de classe social, já que Mônica (32) percebe e afirma gostar do jeito como o jogador se veste e se comporta. Já o comentário sobre o jogador Hulk é sobre uma questão de gênero, pois Mônica (32) garante gostar do atleta não só pela sua aparência física, mas também pelo seu comportamento “sem-vergonha” o que, para ela, é aceitável em uma relação entre um homem e uma mulher. Homem “sem-vergonha”, para Mônica (32), é aquele que não está todo o tempo perto da sua parceira, que dá certa insegurança, que “*sai, apronta, faz a mulher sentir ciúmes*”.

A Família 3 comenta algumas vezes sobre a previsão do tempo, mas não da mesma forma que as outras duas famílias em que o quadro serve como utilitário para o trabalho fora e doméstico. Para Mônica (32), a previsão do tempo serve meramente para que ela saiba, por curiosidade, se no dia seguinte estará frio ou calor, terá sol ou chuva e a variação não altera em nada sua rotina de trabalho doméstico.

A Família 3, tal como a Família 1, não comenta as notícias sobre economia, política e as internacionais. Sobre política, Mônica (32) apenas fala algumas vezes, quando aparecem matérias sobre corrupção, que “*no Brasil roubam muito e a saúde ruim desse jeito*”. Igualmente as outras famílias informantes, Mônica (32) só fala algo sobre as matérias internacionais quando estas relatam alguma catástrofe natural ou tragédia com vítimas, como por exemplo, quando o Jornal Nacional mostrou os estragos causados pelo tufão nas Filipinas: “*Que horror tudo isso, tenho tanta pena dessas pessoas porque como vão saber que ia acontecer essa desgraça toda!*” (Mônica, 32).

Então, a Família 3 comenta com maior frequência as reportagens sobre violência porque, como as outras duas famílias, convive com a violência no seu cotidiano, mesmo que esta seja, muitas vezes, omitida pelos informantes. As matérias sobre tragédias e acidentes chamam a atenção porque talvez mostrem as pessoas em situações mais adversas que a dela, já que a principal informante da família demonstra, constantemente, em sua sociabilidade, sentir-se infeliz pelas restrições impostas pelo marido (de não poder trabalhar, passear sozinha, etc.) e pelas limitações econômicas da família. Os comentários das reportagens sobre saúde também remetem a essas limitações econômicas, pois a família, assim como as outras duas famílias, depende do serviço do Sistema Único de Saúde (SUS). Mônica (32) costuma comentar sobre saúde também porque precisa com frequência dos atendimentos do SUS devido a seus problemas gastrointestinais e também tem consultas com os psicólogos dos postos de saúde.

As opiniões sobre classe social da Família 3 se devem à mesma razão que as das Famílias 1 e 2, visto que a família de Mônica (32) também pertence à classe popular e por isso se identifica com as notícias que mostram famílias e pessoas como as que ela convive em seu cotidiano. A diferenciação do “pobre” e do “rico” é declarada nos comentários do telejornal porque também acontece fora do contexto do programa, tanto feita pelos próprios informantes, quanto, segundo eles, pelas pessoas “da sociedade”.

O desinteresse pelas matérias sobre economia, política e as internacionais se dá pelo fato de que elas tratam de assuntos que estão afastados do cotidiano da família, pois são direcionados a uma elite cultural e econômica. Além disto, o baixo capital cultural, principalmente o advindo da escola, faz com que Mônica (32) não consiga entender, na maioria das vezes, esse tipo de notícia.

Apesar de haver uma forte demarcação de gênero na Família 3, os assuntos do telejornal que envolvem o gênero não são comentados. Mônica (32) fala com frequência dessas questões fora do contexto do programa e sobre as matérias do JN só comenta, superficialmente, quando aparecem homens que considera “bonito”.

A Família 3 é a que menos comenta as matérias do Jornal Nacional, se comparada com as outras duas famílias, porque a principal informante está sempre sozinha em casa, a sua companhia são os filhos que ainda são crianças (Lucas, 11, Giovane, 10, Gustavo, 9, Greice, 8, Jéssica e Graziela, 4) e por isso não conversam sobre as notícias. O fato de estar sozinha, obviamente, impede a conversa sobre o telejornal com outras pessoas, mas também quando existe alguém na casa de Mônica (32), como a mãe ou alguma irmã, a mulher aproveita para

falar sobre outros assuntos que envolvem seu dia a dia, uma vez que não pode fazer isso em outros horários porque não tem a permissão do marido para sair de casa quando quer. Além do que, o baixo capital social, aliado ao baixo capital cultural e aos traços de “*habitus precário*”, faz com que poucos assuntos sejam comentados e refletidos de forma mais profunda pela mulher.

5.4.2 O Jornal Nacional segundo os receptores das classes populares

As três famílias assistem com regularidade ao Jornal Nacional, mesmo que de formas diferenciadas de acordo com a geração, o gênero e a disposição no espaço doméstico. Todos deixam de fazer alguma atividade para assistir ao telejornal quando este veicula alguma reportagem que lhes interessa. Ademais, comentam também no trabalho com os colegas ou padrões sobre alguma matéria que assistiram e que os chamou a atenção. Para todos os informantes, o telejornal veiculado pela Rede Globo é considerado importante porque, segundo eles, relata “*a realidade do que acontece no Brasil e no mundo*”, mesmo que por diversas vezes eles demonstrem ambiguidade com relação a essa afirmação de que o programa relata apenas a realidade, como quando, por exemplo, se dizem insatisfeitos com a maneira que os pobres são representados pelo telejornal.

Para eles, a classe popular é representada no Jornal Nacional de maneira não satisfatória porque os “pobres” aparecem pouco no telejornal, e afirmam que a maioria das notícias do telejornal é sobre as “pessoas ricas” e com entrevistados pertencentes às classes altas, como advogados, engenheiros, bancários, políticos, empresários e jornalistas. Muitas vezes, manifestam o desejo de saber, através do telejornal, “*de onde vem a riqueza deles*”, pois, para os informantes, os “ricos” possuem boa condição financeira porque tiveram “oportunidades”, não precisaram trabalhar em detrimento dos estudos ou ainda já “*nasceram em berço de ouro*”, repetindo a dicotomia entre “rico” e “pobre” que Caldeira (1984) observou:

A riqueza permite que alguns não trabalhem, a não ser que queiram, enquanto a pobreza obriga outros a passarem a vida ‘dando seu tempo’ para alguém, exatamente para aquele que não faz nada. Falar do trabalho é falar de uma relação de dependência mútua, de poder e de exploração entre ricos e pobres (CALDEIRA, 1984, p. 152).

Mais uma vez, os informantes reforçam a diferença entre os “ricos” e os “pobres”, entre o “nós” e o “eles”, ou seja, “olhar a sociedade significa perceber imediatamente uma

desigualdade básica: aquela que opõe a nós, os pobres, a eles, os ricos” (CALDEIRA, 1984, p. 150).

Para os informantes, apesar da maioria do Brasil ser composta por pessoas com menor poder aquisitivo, estas são mostradas no JN apenas associadas às reportagens “ruins”. Conforme os informantes, estas reportagens são sobre morte, acidentes, miséria, violência, drogas, problemas relacionados ao SUS, catástrofes naturais, como exemplifica Daniel (37), da Família 1: “Assim, quando entrevistam um pobre é quando dá enchente na vila, quando entra água na casa... quando acontece uma desgraça no caso [...] só o pobre na dificuldade mesmo” (Daniel, 37 anos). A maioria dos informantes ainda afirma que muitas vezes o JN “exagera” quando mostra os “pobres”: “Muitas vezes eles falam mentira, são injusto com os pobres, e se for negro então pior! Principalmente nessas reportagens de morte e violência” (Juliana, 44). Outro exemplo é a fala de Bento (21), da Família 2:

Por exemplo, assim, quando algum pobre comete algum crime que não é tão grave, mas daí já aproveitam e aumentam bastante sabe... Dão bem mais destaque para aquilo. Pergunto que tipo de crime que ele está falando que não acha tão grave. Bento (21) responde: Sei lá... digamos que o cara furtou que seja para comer assim...só que daí no caso o cara vai lá furtar para comer e eles vão lá e aumentam e dizem que agrediu e tal... mascaram sabe? Ou então mostram a polícia nem sempre do jeito que são... como se chegassem numa boa... só que eles chegam na boa só quando é para aparecer no jornal e muitas vezes não são assim, eles chegam estúpidos, agredindo e tal. E tem outra não é só pobre que é envolvido em crime, tinham que mostrar igual quando tem gente grandona envolvida como políticos (Bento, 21).

Como já discutido no item anterior desse texto, são justamente essas reportagens sobre violência, acidentes, tragédias e problemas na saúde do Brasil que mais despertam o interesse dos informantes das três famílias. Ainda assim, a maioria dos integrantes das famílias afirma que esse tipo de reportagem deve continuar sendo mostrada no JN para “dar exemplo” às pessoas, tanto para os que sofrem violência, por exemplo, quanto para os que praticam. E acrescentam que o telejornal só “mostra porque existe, porque é a verdade”. A ambiguidade entre o JN mostrar a “realidade, a verdade” e “mascarar”, “não mostrar só a verdade” está sempre presente nas falas de todos os informantes.

Muitos dos integrantes das famílias também ressaltam que os “pobres” ainda aparecem em reportagens sobre trabalho, sendo este sempre “manual”, exigindo “força física” e “superação”, o que é visto de maneira positiva pelos receptores, já que todos exercem esse tipo de trabalho, são domésticas, trabalhadores da construção civil, mecânicos, encanadores, etc. Nesse caso, há uma identificação dos informantes com as reportagens que envolvem

trabalho no Jornal Nacional pelo fato de o telejornal mostrar, em algumas reportagens, a profissão que eles desempenham, mesmo que estas notícias não sejam as mais comentadas pelas famílias.

A maioria dos informantes ressalta que as pessoas da classe popular deveriam ter mais espaço no telejornal, aparecendo também associadas às reportagens “boas”, como por exemplo, aquelas que exaltam o trabalhador brasileiro como “batalhador”, aquele que tem bons exemplos a dar para a população, que é “feliz”, que “cuida da família”. Contam ainda que gostariam de ver “as conquistas” da classe popular no telejornal, como por exemplo, quando conseguem construir a casa própria. Além do mais, gostariam que os “pobres” dessem mais entrevistas sobre outros assuntos que não os já citados associados às notícias “ruins”: *“Nós não temo voz ativa sabe? Porque é aquilo que eles falam e pronto! Acho que eles não indagam assim as pessoas para dar sua verdadeira opinião”* (Bento, 21). Para Roberta (33), o fato do telejornal apenas mostrar as “coisas ruins” não mudará a vida dos “pobres”: *“Eles mostram a desgraça alheia, mas também não ajudam em nada! Deviam mostrar e cobrar depois, cobrar uma mudança, sabe?”*. Os informantes também declaram que gostariam de ver no telejornal mais reportagens informativas que auxiliassem os “pobres”, como as que tratam *“sobre as leis do cidadão, os nossos direitos”*.

Apesar de manifestarem esse desejo de serem associados às reportagens “boas”, há certa resignação sobre a condição da classe popular no Brasil e de como esta é representada no JN, corroborando então com a hegemonia. Isto pode ser exemplificado na fala de Daniel (37):

Não vai adiantar nada pobre ser mais entrevistado no jornal...mas capaz... (Risos). Bei... tu acha que eles vão dar bola, Tissiana? Pergunto a quem ele se refere quando fala “eles”. Daniel (37) responde: Os políticos mesmo! Não vai adiantar nada... pobre tem que ficar no lugar dele, no lugar certo dele...não vai adiantar nada tu dar o microfone pro pobre falar...mas capaz! (Daniel, 37).

Tal sentimento de conformismo dos informantes perante o lugar que o pobre ocupa na sociedade brasileira também foi descrito por Caldeira (1984, p. 159):

[...] os entrevistados estão falando não do valor das pessoas pobres ou das pessoas ricas enquanto pessoas, mas do valor dos pobres e dos ricos em geral, tomando como referência uma instância que é o conjunto da sociedade: o governo. A este nível, quando quem julga não são mais os pobres, mas o poder da sociedade, eles sabem que não são eles a ter valor, mas os ricos. E, no caso, não ter valor significa não ter voz, não ser ouvido, não ser atendido por quem deveria idealmente atender a todos.

A maioria dos informantes ainda relata que grande parte das reportagens do JN são sobre política, o que, para eles, não é adequado porque pensam que o telejornal deveria ter notícias “mais variadas”, que mostrassem “lugares bonitos”, “direitos do cidadão”, “bons exemplos de pessoas que ajudam e são ajudadas” e “mais dicas sobre o dia a dia”. Justificam que gostariam de ver com maior frequência este tipo de reportagens porque afirmam que “*o jornal influencia muito as pessoas*” e, se mostrasse esses assuntos poderia, “*facilitar a vida da gente*”.

Mesmo com essas críticas, o Jornal Nacional é a principal fonte de informação das famílias, com exceção de Marcio (42), da Família 2. Raramente os informantes das três famílias escutam rádio, e, quando o fazem, preferem a AM. Os informantes garantem que “aprendem” diariamente sobre diversos assuntos que são veiculados no telejornal, como por exemplo, sobre “dicas” de saúde, como “*poupar energia desligando os aparelhos da tomada*”, ou então como os “*cuidados para o ventilador não incendiar na tomada*”. Ademais, todos os informantes dizem que muitas vezes algumas matérias do JN os fazem refletir sobre os assuntos cotidianos, como nas reportagens sobre violência contra criança: “*Tem cada coisa que mostram, eu mesmo fiquei bem mais cuidadosa com eles (filhos) por causa disso. Hoje em dia tu não pode confiar em ninguém*” (Mônica, 32). Já Roberta (33) conta que muitas reportagens “*amolecem o coração de pedra*” que diz ter e o fazem pensar melhor sobre a “*esperança das pessoas por dias melhores*”, principalmente quando aparecem reportagens de miséria e tragédias.

Mais uma vez a dubiedade de análise do JN está presente entre os informantes. Se eles afirmam que os assuntos tratados no telejornal os fazem refletir, consideram tal programa importante e assistem a ele com frequência, ao mesmo tempo, asseguram que não se sentem representados no telejornal, salvo algumas exceções. Bento (21) diz que o JN não o representa porque o “*pobre não tem vez nem voz*” no telejornal. Marcio (42) afirma se sentir representado apenas quando vão ao ar as notícias sobre trabalho e os trabalhadores e Telma (40) diz que se sente representada quando aparece a mulher trabalhadora brasileira, ou seja, aquela que não trabalha apenas fora, mas também em casa. Daniel (37), assim como Marcio (37), também relata que se sente representado no telejornal apenas quando aparece o trabalhador, aquele que “*sai de casa cedo para batalhar*” e Roberta (33) também cita que “se enxerga” no programa apenas quando assiste as matérias com os trabalhadores, “*pobres e guerreiros*”. Olivia (38) e Luciana (32) também garantem que não se sentem representadas no Jornal Nacional, salvo nas reportagens que aparecem os negros e o racismo, pois dizem que o

preconceito ainda é muito presente na sociedade, nos pequenos gestos e que isso também é mostrado no telejornal. A irmã Juliana (44) é categórica ao falar que não se sente representada no programa, pois nunca “se enxerga” no JN. Mônica (32) conta que o telejornal também não a representa na maioria das vezes, com exceção das matérias em que aparecem as donas de casa, que têm dificuldades para criar os filhos, tanto financeiras quanto físicas, já que as crianças acabam “cansando as mães”, e das que mostram os problemas de saúde pública do Brasil.

Em nenhum momento, os informantes declaram que a classe popular é representada de maneira estereotipada no Jornal Nacional, eles não utilizam esse termo, porém deixam clara a definição de estereótipo quando dizem que os “pobres” aparecem de maneira negativa no telejornal e que a diferença entre os “pobres” e os “ricos” é sempre marcada e reforçada pelo telejornal. Assim, apesar de não usarem a palavra estereótipo, os informantes se valem do conceito para manifestarem como percebem a representação da pobreza no JN. Essa construção da representação da pobreza de forma estereotipada acarreta também uma vitimização desses receptores, não só em relação à representação deles mesmos como pertencentes a uma classe, mas também em relação à “imagem” destes perante os “outros”, aqueles pertencentes à classe alta, os “ricos”. Coincidindo com a interpretação dos nossos informantes, Amaral (2004, p. 64-65) já havia concluído que “as fontes populares são apenas lembradas quando ocorre alguma catástrofe, protesto ou acidente que as envolva. Somente os grupos formalmente constituídos são terminais rotineiros de recolha de informação”. A autora afirma que, atualmente, as fontes populares ganharam mais notoriedade no jornalismo, mesmo assim, o uso destes entrevistados nas notícias ainda é regulado e por isso ainda aparecem pouco, se comparados com os especialistas, que são as fontes oficiais.

Lago (2010, p. 12) assegura que “o campo jornalístico sustenta entre seu arcabouço de valores conceitos como o de responsabilidade social, interesse público, compromisso com os valores democráticos e com a cidadania”. Porém ressalta que o jornalismo ainda precisa considerar a diferença e a alteridade sem reduzi-las a estereotipização:

[...] sua práxis carece de ferramentas adequadas para o pleno cumprimento deste horizonte conceitual, a começar por uma impossibilidade estrutural de apreender e acolher o Outro em toda sua alteridade, sem reducionismos e estereótipos. Sem esta acolhida, não há democracia efetiva, nem cidadania plena (Idem).

A ambiguidade entre achar o telejornal importante, assistir a ele com frequência, usá-lo como principal fonte de informação e ao mesmo tempo afirmar de que ele não os

representa indica que os informantes das três famílias são críticos com relação ao programa. Porém, não têm acesso a outras possibilidades de informação, como a uma variedade de canais de televisão, de jornais impresso, livros e internet, acesso esse limitado pelas suas condições econômicas e culturais, além de não terem capital cultural advindo da escola suficientemente forte para compreender o conteúdo disponibilizado nesses outros meios de comunicação, que muitas vezes são mais complexos que o veiculado na televisão. Portanto, o baixo capital cultural e econômico dos integrantes da família também é determinante para seus usos e apropriações do telejornal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desta dissertação, discorremos sobre o surgimento e a atualidade dos Estudos Culturais latino- americanos, perspectiva teórica eleita por nós, que considera fundamental a relação entre a cultura e a sociedade contemporânea e entende por cultura todas as práticas e significados que constituem e movem a vida social (ESCOSTEGUY, 2001, p. 26). Traçamos ainda um panorama de todos os estudos de recepção de telejornalismo defendidos pelos programas de pós-graduação brasileiros e percebemos a escassez desses trabalhos, que ainda não superam os estudos de recepção com foco no entretenimento. A emergência do preenchimento desta lacuna se dá, principalmente pelo fato de que é preciso entender como acontece a apropriação, a reelaboração e a inserção do jornalismo na vida da população brasileira (JACKS et al., 2014, p. 59), conforme nos propusemos a estudar.

Ao longo da pesquisa, refletimos sobre algumas questões cruciais que envolvem a classe popular no que diz respeito à sua família, ao seu trabalho, ao bairro onde vive e aos desdobramentos gerados pela desigualdade social do nosso país, considerado “uma das sociedades mais desiguais e perversas do planeta” (SOUZA, 2012, p. 17). Desde o capítulo teórico, ressaltávamos que a categoria classe social era determinante para a definição da organização social dos atores e para a estruturação das relações sociais, assim como para configuração de outras categorias que constituem os sujeitos como o gênero, a etnia, etc. Esse entendimento confirmou-se no capítulo empírico, acrescentando ainda a importância da classe social à qual os receptores pertencem para os usos e as apropriações que fazem do telejornal e as representações que elaboram a partir deste programa. É a mediação de classe dos informantes que determina, essencialmente, a maneira com que eles se apropriam das mensagens do telejornal, as reportagens que mais chamam e que menos chamam a atenção, a compreensão ou não dessas notícias e a dimensão que o programa televisivo ocupa na vida dessas pessoas, pois o telejornal Jornal Nacional é a principal fonte de informação das três famílias investigadas. O capital cultural destas é elaborado, em sua maior parte, a partir da mídia, da telenovela e do telejornal. A explicação para essa importância da mídia na composição do capital cultural, principalmente aquele advindo da escola, é que todos os informantes adultos das três famílias têm uma fraca formação escolar. Todos não concluíram o Ensino Fundamental e, desde muito cedo, os estudos deram lugar ao trabalho por necessidade de ajuda às despesas familiares. Além disso, para Souza (2011, p. 301), a

condição social e a instituição escolar “[...] impedem a construção de uma relação afetiva positiva com o conhecimento”.

A importância do telejornalismo para os brasileiros também foi considerada nesta investigação, principalmente para aqueles que pertencem à classe popular, como os informantes da nossa amostra. Esta relevância já tinha sido descrita por Maia e Travancas (2009), Bourdieu (1997) e se confirmou também no nosso estudo. Comprovamos, ainda, o que havíamos descrito no capítulo teórico, que o telejornal, e especificamente o Jornal Nacional, ocupa um lugar de referência para as pessoas, é organizador da realidade, mesmo que esta seja uma imagem da realidade construída pelo jornalismo. Discutimos que a notícia é uma construção e que, para se estudar a recepção de telejornalismo, é preciso levar em conta a produção de sentido que os telespectadores dão ao discurso jornalístico, sendo essa produção de sentido um processo contínuo que orienta e torna coerentes as atividades das pessoas na realidade social, para além do momento da assistência do noticiário. Discorremos também sobre o que entendemos sobre a notícia, pois consideramos esta uma forma cultural por ser um gênero discursivo, apresentando uma realidade social em uma perspectiva própria, permitindo que os receptores tenham formas específicas de percepção e usos sociais de seus conteúdos. E também a consideramos uma instituição social porque deve cumprir com certas funções sociais e políticas previstas pela atividade jornalística.

As mediações comunicativas da cultura de Martín-Barbero, que são os lugares localizados entre a produção e a recepção e estão inseridas nas práticas sociais cotidianas dos sujeitos, foram utilizadas teórica e empiricamente nesta dissertação, revalidando, assim, sua eficácia e relevância em um estudo de recepção. Optamos por estudar apenas duas mediações propostas pelo autor, a ritualidade (modos e ver e de ler o telejornal) e a sociabilidade (as relações sociais que interferem o contato dos atores com o mundo social e com a mídia) sendo esta última, analisada através de três subcategorias, a família, o trabalho e o bairro.

Tínhamos como objetivo geral compreender os usos e as apropriações do Jornal Nacional com base nas mediações comunicativas da cultura: sociabilidade e ritualidade. Tais mediações foram fundamentais para a nossa investigação, através delas foi possível entender como “as coisas da vida” dos receptores influenciam na maneira como eles usam e se apropriam do telejornal. A mediação sociabilidade através da sua subcategoria família demonstrou que existem especificidades na relação familiar de cada uma das três famílias, como a união familiar e a forma como se relacionam. Por exemplo, tanto o relacionamento do casal da Família 3 quanto a relação da mãe com os filhos é caracterizada por brigas e

discussões, o que não acontece nas outras duas famílias. Existem inúmeras recorrências, mesmo que em diferentes graus, principalmente quanto à questão da autoridade masculina, a hierarquia entre homem e mulher, adultos e crianças, marcando o conservadorismo das famílias no que diz respeito às relações de gênero. Estas também estão atestadas na delimitação dos papéis femininos e masculinos nas famílias, cabendo às mulheres os afazeres domésticos, a gerência da casa e os cuidados com as crianças e aos homens a função de provedor principal, mesmo que ele não seja o único responsável pelo sustento da família.

Para os informantes, a família é uma das responsáveis pela composição do capital social, já que a sociabilidade destes está restrita, essencialmente aos familiares e vizinhos. A família é o local onde as práticas cotidianas acontecem em sua maioria sendo também onde se constroem os valores, a ética e a moral que constituem a visão de mundo dos informantes. Sarti (1996, p. 33) também observou que a família é ontológica, e “[...] não é apenas o elo afetivo mais forte dos pobres, o núcleo da sua sobrevivência material e espiritual, o instrumento através do qual viabilizam seu modo de vida, mas é o próprio substrato de sua identidade social”.

Concluimos, então, que as relações familiares são essenciais para os usos e as apropriações que as famílias fazem do telejornal, pois a mediação sociabilidade e sua subcategoria família permitiu que entendêssemos a maneira pela qual os informantes usam e se apropriam do programa televisivo. As questões relacionadas ao gênero, que nas três famílias são demarcadas pelo conservadorismo e rígida delimitação dos papéis femininos e masculinos, são temas de reportagens do Jornal Nacional mais comentadas pelos informantes.

O uso do telejornal também está relacionado a essas questões, quando na Família 1, por exemplo, é o homem que dá mais atenção ao telejornal se comparado com as mulheres da família. Ou então na Família 2, em que é também o homem quem assiste ao telejornal diariamente, “escolhendo” as matérias que a esposa irá assistir. Enquanto ele se informa através do telejornal, ela fica realizando as tarefas domésticas. O exemplo do uso associado ao gênero da Família 3, é o fato da mulher assistir ao JN sozinha, e, mesmo nos dias em que o marido não está em casa devido ao seu trabalho, ela “não pode” sair, não tendo outra opção a não ser assistir ao programa sem nenhuma companhia.

O exame da mediação sociabilidade através da sua subcategoria trabalho também evidenciou que o trabalho é fundamental na vida das famílias informantes porque configura seus cotidianos, determina seus capitais econômicos, já que são os rendimentos que impõem os limites, determinando o que as famílias comem, vestem, compram, etc. enfim, a maneira

como vivem. O trabalho, para as três famílias estudadas, também possui valor simbólico e moral, sendo importante também para quem não trabalha fora de casa, como a informante da Família 3, já que o tempo inteiro manifesta a vontade de voltar a trabalhar fora, mas é impedida pelo marido. Ainda é através do trabalho que os informantes se diferenciam dos “outros” moradores da Vila, tanto daqueles que são “mais pobres” quanto daqueles que não trabalham, são “vagabundos”, “bandidos”. Portanto o trabalho “fixo” é visto como algo positivo, que qualifica os informantes que, através do seu esforço, colocam “comida na mesa” de casa. Foi possível concluir também que, nas famílias, o trabalho não é apenas aquele remunerado, realizado fora, as mulheres também trabalham em casa, realizando jornadas duplas e até triplas. O trabalho dos jovens é determinante e fundamental para as despesas da família e também para que possam comprar os bens de consumo que desejam, mesmo que com os limites impostos pela condição econômica.

Constatamos que a mediação sociabilidade e sua subcategoria trabalho também foi importante para analisarmos os usos e as apropriações do telejornal pelas famílias, porque, apesar de não comentarem tanto as reportagens específicas sobre trabalho, os receptores opinaram, na maioria das vezes, sobre matérias que envolviam questões sobre classe social. Entendemos que a classe social dos informantes, apesar de ser constituída também pela composição de outros capitais, está estreitamente relacionada com o capital econômico, ou seja, com os rendimentos obtidos através do trabalho dos informantes, já que eles não possuem outra forma de renda, como heranças, posses, etc. Além do que os informantes se identificam com os trabalhadores que aparecem no Jornal Nacional e que desempenham as mesmas profissões que eles. O mesmo acontece com o interesse pelas matérias sobre saúde, que desempenham um papel educativo devido ao baixo capital cultural dos informantes e a escassez de outras fontes de informação a não ser a mídia. A previsão do tempo, que chama atenção das famílias, especialmente da Família 1 e 2, também está relacionada com o trabalho, com uma questão utilitária tanto para o trabalho fora como para o trabalho em casa.

A mediação sociabilidade através da sua subcategoria bairro foi igualmente fundamental para o estudo dos usos e das apropriações do telejornal. Observamos que o bairro é o principal lugar onde se configura a sociabilidade das três famílias, o capital social dos informantes é baseado na convivência que acontece no local, já que a maioria das relações dos informantes está restrita à família e ao bairro. É na Vila que se estabelecem as relações dos informantes com os vizinhos e amigos, onde há o senso de comunidade, de ajuda mútua, mesmo que em diferentes graus nas três famílias. Há diferenças entre as famílias estudadas,

quanto, por exemplo, às formas de lazer e à relação dos informantes com os moradores de outros bairros da cidade. Mas as recorrências são o relacionamento com os vizinhos, mesmo que em algumas casas sejam mais acentuadas, como na Família 2, que se relaciona com grande parte dos vizinhos e costuma ajudá-los mais que as outras duas famílias. As outras recorrências são com as questões vinculadas à violência e suas representações. As três famílias manifestam, em suas falas, a vulnerabilidade do bairro quanto à violência, porém se contradizem quando afirmam que a Renascença não é violenta se comparada com outros bairros da cidade. Além disso, as famílias não toleram a transgressão, mas demonstram naturalidade, e de certa forma, intimidade com pessoas envolvidas no mundo intolerável do crime. Os “bandidos” e “as pessoas de bem” fazem parte da mesma sociabilidade, e por isso, essas questões acabam por se naturalizar. A dubiedade de ocultar, inúmeras vezes, a violência no bairro pode ser vista como uma forma que os moradores da Renascença encontram de se protegerem do preconceito que podem sofrer quando afirmam morar no local.

A partir da análise desta subcategoria bairro, dentro da mediação sociabilidade, apuramos que as relações dos moradores com o local nos permitem entender a maneira como se apropriam do Jornal Nacional, visto que, as reportagens sobre violência e drogas estão também entre as que mais chamam a atenção das três famílias informantes e isso acontece, provavelmente também pela violência que presenciam no cotidiano, não só na Vila, mas também nos bairros vizinhos.

A partir da sociabilidade, foi possível entender, ainda, que, apesar das inúmeras recorrências dos usos e apropriações do telejornal pelas três famílias, há algumas especificidades que fazem parte da experiência de vida de cada informante. Como exemplo, temos o fato de Márcio (42), da Família 2, se interessar por política, mais que os outros informantes das outras famílias, devido ao seu capital cultural, que é maior do que o dos integrantes das Famílias 1 e 2. Ele e os vizinhos têm o mesmo grau de instrução escolar, que é baixo (Ensino Fundamental incompleto), mas Márcio (42) tem o hábito de leitura de um jornal impresso, diferente das outras duas famílias. Ou então, o interesse maior da Família 1 por reportagens sobre religião, explicado pela sociabilidade deles, já que a família é por tradição, religiosa e frequentadora assídua de Centro Espírita.

A mediação ritualidade configura-se de diferentes maneiras nas três famílias, pois cada uma tem o seu modo de assistir, de ver e “ler” o telejornal, porém também existem inúmeras recorrências, por exemplo, quanto à importância do Jornal Nacional para as famílias, os tipos de notícias que mais chamam e os que menos chamam atenção dos informantes e ainda a

configuração do espaço doméstico durante o horário de exibição do telejornal. Concluímos que os usos do Jornal Nacional perpassam questões relacionadas ao gênero, à geração e à situação espacial e temporal dos integrantes das famílias, todas atravessadas pela classe social. Existe um ritual de assistência do programa que é repetido e acaba mobilizando por inteiro o espaço doméstico das famílias.

Assim sendo, respondemos aos seguintes objetivos específicos propostos no início da pesquisa: 1) entender de que forma as famílias de classe popular assistem ao telejornal Jornal Nacional, a partir da mediação ritualidade; 2) estudar os usos e as apropriações do telejornal através da mediação sociabilidade (através das subcategorias família, trabalho e bairro).

O terceiro objetivo específico, que era descrever quais são os assuntos de maior interesse para homens e mulheres de classe popular e como refletem a respeito deles, também foi contemplado no trabalho. Observamos que, nas três famílias, as notícias que despertam maior interesse e, por isso, geram comentários, são aquelas relacionadas com o cotidiano dos receptores, como, por exemplo, com sua classe social, com seu trabalho e com o nível de seus capitais cultural e social. As matérias que remetem às questões de gênero estão entre as mais comentadas devido às fortes demarcações de gênero presentes nas famílias. Assim também ocorre com as reportagens que envolvem a classe social, que despertam identificação imediata dos informantes das três famílias. Porém, na Família 2, os comentários com teor de classe são mais marcantes porque perpassam assuntos como esporte, saúde, violência e etc. Todos os informantes realizam, tanto no contexto da assistência do telejornal, quanto fora dele, nas conversas informais, a diferenciação entre o “pobre” e o “rico”.

As notícias sobre violência e drogas também chamam a atenção dos homens e mulheres informantes devido à sociabilidade do bairro, já que a violência e o contato com “traficantes”, usuários de drogas, “ladrões” e etc. faz parte do dia a dia dos informantes. Silva (1985, p. 89) também conclui que os receptores entrevistados na sua pesquisa se interessam pelas matérias com mortes, tragédias, violência.

Os homens e mulheres informantes das três famílias também se interessam pela previsão do tempo apresentada pelo telejornal, mas, nas Famílias 1 e 2, isso acontece de maneira mais acentuada porque auxilia os receptores tanto em seus trabalhos fora quanto dentro de casa.

As notícias sobre saúde também despertam o interesse das três famílias, primeiro porque o baixo capital econômico restringe o acesso à saúde, restando-lhes apenas os atendimentos pelo SUS e ainda porque o telejornal é um meio pelo qual os integrantes das

famílias se informam sobre as doenças, seus tratamentos e prevenções, funcionando como algo educativo.

Uma das especificidades encontradas na pesquisa, é que na Família 2, um integrante, o pai da família, interessa-se pelas notícias sobre política, diferente das outras duas famílias. Isso ocorre porque ele tem um capital cultural maior do que os informantes das outras duas famílias. Mesmo que tenha o mesmo grau de instrução que os vizinhos (Ensino Fundamental incompleto), Marcio (42) tem o hábito de leitura e gosta de estar informado sobre o que a política do país. Ele comenta mais aquelas sobre corrupção e não se interessa por política internacional.

Os assuntos que menos despertam interesse das famílias são sobre economia e as notícias internacionais, salvo se as de economia apresentarem algo prático sobre o dia a dia e se as internacionais mostrarem violência, religião ou catástrofes naturais, principalmente as com vítimas. Estes assuntos não interessam aos homens e às mulheres da classe popular devido à sua condição econômica e social, estando mais distantes do cotidiano deles. O seu baixo capital cultural, advindo da escola, também restringe o entendimento desse tipo de notícia, que, em sua maioria, é mais complexa e aprofundada. As reportagens sobre política chamam a atenção de um informante porque também não são de difícil entendimento, pois ele comenta mais as que tratam de corrupção.

Outra especificidade encontrada na pesquisa é com relação a uma família, a 3, que, apesar de realizar inúmeros comentários recorrentes como os das outras famílias sobre as reportagens do telejornal, é a que menos opina sobre as notícias apresentadas. A explicação pode estar no fato de que a dona de casa está quase sempre sozinha com os filhos crianças e não tem com quem falar das reportagens, mas quando está acompanhada, os comentários são mais limitados e superficiais que os dos outros informantes das outras famílias porque é a família que possui o mais baixo capital cultural, social e econômico, contendo até traços de um “*habitus* precário”, que faz com que a família não tenha as disposições necessárias para comentar e refletir sobre as notícias de maneira mais profunda como fazem os outros receptores.

O nosso último objetivo específico era compreender como as famílias interpretam as representações das classes populares construídas pelo Jornal Nacional e como constroem as suas próprias representações a partir do telejornal. Este último objetivo específico tem estreita relação com o nosso problema de pesquisa: quais representações acerca da classe popular que

as famílias constroem a partir do Jornal Nacional? Assim, estes dois serão respondidos a seguir.

Percebemos que a classe popular não é representada de maneira satisfatória pelos informantes, pois eles pensam que o programa mostra pouco essa parcela da população mesmo sendo a maioria no Brasil, sendo os “ricos” os mais entrevistados, demonstrando a demarcação entre “rico” e “pobre”. Silva (1985, p. 88) também observou que os receptores acham que o JN dá mais voz às pessoas pertencentes às classes altas. Além disso, os informantes das três famílias declaram que os pobres estão, na maioria das vezes, associados a reportagens “ruins”, sendo estas sobre violência, drogas, tragédias, catástrofes naturais, problemas relacionados ao SUS, etc. Maia (2009, p. 133) também descreve que os jovens investigados por ela enxergam que as reportagens do JN cujos personagens são jovens pobres são aquelas sobre violência.

Mesmo desagradando os informantes das três famílias, há uma ambiguidade quando afirmam que esse tipo de reportagem deve aparecer na televisão para alertar as pessoas, “dar exemplo”, tanto para os que sofrem quanto para os que praticam violência.

Para os informantes, os “pobres” também são representados em reportagens sobre o trabalho, o mesmo que desenvolvem, ou seja, “manual”, que exige “força física”, “superação”, o que, para os receptores é positivo, eles se identificam.

Ainda que manifestem a vontade de serem associados a notícias “boas”, existe um conformismo, certa resignação dos informantes quanto à sua condição social e de como esta é representada no telejornal de maior audiência do país. Há, assim, uma “naturalização da pobreza” e a “interiorização da imagem negativa que o resto da sociedade, ou sua parte mais poderosa do ponto de vista ideológico, constrói da pobreza e dos pobres” (LEÃO REGO e PINZANI, 2013, p. 156 e 35).

As ambiguidades estão sempre presentes quando os informantes das três famílias falam sobre a representação da pobreza no telejornal, pois assistem a ele com frequência e afirmam que o programa é essencial para que se saiba o que “*a realidade do que acontece no Brasil e no mundo*”, assim como Maia (2009) e Silva (1985) também concluíram que os receptores confiam no telejornal para os manterem informados e o consideram o mais completo e importante do país. Mesmo assim, todos os informantes não se sentem representados pelo JN, como descreveu Maia (2009) quando entrevistou jovens e Silva (1985) quando pesquisou operários. Nossos informantes se sentem representados no telejornal apenas quando aparecem os trabalhadores, “pobres”, “guerreiros”, “batalhadores”, “mulheres”,

“negros” como eles. E são justamente essas as representações que constroem da classe popular a partir do telejornal, mas não só dele e também com base em sua experiência.

Os receptores não afirmam que a classe popular é representada de maneira estereotipada pelo telejornal, porém, mesmo que sem a intenção, tratam do conceito de estereótipo quando declaram que os “pobres” aparecem de maneira negativa e quando diferenciam o “rico” do “pobre”, o “nós” dos “outros”. Isso acarreta, uma vitimização dos receptores com relação à representação deles como classe popular e também quanto à imagem destes em relação aos “outros”, os pertencentes às classes altas.

Assim como Silva (1985), concluímos que os informantes são críticos com relação ao telejornal porque, mesmo com a ambiguidade de afirmarem que o programa é importante para os manterem informados, conseguem assistir às matérias e declararem que não se sentem representados, principalmente, pelas representações de classe construídas por ele. Na verdade, tais ambiguidades, presentes inúmeras vezes ao longo do discurso dos informantes, não significam que os receptores não sejam críticos com relação ao programa, já que a experiência, a vida dos informantes é também ambígua e fragmentada, e “o paradoxo e a ambiguidade não são os de um pensamento míope; o pensamento é lúcido, a realidade é que é, em si mesma, ambígua e legitimadora da desigualdade” (CALDEIRA, 1984, p. 235).

Esperamos, então, que os registros dessa investigação contribuam de alguma maneira para que se possa entender os usos e as apropriações de um produto midiático tão assistido no Brasil como o telejornal. Ressaltamos que ainda é preciso que as pesquisas se voltem mais para a recepção de telejornalismo para que esta seja, de fato, consolidada. Deixamos também possíveis reflexões para próximos trabalhos com esse mesmo objeto, já que talvez seja preciso ir mais a fundo nas questões de gênero que envolvem os usos e as apropriações do telejornal para entender como essas questões ainda são presentes e fortes em nossa sociedade. Ainda, seria necessária uma possível comparação entre esses usos e apropriações do telejornal por diferentes classes sociais, já que a distinção social é uma constante em um país tão desigual como o nosso.

REFERÊNCIAS

- ALSINA, M. **A construção da notícia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.
- AMARAL, M. F. Segmentação da imprensa e representação do interesse jornalístico popular. . In: DUARTE, E. B. , CASTRO, M. L. Dias de. (Orgs.). Em torno das mídias – práticas e ambiências. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- ANTONELLO, L. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 16 e 17 nov. 2013, p. 17.
- ARRUDA, L. R. de. **O voo das notícias: o Jornal Nacional e as eleições de 94**. 1995. 161f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.
- BARBOSA, A. A. S. **Jornal Nacional – Política e ideologia**. 1992. 191f. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.
- BDTD, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Disponível em <http://bdtd.ibict.br/> .Acesso em setembro de 2013.
- BONNER, W. **Jornal Nacional: modo de fazer**. Rio de Janeiro: Globo, 2009.
- BOURDIEU, P. **A distinção – crítica social do julgamento**. Tradução Daniela Kern; Guilherme, F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BUCCI, E. O telespectador como protagonista. In: TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **Juventude e Televisão: um estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens universitários cariocas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- CADEMARTORI, A. C. **Notícias de Violência e Crime no Jornal Nacional: do medo do crime ao controle da ordem**. 2012. 109f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.
- CALDEIRA, T.P. do R. **A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CANCLINI, G. N. **As culturas populares no capitalismo**. Brasília: Ed. Brasiliense, 1983.
- _____. **Culturas Híbridas- estratégias para entrar e sair da modernidade**, Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1998.
- _____. **Diferentes, desiguales y desconectados**. Barcelona: Gedisa. 2004.
- CANTERO, C. A. Masculinidad y pobreza- la desafortunada relación entre el ser hombre y la pobreza em pescadores de zonas turísticas de Costa Rica. In: SALGADO, J. A. ,

GUTIÉRREZ, A.B., HUAMÁN, J. (Coords.) et al.. **Reproducción de la pobreza en América Latina- relaciones sociales, poder y estructuras económicas**. 1ª. ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2011.

CARVALHO, M. P. S. **Caravanas de identidade**: um estudo de recepção sobre as representações feitas pela Caravana JN- por dentro da maior reportagem do Brasil e perto dos brasileiros. 2008. 212f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CHAGAS, J. **Jornal Nacional**: os avanços tecnológicos e o telejornalismo 1.5. 2013. 190f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

COGO, D. **Pesquisa em Recepção na América Latina: perspectivas teórico-metodológicas**. Barcelona, Incom, 2007. Disponível em http://www.portalcomunicacion.com/uploads/pdf/48_por.pdf. Acesso em 10,11, 12 e 13 de julho de 2013.

COUTINHO, I. Público, telejornalismo e identidade: uma reflexão sobre as esferas noticiosas e o destinatário da informação televisual. In: LAHNI, C.R., PINHEIRO, M. A. de. (Orgs.) **Sociedade e Comunicação – perspectivas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DICIONÁRIO AURÉLIO. Disponível em <http://www.dicionariodoaurelio.com> . Acesso em janeiro de 2015.

DOMÍNIO PÚBLICO, Biblioteca digital desenvolvida em *software* livre. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br> .Acesso em setembro de 2013.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS; Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

EAGLETON, T. **Marx estava certo**. Tradução: Regina Lyra. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

DUARTE-PLON, L. O super sociólogo. **Revista Cult**, São Paulo, mai. 2012. Nº 166, p. 20-47.

ESCOSTEGUY, A. C. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Jornalismo e estudos culturais: uma perspectiva cultural In: GOMES, I. M. M. **Análise de Telejornalismo desafios teórico-metodológicos**. (Org.) Salvador: Edufba, 2012.

_____. **Cartografias dos estudos culturais: Uma versão latino-americana.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/35295718/Cartografias-dos-estudos-culturais-Uma-versao-latino-americana>. Acesso em 9, 10, 11, 12 e 13 de julho de 2013.

FERNANDES, C. M. **Os contrapontos eleitorais e os cinco “Brasis” em Campanha pela Caravana JN.** 2009. 258f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

FERREIRA, A, B. de H. (Ed.). **Novo Dicionário Folha/Aurélio: português/português,** São Paulo: Folha de São Paulo, 1995. Edição exclusiva para o assinante da Folha de São Paulo.

FIGARO, R. **O conceito de classe social nos estudos de recepção brasileiros.** In: XXII Encontro da Compós. Universidade Federal da Bahia: 04-07 de julho de 2013, p. 02-17.

FIGARO, R.; GROHMANN, R. **O conceito de classe social nos estudos de recepção brasileiros.** In: XXII Encontro da Compós. Universidade Federal da Bahia: 04-07 de julho de 2013, p. 01-17.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Tradução: Joice Elias Costa. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, C. Classe e a recusa etnográfica. In: BRITES, J; FONSECA, C. (Orgs.). **Etnografias da Participação.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

FRANCO, E.M.M. **A voz na apresentação do telejornal: um estudo enunciativo do Jornal Nacional da Rede Globo.** 2013. 117f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FRANÇA, V. R. V. **Representações, mediações e práticas comunicativas.** In: PEREIRA, M.; GOMES, R. C. ; FIGUEIREDO, V. L. F. de. **Comunicação, representação e práticas sociais.** v. 1. Rio de Janeiro: PUC Rio; Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

GADRET, D. T. de O. L. **Os enquadramentos de Dilma Rousseff no Jornal Nacional: Suspeição, Humanização e Competência.** 2011. 153f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOLEMBIEWSKY, C. **Comunicação e Pós-modernidade no Jornal nacional e RBS notícias: Uma abordagem compreensiva.** 2007. 241f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GOMES, I. M. M. (Org.) **Televisão e Realidade.** Salvador: EDUFBA, 2009.

_____. O embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento e a consideração do jornalismo como processo cultural e histórico. In: DUARTE, E. B. ,

CASTRO, M. L. Dias de. (Orgs.). Em torno das mídias – práticas e ambiências. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____. **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo.** Salvador: EDUFBA, 2011.

_____. Estabilidade em fluxo: uma análise cultural do Jornal Nacional, da Rede Globo. In: GOMES, I. M. M. **Análise de Telejornalismo desafios teórico-metodológicos.** (Org.) Salvador: Edufba, 2012.

_____. O ponto de vista de telespectadores quanto às funções de informações, legitimação e entretenimento do telejornalismo. Uma crítica do livro "*Making sense of the news*", de Klaus Bruhn Jensen. **Contemporânea**, vol. 3, nº 2, p.217-249, julho/dezembro. 2005.

GUBER, R. **La etnografia.** Método, campo y reflexividad. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2001.

HAGEN, S. **A emoção como estratégia de fidelização ao telejornal.** Um estudo de recepção sobre os laços entre apresentadores e telespectadores do Jornal Nacional. 2009. 190f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

HALL, S **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. **A centralidade da cultura:** notas sobre a revolução cultural do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.22, nº2, julho/dezembro 1997, p. 15-46.

_____. **Da Diáspora:** Identidades e Mediações Culturais. SOVIK, L. (Org.). Tradução: Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger, Sayonara Amaral. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. **Representation:** Cultural Representations and Signifying Practices. London, 1987.

HOGGART, R. **As utilizações da cultura:** aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos. Tradução: Maria do Carmo Cary. Lisboa: Editorial Presença, 1973, v. 1.

HOGGART, R. **As utilizações da cultura:** aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos. Tradução: Maria do Carmo Cary. Lisboa: Editorial Presença, 1973, v. 2.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1766. Acesso em setembro de 2013.

JACKS, N.; PIEDRAS, E. (Org.). **O que sabemos sobre as audiências?:** estudos latino-americanos. Porto Alegre: Armazém Digital, 2006.

JACKS, N. et al. Pesquisa sobre audiências midiáticas no Brasil: primórdios, consolidação e novos desafios. JACKS (Org.), MARROQUIN, A., VILLARROEL, M., FERRANTE, N. *Análisis de recepción en América Latina: un recuento histórico con perspectivas al futuro*. Quito, Encuentros Ediciones Ciespal, 2011.

JACKS, N. (Coord. e Org.) et al. **Meios e Audiências II** –a consolidação dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2014.

JACKS, N; CAPPARELLI, S. (Coords.) et al. **TV, família e identidade**: Porto Alegre “Fim de Século”. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

JACKS, N; ESCOSTEGUY, A. C. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

JENSEN, K. B. *News as Social Resource: A qualitative empirical study of the reception of Danish Television News*. In: **European Journal of Communication**. London: SAGE. vol.3, n. 3, 1988.

_____. *The Social Semiotics of Mass Communication*. London: Sage Publications, 1995.

KIM, S. *Rereading David Morley's The 'Nationwide' Audience*. Cultural Studies 18 (1), p. 84-108, 2004.

KOSMINSKY, D. C. **A imagem da notícia**- panorama gráfico do telejornal brasileiro: análise dos selos do Jornal Nacional. 2003. 116f. Dissertação (Mestrado em Design) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

LAHNI, C.; PINHEIRO, M. A. (Orgs). **Sociedade e Comunicação**: perspectivas contemporâneas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

LAPLANTINE, F. **A Descrição Etnográfica**. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

LEAL, O. F. **A leitura social da novela das oito**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.

LINS DA SILVA, C. E. **Muito além do Jardim Botânico**- um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores. São Paulo: Summus, 1985.

LOPES, M. I. V.; BORELLI, S. H. S.; RESENDE, V. **Vivendo com a telenovela**: mediações, recepção e teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

LUKÁCS, G. A consciência de classe. **Estrutura de classes e estratificação social**. Tradução: Zahar. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.

LULL, J. *The Social Uses of Television*. **Human Communication Research**, 6(3): 197-209.

MACEDO, D. **Comunicação, recepção e consumo: inter-relações**. O receptor/consumidor no *prime time* brasileiro e português. 2009. 227 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo)- Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo, São Paulo, 2010.

MAGNANI, J. G. C. & TORRES, L. de L. (Orgs.). **Na metrópole** – textos de antropologia urbana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 1996.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAIA, A. **Telejornalismo e Identidade**. Estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens da periferia de Juiz de Fora – MG. 2009. 180f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

MARTÍN- BARBERO, J. **Uma aventura epistemológica**. Entrevista a Maria Immacolata Vassalo de Lopes. Matrizes, ano 2, n. 2, 2009b

_____. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Silvia H. S; FREIRE FILHO, João. **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.

_____. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: Souza, Mauro Wilton de (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

_____. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, Mauro Wilton de (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. Eca-USP. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *De los medios a las mediaciones*. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

_____. *De los medios a las mediaciones*. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

_____. **Oficio de Cartógrafo** Travesías latino-americanas de la comunicación en la cultura. Fondo de Cultura Económica: Chile, 2002.

_____. **Uma aventura epistemológica**. Entrevista a Maria Immacolata Vassalo de Lopes. Matrizes, ano 2, n. 2, 2009.

MARTÍN-BARBERO, J.; REY, G. **Os exercícios do ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: Ed. SENAC, 2004.

MENDES, C. M. **A expressão e o conteúdo da fala do Jornal Nacional**. 2009. 194f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MILIBAND, R. Análise de classes. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Orgs.) **Teoria Social Hoje**. Tradução: Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MOREIRA, B.L. **Mídia, economia e governo: o enquadramento da economia do Jornal Nacional no primeiro governo Lula**. 2007. 171f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MORIGI, V. J. Teoria Social, Comunicação: Representações Sociais, Produção de Sentidos e Construção dos Imaginários Midiáticos. In: **Revista Eletrônica E-Compós**, n.1. dez. 2004. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/9/10>>.

MORLEY, D. Depoimento de David Morley a Ana Carolina Escosteguy. **Cartografias dos Estudos Culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. *Televisión, audiencias y estudios culturales*. Buenos Aires: Amorrortu, 1995.

MOTA, L. **Telejornalismo, convergência e interatividade: uma análise cultural**. 2011. 125f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas)- Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

MURDOCK, G. Comunicação contemporânea e questões de classe. **Matrizes**, ano 2, n. 2, p. 31-56, 2009.

2008.

OROZCO, G.; GONZÁLEZ, R. **Uma cortada metodológica**. *Abordajes cualitativos en la investigación em comunicación, médios y audiências*. México: Productora de Contenidos Culturales, 2011.

PERUZZO, C. K. Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Brasília, 2006.

PESQUISA BRASILEIRA DE MÍDIA – **Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Fev. 2014. Disponível em <http://de.slideshare.net/BlogDoPlanalto/pesquisa-brasileira-de-mdia-2014>. Acesso em fevereiro de 2014.

POCHMANN et al. **Atlas da exclusão social: agenda não liberal da inclusão social no Brasil**. Vol. 5. São Paulo: Cortez, 2005.

PROBA, F. **Entre mapas e moças do tempo: informação e entretenimento na meteorologia do Jornal Nacional e do Rural Notícias**. 2011. 109f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

QUADROS, W. **A evolução da estrutura social brasileira: notas metodológicas**. Texto para discussão. IE/UNICAMP. n.147, nov. 2008.. **IE/UM ICAMP**

_____. **Estratificação social no Brasil: o “efeito demográfico”** . Texto para discussão. IE/UNICAMP. n. 147, nov. 2008.

QUADROS, W.; ANTUNES, D. (out. 2001). **Classes sociais e distribuição de renda no Brasil dos anos noventa**. *Cadernos do CESIT*. Campinas. n.30.

REGO, W. L.; PINZANI, A. **Vozes do Bolsa Família: autonomia, dinheiro e cidadania**. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

RONSINI, V. M. Apontamentos sobre classe social em um estudo de recepção. In: FREIRE FILHO, J; BORGES, G. (Orgs.). **Estudos de Televisão**. Diálogos Brasil – Portugal. Porto Alegre: Sulina, 2011b.

_____. **Mercadores de sentido: consumo de mídia e identidades juvenis**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **A crença no mérito e a desigualdade: a recepção da telenovela do horário nobre**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: **XIX Encontro da Compós**. Rio de Janeiro, 2010.

_____. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: GOMES, I; JANOTTI JUNIOR, J. **Comunicação e estudos culturais**. Salvador: EDUFBA, 2011.

_____. **Entre a Capela e a Caixa de Abelhas: identidade cultural de gringos e gaúchos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

RONSINI, V.; SILVA, R.; WOTTRICH, L. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero no Estudo de Recepção de Telenovela. In: **Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação** (Nacional) – Comunicação, educação e cultura na era digital. Curitiba/PR, 2009.

SALLES, V. L. **Jovens, Imaginário de Paz e Televisão**. 2008. 134f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SANTI, V.; AMARAL, M. F. O Jornal Zero Hora pelos Sem-terra e as representações no ato da leitura. **Verso e Reverso** (Unisinos. Online), v. 24, p. 4, 2010.

SANTOS, A. M. D. **A difusão de representações sociais dos Direitos Humanos pelo Jornal Nacional**. 2014. 117f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

SANTOS, J.A.F. **Estrutura de posições de classe no Brasil- mapeamento, mudanças e efeito na renda**. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2002.

SARTI, C. A. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas: Autores Associados, 1996.

SCHNORR, J. **Jovens rurais, corações urbanos**: Jornal Nacional e as desigualdades sociais do campo. 2013. 231f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)- Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

SILVA, R. **Criminalidade na televisão baiana**. O telejornal policial Se Liga Bocão e os relatos dos sujeitos privados de liberdade. 2012. 281f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas)- Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2011.

SKEGGS, B. *Class, self and culture*. London: Routledge, 2004.

SOUSA, M. W. de. (Org.). **Recepção mediática e espaço público**: novos olhares. São Paulo: Paulinas, 2006.

SOUZA, J. **A construção social da subcidadania**- Para uma sociologia política da modernidade periférica. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

_____. **Os batalhadores brasileiros** – nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. **A ralé brasileira**- Quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

TORRES, H. **O telejornalismo na construção da identidade religiosa**. Representações evangélicas no Jornal Nacional e no Jornal da Record e sua recepção por fiéis metodistas e batistas. 2011. 284f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. 2ª ed. Lisboa: Veja, 1999.

_____. **A tribo jornalística**. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.

_____. **Teorias do Jornalismo** Porque as notícias são como são. Volume 1. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

TRAVANCAS, I. **A etnografia no campo da comunicação de massa**. Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 26, n. 1, p. 125-142, jan./jun. 2011.

_____. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: BARROS, A.; DUARTE, J. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Teses e Dissertações em Comunicação no Brasil. Porto Alegre, 2000-2002. Disponível em http://www.ufrgs.br/infotec/teses00-02/titulos_A.html . Acesso em abril de 2013.

_____. Teses e Dissertações em Comunicação no Brasil. Porto Alegre, 2003 e 2004. Disponível em http://www.ufrgs.br/infotec/teses-03-04/assuntos_R.html . Acesso em abril de 2013.

_____. Teses e Dissertações em Comunicação no Brasil. Porto Alegre, 2005-2006. Disponível em <http://www.ufrgs.br/infotec/teses%2005-06/univer.html> . Acesso em abril de 2013.

_____. Teses e Dissertações em Comunicação no Brasil. Porto Alegre, 2007 e 2008. Disponível em http://www.ufrgs.br/infotec/teses07-08/assuntos_T.html . Acesso em abril de 2013.

VIZEU, A.; CORREIA, J. C. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, Alfredo (Org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZAHAR, J. **Jornal Nacional: A notícia faz a história**. Rio de Janeiro: Globo, 2004.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ANEXOS

Anexo A – Reportagem sobre violência – Diário de Santa Maria

POLÍCIA

DIÁRIO DE SANTA MARIA
SÁBADO E DOMINGO, 16 E 17 DE NOVEMBRO DE 2013 17

PONTOS CRÍTICOS

Os locais apontados como críticos por moradores, prestadores de serviço e Brigada Militar

- 1 Beco do Beijo, na Vila Aparício de Moraes, no bairro Camobi
- 2 Beco do Nego 2, na Vila Carolina
- 3 Ocupação do Km 3, nas proximidades dos trilhos
- 4 Entorno da Vila Montanha Russa
- 5 Entorno do campo de futebol do 14 de Julho, na Vila Urutândia
- 6 Alguns pontos da Vila Renascença
- 7 Final da Vila Pôr do Sol, no bairro Nova Santa Marta
- 8 Alguns pontos da Vila Lídia
- 9 Vila Nossa Senhora da Conceição, nas proximidades da Rua João Paulo Nunes
- 10 Fundos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Marechal Rondon, na Vila Vitória

AMEDRONTADOS

O que contam os moradores do Beco do Beijo*

“Tem tiro até a noite inteira e comércio de droga no meio da rua.”

“Noite passada foram mais de 30 tiros.”

“Uns meninos que vimos pequenos por aqui, agora estão no tráfico.”

“Quando começam os tiros, as pessoas não entram (no beco), não querem ir para suas casas, com medo.”

*Os moradores não foram identificados por segurança

O QUE DIZEM

Esta é a palavra do delegado e de prestadores de serviços sobre as zonas conflituosas

“Só vamos conseguir vencer essa questão quando todos os atores trabalharem juntos, com os pais e a escola assumindo seu papel, o município trabalhando a urbanização e disponibilizando espaços públicos para estas comunidades, com acompanhamento familiar.”

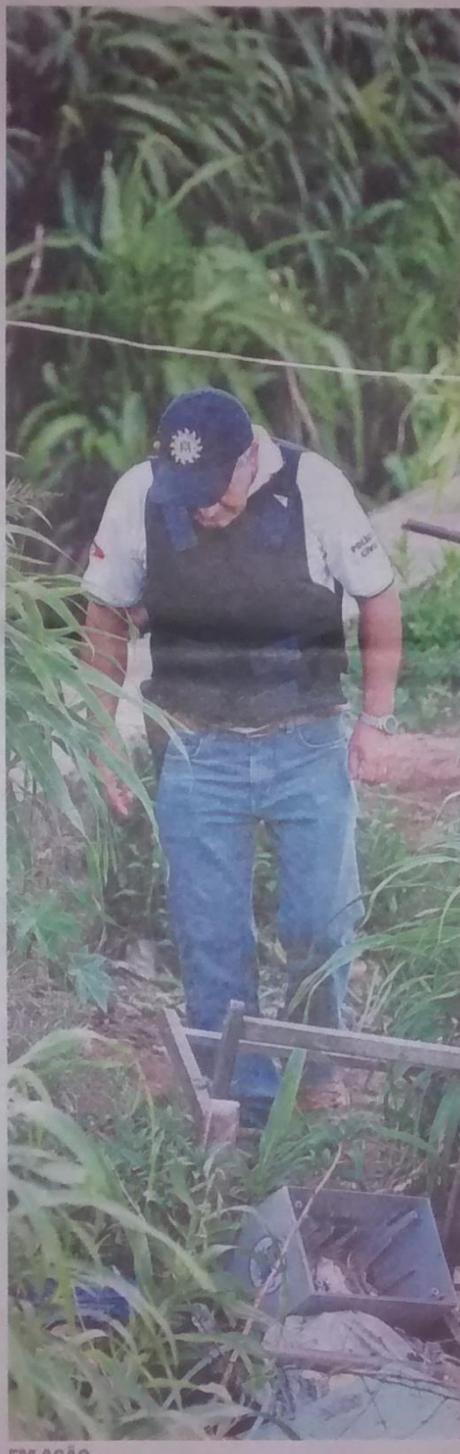
Marcelo Arigony, delegado regional da Polícia Civil

“A gente pede desculpas, porque não é o morador o problema. O problema é o local que apresenta esses riscos. Acho que tem muito a ver com questão das drogas. Eles (assaltantes) não buscam grandes valores. Qualquer coisa trocam por uma pedra de crack.”

José Antônio Garcia, que trabalha no setor comercial da Minas Gás

“Tive uma moto roubada que foi levada para o Beco do Beijo e nem a polícia entrou lá para recuperá-la.”

Geanderson Coelho Pasa, mototaxi



EM AÇÃO

Polícia Civil investigou local por três meses. Pedido de ação efetiva para combate ao crime e guerra de facções foi feito pelos próprios moradores

Polícias afirmam que somarão forças

Além do Beco do Beijo, pelos menos outros nove locais (veja quadro) de Santa Maria, distribuídos em diversas regiões, foram apontados como pontos que merecem maior atenção quando o assunto é segurança. Conforme o subcomandante do 1º Regimento de Polícia Montada (1º RPMon) da Brigada Militar (BM), major Paulo Antônio Flores de Oliveira, esses locais possuem índices de registros de ocorrência mais elevados se comparados a outros pontos.

O oficial conta que, ao contrário da área central da cidade, onde é mais comum a incidência de crimes contra o patrimônio, em especial assaltos e furtos em estabelecimentos comerciais, nestas comunidades são mais frequentes crimes como lesão corporal, roubo a pedestre e homicídios. Na tentativa de frear o avanço da criminalidade, o major afirma que a BM vem realizando operações planejadas nestes bairros com o principal objetivo de retirar armas, drogas e pessoas com problemas judiciais das ruas.

O Beco do Beijo, por exemplo, é um dos locais que temos ocorrência como perturbação do sossego público e pessoas andando armadas pelas ruas – diz o major Paulo Antônio.

Oficial sugere que projetos sociais minimizariam violência

Segundo o subcomandante, a BM atua preventivamente nestes locais. Mesmo assim, Oliveira ressalta que tudo é feito dentro de um planejamento, pois os policiais militares não conseguem atender todos os locais ao mesmo tempo.

Para o major, a situação somente irá mudar quando houver maior investimento para minimizar as causas da violência. Segundo ele, a polícia atua somente nas consequências da falta de emprego e pouco investimento em projetos sociais.

– Como especialista em segurança pública e atuando há bastante tempo na BM, posso dizer que essa é uma questão complexa e deveria haver uma discussão ampla da sociedade e do governo. Para minimizar as causas, deveriam existir mais investimentos em projetos sociais, voltado especialmente aos jovens.

O delegado regional de Polícia Civil, Marcelo Arigony, adianta que irá se somar à Brigada Militar para focar em ações específicas nestes locais a fim de devolver a tranquilidade a estas comunidades.

11 são presos no Beco do Beijo

Assustados com o aumento da criminalidade e cansados da violência instalada no local, moradores do Beco do Beijo, na Vila Aparício de Moraes, no bairro Camobi, procuraram a polícia.

Os relatos das famílias aos policiais eram de que os bandidos andavam com as armas de grosso calibre na mão e quase todo dia havia confronto entre duas facções criminosas, cujos integrantes moram no local. Na noite da última quinta-feira, mais de 30 tiros teriam sido disparados, segundo moradores.

Para o delegado da Polícia Civil, Antonio Firmino de Freitas Neto, os moradores do Beco do Beijo estavam vivendo uma situação limite. Era preciso dar um basta. Foram cinco homicídios e diversas tentativas de homicídios na pequena área territorial (cerca de 500 metros) em curto espaço de tempo – dois anos.

Há três meses, a 4ª Delegacia de Polícia deu início à investigação que culminou com uma operação realizada na última sexta-feira no local.

– Nossa ação foi no sentido de pacificar essa área que o tráfico está tentando dominar e devolvê-la para a comunidade, que é, na maioria, trabalhadora. Vamos devolver a estabilidade social e restabelecer a ordem no lugar – disse Firmino, que coordenou a ação.

Segundo o delegado, essa foi a maior operação realizada no local nos últimos anos. A última de grande porte havia sido em 2001, quando

cinco pessoas foram presas.

– Os traficantes acabam cometendo roubos, furtos, homicídios. O tráfico de entorpecentes é o carro chefe de todos os outros crimes. É a partir dele que os outros ocorrem.

As 6h de sexta, 60 agentes e três delegados, de delegacias de cinco cidades da Região Central – Santa Maria, Agudo, Faxinal do Soturno, Restinga Seca e São Sepé –, em 16 viaturas, deflagraram a Operação Pacificação no Beco Beijo para cumprir 10 mandados de prisão temporária, um de apreensão (de adolescente) e 13 mandados de busca e apreensão. Dos mandados, oito foram cumpridos. Três pessoas não foram localizadas. Outras três pessoas foram presas em flagrante – duas por porte ilegal de arma e uma porque constava como foragida da Justiça –, totalizando 11 prisões.

Nas casas dos suspeitos, foram apreendidos três revólveres calibre 38, uma faca, um facão, quatro coquetéis molotov, munição calibre 20, uma ferramenta usada para cortar ferro, uma luneta, um colete à prova de balas e pequena quantidade de drogas – 100 gramas de maconha e 100 gramas de crack.

O adolescente apreendido era o líder de um dos grupos rivais e responsável, segundo a polícia, por arremontar a comunidade. Ele seria encaminhado ao Centro de Atendimento Socioeducativo (Case). Os demais foram encaminhados à Penitenciária Estadual de Santa Maria.

Anexo B – Instrumento de Entrevista

Nome:

Dia:

Duração:

1. Alguém acompanha você na assistência do telejornal? Quem?
2. Vocês costumam conversar durante o noticiário no ambiente de trabalho, no bairro ou na escola?
3. Você lembra de momentos do Jornal Nacional que marcaram você? Qual o motivo, em cada um dos momentos?
4. O que você acha do Jornal Nacional?
5. O que você considera mais importante nesse noticiário? Por quê?
6. Na sua opinião, a maioria das reportagens do telejornal são sobre o que? Sobre o que elas deveriam ser?
7. Quando há matérias envolvendo os homens são sobre que tipo de assunto? Como elas deveriam ser?
8. Quando há matérias envolvendo as mulheres são sobre que tipo de assunto? Como elas deveriam ser?
9. Quando há matérias envolvendo os jovens são sobre que tipo de assunto? Como elas deveriam ser?
10. Quando há matérias no telejornal sobre pessoas ricas, geralmente são matérias sobre o que? Quais são as profissões dos ricos? Como eles se vestem?
11. Você acha que o JN mostra o rico como ele é? Por quê?
12. Como você acha que o JN deveria mostrar os ricos?
13. Quando há matéria envolvendo pobres, geralmente são sobre que tipo de assunto? Como o pobre aparece no JN? Quais são suas profissões? Como eles se vestem?
14. Você acha que o JN mostra o pobre como ele é? Por quê?
15. Como você acha que o JN deveria mostrar os pobres?
16. O trabalho é mostrado no JN? Que tipo de trabalho?
17. Como você acha que o trabalho deveria aparecer no JN?
18. Como a violência é mostrada no telejornal? Dê exemplos.
19. Como a violência deveria ser mostrada? Ela deveria aparecer?
20. O que você considera negativo no telejornal?
21. O noticiário tem pontos positivos também? Quais?
22. Quais os assuntos que não são mostrados no JN e que você acha que deveriam ser mostrados? Por quê?
23. Algum quadro específico, estilo de reportagem ou comentário do telejornal te fazem refletir de maneira mais profunda sobre assuntos cotidianos?
24. Em função disso, você já chegou a modificar algo prático na sua vida diária?
25. Você se enxerga no Jornal Nacional, de alguma maneira se identifica ou se sente representado nele?
26. Você aprende coisas ao assistir o Jornal do Nacional? Que tipo de coisas?
27. O JN altera o seu dia-a-dia de alguma maneira? Como?